

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG  
ESCOLA DE ARQUITETURA DA UFMG – EA UFMG

**JAQUELINE DUARTE SANTOS**

**TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM DE SABARÁ: UMA INVESTIGAÇÃO DAS  
DIFERENTES HISTORICIDADES E DAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS**

BELO HORIZONTE, MARÇO DE 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG  
ESCOLA DE ARQUITETURA DA UFMG – EA UFMG



**JAQUELINE DUARTE SANTOS**

**TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM DE SABARÁ: UMA INVESTIGAÇÃO DAS  
DIFERENTES HISTORICIDADES E DAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, cujo tema está inserido na linha Gestão do Patrimônio no Ambiente Construído.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Staël de Alvarenga Pereira Costa

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cristina Villefort Teixeira

BELO HORIZONTE, MARÇO DE 2013

**JAQUELINE DUARTE SANTOS**

**TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM DE SABARÁ: UMA INVESTIGAÇÃO DAS  
DIFERENTES HISTORICIDADES E DAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, cujo tema está inserido na linha Gestão do Patrimônio no Ambiente Construído.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Staël de Alvarenga Pereira Costa  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cristina Villefort Teixeira  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Prof. Dr. Leonardo Barci Castriota  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Prof. Dr. Silvio Pinto Ferreira Junior  
Universidade Cruzeiro do Sul

## RESUMO

A presente investigação analisa as transformações no caráter formal, físico e urbano do recorte sócio-espaço-temporal que compreende alguns bairros nas proximidades do contexto colonial tradicional da cidade de Sabará. Concomitantemente, desenvolve-se uma análise social, com vistas às construções valorativa e de identidade que caracterizam as comunidades locais. A discussão parte da noção da plasticidade tanto das culturas quanto da própria identidade, que é fomentada, cada vez mais, pelos crescentes processos de hibridação da modernidade. Cresce, assim, o questionamento sobre o comportamento destas dialéticas culturais: que ora deixam-se hibridar, ao incorporarem outros referenciais simbólicos e identitários; ora constroem e mantêm suas próprias construções valorativas. Para tanto, escolheu-se a diversificada paisagem de Sabará, que justapõe aos remanescentes coloniais tradicionais as novas paisagens, de influências industriais, progressistas, contemporâneas, dentre outras. A interdisciplinaridade constitui-se enquanto uma ferramenta essencial para a pesquisa, uma vez que se intenciona apreender como o ambiente construído preexistente, ou seja, todo o patrimônio cultural, urbano e arquitetônico da cidade, interfere na construção identitária mesmo daquelas novas áreas, nas quais as multiculturalidades híbridas se manifestam no teor urbano, arquitetônico e sociocultural. Para tanto, as teorias que embasarão o estudo imperam ser plurais, abrangendo conceitos e constructos tanto da arquitetura e do urbanismo, quanto da sociologia e da antropologia. Assim, intui-se investigar, em um contexto singular e em transformação, no qual ressalta-se a dialética entre espaços tradicionais e contextos da modernidade - como no recorte sócio-espaço-temporal estabelecido para análise em Sabará -, o tênue equilíbrio da identidade, que se vê desafiada quando do defrontamento à alteridade e à diferença.

**Palavras chave:** Transformações. Historicidades. Identidade. Modernidade. Patrimônio. Multiculturalidades híbridas.

## ABSTRACT

The current investigation analyses the modifications in the formal, physical and urban character of the sociospatial cutting that was established, which includes some districts that are situated close to the traditional colonial context of Sabará. Simultaneously, a social analysis was developed, aiming at the understanding about the valour and identity constructions that characterize that local communities. The discussion arise from the idea of the plasticity of the cultures as much as of the identities, that is fomented, more and more, by the crescent hybridation processes of the modernity. Thus, the inquiry about the behavior of these cultural dialectics increases: at times allow themselves to get hybrid, through the incorporation of another symbolic and identity references; sometimes construct and keep its own constructions of valour. So, for achieving the aims and the results of this investigation was picked out a diversified landscape of Sabará, that juxtaposes to the traditional colonial remaining the new landscapes, which ones present industrial, progressist, contemporaneous influences, among others. The interdisciplinary character is one essential instrument for the research, due to the intention of apprehending the way the preexistent built environment – the colonial cultural, urban and architectonic heritage of the city -, influences the identity construction even in that new areas, in which the hybrid multicultural characters are manifested in the urban, architectonic and sociocultural meaning. So, the theories must be plural and embracing the concepts and ideas of disciplines as architecture and urbanism, as well as sociology and anthropology. In this manner, it is intended to investigate, at a singular and under transformation context, in which the dialectic between traditional spaces and modernity contexts – as presented in the established sociospatial cutting for analysis in Sabará –, the identity tenuous equilibrium, this one that is challenged when faced to the alterity and difference.

**Key words:** Transformations. Historicities. Identity. Modernity. Heritage. Hybrid. Multicultural.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 01</b> – Recorte espacial da cidade de Sabará a ser investigado na pesquisa	16
<b>Imagem 02</b> – Mapa das manchas urbanas e vetores de crescimento entre Sabará e Belo Horizonte	21
<b>Imagem 03</b> – Mapa do início do desenvolvimento urbano de Sabará no período colonial	22
<b>Imagem 04</b> – Mapa cadastral das ocupações da cidade de Sabará.	25
<b>Imagem 05</b> – Alguns dos tipos edifícios constituintes de diferentes tecidos urbanos do recorte sócio-espaço-temporal de Sabará.	26
<b>Imagens 06 a 08</b> – Respectivamente, rua D. Pedro II, no centro histórico da cidade de Sabará; casario destinado aos engenheiros na Vila Siderúrgica; e o bairro Morada da Serra com suas tipologias em altura.	28
<b>Imagens 09 e 10</b> – Respectivamente, rua D. Pedro II, com seu casario colonial no centro histórico da cidade de Sabará; e rua do Carmo, com duas construções edilícias (de 2010).	29
<b>Imagens 11 a 13</b> – Contexto colonial, industrial e contemporâneo, respectivamente.	42
<b>Imagem 14</b> – Recorte sócio-espaço-temporal a ser investigado.	47
<b>Imagem 15</b> – Mapa chave de localização do centro histórico de Sabará.	50
<b>Imagem 16</b> – Mapa com os primeiros registros de ocupações dos elementos religiosos na cidade de Sabará, no início do séc. XVIII.	51
<b>Imagem 17</b> – Mapa das ocupações no período colonial em Sabará, em fins do século XVIII.	52
<b>Imagem 18</b> – Levantamento topográfico e de ocupações no centro histórico de Sabará.	53
<b>Imagem 19</b> – Vista aérea do centro histórico, com destaque para os grupos vegetais.	53
<b>Imagem 20</b> – Croqui dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento do bairro Morro da Cruz.	54
<b>Imagem 21</b> – Mapa das ocupações no período colonial.	55
<b>Imagem 22</b> – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.	55
<b>Imagem 23</b> – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977 (sem escala).	55
<b>Imagem 24</b> – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – 2012.	55
<b>Imagem 25</b> – Conformação de quadras e parcelamento das quadras do centro histórico de Sabará.	56
<b>Imagem 26</b> – Principais eixos viários existentes no contexto do centro histórico de Sabará.	57
<b>Imagem 27</b> – Tipos edifícios identificados nos contextos coloniais tradicionais.	59
<b>Imagens 28 e 29</b> – Esquematisação de fachadas e implantações dos edifícios de algumas das tipologias coloniais encontradas no centro histórico de Sabará.	59
<b>Imagens 30 a 32</b> – Igreja Nossa Senhora do Carmo, igreja Nossa Senhora do Ó e casario da rua Dom Pedro II, localizados no centro histórico de Sabará.	60
<b>Imagens 33 a 35</b> – Arquiteturas de influência eclética (séc. XIX), pontualmente inseridas no centro histórico.	60

<b>Imagem 36</b> – Alguns dos principais elementos físicos construídos que se destacam na paisagem do centro.	61
<b>Imagem 37</b> – Esquema das percepções sociais segundo os moradores entrevistados no centro histórico.	64
<b>Imagem 38</b> – Mapa chave de localização do bairro Morro da Cruz.	65
<b>Imagem 39</b> – Levantamento topográfico e de ocupações no bairro Morro da Cruz.	66
<b>Imagem 40</b> – Vista aérea do bairro, com destaque para os grupos vegetais existentes.	67
<b>Imagem 41</b> – Croqui esquemático dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento do bairro Morro da Cruz.	68
<b>Imagem 42</b> – Mapa das ocupações no período colonial.	69
<b>Imagem 43</b> – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.	69
<b>Imagem 44</b> – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.	69
<b>Imagem 45</b> – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – 2012.	69
<b>Imagem 46</b> – Conformação de quadras, com parcelamento irregular e adaptado à topografia nas quadras do bairro Morro da Cruz.	70
<b>Imagem 47</b> – Principais eixos viários existentes no contexto do bairro.	70
<b>Imagens 48 a 50</b> – Alguns tipos edifícios existentes no bairro Morro da Cruz.	71
<b>Imagem 51</b> – Alguns dos principais elementos físicos construídos que se destacam na paisagem do bairro.	72
<b>Imagem 52</b> – Esquema das percepções sociais segundo os moradores entrevistados no bairro Morro da Cruz.	75
<b>Imagem 53</b> – Mapa chave de localização do bairro Cabral.	76
<b>Imagem 54</b> – Levantamento topográfico e de ocupações no bairro Cabral.	77
<b>Imagem 55</b> – Vista aérea do bairro Cabral, com destaque para os grupos vegetais existentes.	78
<b>Imagem 56</b> – Croqui esquemático dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento do bairro Cabral.	78
<b>Imagem 57</b> – Mapa das ocupações no período colonial.	79
<b>Imagem 58</b> – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.	79
<b>Imagem 59</b> – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.	79
<b>Imagem 60</b> – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – 2012.	79
<b>Imagem 61</b> – Conformação de quadras, com parcelamento irregular no bairro Cabral.	80
<b>Imagem 62</b> – Principais eixos viários existentes no contexto do bairro.	80
<b>Imagens 63 a 66</b> – Alguns tipos edifícios existentes no bairro.	81
<b>Imagem 67</b> – Alguns dos principais elementos físicos construídos que se destacam na paisagem do bairro.	82
<b>Imagem 68</b> – Esquema simbólico das percepções sociais segundo os moradores entrevistados no bairro Cabral.	85
<b>Imagem 69</b> – Mapa chave de localização do bairro Córrego da Ilha.	86
<b>Imagem 70</b> – Levantamento topográfico no bairro Córrego da Ilha, na década de 1970.	87
<b>Imagem 71</b> – Vista aérea do bairro, com destaque para os grupos vegetais existentes.	88

<b>Imagem 72</b> – Croqui dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento do Córrego da Ilha.	88
<b>Imagem 73</b> – Mapa das ocupações no período colonial.	89
<b>Imagem 74</b> – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.	89
<b>Imagem 75</b> – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.	89
<b>Imagem 76</b> – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – 2012.	89
<b>Imagem 77</b> – Conformação de quadras e parcelamento no bairro Córrego da Ilha.	90
<b>Imagem 78</b> – Principais eixos viários existentes.	90
<b>Imagens 79 a 81</b> – Alguns tipos edifícios existentes no bairro.	91
<b>Imagem 82</b> – Alguns dos principais elementos físicos construídos que se destacam na paisagem do bairro.	92
<b>Imagem 83</b> – Esquema das percepções sociais segundo os moradores entrevistados no bairro Córrego da Ilha.	95
<b>Imagem 84</b> – Mapa chave de localização do bairro Esplanada.	96
<b>Imagem 85</b> – Levantamento topográfico e primeiras construções industriais, na déc. de 1920.	98
<b>Imagem 86</b> – Vista aérea dos primeiros bairros industriais, com pouca vegetação em seu interior.	98
<b>Imagem 87</b> – Croqui esquemático dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento dos primeiros bairros industriais, como os grandes declives e as matas envolventes.	99
<b>Imagem 88</b> – Mapa das ocupações no período colonial.	100
<b>Imagem 89</b> – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.	100
<b>Imagem 90</b> – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.	100
<b>Imagem 91</b> – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – 2012.	100
<b>Imagem 92</b> – Conformação de quadras em terrenos planos, com essas tendendo à regularidade formal.	101
<b>Imagem 93</b> – Principais eixos viários existentes.	101
<b>Imagem 94</b> – Área da sede da usina siderúrgica e localização dos primeiros bairros operários.	103
<b>Imagens 95 e 96</b> – Grandes equipamentos inseridos na Companhia Siderúrgica Belgo Mineira.	103
<b>Imagem 97</b> – Esquematização fachadas, implantação nos lotes e situação de alguns tipos geminados encontrados nos bairros operários (sem escala).	104
<b>Imagens 98 a 100</b> – Rua da Usina (ou Rua Beira-Rio), em duas visadas, e uma rua típica do Bairro Campinas (à direita).	105
<b>Imagem 101</b> – Esquematização fachadas, implantação nos lotes e situação de um tipo encontrado nas áreas operárias (sem escala).	105
<b>Imagem 102</b> – Esquematização fachadas, implantação nos lotes e situação de um tipo encontrado nas áreas operárias (sem escala).	106
<b>Imagem 103</b> – Esquematização fachadas, implantação nos lotes e situação de um tipo encontrado nas áreas operárias (sem escala).	106
<b>Imagem 104</b> – Esquematização fachadas, implantação nos lotes e situação de um tipo encontrado nas áreas operárias (sem escala).	107

<b>Imagens 105 a 108</b> – Imagens dos tipos residenciais 1, 2 3 e 4 identificados nas vilas onde residiam os operários.	107
<b>Imagem 109</b> - Esquematisação fachadas, implantação nos lotes e situação de um tipo encontrado nas áreas operárias (sem escala).	108
<b>Imagens 110 e 111</b> - Imagens do tipo residencial encontrado na Vila Siderúrgica, destinada aos engenheiros da usina.	108
<b>Imagem 112</b> – Alguns dos principais elementos físicos construídos que influenciam a paisagem dos primeiros bairros industriais – sede da usina, Vila Siderúrgica, Vila Santa Cruz, Vila Michel e Vila Campinas.	109
<b>Imagem 113</b> – Esquema das percepções sociais segundo os moradores entrevistados nos primeiros bairros industriais.	113
<b>Imagem 114</b> – Mapa chave de localização do bairro Esplanada.	114
<b>Imagem 115</b> – Levantamento topográfico e ocupações no bairro Esplanada.	115
<b>Imagem 116</b> – Vista aérea do bairro Esplanada, com destaque para os grupos vegetais.	116
<b>Imagem 117</b> – Croqui dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento do bairro Esplanada.	117
<b>Imagem 118</b> – Mapa das ocupações no período colonial.	118
<b>Imagem 119</b> – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.	118
<b>Imagem 120</b> – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.	118
<b>Imagem 121</b> – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – 2012.	118
<b>Imagem 122</b> – Conformação do parcelamento e quadras.	119
<b>Imagem 123</b> – Principais eixos viários existentes.	119
<b>Imagens 124 a 126</b> – Alguns tipos edifícios industriais remanescentes no bairro Esplanada.	120
<b>Imagem 127</b> – Alguns dos principais elementos físicos construídos que influenciam na paisagem do bairro Esplanada.	121
<b>Imagem 128</b> – Esquema das percepções sociais segundo os moradores do bairro Esplanada.	124
<b>Imagem 129</b> – Mapa chave de localização do bairro Campo Santo Antônio.	
<b>Imagem 130</b> – Levantamento topográfico e de ocupações no bairro Campo Santo Antônio.	125
<b>Imagem 131</b> – Vista aérea com destaque para os grupos vegetais existentes.	126
<b>Imagem 132</b> – Croqui dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento do bairro.	127
<b>Imagem 133</b> – Mapa das ocupações no período colonial.	127
<b>Imagem 134</b> – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.	128
<b>Imagem 135</b> – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.	128
<b>Imagem 136</b> – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – 2012.	128
<b>Imagem 137</b> – Conformação de quadras no bairro Campo Santo Antônio.	128
<b>Imagem 138</b> – Principais eixos viários existentes no contexto do bairro Campo Santo Antônio.	127
<b>Imagens 139 a 141</b> – Respectivamente, residência industrial localizada na Praia dos Bandeirantes, na parte mais baixa do bairro Campo Santo Antônio, tipos edifícios de três pavimentos em concreto armado e conjunto de edificações em acentuado acíve no bairro Campo Santo Antônio.	129 130

<b>Imagem 142</b> – Alguns dos principais elementos físicos construídos que influenciam na paisagem do bairro.	131
<b>Imagem 143</b> – Esquema das percepções sociais segundo os moradores entrevistados no bairro Campo Santo Antônio.	134
<b>Imagem 144</b> – Mapa chave de localização do bairro Morada da Serra.	135
<b>Imagem 145</b> – Vista aérea do bairro Morada da Serra.	136
<b>Imagem 146</b> - Quadras residenciais unifamiliares e igreja circundadas por vegetação.	137
<b>Imagem 147</b> - Quadras de edifícios residenciais multifamiliares no bairro Morada da Serra.	137
<b>Imagem 148</b> – Croqui dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento do bairro.	137
<b>Imagem 149</b> – Mapa das ocupações no período colonial.	138
<b>Imagem 150</b> – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.	138
<b>Imagem 151</b> – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – 2012.	138
<b>Imagem 152</b> – Conformação de quadras e parcelamento.	139
<b>Imagem 153</b> – Principais eixos viários existentes.	139
<b>Imagem 154</b> – Conjunto dos tipos edifícios unifamiliares existentes no bairro Morada da Serra.	140
<b>Imagem 155</b> – Tipos edifícios multifamiliares existentes no bairro Morada da Serra.	140
<b>Imagem 156</b> – Alguns dos principais elementos físicos construídos que se destacam na paisagem do bairro Morada da Serra.	141
<b>Imagem 157</b> – Esquema das percepções sociais segundo os moradores entrevistados no bairro Morada da Serra.	144
<b>Imagem 158</b> – Mapa das ocupações e espaços livres do recorte sócio-espaço-temporal em 1937.	146
<b>Imagem 159</b> – Mapa das ocupações e espaços livres do recorte sócio-espaço-temporal em 1977.	146
<b>Imagem 160</b> – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual do recorte sócio-espaço-temporal, em 2012.	148
<b>Imagem 161</b> – Esquematização das regiões morfológicas identificadas no recorte espacial sob análise em Sabará, sobre traçado urbano e ocupações atuais.	151
<b>Imagem 162</b> - Esquematização das principais relações de comércio e serviços descritas pelos entrevistados.	152
<b>Imagem 163</b> - Esquematização das relações de lazer (espaços fechados, áreas livres ou templos religiosos) descritas pelos entrevistados.	157
<b>Imagem 164</b> – Sobreposição dos movimentos de comércios/serviços e de lazer.	157
<b>Imagem 165</b> - Esquematização das centralidades mais pronunciadas, localizadas no contexto tradicional.	159
<b>Imagem 166 e 167</b> – Registros de manifestações religiosas e populares no centro histórico de Sabará.	159
<b>Imagem 168 e 169</b> – Registros de manifestações e eventos culturais no centro histórico de Sabará.	

## AGRADECIMENTOS

Os mais sinceros agradecimentos à minha orientadora, Dra. Stael de Alvarenga Pereira Costa, que compartilhou comigo sua experiência, bem como suas impressões sobre essa incursão a que me propus e sobre as descobertas e entendimentos a cada momento da pesquisa.

Agradeço enormemente, também, à minha co-orientadora, Dra. Maria Cristina Villefort Teixeira, cujo olhar atento à construção social e às “relações” ali desenroladas enriqueceu e fomentou, do mesmo modo, minha atenção mais detida ao corpo social.

A pluralidade teórica e empírica da presente pesquisa reflete, assim, a combinação também plural do conhecimento das minhas orientadoras, que tanto contribuíram para a construção e para o desenvolvimento interdisciplinar da pesquisa.

O agradecimento se estende à toda minha família: ao meu pai Maurício e à minha mãe Lilina, que me deram todo o suporte e incentivo imprescindíveis para continuar e buscar sempre o melhor; às minhas irmãs Daniela e Priscila, aos seus respectivos maridos João e Felipe, e ao meu lindo sobrinho Gabriel, cuja alegria da chegada foi simultânea à alegria da finalização exitosa deste trabalho; e, por fim, ao meu namorado Davidson pela compreensão, carinho e apoio infundáveis.

Diversas pessoas contribuíram diretamente para a construção dessa pesquisa, como a revisão textual pela irmã Priscila Duarte; a atualização de mapas cadastrais do recorte espacial pela Marina Ullmann, estudante de arquitetura e integrante do Laboratório da Paisagem da Escola de Arquitetura da UFMG; e a ajuda da minha sogra Regina e da minha tia Cleuza na pesquisa de campo e na aproximação ao corpo social. Meu muito obrigada ao auxílio e assistência de todas.

Agradeço ainda às minhas colegas de mestrado, sempre presentes e dispostas a dividir experiências, dentre elas Fabiana Munaier, Karina Machado, Izabella Galera, Natália Achcar e Flávia Possato.

E, por fim, um sincero agradecimento aos mestres com os quais me deparei ao longo desses dois anos de mestrado, dentre eles o Prof. Dr. Leonardo Barci Castriota, o Prof. Dr. Silvio Pinto Ferreira Junior e o Prof. Dr. Flávio Carsalade. Obrigada pelo compartilhamento de seus conhecimentos que muito me influenciaram na composição e no desenvolvimento desse projeto, que fora um desafio a que me propus em busca de um crescimento pessoal e profissional, que me aproximou de um lugar, de uma história e das pessoas que os constroem.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
1.1. O estudo de caso: a cidade de Sabará	21
<b>2. EXPRESSÕES E TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO URBANO</b>	<b>27</b>
2.1. Progressismo e culturalismo	27
2.2. A síntese no humanismo	30
2.3. Os novos regionalismos e dispersões	33
2.4. O hibridismo sociocultural e as implicações urbanas	39
2.5. As construções identitárias em relação aos hibridismos	43
<b>3. ASPECTOS HISTÓRICOS, NATURAIS, MORFOLÓGICOS E SOCIAIS DOS BAIRROS DE SABARÁ</b>	<b>47</b>
3.1. O contexto do Centro Histórico	50
3.1.1. Apresentação/ histórico	50
3.1.2. Condicionantes físicos e naturais	52
3.1.3. Evolução e transformação do centro histórico	55
3.1.4. Características urbanas e morfológicas	56
3.1.5. Características sociais e perceptivas	61
3.2. O contexto do bairro Morro da Cruz	65
3.2.1. Apresentação/ histórico	65
3.2.2. Condicionantes físicos e naturais	66
3.2.3. Evolução e transformação do bairro Morro da Cruz	69
3.2.4. Características urbanas e morfológicas	70
3.2.5. Características sociais e perceptivas	72
3.3. O contexto do bairro Cabral	76
3.3.1. Apresentação/ histórico	76
3.3.2. Condicionantes físicos e naturais	77
3.3.3. Evolução e transformação do bairro Cabral	79
3.3.4. Características urbanas e morfológicas	80
3.3.5. Características sociais e perceptivas	83
3.4. O contexto do bairro Córrego da Ilha	86
3.4.1. Apresentação/ histórico	86
3.4.2. Condicionantes físicos e naturais	87
3.4.3. Evolução e transformação do bairro Córrego da Ilha	89
3.4.4. Características urbanas e morfológicas	90

3.4.5.	Características sociais e perceptivas	92
3.5.	O contexto das áreas industriais	96
3.5.1.	Apresentação/ histórico	97
3.5.2.	Condicionantes físicos e naturais	97
3.5.3.	Evolução e transformação dos bairros industriais	100
3.5.4.	Características urbanas e morfológicas	101
3.5.5.	Características sociais e perceptivas	110
3.6.	O contexto do bairro Esplanada	114
3.6.1.	Apresentação/ histórico	114
3.6.2.	Condicionantes físicos e naturais	115
3.6.3.	Evolução e transformação do bairro Esplanada	118
3.6.4.	Características urbanas e morfológicas	119
3.6.5.	Características sociais e perceptivas	121
3.7.	O contexto do bairro Campo Santo Antônio	125
3.7.1.	Apresentação/ histórico	125
3.7.2.	Condicionantes físicos e naturais	126
3.7.3.	Evolução e transformação do bairro Campo Snt. Antônio	128
3.7.4.	Características urbanas e morfológicas	129
3.7.5.	Características sociais e perceptivas	131
3.8.	O contexto do bairro Morada da Serra	135
3.8.1.	Apresentação/ histórico	135
3.8.2.	Condicionantes físicos e naturais	136
3.8.3.	Evolução e transformação do bairro Morada da Serra	138
3.8.4.	Características urbanas e morfológicas	139
3.8.5.	Características sociais e perceptivas	141
<b>4.</b>	<b>AS IMPLICAÇÕES FÍSICAS E SOCIAIS DOS HIBRIDISMOS RESULTANTES DAS DIFERENTES HISTORICIDADES</b>	<b>145</b>
4.1.	Evolução e transformação de Sabará	146
4.2.	As regiões morfológicas identificadas	147
4.3.	As relações construídas no recorte sócio-espaco-temporal de Sabará	150
4.4.	As construções valorativas e de identidade em relação aos hibridismos e às preexistências	153
<b>5.</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>163</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>169</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>172</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>173</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho “*Transformações na paisagem de Sabará: uma investigação das diferentes historicidades e das construções identitárias*” apresenta, já em seu título, as questões centrais que fomentarão toda a discussão sobre as transformações urbanas, sociais e identitárias aceleradas pelos processos de urbanização às proximidades de contextos tradicionais, estimulando diversos questionamentos a serem investigados: sucessão inevitável das historicidades locais? Ou seja, uma nova linguagem de um novo tempo? Ou podem ser lidas como ocupações de caráter genérico<sup>1</sup>? E, ainda, como se comportam as identidades e referências culturais frente às distintas expressões urbanas, com suas singulares vivências e percepções urbanas? As novas áreas adjacentes ao espaço tradicional constroem suas próprias referências e valores?

A pesquisa está inserida na linha de *Gestão do Patrimônio no Ambiente Construído*, uma vez que busca tratar do processo de transformação do território urbanizado perante o patrimônio construído, bem como da construção das identidades, a partir dos novos contextos sócio-técnicos instaurados.

O objetivo do estudo é compreender os novos espaços urbanos configurados, bem como sua relação para com os contextos circundantes, aos quais se justapõem – no caso específico desta pesquisa, o contexto histórico e tradicional de Sabará - Minas Gerais, datado do período colonial, em fins do século XVII e início do século XVIII.

O teórico Giovannoni (1931) já apontava que as cidades são tecidos vivos, ou seja, em constante transformação. Seu método baseava-se em articular a faceta histórica e a do esquecimento a uma concepção crítica e condicional da preservação dos conjuntos urbanos antigos frente a essa dinâmica do desenvolvimento, refletindo, assim sobre a tradição defrontada a dinâmicas sociais e urbanas.

As mutações e constantes transformações das paisagens urbanas são ideias investigadas por diversos teóricos sociais e do espaço urbano. Reis (2006) afirma que os padrões estão sempre em mudança e reitera que não se deve construir críticas subjetivas sobre as

---

<sup>1</sup> O termo “genérico” atribuído às paisagens construídas na contemporaneidade aparece em diversos autores, como Castriota e Choay, essa última que coloca que “as redes permitem ao homem libertar-se de limitações espaciais, promovendo a criação de espaços isotrópicos”, esses, com as mesmas características físicas, um urbanismo genérico. (CHOAY, 2006, p. 243). Enquanto Castriota pontua que “na medida, porém, que um indivíduo ou uma época histórica só poderiam definir sua identidade própria com referência ‘a seu passado, a sua memória histórica’, a modernidade, em sua ‘incessante busca do novo’, estaria condenada a não ter identidade?” (CASTRIOTA, 2009, p. 57). A utilização do termo traz, assim, o questionamento da homogeneização excessiva dos ambientes construídos.

mudanças que estão em curso, visando imobilizar os padrões urbanísticos do século XX. Para o autor, esses são tão transitórios como os demais, uma vez que todos os tecidos físicos se desmancham sobre o território e no tempo.

Assim, o intuito da presente pesquisa é justamente de afirmar esta postura, a qual não parte de análises urbanas baseadas em saudosismos ou tradicionalismos exacerbados, mas parte da investigação do processo e da compreensão das origens dessa transformação, de seus desdobramentos físicos, seus significados e seus sentidos construídos na sucessão e no defrontamento de historicidades.

A pesquisa bibliográfica prévia sobre os espaços em expansão para além dos perímetros tradicionais coloniais denuncia uma lacuna quanto a maiores estudos, investigações e respostas, uma vez que praticamente inexitem pesquisas mais recentes que avaliem as origens, os processos de urbanização, suas características e lógicas próprias, muitas vezes sendo generalizados enquanto mais um dos aglomerados urbanos comuns nas metrópoles. Não obstante, este trabalho abordará a dialética entre tradição e modernidade, fulcrado na experiência e no desenvolvimento urbano de Sabará a partir do período colonial.

Nesse contexto, a presente pesquisa é justificada pelo acelerado processo de urbanização do contexto sabarense, fomentado ainda mais pela proximidade ao centro metropolitano de Belo Horizonte. Torna-se imperativo, portanto, o estudo dessas áreas em expansão, a fim de que sejam entendidas em seus sentidos e caráter, de modo que componham um panorama mais condizente e objetivo destes espaços, os quais podem se beneficiar de políticas, de intervenções urbanas e de, por ventura, valorização mais adequadas.

As transformações nas paisagens urbanas podem ocorrer de algumas maneiras: ora pontualmente, ora por substituição dos tecidos urbanos inteiros, ora por acréscimo de novos tecidos urbanos adjacentes aos ditos tradicionais. Diversas cidades coloniais mineiras se caracterizam, em sua maioria, por terem preservados, com certo grau de inteireza, seus conjuntos e tecidos coloniais tradicionais. A esses foram sendo, progressivamente, justapostas novas condições e apropriações urbanas, compondo novos tecidos e genuínas paisagens urbanas, como se pode observar em Sabará.

Entende-se por tecido urbano uma combinação individualizada de ruas, lotes e edifícios diferenciados dos seus vizinhos, únicos nas circunstâncias locais e dotados de unidades morfológicas homogêneas (MOUDON, 1997), uma leitura da unidade e coesão existentes nas características físicas e urbanas.

Assim, é esta relação entre tecidos urbanos antigos e novos justapostos que se objetiva investigar na presente abordagem. No caso de Sabará, a proximidade com a metrópole de Belo Horizonte e a intensificação da urbanização constituem fatores impulsionadores e

indutores do crescimento da cidade, que aumentam e dinamizam, ainda mais, essa dialética entre o novo e o antigo no referido contexto urbano.

A preservação de extensas manchas urbanas antigas e a conformação de outras extensas manchas portadoras de distintas e novas linguagens, sobremaneira, exacerbam esta dialética, evidenciando as diferenças e a tênue relação que constroem no contexto em questão. Para a análise das transformações da paisagem e verificação das relações estabelecidas entre os espaços tradicionais e os contextos subsequentes ao período colonial, optou-se por selecionar um setor da cidade onde houvesse representatividade dessas relações e diversidade quanto às suas historicidades, fundamentais para o entendimento das questões propostas.

Para tanto, o recorte sócio-espaço-temporal foi estabelecido de forma a compreender uma diversidade suficiente para se traçar análises e paralelos (Imagem 01). Incluirá, assim: parte do centro histórico tradicional (datado do período colonial e preservado em seus principais aspectos urbanos e arquitetônicos); as vilas operárias ou bairros industriais (Vila Santa Cruz, Vila Siderúrgica, Vila Campinas e Vila Esplanada); os bairros Morro da Cruz e Córrego da Ilha (esses que apresentam, apesar de inúmeras novas linguagens, uma forte referência urbana do tecido colonial, provavelmente devido aos seus antigos percursos e elementos religiosos); os bairros Vila Santo Antônio de Pádua (ou Campo Santo Antônio) e Morada da Serra (bairros de conformação mais recente e reflexos da intensificação da urbanização). Momentos urbanos que se apresentam distintos em suas origens e linguagens urbano-arquitetônicas, enquanto parecem manter relações sociais e visuais constantes.



**Imagem 01** – Recorte espacial da cidade de Sabará a ser investigado na pesquisa.  
**Fonte** mapa base: IPHAN (2003) e Imagem Google Earth (2011).

A investigação parte da premissa de que os novos tecidos urbanos adjacentes a contextos históricos das cidades podem apresentar um caráter mais singular do que as “ditas zonas disformes e genéricas da modernidade”<sup>2</sup>. Isto, posto que o contexto tradicional no qual são inseridos pode ter contribuído substancialmente para a formação de uma linguagem e expressão singulares e distintas das “genéricas” zonas de crescimento urbano contemporâneo, como as presentes nas metrópoles. Conforme pontua Whitehand (2007), a “expressividade histórica reflete no fato de que a paisagem urbana é uma inestimável fonte de experiência”, resgatando das experiências passadas as referências para ações futuras.

Recorrentemente, há a tendência de se considerar as novas paisagens que surgem às adjacências de contextos tradicionais como descaracterizações dos mesmos, principalmente quando seu antagonismo é exacerbado pela justaposição de grandes manchas urbanas de caracteres distintos. Entretanto, na contramão desta dita descaracterização, há a expressão de um tempo presente, que é reflexo da sociedade nele inserida e das novas condições técnicas e ideológicas. E, a partir do momento em que podem ser consideradas como novas historicidades que trazem uma gama de novos sentidos e linguagens referentes ao seu tempo, com uma identidade definidora do espaço e um pertencimento do corpo social em relação a esse contexto, acredita-se que essa transformação pode ser uma contribuição à historicidade local, ao singularizar a região como um todo.

Algumas acepções de historicismo entendem que é a história é que faz o homem, podendo também compreender sentidos revivalistas e nostálgicos. Já o conceito de historicidade vai na contramão dessa interpretação, como não sendo a história que faz o homem, mas sim o homem que faz a história, mesmo sem a consciência exata do que está produzindo. Assim, na historicidade as escolhas do homem moldam a história, que se torna, deste modo, plástica e dinâmica. Maltez (1951) complementa:

Falamos em historicidade, conforme a perspectiva de Heidegger, naquela historicidade intrínseca que (...) é a vida humana em função da sua liberdade e não na historicidade extrínseca ou historicismo que prescinde da existência para se ater apenas aos factos objectivados, como fósseis, no passado. (MALTEZ, 2004)

As historicidades são, ainda, segundo o geógrafo M. R. G. Conzen (1966)<sup>3</sup>, os fatores que imprimem força à unicidade que cada paisagem apresenta, ou seja, a unicidade está associada à maior variedade das características urbanas e arquitetônicas. Cidades históricas de grande porte que tenham planos urbanos com grande unidade e apresentem

---

<sup>2</sup> Diversos teóricos e pesquisadores urbanos, como Françoise Choay (2010) e Lewis Mumford (2008), apontam para a composição das paisagens “genéricas” na modernidade, com identidades e apelos semelhantes, compondo os espaços urbanos enquanto “enormes colmeias urbanas” (MUMFORD, 2008).

<sup>3</sup> M.R.G. Conzen é geógrafo alemão e um dos principais pensadores e formuladores da escola inglesa de morfologia urbana.

mais de um período histórico de desenvolvimento, têm a tendência a apresentar maior singularidade na sua historicidade. O grau de historicidade das cidades está, então, refletido na distinção entre as zonas criadas durante os diferentes períodos de crescimento urbano.

Assim, na discussão sobre esta sucessão de historicidades e sobre a sua contribuição à identidade local, serão ainda observadas as interferências<sup>4</sup> mútuas entre os tecidos urbanos antigos e as novas conformações urbanas de Sabará, tanto no teor físico de seus componentes, quanto na questão da construção dos sentidos e significados do espaço urbano, ou seja, a leitura sociocultural desses espaços. Atentando-se, ainda, para a participação do poder público na construção dessas novas expressões e perspectivas.

Entretanto, o desafio do objetivo dessa investigação é analisar a partir do ponto de vista das áreas em expansão para o patrimônio histórico. Ou seja, a contribuição e inovação da pesquisa estão na inversão do olhar e da análise: de fora para dentro.

Intui-se investigar quais os sentidos e conceitos destes novos espaços construídos e, também, se esses novos sentidos foram e são referenciados a partir do tecido tradicional, tanto em termos de caráter físico quanto em relação ao imaginário social construído. Intui-se, ainda, compreender a relação desses novos espaços para com a cidade tradicional, dualidade de cenários de clara distinção das historicidades.

Para tanto, o olhar interdisciplinar é imprescindível e imperativo na presente pesquisa, uma vez que se buscará confluir dois tipos de análises: a primeira urbana e arquitetônica, frente à sua conformação morfológica; sendo a segunda uma abordagem ao corpo social que compõe os espaços investigados, através de um viés interpretativo, subjetivo e sociocultural.

Serão empregadas duas técnicas de investigação: quando da abordagem sobre o caráter físico dos espaços sob análise, serão aplicadas técnicas desenvolvidas pela escola inglesa de morfologia urbana, que analisam, sistematicamente, planos urbanos, tipologias e usos e atividades, de modo a compor, posteriormente, uma leitura que abranja todos esses aspectos, identificando os chamados tecidos urbanos, relativos à unidade dentro de cada região; e quando das investigações interpretativas e subjetivas, intenciona-se aplicar a técnica de entrevistas estruturadas. Isto, na intenção de compreender como as pessoas entendem o espaço onde estão inseridas, bem como quais são seus entendimentos e relações para com o tradicional contexto colonial sabarense.

Após a presente introdução e a apresentação do estudo de caso, seguirá o capítulo 02 que será destinado aos aportes teóricos que fomentaram a pesquisa, bem como outras construções teóricas que abordam a transformação da paisagem, tanto em termos de

---

<sup>4</sup> Por “interferência” entendem-se as influências e as referências culturais e identitárias, bem como as relações urbanas entre os distintos espaços configurados e defrontados.

planejamento e ideologias, quanto em relação às constatações mais recentes das tendências e expressões da paisagem contemporânea.

Com os apontamentos teóricos que serão feitos nesta seção, intenciona-se fazer uma retomada dos ideais e pensamentos de determinadas expressões e planejamentos urbanos. Esses cujas ideologias imprimiram caracteres de grande identidade e reflexo na paisagem urbana das mais diversas cidades, ainda que não sob a égide de tais ideologias ao tempo em que as mesmas surgiram, podendo-se observar algumas de suas características ou mesmas posturas urbanas na transformação da paisagem de Sabará.

O objetivo de se inserir as referidas conceituações e correntes de planejamento urbano na presente investigação está fulcrado na dialética entre progresso e tradição que as mesmas traçam, dialética essa que também está presente no objeto sob análise - a cidade de Sabará. São discursos e cenários que respondem ao progresso e à transformação acelerada fomentados pelo crescimento urbano e, ao mesmo tempo, aos remanescentes tradicionais/culturais que dialogam com toda essa nova expressão.

Iniciar-se-á a abordagem teórica com as ideologias progressista e culturalista. Desenvolvidas no final do século XIX e início do século XX, ambas as ideologias convergiam seus pensamentos para contornar o cenário urbano conformado e criado pela revolução da indústria, mas que, entretanto, apresentavam-se bastante destoantes em termos de expressão e continuidade histórica.

A postura progressista se caracterizava pela descontinuidade ao que vinha sendo construído e pela instauração de uma nova ordem urbana. E, para tanto, manifestava-se no espaço como amplamente aberto, rompido por vazios e verdes, como resposta ao anseio higienista. Recusando qualquer herança artística do passado, se constituiu enquanto uma localização fragmentada, atomizada. (CHOAY, 2010, p.8-10). Em contrapartida, a postura culturalista se manifestava no espaço como uma tentativa de recuperar a antiga unidade orgânica da cidade, perdida sob a pressão desintegradora da industrialização. Em sua volta às formas deste passado, a proposta de cidade culturalista era ser bem circunscrita no interior de limites precisos e permeada por uma ordem orgânica, integrando as heranças sucessivas da história, fechando-se à historicidade. (CHOAY, 2010)

O contexto urbano da cidade de Sabará tem impressas em suas diversidades urbanas essas duas correntes, ainda que não planejadas ou idealizadas sob a égide de tais métodos de urbanização, mas a que foram conduzidas pelos contextos sociais, culturais e técnicos da época. Sabará apresenta parte de seu tradicional tecido colonial preservado, que por sua vez conformou novos tecidos urbanos, de ocupações posteriores a ele, mas sob semelhantes lógicas de ordenamento em alguns aspectos, uma tentativa de imprimir em seu

caráter uma continuidade histórica - uma postura que se assemelha à culturalista. Por outro lado, há claros momentos na cidade que refletem um pensamento próximo ao progressista, caracterizado pelo contexto urbano permeado por grandes eixos e áreas verdes, sem quaisquer referências ao tecido tradicional antigo, exacerbando sua ruptura e descontinuidade em relação à tradição colonial.

Assim, a complexidade da relação entre tradição e progresso pode ser, deste modo, encontrada nos contextos urbanos práticos de diversos cenários brasileiros. Outra corrente também será apontada na investigação, a humanista, que difere da culturalista por reconhecer a irreduzível originalidade da situação presente e sua especificidade, considerando-a um desenvolvimento e uma transformação do passado, não sua repetição. Esta postura ainda reitera a continuidade histórica, social, psicológica, geográfica.

Além de todas as concepções urbanas citadas, diversos autores verificam outros processos recentes, intensos e acelerados, que também podem ser encontrados na cidade de Sabará, frente à proximidade à região metropolitana de Belo Horizonte, e que serão igualmente expostos e analisados na presente pesquisa. Reis (2006) relata o surgimento de uma “urbanização dispersa”, resultante da disseminação de infraestruturas, dos extensos e cada vez maiores deslocamentos e das grandes velocidades. Souza (2005), por sua vez, levanta a discussão sobre a fragmentação do tecido sociopolítico e espacial da metrópole.

Outros teóricos corroboram essas tendências urbanas de dispersão e fragmentação no território, adjetivando-as como “era pós-cidades” e “urbanismo de redes”, como classifica Choay (2001). A velocidade, ainda, constitui um fator relevante na construção e na linguagem das paisagens contemporâneas. Diversos pensadores, podendo-se citar Virilio (1991), pontuam que as cada vez mais rápidas excursões e percursos provocam um “um contínuo e repetido sequestro do indivíduo dos contextos espaço-temporais”.

Partindo-se das teorias citadas, que serão posteriormente mais aprofundadas, a experiência a partir da observação do espaço urbano em questão - a cidade de Sabará-, a princípio, denota a diversidade de historicidades, expressões, ideologias e posturas urbanísticas que a cidade carrega ao longo de sua existência. Ressaltando-se que os novos modos de vida e de relação com o espaço têm contribuído substancialmente para a transformação dos espaços urbanos, tendendo a gerar lugares cada vez mais dispersos pelo território.

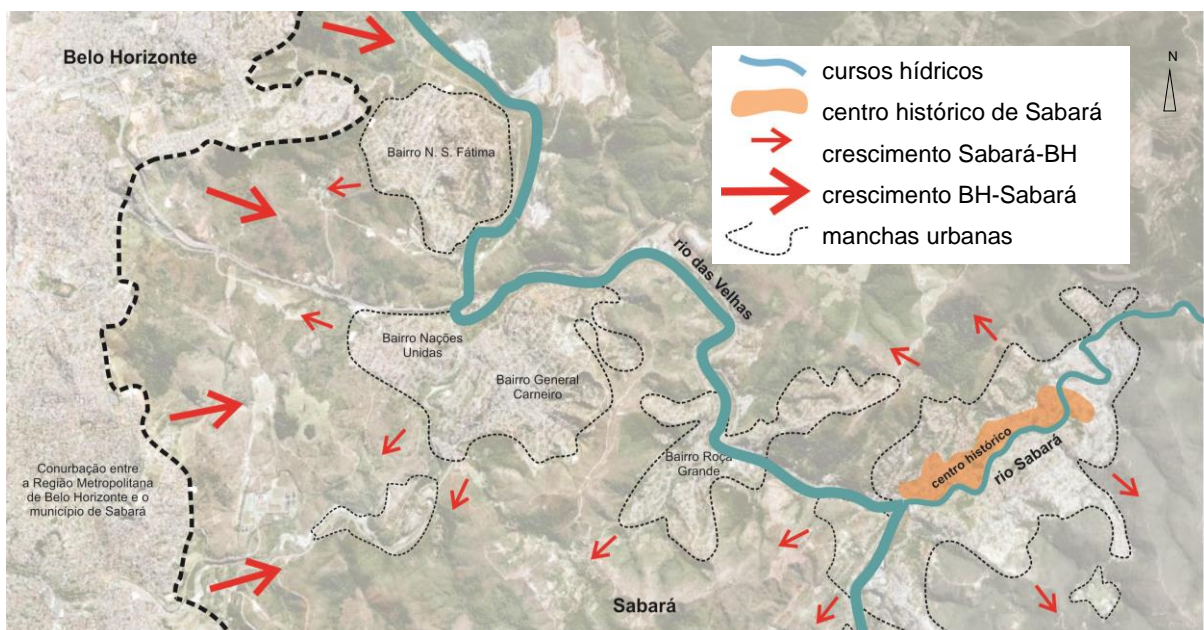
O capítulo 03 abordará os aspectos morfológico e sociocultural dos contextos definidos para as investigações, de modo a apresentarem seus conceitos, análises e resultados inferidos a partir das observações e técnicas aplicadas. Por fim, no capítulo 04 seguirão as considerações e análises, que cruzarão os dados obtidos a partir de cada análise empreendida, ou seja, morfológicos e socioculturais, de modo a compor o panorama

objetivado para a presente investigação: uma aproximação ao diverso contexto da histórica Sabará e suas realidades morfológicas e sociais, bem como à contribuição que as sucessivas historicidades justapostas promovem ao contexto urbano e as suas implicações na construção identitária daquelas comunidades.

Deste modo, as implicações mútuas entre preservação e desenvolvimento (progresso e tradição) intensificam as problemáticas surgidas em relação ao espaço urbano que lida com tradição e contemporaneidade. Castriota (2003) pontua que, devido à constante dissociação entre preservação e desenvolvimento, “tem-se muita dificuldade em se pensar um tipo de desenvolvimento que parta de sua condição de cidade preservada”. (CASTRIOTA, 2003, p.202). Assim, é nesse contexto que a cidade mineira de Sabará impera ser lida e avaliada, enquanto lugar de distintas historicidades urbanas, que ora conduzem à memória tradicional, ora conduzem à construção de novas linguagens e expressões.

### 1.1. O ESTUDO DE CASO - A CIDADE DE SABARÁ

A cidade mineira de Sabará, de surgimento datado do período colonial, em fins do século XVII e início do século XVIII, teve sua ocupação inicial derramada ao longo de um eixo adjacente ao rio Sabará e na confluência desse com o rio das Velhas. As ocupações posteriores à época colonial até os dias atuais tenderam a se estabelecer nas proximidades desse centro, bem como em direção à região metropolitana de Belo Horizonte, nas regiões montanhosas do entorno, compondo um cenário conurbado e disseminado na área, como pode ser observado na imagem abaixo (Imagem 02).

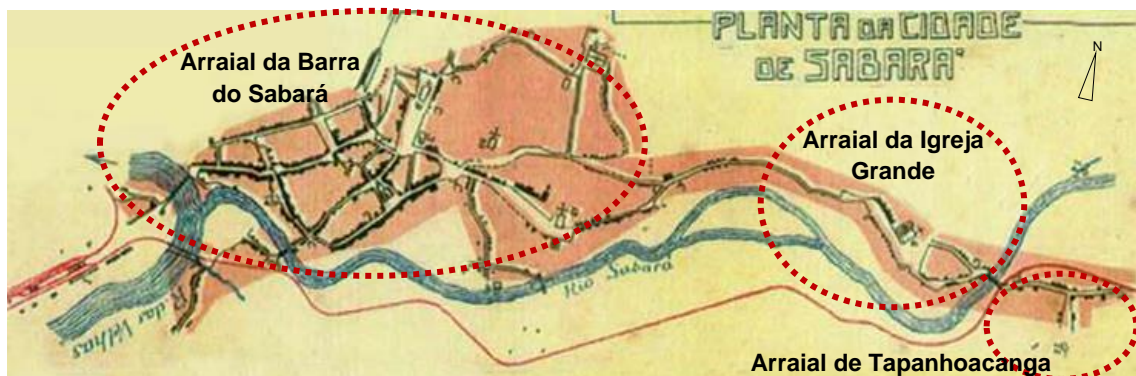


**Imagem 02** – Mapa das manchas urbanas e vetores de crescimento entre Sabará e Belo Horizonte.

**Fonte:** Autora; Mapa base: Google Earth, 2012.

A cidade de Sabará, assim como diversas outras cidades mineiras com semelhantes histórias do ciclo do ouro, apresenta em sua área urbana central um conjunto arquitetônico e um traçado urbano do período colonial, ainda preservados em seus aspectos mais essenciais. O desenho urbano e muitas das suas edificações tradicionais ainda se mantêm, conservando desde exemplares residenciais até institucionais. Em Sabará, esses remanescentes coloniais se distribuem ao longo de um eixo que vai desde a igreja São Francisco de Assis (antigo Arraial da Barra Grande) até a igreja Nossa Senhora do Ó (antigo Arraial de Tapanhoacanga), ao longo da extensão do rio Sabará (Imagem 03). Vasconcellos (2004) descreve as paisagens do período colonial mineiro, pontuando que

Preferiram as configurações longilíneas, esparramadas, sem centros polarizantes definidos. Em sua maioria originaram-se de estradas, cujas margens, construídas, acabaram por transformá-las em ruas. Estradas que ligavam diversas regiões do território e que, em determinados pontos, utilizados como paradas do trânsito ou interrompidas por obstáculos como cursos d'água, começaram por permitir a construção de pousos e, a seguir, de instalações comerciais de suprimento, aos poucos transformadas em núcleo de nascentes povoações, capazes de vida própria. (VASCONCELLOS, 2004, p. 145).



**Imagem 03** - Mapa do início do desenvolvimento urbano de Sabará no período colonial.

**Fonte:** Prefeitura de Sabará.

A imagem acima explicita a localização dos antigos arraiais: Arraial da Barra do Sabará (onde se situam a igreja de São Francisco e igreja Nossa Senhora do Carmo), Arraial da Igreja Grande (onde se localiza a Igreja Matriz), até o Arraial de Tapanhoacanga (onde se situa a Igreja do Ó). Além da presença de arraiais, outra característica presente no tecido colonial mineiro, de um modo geral, é que, na configuração do eixo urbano, as igrejas colocavam-se no interior das quadras, tangenciando os logradouros públicos, sendo os templos erguidos no centro de largos, circundados por praças ou ruas e independentes das quadras urbanas às suas adjacências. Para Vasconcellos (2004), essa solução, de certo modo, valorizava bastante os edifícios religiosos, acrescentando às povoações um paisagismo e bons efeitos de perspectiva. O autor ainda ressaltava o caráter orgânico do desenho urbano:

A configuração espontânea e longilínea dá às povoações uma configuração mais orgânica, uma adaptação maior às condições do terreno (...). O traçado fica mais dinâmico e, frequentemente, permite arranjos plásticos, que funcionam como cenários, em perfeita harmonia com a paisagem circundante. O povoado cresce como lhe convém, espicha e encolhe, conforme seu estágio de desenvolvimento; ameniza os aclives com traçados coleantes, absorve os terrenos mais favoráveis e rejeita os impróprios, participando da vida de seus habitantes, como uma entidade também viva e livre de contenções determinadas por regras fixas ou tentativas de racionalização divorciadas da realidade. (VASCONCELLOS, 2004, p. 146).

Segundo o historiador sabarense Zoroastro Passos (1942), o espírito de religiosidade portuguesa adotava, como norma invariável de conduta nas suas descobertas, ter, como núcleo de povoação que se devia formar, uma capela. E, como nos lugares onde abundava o ouro, muitos núcleos se formaram, explicando, então o fato de Sabará e seus arredores, no fim do século XVII e no XVIII, terem erguido diversas capelas. Algumas capelas provisórias, tinham dois destinos: “se a mineração progredisse, elas iam sendo substituídas pelas igrejas definitivas; se não, elas desapareciam, sem deixar vestígios nos locais onde existiram, tão precárias seriam algumas de suas construções, e sem que a tradição as pudesse conservar”. (PASSOS, 1942, p. 02-03).

Assim, Sabará, ainda ao longo do seu ciclo do ouro, teve seus arraiais e suas construções em constante transformação, tanto em termos de substituição das pequenas capelas, quanto em relação à evolução das tipologias edilícias. Entretanto, não se criaram contrastes dentro desse contexto, conforme Vasconcellos (2004) pontua:

Acompanhando o progresso, a arquitetura vai se desenvolvendo aqui e ali. Os períodos devem ser longos e estão entre si entrosados. A transição não deixa criar limites fortes; há apenas uma tendência que se vai moldando com o correr dos anos, e às necessidades locais. (VASCONCELLOS, 2004, p. 29).

Isso pode ser representado, por exemplo, pela substituição/demolição de capelas e pelas pontuações ecléticas que surgiram no tecido colonial, paulatinamente. Entender essa transição branda é imprescindível para poder se traçar o comparativo entre esse momento urbano, que tem variações internas, mas de modo homogêneo e gradual, e o momento seguinte, no qual uma nova leitura de desenho urbano se faz legível – o período industrial da cidade, juntamente com os novos e singulares tipos edilícios que permearão esse novo traçado.

Terminado o ciclo do ouro, Sabará manteve uma relativa atividade comercial até parte do século XIX. O transporte fluvial foi explorado pela Companhia de Navegação do rio das Velhas que tinha tráfego regular de vapores até o rio São Francisco. Essas atividades foram encerradas por volta de 1891. Logo depois surgiu a Ferrovia Central do Brasil, antecipando

a fase da siderurgia que caracterizou o ciclo do ferro. Em 1920, com a inauguração da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, caracterizou-se uma ressurreição econômica da cidade (ALMEIDA, 1956).

Já no século XX, nas décadas de 1920 e 1930, a cidade viu um ressurgimento econômico, baseado no ferro e na produção do aço, com a instalação de uma siderúrgica a leste do centro histórico da cidade de Sabará. Segundo Almeida (1956), percebendo as imensas possibilidades que uma exploração industrial do ferro oferecia naquela zona, um grupo organizou em 1918 a Companhia Siderúrgica Mineira, construindo uma usina e um alto-forno às proximidades do velho Arraial de Tapanhoacanga (onde se localiza a igreja Nossa Senhora do Ó).

Deste modo, a partir da década de 1920, transformações explícitas na paisagem ocorreram, compondo um tecido diferenciado, tanto em seu traçado e tipos edilícios, quanto em relação às novas vivências urbanas que implicavam. Segundo Freitas (1997), foram construídos, primeiramente, os bairros operários da Vila Santa Cruz, em um planalto perto da própria usina, e bem perto dele a Vila Michel. Os bairros tinham casas bem estruturadas, as ruas eram arejadas e a circulação era fácil. As casas eram de madeira e/ou de alvenaria, com boas construções, visto que ali, ainda hoje, existem casas de madeira em bom estado de conservação, sendo essas destinadas aos operários. Em outros momentos urbanos, casas para funcionários mais graduados, como a rua Beira-Rio e rua da Usina, essa última para os engenheiros. As casas eram assentadas em lotes regulares e em quarteirões de topografia plana. O seu traçado, ortogonal e racional, se diferencia claramente do tecido colonial.

Outro tecido urbano diferenciado é, também, percebido em Sabará. Trata-se dos espaços com claras influências dos traçados urbanos tradicionais, visto suas conformações em diálogo com a topografia e em expressões sinuosas; enquanto que, ao mesmo tempo, suas edificações e exemplares arquitetônicos pouco se assemelham aos coloniais, podendo-se incluí-los nas linguagens contemporâneas de construções edilícias. Um exemplo desse tecido urbano de referências tradicionais é grande parte do bairro Morro da Cruz, o qual será, posteriormente, objeto de mais detida investigação histórica, posto que constitui parte do recorte espacial definido para maiores pesquisas.

Outro momento da cidade de Sabará mostra um caráter diferenciado em termos urbanos e arquitetônicos, tratando-se do tecido urbano espraiado, caracterizado pela implantação em lotes e quarteirões que tomam as paisagens montanhosas nas proximidades do centro histórico tradicional, impulsionado ainda mais pela proximidade à região metropolitana de Belo Horizonte. A racionalidade ortogonal da urbanização, por vezes, parece entrar em conflito com as topografias íngremes; as construções variam de um a três pavimentos.

Outros padrões mais recentes tendem a responder à dita “urbanização dispersa”, que se caracteriza por serem áreas com frequência isoladas do tecido urbano tradicional, caracterizando descontinuidades. São núcleos isolados, empreendimentos de grande porte ocupando vazios urbanos; os empreendimentos iniciais não incluem apenas loteamentos, mas também espaços de uso coletivo, infraestrutura, serviços e, frequentemente, edificações; apresentam, em geral, uma diversificação de tratamento urbanístico que os destaca dos tecidos urbanos adjacentes. (REIS, 2006, p. 146).

Deste modo, este é um panorama geral das transformações físicas e urbanas pelas quais passou a cidade de Sabará, sendo que é possível identificar, previamente, alguns tecidos urbanos singulares e diversos, tendo sido constituídos em diferentes épocas de desenvolvimento econômico, social e técnico da cidade.

Esta perspectiva plural e diversificada do recorte sócio-espaço-temporal a ser analisado é ilustrada na imagem abaixo, onde se podem perceber as diversas manchas urbanas existentes (Imagem 04). Deste modo, todos esses aspectos e diversidades urbanas existentes na cidade de Sabará confirmam a complexidade urbana e corroboram o intuito da pesquisa. E, para além de seu caso específico, a cidade é representativa quanto à dinâmica brasileira de urbanização e crescimentos urbanos, e é representativa, também, dentro do conjunto de cidades históricas brasileiras que se veem defrontadas a novas historicidades e expressões.



**Imagem 04** – Mapa cadastral das ocupações da cidade de Sabará.

**Fonte:** IPHAN, 2003. Atualização das ocupações a partir do Google Earth: autora, 2012.



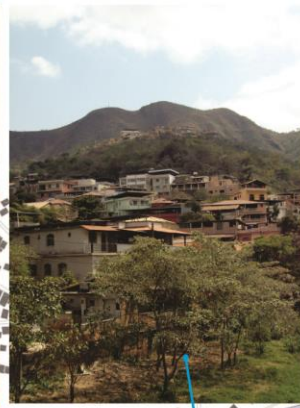
Procissão na rua do Carmo, no centro histórico.  
Fonte: Museu do Ouro, sem data.



Igreja N. S. do Carmo.  
Fonte: Autora, 2011.



Igreja N. S. da Conceição - Matriz.  
Fonte: Autora, 2011.



Bairro Cabral.  
Fonte: Autora, 2011.



Usina Siderúrgica.  
Fonte: Autora, 2011.



Vila Santa Cruz, vila dos operários.  
Fonte: Autora, 2011.



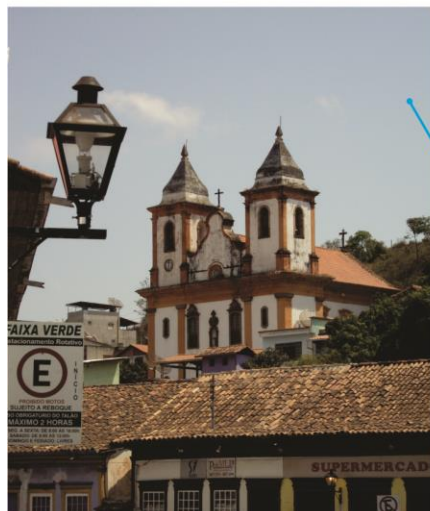
Vila Siderúrgica, R. Beira Rio - operários.  
Fonte: Autora, 2011.



Vila Siderúrgica - vila dos engenheiros.  
Fonte: Autora, 2011.



Capela Nossa Senhora do Ó.  
Fonte: Autora, 2011.



Igreja São Francisco, no centro histórico.  
Fonte: Autora, 2011.



Rua D. Pedro II, sobrados centro histórico.  
Fonte: Autora, 2011.



Rua D. Pedro II, no centro histórico.  
Fonte: Autora, 2011.



Capela Senhor do Bom Jesus, bairro Morro da Cruz.  
Fonte: Autora, 2011.



Bairro Campo Santo Antônio.  
Fonte: Autora, 2011.



Bairro Morada da Serra.  
Fonte: Autora, 2011.

- tecido tradicional - tipologia colonial
- praças/ vazios urbanos/ articulações tradicionais
- + igrejas
- cursos hídricos

**Imagem 05** - Alguns dos tipos edifícios constituintes de diferentes tecidos urbanos do recorte sócio-espço-temporal de Sabará.  
Fonte mapa base: IPHAN, 2003. Atualização das ocupações a partir do Google Earth: autora, 2012.

## 2. EXPRESSÕES E TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO URBANO

Os conceitos e ideologias a serem abordados no presente capítulo se baseiam na paisagem urbana e na sua transformação, de modo a explorar as questões físicas e sociais constituintes da paisagem. Serão pontuados teorias e conceitos que conformaram paisagens, de modo a entender na história da construção das cidades o modo como essa dialética entre passado e presente torna-se cambiante dentro do planejamento.

O primeiro conceito a ser exposto na presente investigação parte da ampla noção que tem adquirido o termo “paisagem” nos últimos anos. Desde 1992, as interações significativas entre o homem e o meio natural têm sido reconhecidas como paisagens culturais pela UNESCO, sendo que a Portaria nº 127 de 2009, em seu Artigo 1º, passa a definir enquanto paisagem cultural “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”. (IPHAN, 2009). Percebe-se, assim, que o entendimento do patrimônio passa a ser, cada vez mais, plural e multifacetado, atribuindo perspectivas a cada dia mais imateriais e valorativas aos objetos e contextos físicos. E é neste sentido que se objetiva analisar o contexto desta cidade mineira, Sabará, que ao longo de sua história foi se constituindo imaginária e espacialmente, através de uma íntima relação com seu singular contexto natural.

### 2.1. PROGRESSISMO E CULTURALISMO

A aproximação ao cenário diverso de linguagens justapostas do objeto sob análise, a cidade de Sabará, e seu entendimento enquanto transformação gradual e em resposta aos contextos sociais, econômicos e técnicos pelos quais passou, requer um atentar às teorias e às modificações de posturas de planejadores e do corpo social. A transformação das paisagens urbanas tinha por caráter, até a revolução da indústria, um processo gradual e contínuo, frente à naturalidade e constância das modificações que se traduziam como contínuas e graduais, sem transformações ou rupturas bruscas. Choay (2001) pontua claramente esta mudança da dinâmica urbana a partir da revolução da indústria, colocando que “o mundo acabado do passado perdeu a continuidade e a homogeneidade que lhe conferia a permanência do fazer manual dos homens.” (CHOAY, 2001, 136).

Assim, a disseminação da ambiência industrial, principalmente a partir da segunda metade do século XVIII, fez iniciar, posteriormente, um processo de planejamento e molde de outras

possibilidades que minimizassem os efeitos que esta nova ordem passou a criar. E, na contramão do processo de industrialização, passaram-se a se pensar, como por exemplo, com os modelos progressista ou culturalista, datados do fim do século XIX e início do século XX, novos cenários urbanos que tentassem imprimir novas relações com o espaço urbano, diferentes das que estavam sendo traçadas nas paisagens industriais.

Tratam-se de dois tipos de projeções espaciais a partir de concepções teóricas, que, por vezes, chegaram à prática. O intuito de se inserir essas conceituações e correntes de planejamento urbano na presente investigação está fulcrado na dialética entre progresso e tradição que ambas confrontam, dialética essa que também está presente no objeto sob análise - a cidade de Sabará (Imagens 06 a 08). São discursos e cenários que respondem ao progresso e à transformação acelerada fomentados pelo crescimento urbano ou aos remanescentes tradicionais/culturais e sua continuação enquanto modelo.



**Imagens 06 a 08** – Respectivamente, rua D. Pedro II, no centro histórico da cidade de Sabará; casario destinado aos engenheiros na Vila Siderúrgica; e o bairro Morada da Serra com suas tipologias em altura.

**Fonte:** Arquivo pessoal, 2011.

Primeiramente, o espaço do modelo progressista se caracterizava por ser amplamente aberto, rompido por vazios e verdes – por preceitos higienistas vigentes. Esse espaço urbano, traçado conforme uma análise das funções humanas, apresentava uma separação rigorosa entre locais como o habitat, o trabalho, a cultura e o lazer, sendo que a habitação ocupava um lugar importante e privilegiado nesta divisão. Recusando qualquer herança artística do passado, a cidade progressista passou a submeter-se exclusivamente às leis de uma geometria “ordenada”; e, se considerada enquanto conjunto, “a proposta progressista destoava da cidade tradicional e do centro das grandes cidades industriais, uma vez que ela não se expressava enquanto uma solução densa, maciça e mais ou menos orgânica, mas propunha uma localização fragmentada e atomizada”. (CHOAY, 2010, p.8-10).

Assim, o pensamento progressista, apesar de desenvolvido em fins do século XIX e início do século XX, ainda hoje tem suas características mais essenciais identificadas nos contextos urbanos e, principalmente, sua linguagem de descontinuidade histórica pode ser verificada em diversas cidades ditas históricas, como no presente estudo de caso. Esta ruptura, evocada e provocada ao buscar o progresso, uma nova identidade e a negação do

passado, exacerba a relação entre o antigo e o novo. Uma expressão semelhante à progressista pode ser identificada em diversas áreas de Sabará, que privilegiam a habitação, permeadas por verdes e, de certo modo, desconectadas das grandes manchas urbanas. Essas áreas criam, com sua linguagem e padrões urbanísticos descontínuos, uma ruptura na paisagem, frente às novas escalas e relações inseridas. Incluem-se nessa linguagem o bairro Campo Santo Antônio (com seus largos eixos em malha ortogonal) e o bairro Morada da Serra (desconectado da mancha urbana e envolto por massas vegetais).

O segundo modelo é conhecido como culturalista. Na contramão do desaparecimento da antiga unidade orgânica da cidade, devido à pressão desintegradora da industrialização, os culturalistas levantaram a possibilidade de fazer um estágio ideal de o passado reviver, numa volta às formas desse passado. O foco ideológico desse modelo não é mais o conceito de progresso, mas o de cultura. Ao contrário da aglomeração do modelo progressista, essa cidade é, antes de tudo, bem circunscrita no interior de limites precisos. No interior da cidade não há nenhum traço de geometrismo, uma vez que só uma ordem orgânica é suscetível de integrar as heranças sucessivas da história e de levar em consideração as particularidades da paisagem. Quanto às tipologias edilícias, nada de protótipos ou padrões, cada construção deve ser diferente das outras, exprimindo assim sua especificidade. O destaque é dado pelos prédios comunitários e culturais, em detrimento da moradia individual. (CHOAY, 2010, p. 11-14).

Trata-se de uma continuidade exacerbada e nostálgica das formas do passado, ao buscar a unidade enquanto traçado urbano e linguagem arquitetônica. Essa postura ideológica aparece em muitas cidades históricas brasileiras, no intuito de se preservarem a continuidade histórica e o contexto cultural construído. Entretanto, ao não apoiar as novas linguagens, acaba-se recorrendo a pastiches e falso-históricos, como se pode observar, também, na cidade de Sabará, na qual diversos elementos arquitetônicos são inseridos na paisagem no intuito de se homogeneizar a paisagem e garantir a continuidade cultural, ainda que através da criação de falso-históricos (Imagens 09 e 10).



**Imagens 09 e 10** – Respectivamente, rua D. Pedro II, com seu casario colonial original no centro histórico de Sabará; e rua do Carmo, também no centro histórico, com duas construções edilícias em falso-históricos (datadas de 2010).

**Fonte:** Arquivo pessoal, 2011.

Entretanto, a crítica que diversos autores fazem em relação a esses modelos, como Choay (2010), é que a cidade não é pensada como processo ou problema, mas sempre colocada como um modelo, um objeto reproduzível; é extraída da temporalidade concreta e torna-se utópica, de lugar nenhum. Por outro lado, a autora ressalta que “esses modelos do pré-urbanismo apresentam hoje um interesse epistemológico considerável. Com efeito, anunciam o próprio método do urbanismo, cujas propostas seguirão, no século XX, um movimento análogo”. (CHOAY, 2010, p. 14-15). Como exemplo desta influência, tem-se o movimento modernista que fora largamente desenvolvido sobre as bases progressistas.

Assim, essas correntes urbanas são aqui apresentadas, frente a seu caráter aparentemente contraditório, mas que em muitas cidades brasileiras se apresentam em paralelismo. O objeto sob análise é um destes casos, uma vez que o contexto urbano da cidade de Sabará tem impressas, dentre suas diversidades urbanas, essas duas correntes, ainda que não planejadas ou idealizadas ao mesmo tempo que o surgimento dessas lógicas de urbanização, mas a que foram conduzidas pelos seus contextos sociais, culturais e técnicos.

## 2.2. A SÍNTESE NO HUMANISMO

É imperativo inserir, neste momento da pesquisa, outra corrente do urbanismo que surge como uma crítica aos modelos culturalista e progressista (também nascidos de uma crítica), denominada planejamento humanista, cujo caráter e relação com a morfologia urbana são imprescindíveis na presente investigação e corroboram com o percurso imaginado para a pesquisa.

A postura humanista de planejamento urbano foi resultado do trabalho de um conjunto de diversos profissionais, como sociólogos, historiadores, economistas, juristas e psicólogos, os quais caracterizaram o movimento enquanto uma crítica ao progressismo, devido à distância que este último estabelecia para com a realidade concreta.

O promotor desse movimento foi Geddes (1994), biólogo de formação que se dedicou à história, à sociologia e ao estudo das cidades, apresentando um sentido agudo do presente, assim como do passado. Podem-se destacar três tendências principais particularmente significativas, que correspondem a três abordagens e métodos humanistas: enraizamento espaço-temporal e continuidade; higiene mental; percepção urbana.

Assim, a visão humanista apresentou como base estes três princípios norteadores do planejamento urbano com vistas ao homem e seus valores. A ênfase ao enraizamento no

tempo e no espaço, bem como ao seu caráter de continuidade, procura definir o contexto concreto da localização humana com a ajuda do maior número possível de setores da realidade; esses setores são considerados em sua dimensão histórica, ligados entre si por uma temporalidade concreta e criadora. Se a criação de aglomerações novas supõe o conhecimento de cada um dos setores da realidade presente, esses setores, por sua vez, só são inteligíveis à luz do passado, de cujos traços são portadores.

Esta postura de deferência e integração às características do passado aproxima os culturalistas dos humanistas. Entretanto, o que os difere é o fato que estes últimos não deixam de reconhecer a irredutível originalidade da situação presente, sua especificidade. Conforme pontuou um dos principais pensadores humanistas, Patrick Gueddes, “hoje é um desenvolvimento e uma transformação do passado, não sua repetição”. Ainda em *Cidades em evolução*, Gueddes diferencia seu pensamento dos humanistas e culturalistas, pontuando que

Estamos saturados com a confusão existente em nossas cidades, que exibem febrilmente edifícios pseudoclássicos (...) supostamente para reviver o passado, e com as ruas medíocres ou com os convencionais subúrbios de vila, que representam a geração de seus construtores, (...) sendo apenas pobres exemplos de planejamento urbano. (GUEDDES, 1994, p. 191).

Como foi exposto, Gueddes (1994) apresentava um pensamento criticamente avesso ao que vinha sendo desenvolvido em termos de planejamento urbano. O autor reiterava a existência do “espírito das cidades”, levantando que cada lugar tem sua verdadeira personalidade, juntamente com alguns elementos singulares, e está a cargo do planejador despertar essa personalidade, ressaltá-la. Para tanto, o levantamento e o conhecimento exaustivos do lugar são imprescindíveis para se traçar quaisquer políticas de planejamento ou intervenção urbana. Esse constitui um dos imperativos da pesquisa sobre Sabará – conhecê-la em suas diversidades e em seu espírito, de modo que as políticas e os produtos de planejamento sejam eficazes e representativos daquela localidade.

Deve-se ressaltar, também, que a continuidade almejada pela postura humanista abrange diversos caracteres: continuidade histórica, social, psicológica e geográfica. Essa continuidade humanista vai de encontro à concepção progressista, na qual a modernidade constrói um processo de ruptura e de descontinuidade, enquanto que a postura humanista coloca como uma de suas principais prioridades a manutenção de uma tradição cultural.

Um segundo ponto levantado pelos humanistas é relativo à higiene mental. A salubridade comportamental diz respeito ao potencial efeito maléfico de características urbanas como supressão da rua e da sociabilidade, presença de vazios mortos, bastante comuns nas expressões progressistas. Outras características que, para os humanistas, podem

concretizar insalubridades mentais são, as também progressistas, estandardização, zoneamento excessivo e fragmentação do espaço.

Assim, a percepção do homem frente ao ambiente em que está inserido é imprescindível para a qualidade de vida do mesmo. Deve-se ressaltar que a construção dos valores passa pelo caráter da percepção que o observador traça com o ambiente. O autor Rapoport (1980) chama a atenção para uma distinção entre algumas classificações do que é chamado de percepção sem maiores classificações. O autor difere três níveis de relação, que vão desde a avaliação (ou estimação), passam pela cognição e culminam com a efetiva percepção. Parece, então, que o conceito de percepção tem sido usado no contexto ambiental no sentido geral do que é “visto”, ao passo que três significados diferentes estão realmente envolvidos:

- Avaliação do ambiente, que se refere à percepção da qualidade ambiental, e, conseqüentemente, preferência, migração, comportamento e decisões. Um melhor termo seria preferência ou estimação (avaliação) ambiental;
- Cognição ambiental, que descreve o modo pelo qual as pessoas entendem, estruturam, e apreendem o espaço e usam os mapas mentais para ajustá-los, aproximando à fruição do conhecimento;
- Percepção ambiental, que, finalmente, descreve a experiência sensorial direta do ambiente pelos que estão inseridos nele num determinado tempo, sendo este o processo para o qual o termo deveria ser reservado. (RAPOPORT, 1980, p. 31).

Assim, a percepção lida com o fato de como a informação é coletada e obtida; a cognição com o fato de como ela é organizada (embora as duas estejam estreitamente relacionadas); e a preferência trata do modo como estas informações são classificadas e avaliadas. Num primeiro momento, esses três aspectos da construção da percepção do ambiente deveriam ser vistos enquanto fases de um processo, mas, posteriormente, deveriam ter suas distinções compreendidas, segundo Rapoport (1980, p. 31).

Para a presente pesquisa é imperativa esta diferenciação em termos de conceitos da relação entre o homem e o ambiente construído. Isto, posto que, a partir da presente extensão urbana, da relação com a região metropolitana de Belo Horizonte e da diversidade urbana que está inserida no contexto da cidade de Sabará, serão encontrados diversos níveis de relação e de percepção para com o ambiente tradicional e para com os ambientes construídos posteriormente. Haverá discrepâncias ora frente a relações apenas cognitivas e distantes, ora frente a experimentações diretas e ativas na construção e na transformação da paisagem, sendo relevante essa distinção quando da análise interpretativo-subjetiva do tecido social sabarense.

Quando tratam da percepção urbana, os humanistas logo recorrem à morfologia urbana,

bem como à sua ressonância sobre o comportamento humano. A contribuição dos estudos da morfologia urbana ao conhecimento da cidade, desde a sua formação até o modo como as mais diversas camadas urbanas se diferenciam ou se correlacionam, é imprescindível para o entendimento da transformação da paisagem a qual os centros urbanos estão sujeitos. A questão da percepção urbana frente à morfologia urbana já fora ressaltada por diversos autores, pois são complementares e de influência mútua: a forma urbana conforma a percepção urbana e os significados que a mesma suscita.

Para Harvey (1996) o ambiente construído se constitui enquanto um complexo de experiência urbana que, há muito, é vital para se forjarem novas sensibilidades culturais. E, ainda, a aparência de uma cidade e o modo como os seus espaços se organizam formam uma base material a partir da qual é possível avaliar e realizar diversas práticas sociais.

Assim, a postura e o pensamento humanistas, bem como as questões relativas à percepção, muito têm a contribuir em termos de abordagem para a presente pesquisa. Essa que busca na compreensão da sucessão de expressões a relação com o passado, reconhecendo a contribuição de linguagem do presente e focando no processo de construção da memória, valores e significados para com os contextos em questão.

### 2.3. OS NOVOS REGIONALISMOS E DISPERSÕES

Esta seção da presente pesquisa visa compor um quadro de abordagens sobre o espaço urbano contemporâneo, com a reflexão e o entendimento da transformação das cidades por estudiosos das mais diversas áreas, de forma a aproximar ao modo como estas modificações urbanas têm se configurado, suas influências e significados e, também, ao modo como esses pensadores imaginam e delineiam a perspectiva do cenário urbano futuro, fulcrados na experiência e na expressão presentes.

Precursoramente, Giovannoni (1931) já apontava para o papel inovador das técnicas de transporte e de comunicação, que colocariam, no futuro, as cidades em movimento, com dois momentos distintos: cinetismo e estabilidade. Isso, pois para o autor “os circuitos de comunicação generalizada não oferecem porto seguro para o repouso. Os seres humanos, contudo, sempre têm necessidade de parar, de se reunir, de morar”. Trata-se da composição de um tipo de organização na forma dual, em pelo menos duas escalas, que o autor explica através de uma metáfora: “de um lado, há a sala de máquinas, de movimento frenético, vertiginoso e barulhento; de outro, os salões e os espaços domésticos”,

estabelecendo uma relação de complementaridade entre si. (GIOVANNONI, 1931).

A tendência para a composição de largos eixos de circulação e a velocidade foram logo entendidos enquanto considerável influência na linguagem e expressão das cidades, as quais teriam que dissociar, de alguma forma, essa tumultuosidade das circulações dos momentos de imperativa tranquilidade que a habitação reclama. Isso se reflete em inúmeros centros urbanos da contemporaneidade, que apresentam restritos números de moradias nos centros de comércio e serviços, situando o grande contingente dessas à margem e a, cada vez mais, maior distância dos centros.

Assim, Giovannoni (1931) levantou a formação da chamada “antiurbanização”, uma nova forma de agregação baseada na fragmentação e na desintegração da cidade, em proveito de uma urbanização generalizada e difusa, antecipando a “era pós-cidades” levantada posteriormente por Françoise Choay (2001), a qual é definida por uma urbanização traçada pelas redes dos grandes equipamentos, que ignora ou desagrega as formas articuladas das antigas aglomerações, compondo partes de um processo que parece “tender a eliminar as cidades e a uniformizar os territórios”. (2001, p. 196).

Essa nova forma de conformação urbana, classificada como “urbanismo de redes” por Choay (2001, p. 243), seria resultado do impacto das novas tecnologias, a partir da segunda metade do século XX, quando passa a haver uma generalização e consagração desse tipo de urbanismo, caracterizado pela extensão das redes de infraestruturas técnicas (fluidos, energias, transportes, informação, etc.), associadas ao gigantismo das redes de telecomunicações.

Grandes equipamentos, a consideráveis distâncias entre si, passam a ser interligados por extensas vias de comunicação. Uma linguagem sob forma de, muitas vezes, um processo de reticulação dos espaços físico-naturais, bem como dos não-naturais, tendo seu funcionamento regido por uma nova ordenação lógica. O que parece caracterizar a grande dissociação dos contextos do século XXI em relação aos tradicionais é a forma como esses últimos se expressavam sob forma de importantes articulações referenciais no ambiente construído, harmonizando esses elementos aos contextos natural e cultural preexistentes.

A autora aponta, ainda, para uma possível crise urbano-arquitetônica no tempo presente, quando edifícios passam a ser concebidos cada vez mais como objetos autônomos, dissociados e estanques dos contextos de que fazem parte, ligados a um sistema de larga infraestrutura; além de, no âmbito urbano, haver cada vez mais a aplicação da organização reticulada, conduzindo gradativamente para o desaparecimento das malhas e ambientes articulados e contextualizados, qualidades atribuídas aos ambientes tradicionais.

Em contrapartida, Choay (2001) ressalta que o patrimônio deve parte de sua atual

valorização e consciência de conservação às referidas e intensas transformações das linguagens urbanas, colocando que as formações antigas, uma vez consideradas entraves ao livre desdobramento de novas organizações do espaço urbano, apontadas como na contramão do processo de urbanização dominante e desafiadas quando da transformação técnico-ideológica, adquiriram sua identidade conceitual e a sua compreensão enquanto patrimônio urbano.

Esta lógica da velocidade e da circulação apontada por diversos autores é, também, apontada pelo antropólogo Augé (1994), que atribui à supermodernidade a produção dos chamados “não-lugares”, os quais são definidos como locais onde a individualidade, a passagem e o efêmero são exacerbados. Locais esses onde cada vez mais a sociedade e seus hábitos tendem à individualidade e à transitoriedade, como por exemplo, rodoviárias, supermercados e, até mesmo, ruas e avenidas. (AUGÉ, 1994, p. 73).

Outro autor referencial para a investigação é o historiador norte-americano Mumford (2008), que levanta diversos questionamentos como, por exemplo: “desaparecerá a cidade ou – o que seria outro modo de desaparecimento – transformar-se-á todo o planeta numa enorme colmeia urbana? (...) Existe ainda uma alternativa real a meio caminho entre Necrópolis e Utopia – a possibilidade de construir um novo tipo de cidade que, livre das contradições interiores, enriquecerá e incentivará de maneira positiva o desenvolvimento humano?” (MUMFORD, 2008, p. 01).

A analogia de Mumford (2008) entre a cidade e uma colmeia possibilita a apreensão da postura deste teórico, que teme uma uniformização exacerbada do território, onde diferenças desaparecem, criando um todo coeso e sem diferenciações internas. O que poderia comprometer, deste modo, as significações urbanas e a própria questão da identidade, que tenderia, por essa percepção, a se tornar uma contraditória identidade genérica. Isto, posto que o termo identidade pressupõe uma diferenciação de um grupo que se reconhece em características específicas, mas que, por uma uniformização irrestrita das paisagens, culminaria na construção de identidades comuns e sem apelo próprio. O autor anunciou, ainda, um polinucleísmo urbano, com seu correlativo, o “regionalismo”, afirmando que o regionalismo pertence ao futuro, adiantando-se a uma tendência da geografia econômica atual.

Outro teórico que pontua claramente esse processo sintomático da transformação social e urbana é Virilio (1991), que levanta semelhantes questionamentos, entretanto, caracterizados por um grande fatalismo, frente ao seu entendimento do desaparecimento das cidades como são conhecidas. Para o autor, ao passo que novas formas de agregação urbana - reflexos de novos ideais de vivência humana - se impõem no contexto atual,

tornam-se cada vez mais raras as referências físicas e temporais do homem que, em meio à efemeridade e transferência de ideias, expressões e referências, tem um descolamento dos seus contextos físicos ou temporais, podendo ser um traço comum e característico da modernidade. O seguinte trecho do autor corrobora esta ideia:

Com a velocidade, o mundo continua a vir até nós, em detrimento do objeto, o qual é agora assimilado ao envio de informação. É esta intervenção que destrói o mundo como nós conhecemos. (...) As técnicas da racionalidade têm nos distanciado ininterruptamente daquilo que tomamos como o advento do mundo objetivo (ou real): as rápidas excursões, o acelerado transporte de pessoas, símbolos ou coisas, reproduzem – através de sua exacerbação - os efeitos de *picnolepsy*<sup>12</sup>, como que provocassem um contínuo e repetido sequestro do indivíduo dos contextos espaço-temporais. (VIRILIO, 1991, p. 101).

O desenvolvimento das velocidades altamente tecnológicas resultaria, então, na desaparecimento da consciência como a percepção direta do fenômeno que informa da existência humana. Ou seja, a espacialização e a experimentação do espaço se tornariam, a cada dia, ações menos diretas e ativas por parte do homem, o qual interagiria cada vez menos com seu meio, bem como com seu contexto social. A tecnologia apresenta um fenômeno sem precedentes na mediação com o tempo.

Fulcrado na questão do transporte terrestre, Virilio (1991) coloca que esta nova relação para com o espaço destrói a relação do tempo. Essa perspectiva da nova relação com o tempo, dos interlocutores em trânsito permanente e cada vez menos direto e objetivo com o mundo real e com o espaço, culmina na análise da metrópole por Virilio. O autor discorre que se a metrópole possui ainda uma localização, uma posição geográfica, essa não se confunde mais com a antiga ruptura cidade/campo, tampouco com a oposição centro/periferia:

A localização e a axialidade do dispositivo urbano perderam há muito tempo sua evidência; não somente o subúrbio provocou a dissolução que se conhece, mas também “a oposição ‘intramuros’, ‘extramuros’ se dissipou ela própria, com a revolução dos transportes e o desenvolvimento dos meios de comunicação e de telecomunicação, daí esta nebulosa conurbação de franjas urbanas”. (VIRILIO, 1992, p.11).

Esta questão dos limites dos tecidos urbanos, das manchas metropolitanas que se derramam pela paisagem natural, transformando-a e gerando um conglomerado sem limites definidos, que, por vezes, se juntam às cidades vizinhas, gerando um espaço conurbado, é bastante recorrente em diversas cidades no mundo inteiro. No objeto sob análise, a cidade de Sabará, a atração à metrópole de Belo Horizonte tem se mostrado um fator importante para o espraiamento das manchas urbanas adjacentes à capital, como também das

---

<sup>12</sup> “*Picnolepsy*” – “do Grego, *picnos*: frequente” (VIRILIO, 1991, p. 10). “*Epilepsy*: surpresa em Grego” (VIRILIO, 1991, p. 113). Pode-se inferir, pela etimologia do termo, que remete a surpresas, emoções ou perplexidades frequentes.

manchas circundantes ao tecido histórico sabarense. A referida metrópole é, sem dúvida, um fator impulsionador e conformador das novas paisagens urbanas em Sabará.

Cullen (1983) define “desurbanismo” como determinados modos de produção do espaço urbano. Para o autor, o conceito de paisagem urbana gira em torno de que um edifício é arquitetura, e dois já seriam paisagem urbana, porque a relação entre dois edifícios próximos é suficiente para libertar a arte da paisagem urbana. As relações entre os edifícios e o espaço entre eles são questões que imediatamente se afiguram importantes; multiplicando-se isto à escala de uma cidade, obtém-se a arte do ambiente urbano. Até um pequeno grupo de edifícios pode assumir uma expressão própria e ser estimulante.

O desurbanismo seria, então, para o autor, um contexto urbano ou cidade construída pela especulação ou pelas autoridades locais, com esta concepção de paisagem urbana não sendo respeitada. Ainda se está, para o autor, em uma fase na qual o edifício isolado é por si a totalidade e finalidade do urbanismo. O pensamento do autor, apesar de situado na década de 80, ainda se apresenta substancialmente atual, uma vez que as edificações são projetadas para serem cada vez mais individuais e estanques, no que tange à relação com o contexto urbano.

O autor tece uma analogia entre as expressões arquitetônicas, ou edifícios, e as letras do alfabeto, colocando que eles não são utilizados para formar palavras coerentes, mas sim “gritos monótonos e desolados de AAAAA! ou OOOOO!” (CULLEN, 1983, p. 135). Expressa, assim, uma crítica às reproduções irrestritas de tipos urbanos em determinadas localidades e seus consequentes zoneamentos funcionais, limitando o discurso e a diversidade urbana, bem como de relações sociais. Essas repetições e homogeneidades dos tipos são, também, identificadas em Sabará, especialmente quando se observam alguns novos bairros residenciais.

Estudos mais recentes, datados do século XXI, e pautados na realidade especificamente brasileira apontam para a dita “urbanização total”, conforme classificam as últimas investigações e conclusões do arquiteto e historiador Nestor Goulart Reis (2006). Trata-se de um novo estágio da vida social no território, com as mudanças se sobrepujando às permanências, caracterizado pelas apropriações extensas dos territórios de forma dispersa.

Ao longo da segunda metade do século XX ocorreu uma elevação acentuada dos índices de urbanização. Este movimento foi acompanhado pelo declínio das áreas centrais e pela expansão ou renovação das periferias. Mais recentemente, estes processos estão estabelecendo um “novo patamar na história: o da urbanização total em partes do território”, conforme anuncia Reis (2006, p. 22). Segundo Reis, isso ocorreu devido

À melhoria nas condições de infraestrutura em quase todas as regiões, levando também à dispersão das unidades produtivas, à formação de grandes correntes migratórias de origem rural em direção às áreas urbanas e, nestas, em direção aos grandes centros, núcleos mais articulados aos centros da economia global. (REIS, 2006, p. 23).

Este fenômeno e processo de espraiamento, de grande urbanização e de dispersão das manchas urbanas já foi levantado nesta presente investigação, se apresentando aplicável e presente na cidade de Sabará, a qual apresenta enquanto núcleo irradiador o centro histórico da cidade de Sabará e, como centro impulsionador e atrativo, a região metropolitana de Belo Horizonte, aproximadamente a 20 km a oeste de Sabará.

O termo “urbanização dispersa”, foco do recente ensaio de Reis, é bem explicitado em seu estudo. A urbanização é lida de duas formas: no sentido físico, de extensão do tecido urbano; bem como no sentido do processo social e demográfico de urbanização, de transferência da população rural para áreas urbanas, adoção de modos de vida urbanos metropolitanos, em áreas densas ou dispersas.

Assim, a urbanização dispersa diz respeito aos conjuntos de cidades médias que passam a ser organizados de modo integrado, como uma área metropolitana, sendo o cotidiano, os modos de vida, de mobilidade e de consumo de sua população semelhantes aos da metrópole. Os casos de “urbanização dispersa” referem-se, também, aos novos pólos suburbanos, relativamente isolados entre as cidades, cujas características morfológicas contrastam com as áreas adjacentes. O fenômeno da urbanização dispersa pode ser, então, encontrado no contexto urbano da cidade de Sabará, quando grandes manchas surgem, isoladas no território, mas que têm grande relação entre si, apesar das grandes distâncias, unidas por um sistema de vias que dão acesso às várias regiões – uma visão mais ampla e relativa às macrorregiões e ao território.

Uma transformação sintomática percebida pelo autor foi a expansão e a renovação dos tecidos urbanos, que Reis (2006) classifica como uma nova modalidade de tecido urbano, cujas características são: as áreas com frequência são isoladas do tecido urbano tradicional, caracterizando descontinuidades, núcleos isolados, empreendimentos de grande porte ocupando vazios urbanos de áreas consolidadas, renovação urbana e reconstrução em áreas degradadas; os empreendimentos iniciais não incluem apenas loteamentos mas também espaços de uso coletivo, infraestrutura, serviços e frequentemente edificações; apresentam em geral uma diversificação de tratamento urbanístico que os destaca do tecido urbano próprio. (REIS, 2006, p. 146).

Outras teorias têm apontado para uma futura dispersão e fragmentação para além do teor físico das cidades, quando da intensificação do processo de regionalismo e das segregações sociais. Souza (2005) aponta o processo da “fragmentação do tecido

sociopolítico-espacial”, resultado da ingovernabilidade urbana, apresentando-se como um obstáculo à construção de ambientes metropolitanos mais conviviais e menos alheios.

Para Souza (2005), a fragmentação de todos estes aspectos será reflexo do esgarçamento do tecido social e da transformação negativa das cidades, resultante da: importância da elite e da classe média local; magnitude da pobreza e segregação residencial; importância sócio-espacial da criminalidade violenta e do tráfico de drogas.

Postos os processos e as teorias construídas com base na transformação das cidades, pode-se inferir, deste modo, que o referido processo de urbanização dispersa, que tem se mostrado bastante recorrente e comum nas cidades contemporâneas brasileiras, é resultado de diversos fatores, já citados a partir da teoria de diversos autores. Podendo-se citar, dentre vários, a difusão dos meios de transporte, o incremento da infraestrutura urbana, a lógica da inserção de grandes equipamentos na paisagem que exigem o percurso de grandes distâncias e cada vez menos relação com a rua e com a realidade objetiva, o crescente advento da velocidade, a individualidade e a transitoriedade, dentre outros.

E, talvez a maior implicação e caráter negativo de tais transformações urbanas, a despeito de linguagens urbanas ou arquitetônicas, é a questão da segregação social a que a população, a cada dia mais, é condicionada no espaço, criando territórios cada vez menos conectados e, principalmente, cada vez menos socialmente contínuos. Assim, a confluência desses diversos aspectos sociais e técnicos parece ter culminado com a formação destes cenários urbanos atuais, que, por vezes, estão presentes no processo de transformação do tradicional espaço sabarense frente à proximidade com a área metropolitana de Belo Horizonte, confirmando a compreensão deste espaço enquanto diverso e cambiante.

#### 2.4. O HIBRIDISMO SOCIOCULTURAL E AS IMPLICAÇÕES URBANAS

A discussão que se intenciona trazer nesta seção diz respeito à diversidade urbana, que tem origem em variações sociais, culturais, econômicas, dentre outras. A coexistência de expressões distintas, aqui entendida enquanto hibridação, faz-se notória na cidade de Sabará – diversidade esta que nas próximas seções será apresentada por meio da exposição e análise de algumas de suas partes (bairros) mais distintas entre si.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Essa distinção e diversidade existentes em Sabará foram apresentadas, anteriormente, sob forma de um artigo na Conferência Morfologia Urbana nos Países Lusófonos - PNUM, como produto parcial da presente dissertação: CASTRIOTA, Leonardo; SANTOS, Jaqueline. A historic city in a metropolitan area: permanence and transformation in Sabará, Brazil. In: *Urban Morphology in Portuguese Speaking Countries - PNUM*, Lisboa: 2012.

Antes, se faz imperativa a aproximação às investigações mais recentes dos processos de hibridação, uma vez que eles levam a novas dialéticas, que ora culminam em processos criativos, ora constroem contradições e conflitos. O termo “híbrido”, que é aportado cada vez mais na interdisciplinaridade dos conceitos e das abordagens das mais diversas disciplinas, tem sua origem nas pesquisas biológicas, que designam por híbrido as combinações de genótipos que, se antes eram entendidas como surgimento de esterilidades e prejuízo do desenvolvimento, os estudos posteriores mostraram que podem gerar fenótipos e características melhoradas, aperfeiçoadas (CANCLINI, 2011, p. XX a XXI). Pode-se, então, fazer uma analogia à hibridação sociocultural, que ora apresenta aspectos conflitantes, ora se mostra como um metabolizador criativo da cultura e da diversidade.

Primeiramente, há que se trazerem as definições assumidas para o termo hibridismo nas ciências sociais. Para Canclini (2011), entende-se por *hibridação* os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2011, p.XIX). A adjetivação “discreta” conduz à ideia de original ou puro, mas o autor alerta que nem mesmo essas estruturas discretas surgiram estanques de outras influências ou fusões, ou seja, as discretas já foram resultado de hibridações anteriores.

Absorvendo esses conceitos para o contexto urbano sob análise, o tecido colonial existente na cidade de Sabará – surgido primeiramente na cidade -, é aqui considerado a estrutura discreta e original das demais hoje existentes. Entretanto, mesmo esse tecido original já é resultado de uma releitura e hibridação entre culturas e expressões, uma vez que as influências colonizadoras portuguesas foram transformadas em uma leitura local própria – que conduziu ao surgimento da expressão colonial mineira – ou barroco mineiro – resultante de um contexto social, cultural e econômico distinto da influência portuguesa.

A esse tecido urbano preexistente, juntamente com suas práticas sociais inerentes a ele, foram sendo acrescidas novas expressões urbanas que, por sua vez, construíram as suas práticas sociais e urbanas próprias. A coexistência dessas distintas expressões e vivências urbanas constitui o foco da presente investigação: entender, nos ambientes e práticas híbridas, como a identidade local se manifesta; se, também, passa a ser híbrida ou se mantém-se atrelada às identidades anteriormente estabelecidas. Canclini (2011) aborda essa questão, colocando que “os processos de hibridação levam a relativizar a noção de identidade”, podendo-se entendê-la enquanto algo tão efêmero e transitório quanto as expressões e práticas sociais. O autor ainda pontua que:

---

Em um mundo tão fluidamente interconectado, as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se reestruturam em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais (CANCLINI, 2011, p. XXIII).

Hannerz (1997) constrói a argumentação dessa mutabilidade da identidade arraigado na idéia de que os processos de hibridação mostram que não é possível falar das identidades como se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-los como a essência de uma etnia ou de uma nação. O autor pontua ainda uma série de operações de seleção das identidades e elementos referenciais escolhidos, que dinamizam ainda mais a construção das identidades.

Assim, identidades e culturas estão sujeitas a transformações no curso natural de seus desenvolvimentos através do processo de transmissão do conhecimento e do seu defrontar às outras culturas. Castriota (2009) pontua que há ainda dois tipos de transformações da cultura: as internas, que resultam da própria dinâmica (que são movidas pelo desejo de novidade, curiosidade, resolução de problemas, etc.), e aquelas usualmente bruscas e rápidas, trazidas pelo contato de um sistema cultural com outro, como na incorporação de elementos trazidos de outra cultura. Este fato foi observado no presente caso, no qual a inserção da lógica industrial na cidade constituiu um dos elementos primordiais na mudança do espaço urbano e das práticas sociais na cidade de Sabará<sup>14</sup>. Além disso, a própria diversidade e variedade das culturas existentes se apresentam como um impulso para avanços e transformações internas.

Desse modo, o intuito desse estudo é a interferência mútua entre as mais diferentes expressões, de modo a entender como se comportam e se transformam as suas referências e suas identidades, objetivando a investigação em um caso específico - a cidade de Sabará. Palenzuela (2005), em suas reflexões sobre o patrimônio em contextos urbanos multiculturais, questiona:

Se falar de patrimônio é falar de nossa singularidade, de nossa própria identidade, há sentido em nos perguntarmos de que maneira se incorporam a esse patrimônio as aportações culturais das novas populações imigradas? Ou é pertinente para ver de que maneira se redefinem nossas identidades em contextos de crescente multiculturalidade? (PALENZUELA, 2005, p.274)

Discussões como essa incentivam a investigação de casos específicos como essas hibridações se materializam e se manifestam na construção identitária. Deve-se atentar, ainda, para os casos em que não ocorrem esta fusão e integração entre as culturas e vivências distintas. Canclini (2011) enfatiza que “uma teoria não ingênua da hibridação é

---

<sup>14</sup> CASTRIOTA, Leonardo; SANTOS, Jaqueline. A historic city in a metropolitan area: permanence and transformation in Sabará, Brazil. In: *Urban Morphology in Portuguese Speaking Countries - PNUM*, Lisboa: 2012.

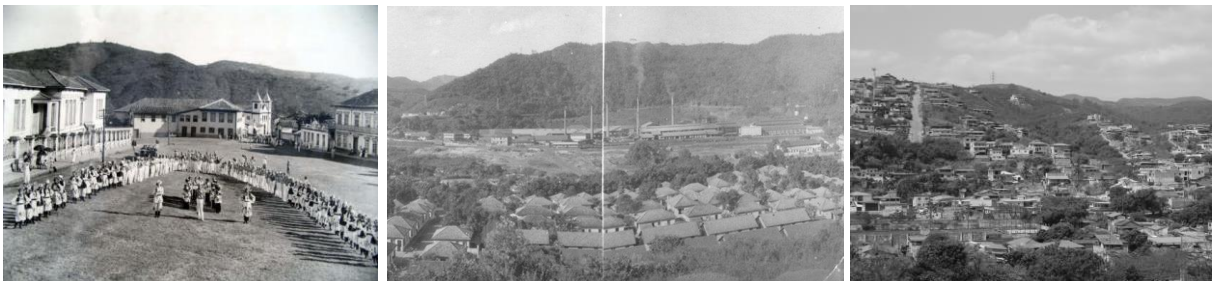
inseparável de uma consciência crítica de seus limites, do que não se deixa, ou não quer ou não pode ser hibridado” (2011, p. XXVII). Assim, esta coexistência de distintas expressões pode culminar com processos criativos, nos quais a fusão e integração entre elas fazem emergir novas expressões culturais; ou não se permitem hibridar, continuando estanques em seu transcorrer no tempo.

Assim, quando tratam das hibridações urbanas, diversos autores afirmam que vão se perdendo os perfis diferenciais dos bairros, rumo à “homogeneização generalizada”, levantada por Canclini (2011) e, também, por Castriota (2009):

A cena urbana contemporânea parece tender para a homogeneização do ambiente construído, mesmo quando, à primeira vista, parece se valorizar a diferença. À medida que a globalização avança, as cidades de todo o mundo tendem a se parecer, com o apagamento das diferenças regionais, principalmente nas metrópoles onde tradições diferentes se encontram e parecem se apagar. (CASTRIOTA, 2009, p. 111)

Canclini (2011) coloca, ainda, que “a falta de regulamentação urbanística, a hibridez cultural de construtores e usuários, entremesclam em uma mesma rua estilos de várias épocas” (2011, p. 304), contribuindo também para esta uniformização da paisagem. Deste modo, são plurais as implicações resultantes dos processos de hibridação de culturas e de distintos pensamentos, que acabam por fomentar o questionamento de como se comportam as construções da identidade em contextos de diferentes origens, historicidades, culturas ou condições sociotécnicas.

Nesse contexto, a partir da percepção da coexistência de diversas expressões culturais e, por conseguinte, urbanas na cidade de Sabará (Imagens 11 a 13), temporalmente distintas, o próximo capítulo consistirá na apresentação e análise de algumas diferentes áreas para, posteriormente, poder ser traçada e melhor apreendida a construção identitária e referencial na cidade (do recorte espacial como um todo), de modo a investigar como se comportam, conjuntamente, as diferentes expressões urbano-culturais.



**Imagens 11 a 13** – Contextos colonial, industrial e contemporâneo, respectivamente.

**Fonte:** Prefeitura de Sabará, sem data; Arcellor Mittal, década de 1930; Autora, 2011.

## 2.5. AS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS EM RELAÇÃO AOS HIBRIDISMOS

A premissa da qual se partiu nesse estudo gira em torno da formação e da transformação das identidades e referências culturais em ambientes onde há justaposição de distintas expressões, ou seja, onde há soma e acréscimo de diferentes parâmetros urbanos e sociais, em um processo que pode ser entendido enquanto uma hibridação.

Assim, conceitos como processos de hibridação e identidade constituem o foco primordial dessa abordagem. Ao primeiro já foi dedicada a seção anterior, sendo que a noção de identidade impera ser neste momento conceituada, segundo entedimento de algumas disciplinas distintas, como a arquitetura e o urbanismo, a sociologia e a antropologia. Isto, de modo a promover um melhor entendimento das identidades e suas possíveis transformações em um objeto real, social e fisicamente em movimento.

Ao investigar os sentidos do lugar, Lynch (1985) condiciona a apreensão dos mesmos “à forma e à qualidade do espaço, mas, também, à cultura, ao temperamento, ao status, à experiência e ao objetivo do observador.” (LYNCH, 1985, p. 100). Assim, o sentido pode variar e se apresentar distinto para os mais diversos observadores. Todavia, o autor ressalta que há alguns elementos constantes, significativos e fundamentais, quando da experiência de um lugar pelas mais diferentes pessoas, conformados pela percepção e pelo conhecimento, de experiências e normas comuns e, principalmente, das normas culturais comuns. O autor define, então, a *identidade*, como a forma mais simples do sentido, classificando-a enquanto “o grau em que uma pessoa pode reconhecer ou recordar de um lugar como algo diferente de outros lugares, enquanto tem um caráter próprio (...), ou ao menos particular” (LYNCH, 1985, p. 100). A identidade pode ser, assim, entendida enquanto um conjunto de significados e valores partilhados por determinados grupos sociais, arraigados em sua experiência e memória.

Segundo Lynch (1985), a análise e a mensurabilidade da identidade de um lugar ou acontecimento podem se dar por meio de alguns parâmetros, como reconhecimento, memória e descrição, observando-se a rapidez ou intensidade dos mesmos.

Entretanto, a noção de identidade tem se destacado como um conceito em transformação. Assim como as culturas modificam-se e alteram-se, as identidades construídas também estão suscetíveis a semelhantes mudanças. Hall (1992) faz uma construção teórica sobre a mudança do entedimento da identidade ao longo dos tempos, partindo do “sujeito do iluminismo”, com uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade (nascia com

ele e se desenvolvia, permanecendo essencialmente o mesmo, dizendo respeito, na verdade, à identidade dele). (HALL, 1992, p. 10-11)

Na concepção sociológica, para o autor, a identidade é algo entre o mundo pessoal e o público (interior e exterior):

O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (...) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 1992, p. 11-13)

Entretanto, o aporte conceitual de Hall (1992) baseia-se na transformação e plasticidade da própria identidade, ao pontuar que "o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas", o que o autor atribui às mudanças estruturais e institucionais. Do mesmo modo, o próprio processo de identificação, mediante o qual o homem projeta suas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esta sintomática evolução na construção identitária, ainda segundo o autor, é um processo que reflete e produz o indivíduo pós-moderno como um indivíduo que não tem uma "identidade fixa, essencial ou permanente", como adjetiva o autor. (HALL, 1992, p. 11-13)

A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente. (HALL, 1992, p. 11-13)

Como pontua o autor, as identidades nem sempre culminam em processos uniformes e não-contraditórios. Assim como os processos de hibridação, que estão sujeitos ao fracasso – por não se deixarem, muitas vezes, hibridar-se (CANCLINI, 2011 p. XXVII), a pluralidade e singularidade das construções identitárias encontram-se arraigadas na mesma tenuidade, pensamento esse compartilhado por Laplantine (2003), ao pontuar que essas não devem ser encaradas como dualidades ou prejuízo às identidades, complementando:

Esta não é mais de forma alguma apreendida como a destruição de uma identidade que se caracteriza por um estado de equilíbrio e harmonia. Ou seja, convém deixar de ter uma compreensão negativa da mudança social, pois esta é co-extensiva ao próprio social, e deve, portanto, se tornar um dos pontos centrais da análise do social. (LAPLANTINE, 2003, p. 115)

A partir deste entendimento sobre a plasticidade cultural e identitária que se introduziram neste estudo as abordagens teóricas ao conceito dos processos de hibridação, os quais tendem a fomentar o referido deslocamento das identidades frente às justaposições de outras culturas, expressões e sentidos, desafiando as identidades íntegras e originais; além de introduzir, também, uma abordagem prática ao contexto real de justaposições existentes em Sabará.

As justaposições urbanas se mostram intrigantes e imperam maiores estudos, posto que é através da presença ou do conhecimento do outro, do diferente, que se constroem e se moldam as identidades, como ressalta Laplantine (2003). A identidade, por ser fixada em um conjunto de signos, referências e influências, além de ver-se desafiada pelo outro, é assim, também, reforçada, pela diferença ante as outras. Portanto, a identidade está relacionada à idéia de alteridade, ou seja, é necessário existir o outro e seus caracteres para escolher por comparação e diferença os caracteres pelos quais o indivíduo se identifica. Laplantine (2003) corrobora este entendimento:

Não é fácil, evidentemente, segurar as duas extremidades da cadeia, isto é, o acesso à compreensão do outro por si e à compreensão de si pelo outro. Se a identificação integral com este é, a meu ver, um erro, a antropologia nos engaja, porém nessa aventura que nos ensina que não se deve identificar integralmente consigo mesmo. O outro é uma figura possível de mim, como eu dele. Esse descentramento mútuo do observador e do observado não pode mais ser, no final dessa experiência, o sujeito transcendental do humanismo. Mas nem por isso as identidades de uns e outros estão abolidas, passam a ser apreendidas do interior mesmo de sua diferença, isto é, a partir de uma relação. (LAPLANTINE, 2003, p. 156)

Assim, na consciência do outro e de si, a identidade se vale da memória para evocar suas características. Além da memória, a identidade encontra no reconhecimento e na descrição os demais parâmetros que permitem verificar seu caráter e intensidade em determinado contexto. Para tanto, no presente estudo, a medição/apreensão dos elementos identitários da comunidade estudada deu-se mediante as entrevistas realizadas, quando solicitou-se aos entrevistados que citassem os lugares mais representativos da cidade para eles, ao responderem a questão: *se você fosse tirar uma foto de Sabará, de onde tiraria?* O questionamento possibilitou o conhecimento dos símbolos que permeiam o imaginário destes grupos sociais.

A construção e eleição dos símbolos ancoram-se na memória, devendo-se destacar seus caracteres de escolha, uma vez que são frutos da lembrança, estando sujeitos à lembrança

ou ao esquecimento. Para Kohlsdorf (2005), “a conversão de certo lugar em símbolo (...) é emocional, pois a construção de lembranças está em função da história interior do sujeito; na edificação dessa história, a identidade atua mostrando determinadas permanências no tempo”. (KOHLSDORF, 2005). A percepção constitui-se enquanto um elemento decisivo na construção dos referenciais identitários e na eleição dos seus símbolos, sendo que, quanto mais esse processo ocorrer na percepção cotidiana das populações, maiores serão seus vínculos com lugares relevantes à memória social, como aponta Kohlsdorf (2005).

As diversidades socioculturais vêm pluralizar e desafiar ainda mais a eleição de símbolos e referenciais das comunidades. Esta condição é impulsionada na modernidade, principalmente a partir do século XX, quando as fronteiras físicas ou virtuais apresentam-se cada vez mais fluidas e transponíveis. A modernidade é caracterizada por Berman (1986) como uma “profunda dicotomia, uma sensação de viver em dois mundos simultaneamente”, o presente e o futuro que está por vir juntamente com diversas incessantes transformações. O autor pontua, ainda, as dificuldades encontradas ao encarar a modernidade do século XX, como as necessidades que inspiram e atormentam as sociedades da modernidade:

Desejo de nos enraizarmos em um passado social e pessoal coerente e estável, e nosso insaciável desejo de crescimento - não apenas o de crescimento econômico mas o crescimento em experiência, em conhecimento (...) crescimento que destrói as paisagens físicas e sociais do nosso passado (...) e nossa desesperada fidelidade a grupos étnicos, nacionais, classicistas e sexuais que, esperamos, possa dar-nos uma firme “identidade” (...). (BERMAN, 1986, p. 34).

A busca pela identidade, como destaca o autor, é um dos imperativos da modernidade, ou seja, dos indivíduos que nela buscam se refletir, se localizar e se entender, enquanto componentes de determinado grupo social. Cabe destacar a ampliação do aporte conceitual do autor sobre o pensamento sobre a modernidade do século XIX em relação à do século XX. Para Berman (1986), esse século deveria incorporar mais as posturas modernistas daquele momento anterior, quando se era, ao mesmo tempo, entusiasta e inimigo das incessantes modernidades. Através de um pensamento crítico, se buscava ir de encontro às dificuldades e às contradições que eram criadas; adotava-se o “isto e aquilo”, ao invés do “isto ou aquilo” que foi adotado no século XX - dualidade fomentada ainda mais quando a discussão é trazida para a tendência de hibridação da contemporaneidade.

Traçados os aportes conceituais que permitem entender a noção de identidade, desafiada pelo crescente hibridismo que envolve as cidades contemporâneas, o próximo capítulo tratará da apresentação e análise de alguns bairros/áreas selecionadas no recorte sócio-espaço-temporal de Sabará, anteriormente estabelecido, de modo a possibilitar a compreensão das distintas historicidades existentes e os consequentes hibridismos.

### 3. ASPECTOS HISTÓRICOS, NATURAIS, MORFOLÓGICOS E SOCIAIS DOS BAIRROS DE SABARÁ

O presente capítulo intenciona explicitar as principais características históricas, naturais, urbanas e sociais dos bairros componentes do recorte sócio-espaço-temporal estabelecido - que compreende o centro histórico e alguns dos bairros que o cercam, como pode ser visto na figura abaixo:



**Imagem 14** – Recorte sócio-espaço-temporal a ser investigado.

**Fonte mapas base:** Prefeitura Municipal de Sabará, 2005; Google Earth, 2012 (sem escala).

Para tanto, esse capítulo se estrutura em quatro abordagens distintas de cada bairro analisado: abordagem histórica, natural, física e social. Segue a metodologia a ser adotada em cada uma delas:

- abordagem histórica: apresentação da situação/localização de cada área, seguida de um resgate histórico do seu desenvolvimento, ora através de leituras oficiais da história local (encontrada em livros e artigos), ora por meio de relatos orais de um indivíduo de mais longa vivência em cada bairro, ao narrar suas lembranças do surgimento do bairro e descrever as impressões acerca das transformações ocorridas no espaço onde está inserido. Esse resgate histórico elucidará, posteriormente, a construção valorativa de cada bairro investigado, uma vez que o passado e a história, muitas vezes, constituem o aporte valorativo e simbólico dos espaços;

- abordagem natural: de modo a pontuar os elementos naturais existentes em cada bairro que, de alguma forma, conduziram ou influenciaram o crescimento e desenvolvimento do bairro. Esta seção compreende a apresentação da topografia local, das características das coberturas vegetais, dos cursos hídricos existentes e dos limites físicos do bairro. Ao final desta abordagem, será apresentado um croqui esquemático e simbólico dos principais condicionantes naturais verificados em cada bairro, o que responderá e esclarecerá muitas das características físicas e urbanas verificadas nos bairros, sejam essas resultantes de planejamentos urbanos prévios ou mesmo de crescimentos espontâneos das ocupações nos bairros;

- abordagem física: quando da abordagem acerca do caráter físico dos espaços sob análise, serão aplicadas técnicas de análise espacial. Por meio de mapas e desenhos (vindos de bases cadastrais/ cartográficas públicas, como Prefeitura Municipal de Sabará (PMS), Planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PLAMBEL) e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), todos esses órgãos caracterizados por possuírem dados relativos à cidade e registros da transformação da mesma, bem como por serem fontes públicas de divulgação de dados e bases), intenciona-se analisar a forma urbana dos espaços em questão. Os seguintes parâmetros serão explicitados: a proporção de áreas edificadas x áreas livres de cada bairro (por meio de uma sequência de mapas registrados em períodos diferentes das ocupações urbanas, de modo a possibilitar a leitura da transformação urbana ocorrida em cada bairro); a implantação dos bairros; o parcelamento urbano; a lógica do sistema viário estabelecido; o zoneamento/classificação da área segundo a Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS); seus usos e atividades; os tipos edifícios presentes na área e o número de pavimentos das construções.

Essa técnica foi desenvolvida em sua origem pelas escolas inglesa e italiana da morfologia urbana, que analisam, sistematicamente, planos urbanos, tipos edifícios e usos e atividades, de modo a compor, posteriormente, uma leitura que abranja todos esses aspectos físicos da cidade - os chamados tecidos urbanos, relativos à unidade dentro de cada região e, posteriormente, as historicidades inerentes a cada bairro existente. Essas historicidades são definidas, segundo o geógrafo M. R. G. Conzen (1966), como os fatores que imprimem força à unicidade que cada paisagem urbana apresenta, ou seja, a unicidade está associada à maior variedade das características urbanas e arquitetônicas dos lugares. Cidades históricas de maior porte, que tenham planos urbanos com unidade e apresentem mais de um período histórico de desenvolvimento, têm a tendência a apresentar maior singularidade na sua historicidade. O grau de historicismo das cidades está, então, refletido na distinção entre as zonas criadas durante os diferentes períodos de crescimento urbano.

A abordagem física do espaço culminará com a composição de um croqui esquemático e simbólico com os principais condicionantes físicos e estruturais que influem na leitura do

espaço de cada bairro analisado, de modo a responder em que grau a forma urbana intervém e influencia na construção imagética e simbólica da cidade:

- abordagem social: por meio de investigações de caráter interpretativo-subjetivo, intenciona-se aplicar a técnica de entrevistas estruturadas a um universo da população pré-estabelecido (escolhido através de uma amostra probabilística simples, ou seja, uma escolha aleatória por sorteio das residências, elevando a diversidade almejada para universo a ser investigado)<sup>15</sup>. Serão aplicadas questões previamente formuladas e estruturadas, através de entrevistas diretas a um morador disponível de cada residência sorteada. Isto, na intenção de compreender como as pessoas entendem o espaço onde estão inseridas, bem como quais são suas percepções e relações para com o tradicional contexto colonial sabarense.

Esse roteiro estruturado das entrevistas (Apêndice A) está organizado em três categorias: sujeito – aborda os dados socioeconômicos do entrevistado, de modo a se aproximar/entender a sua realidade objetiva e prática (dentre eles, sexo, idade, tempo de moradia no bairro, etc.); lugar – aponta como veem e percebem o espaço em que estão inseridos, bem como os valores que atribuem ao espaço em questão (pontos referenciais na cidade, locais das relações socioculturais, limites do bairro, etc.); prospecção – momento no qual avaliam as propensões da transformação urbana no espaço em que estão inseridos (o que poderia ser melhorado no bairro ou na cidade como um todo, como avaliam o futuro da cidade, etc.). Isto, posto que a percepção do homem frente ao ambiente em que está inserido é imprescindível para o entendimento da construção dos valores, como pontua Rapoport (1980).

Com essa abordagem ao corpo social e suas impressões, é almejado um entendimento dos valores atribuídos aos espaços e às relações sociais estabelecidas nos mesmos. As entrevistas responderão e possibilitarão o entendimento de como a forma urbana interfere na percepção social da cidade de Sabará (ou seja, investigar o caráter socioperceptivo e valorativo da morfologia urbana do lugar); bem como irão auxiliar na seguinte questão: os hibridismos que passam a ocorrer no teor urbano culminam com um hibridismo, também, simbólico e referencial? Ou as referências e identidade continuam arraigados nas preexistências urbanas?

Assim, essas quatro abordagens serão atribuídas a cada bairro presente no recorte sócio-espaço-temporal definido, incluindo o centro histórico. Sendo que, o próximo capítulo, será dedicado ao cruzamento dessas informações no âmbito total do recorte estabelecido, não mais das partes do mesmo, mas da totalidade das relações construídas nesse contexto.

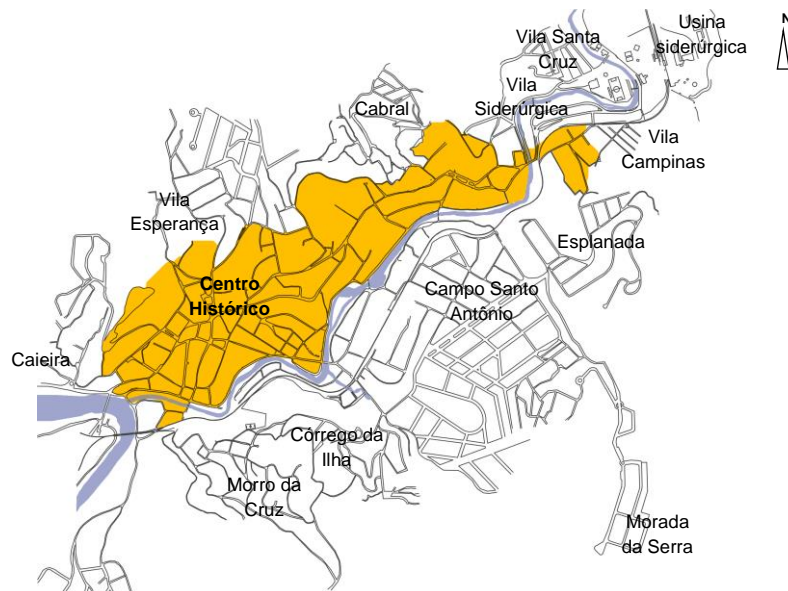
---

<sup>15</sup> MARCONI; LAKATOS, 2003.

### 3.1. O CONTEXTO DO CENTRO HISTÓRICO

O centro histórico da cidade de Sabará é definido pelo contexto tradicional com os exemplares urbanos e arquitetônicos datados do início do século XVIII. O núcleo urbano inicial da cidade de Sabará, datado do período colonial mineiro, teve sua ocupação iniciada às margens do rio Sabará, até a confluência com o rio das Velhas, trecho esse onde a mineração mais prosperou.

O crescimento da cidade se deu a partir da irradiação desse centro, conformando diversos bairros ao redor do mesmo. A figura abaixo (Imagem 15) evidencia este envolvimento, frente ao surgimento dos demais bairros:



**Imagem 15** – Mapa chave de localização do centro histórico de Sabará.

**Fonte mapa base:** Prefeitura Municipal de Sabará, 2005 (sem escala).

#### 3.1.1. APRESENTAÇÃO/HISTÓRICO

O centro histórico de Sabará é definido pelo antigo percurso entre alguns dos principais arraiais conformados à época da extração aurífera, estabelecidos ainda no século XVIII. Dentre esses, compõem o tecido colonial remanescente: os tecidos urbanos do antigo arraial da Barra do Sabará, do arraial da Igreja Grande e do arraial de Tapanhoacanga (Imagem 16); sendo esses os que mais mantêm preservadas as características coloniais, como o plano urbano e grande parte das edificações relativas à época.

Assim, percebe-se um caminho tronco principal (destacado em amarelo nas Imagens 16 e 17), que transpassava diversos dos elementos religiosos mais relevantes, inseridos em largos urbanos e articulados com os demais percursos da cidade. Este “eixo tradicional” vai desde a igreja São Francisco de Assis (localizada no antigo arraial da Barra do Sabará), passa pela praça Santa Rita (onde existia a igreja Santa Rita, demolida no século XIX), pela praça Melo Viana (à frente da igreja Nossa Senhora do Rosário ou igreja de pedra), pela igreja Nossa Senhora do Carmo (que se localiza no ponto mais elevado do caminho tronco) e pela igreja Nossa Senhora da Conceição (ou igreja Matriz), até culminar com a pequena igreja Nossa Senhora do Ó, no antigo arraial de Tapanhoacanga (Imagem 16).

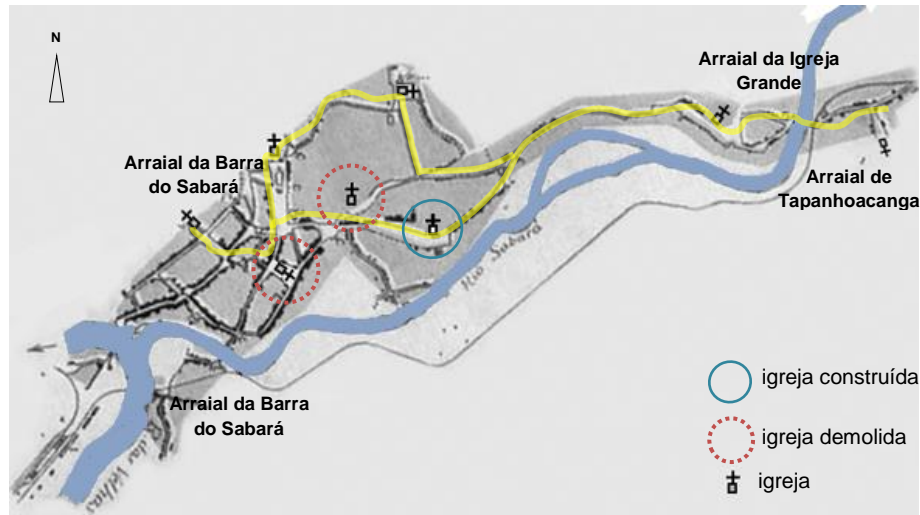
Como se pode observar nos mapas que seguem (Imagens 16 e 17), havia uma “alça” nesse caminho principal, que levava à igreja Nossa Senhora das Mercês. Cabe ainda ressaltar, com base na comparação entre as duas imagens que seguem, a demolição e inserção de algumas capelas e igrejas frente ao desenvolvimento do arraial, substituindo, assim, pequenas capelas por igrejas maiores, pois, segundo Zoroastro Passos, algumas capelas provisórias tinham dois destinos: “se a mineração progredisse, elas iam sendo substituídas pelas igrejas definitivas; se não, elas desapareciam, sem deixar vestígios nos locais onde existiram, tão precárias seriam algumas de suas construções, e sem que a tradição as pudesse conservar”. (PASSOS, 1942, p. 02-03)

Várias dessas transformações ainda no período colonial podem ser observadas nas Imagens 16 e 17, sendo as capelas circuladas em vermelho as que foram demolidas e os exemplares circulados em azul os que foram inseridos de um registro para o outro, provavelmente datados do início do século XVIII e final do mesmo século, respectivamente.



**Imagem 16** - Mapa com os primeiros registros de ocupações dos elementos religiosos na cidade de Sabará, no início do séc. XVIII.

**Fonte:** PASSOS, 1942 (sem escala).



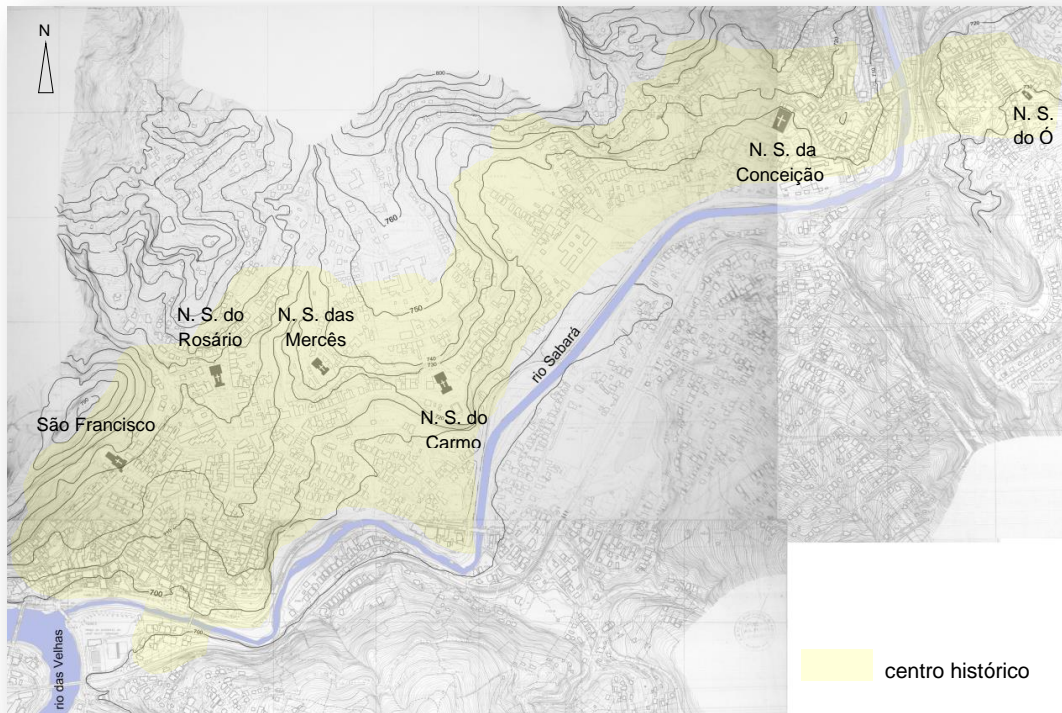
**Imagem 17** - Mapa das ocupações no período colonial em Sabará, em fins do século XVIII.

**Fonte:** Prefeitura Municipal de Sabará - Álbum Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes, 1927.

### 3.1.2. CONDICIONANTES FÍSICOS E NATURAIS

O tecido urbano do centro histórico da cidade de Sabará, uma vez que foi impulsionado pela atividade de extração aurífera no rio Sabará e rio das Velhas, tendeu a estabelecer seus primeiros núcleos urbanos ao longo dos vales desses dois cursos de água. Assim, a figura abaixo (Imagem 18) evidencia essa ocupação, bem como as características do terreno, que apresenta diversas elevações montanhosas que, inicialmente, se apresentaram como contenedoras da ocupação.

O centro histórico se desenvolve ao longo da cota 700m até a cota 760m, aproximadamente, sendo circundado por diversas elevações montanhosas. Os elementos religiosos mais relevantes foram inseridos em momentos distintos da topografia, ora à frente de acentuados aclives, compondo uma forte expressão de fundo e figura (como nas igrejas São Francisco e Nossa Senhora do Rosário); ora sobre os cumes, posicionados em imponência (como a igreja Nossa Senhora do Carmo); ora sobre um terreno mais plano (como a igreja Nossa Senhora da Conceição ou igreja Matriz, essa que construiu, também, uma forte relação com o morro conhecido como Dois Irmãos, que compõe a paisagem da parte posterior da mesma) (Imagem 18).



**Imagem 18** - Levantamento topográfico e de ocupações no centro histórico de Sabará.

**Fonte:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

Quanto às coberturas vegetais, estas permeiam grande parte do centro histórico. A partir da imagem aérea abaixo (Figura 19), verificam-se alguns grandes grupos vegetais inseridos em seu tecido físico, coincidentes com as inclinações menos favoráveis à ocupação.



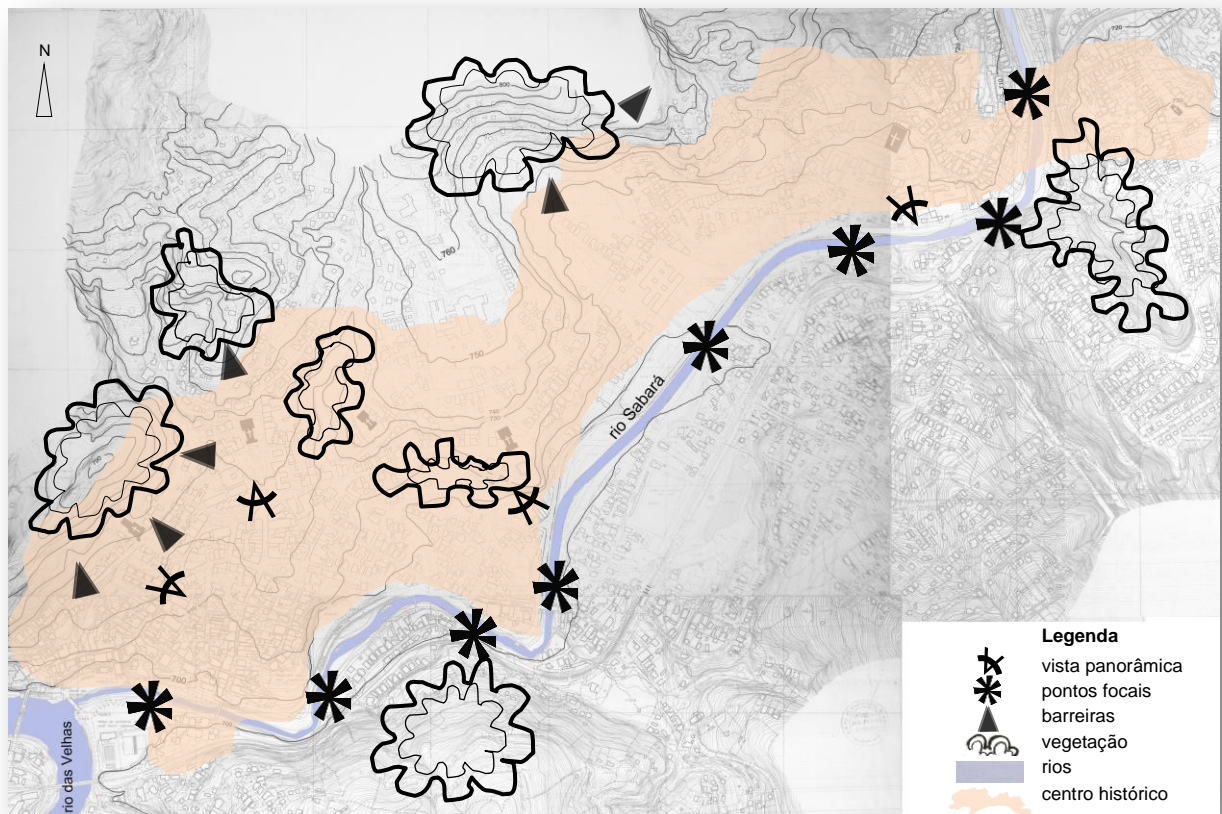
**Imagem 19** - Vista aérea do centro histórico, com destaque para os grupos vegetais existentes.

**Fonte:** Google Earth, 2012.

O interior dos quarteirões/lotes, conforme mostra figura acima (Imagem 19) apresenta mais áreas edificadas do que áreas livres, proporcionalmente (o que será explicitado na próxima seção, quando serão abordados o adensamento e as transformações físicas do centro histórico). Cabe ressaltar, ainda, a presença de vegetação ao longo do rio Sabará (pelo qual o centro histórico se delinea) que, entretanto, apresenta reduzidas dimensões para configurar uma mata ciliar de efetiva proteção ao curso d'água, pois há momentos em que a via urbana ladeia diretamente o curso, não havendo quaisquer grupos vegetais.

Quanto aos seus limites, o centro é conformado em toda sua face sul pelo curso do rio Sabará, sendo que transpassa o rio apenas nas proximidades da confluência com o rio das Velhas e em sua porção mais à direita, onde se apresenta a igreja Nossa Senhora do Ó. Em todos os seus demais perímetros, o centro histórico é limitado pelos bairros que surgiram e cresceram em suas proximidades, ocupando diversas das elevações montanhosas que contiveram este núcleo em sua origem.

A seguir, uma esquematização que evidencia os principais condicionantes naturais para o desenvolvimento do centro histórico (Imagem 20). A proximidade ao rio Sabará foi o primeiro condicionante para ocupação dos arraiais que compõem o atual centro histórico da cidade. Somado à proximidade ao leito do rio, o surgimento desse núcleo urbano foi condicionado pelas acentuadas inclinações que se desenvolvem em toda esta área, norteando a localização das igrejas, capelas e demais edificações.



**Imagem 20** – Croqui dos elementos naturais, condicionantes do desenvolvimento do centro histórico.

Fonte mapa base: PLAMBEL, 1977 (sem escala).

### 3.1.3. EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO

A sequência de mapas apresentada ao lado evidencia a transformação e a evolução do espaço urbano do centro histórico de Sabará, explicitando como o referido trecho se desenvolveu e teve seu espaço urbano transformado por meio da diagramação que destaca os espaços edificados (elementos destacados na cor preta) e os espaços livres. Os recortes temporais estabelecidos compreendem o levantamento urbano realizado em 1937 (Prefeitura Municipal de Sabará), seguido pelas transformações observadas já em 1977 (PLAMBEL) e culminam com a situação atual traçada mediante imagens aéreas do bairro (Google Earth).

Primeiramente, a figura ao lado (Imagem 21) destaca as primeiras ocupações na área, ainda no século XVIII. Nessa imagem, nota-se o tecido tradicional originado no período colonial, com destaque para a articulação viária e principais elementos religiosos localizados a frente de largos. As edificações, inseridas nas testeiras dos lotes, já definiam claramente as vias e as articulações da cidade. Essa configuração se mantém preservada até os dias atuais (2012), conhecida como o centro histórico da Sabará.

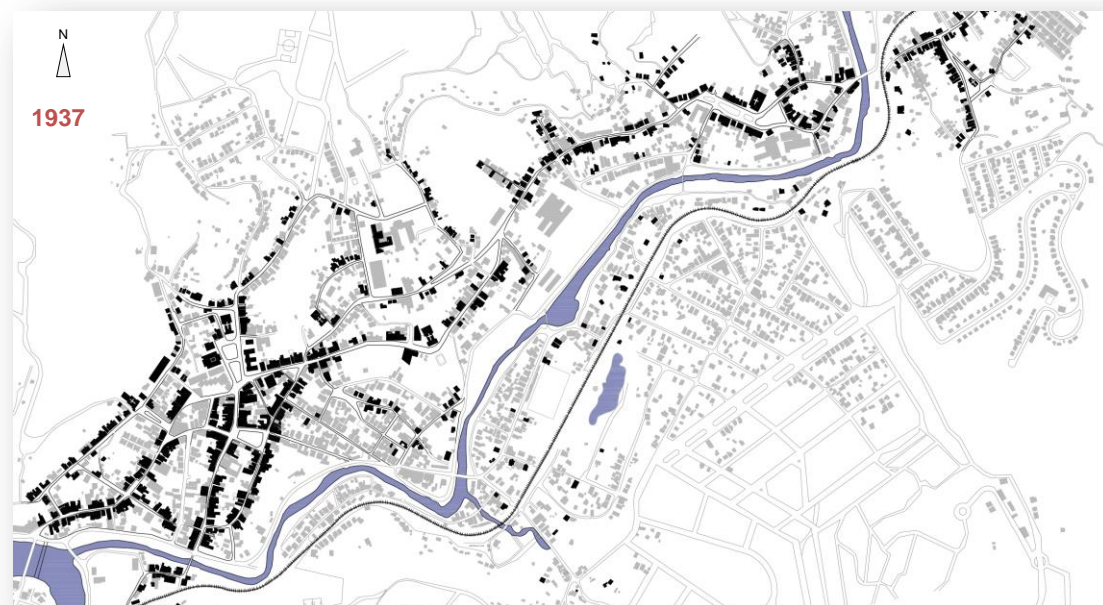


**Imagem 21** – Mapa das ocupações no período colonial.  
**Fonte:** PMS (Álbum Chorographico Municipal do Estado sendo de Minas Geraes, 1927).

O mapa de 1937 (Imagem 22) já mostra como a cidade tendeu a se expandir, irradiando-se a partir desse “centro” (esse que se expressa de forma alongada, uma vez que corresponde ao caminho tronco estruturador da cidade). O aumento da densidade se deu através da ocupação das áreas/lotes vazios ao longo dos eixos viários já estruturados. Ainda nessa imagem, as áreas edificadas em 1977 foram destacadas na cor cinza, de modo a explicitar o adensamento urbano e como a irradiação seguiria presente.

Assim, o mapa da 1977 (Imagem 23) destaca como o centro histórico teve seus quarteirões adensados, por meio da construção no interior dos mesmos, da criação de novas vias (que dividiram diversos quarteirões, transformando-os em duas ou mais quadras), bem como da inserção de grandes equipamentos, como escola, hospital, dentre outros.

E, por fim, o mapa de 2012 (Imagem 24) conduz à leitura da intensidade com que o centro histórico tendeu a ser adensado, por meio da ocupação de lotes vazios, do interior dos quarteirões, bem como das áreas residuais. Destaca-se, também, o contexto que envolve o centro histórico, que progressivamente foi ocupado pelos demais bairros, fomentados pela proximidade a esse centro (alguns desses bairros serão abordados nas próximas seções).



**Imagem 22** (à esquerda na parte superior) – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.

**Fonte:** Prefeitura Municipal de Sabará (PMS), 1937 (sem escala).

**Imagem 23** (à esquerda na parte central) – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977 (sem escala).

**Fonte:** PLAMBEL, 1977.

**Imagem 24** - (à esquerda) – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – ano de 2012.

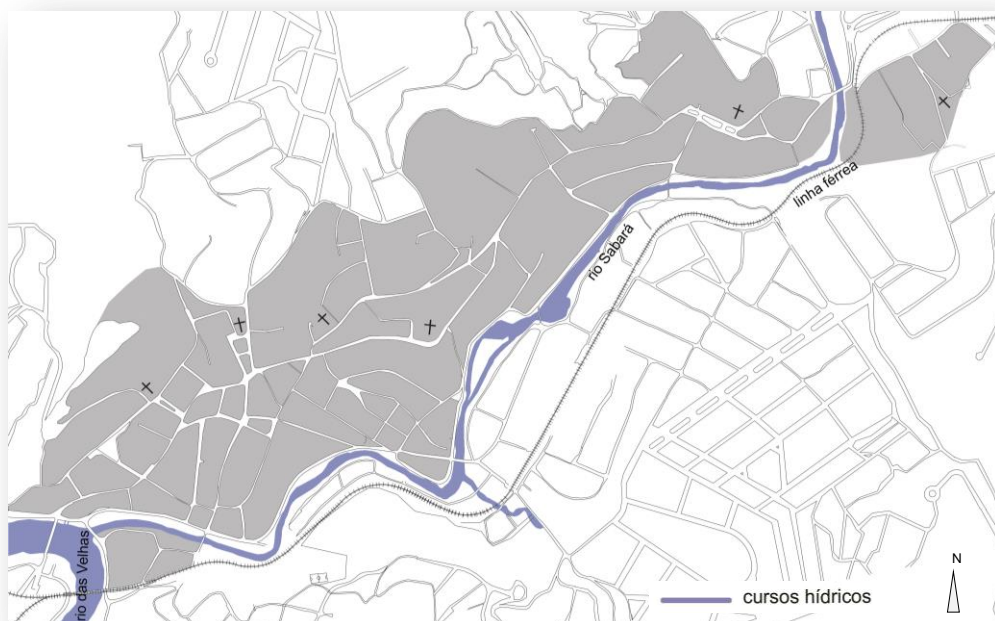
**Fonte:** Google Earth, 2012 (sem escala).

### 3.1.4. CARACTERÍSTICAS URBANAS E MORFOLÓGICAS

As características de implantação adotadas no tecido urbano do centro tradicional de Sabará seguem os moldes adotados normalmente pelos colonizadores portugueses. Uma dessas características presentes no tecido colonial mineiro, de um modo geral, é que, na configuração do eixo urbano, as igrejas colocavam-se no interior das quadras, tangenciando os logradouros públicos, sendo os templos erguidos no centro de largos, circundados por praças ou ruas e independentes das demais quadras. Para Vasconcellos, essa solução, de certo modo, valorizava bastante os edifícios religiosos, acrescentando às povoações um incipiente paisagismo e bons efeitos de perspectiva. (VASCONCELLOS, 2004, p. 146). O autor ressalta o caráter orgânico do desenho urbano:

A configuração espontânea e longilínea dá às povoações uma configuração mais orgânica, uma adaptação maior às condições do terreno (...). O traçado fica mais dinâmico e, frequentemente, permite arranjos plásticos, que funcionam como cenários, em perfeita harmonia com a paisagem circundante. O povoado (...) ameniza os aclives com traçados coleantes, absorve os terrenos mais favoráveis e rejeita os impróprios, participando da vida de seus habitantes, como uma entidade também viva e livre de contenções determinadas por regras fixas ou tentativas de racionalização divorciadas da realidade. (VASCONCELLOS, 2004, p. 146).

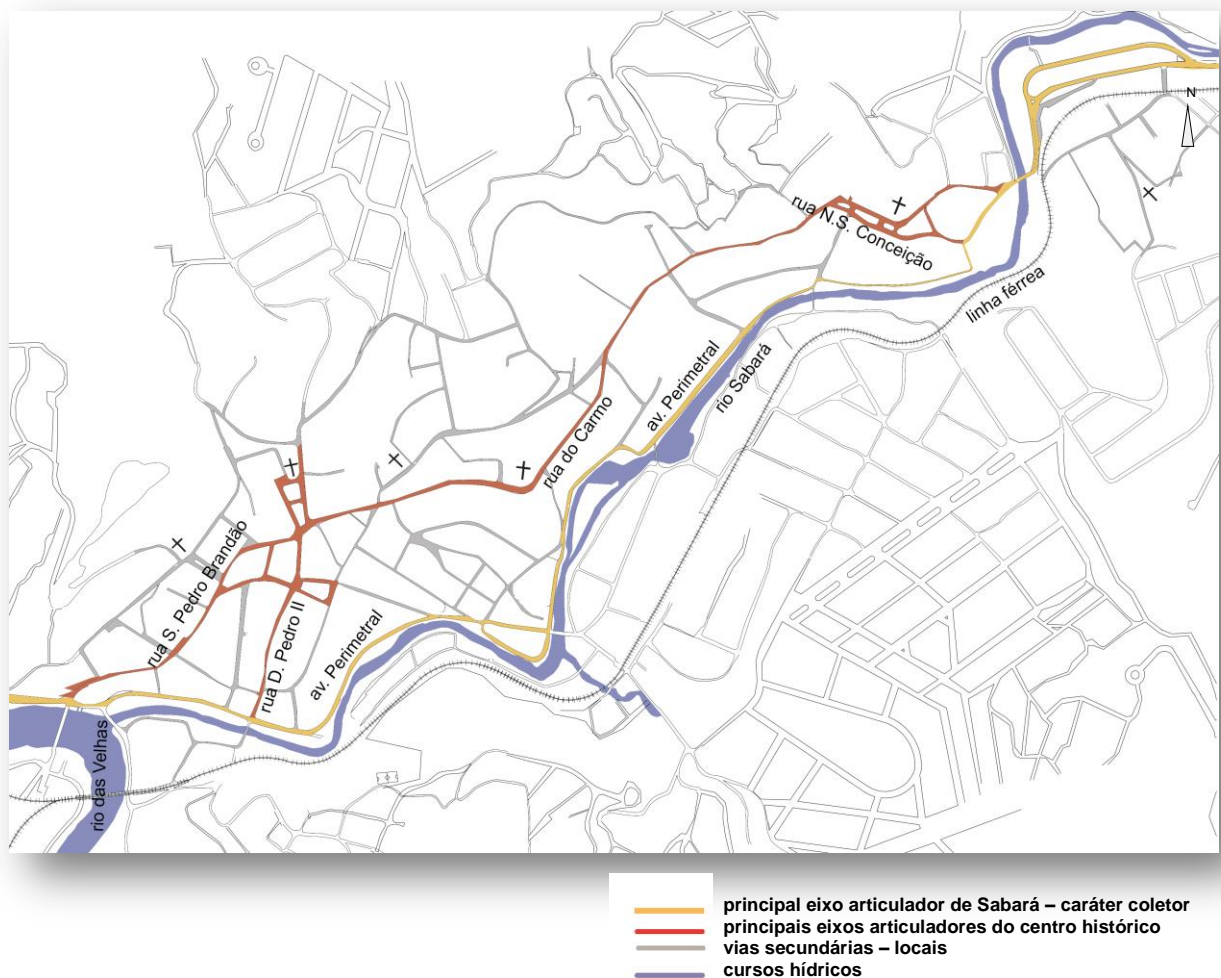
O parcelamento urbano do tecido tradicional, deste modo, expressa-se por meio de quadras de formatos irregulares, que tendem a adequar-se às condições topográficas, apresentando diferentes dimensões. Os quarteirões organizam-se ao longo de um caminho tronco principal, sendo que as quadras dos vários elementos religiosos o tangenciam (Imagem 25).



**Imagem 25**– Conformação de quadras e parcelamento das quadras do centro histórico de Sabará.  
**Fonte mapa base:** IPHAN, 2003 (sem escala).

O sistema viário do centro histórico caracteriza-se por um caminho central principal que transpõe alguns dos mais relevantes equipamentos religiosos, desde a igreja São Francisco até a igreja Nossa Senhora do Ó. Compõem esse eixo principal a rua São Pedro Brandão, a rua do Carmo e a rua Nossa Senhora da Conceição, dentre outras (Imagem 26). Assim, a esse eixo original do surgimento inicial da cidade acresceu-se a avenida perimetral, ao longo do rio Sabará, que apresenta caráter coletor, sendo que muitas vezes recebe o tráfego intenso das rodovias estaduais. A relevância da avenida perimetral na circulação e na mobilidade da cidade de Sabará é tão preponderante que, muitas vezes, ao se transpor a cidade, pode-se nem mesmo adentrar em sua ambiência histórica colonial; isto, por um lado, preserva os elementos históricos remanescentes de uma convivência mais agressiva frente ao trânsito de veículos, mas por outro distancia os visitantes e até mesmo moradores de uma relação mais direta e objetiva para com as mesmas.

Soma-se a esse sistema viário, ainda, as vias mais locais, que compõem o contexto articulado e de forte dinamismo urbano – ruas estreitas que por vezes culminam em largos imponentes e pictóricos, etc..



**Imagem 26** – Principais eixos viários existentes no contexto do centro histórico de Sabará.

**Fonte mapa base:** IPHAN, 2003 (sem escala).

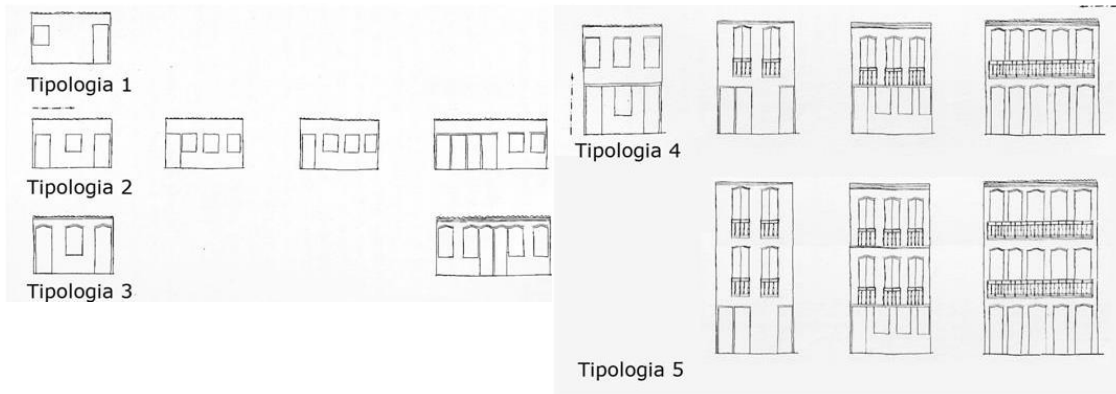
O centro histórico de Sabará está compreendido dentro do perímetro urbano de Sabará. A Lei de Uso e Ocupação do Solo o classifica como ZUM - Zona de Uso Misto e APC I – Área de Proteção ao Patrimônio Cultural I (enquanto uma Área de Interesse Especial). O caráter residencial e de habitabilidade da área se manteve (ainda habitado pelos antigos moradores), não sendo diminuído pela valorização do historicismo da área, fato que recorrentemente repercute em diversas outras cidades, denominado processo de gentrificação – caracterizado pela expulsão da população local. Observam-se, apenas, outros usos sendo acrescidos, como mais serviços e comércios locais.

A diversidade das atividades existentes no centro histórico é um fator determinante para a vivência, percepção e aproximação da população residente nos demais bairros a esse núcleo urbano (frente à deficiência dos bairros em relação a essa diversidade de usos); relações essas que foram recorrentemente percebidas e pontuadas quando das entrevistas.

Os caracteres residencial, comercial, recreativo, cultural e institucional são disseminados por todo o centro e adaptados às características coloniais remanescentes quando necessário; por exemplo, a inserção de bancos e serviços no casario tradicional, o que não intervém nas volumetrias, fachadas ou ambiência geral da obra. Este tipo de adequação corresponde ao imperativo contemporâneo do patrimônio, que a obra do passado existe no presente e, para tanto, reclama usos e adequações atuais. Entretanto, isto leva, muitas vezes, a conflitos de valores, como entre o valor histórico e o de uso, como aponta Riegl (1858).

Quanto aos tipos edifícios, grande parte do casario e das ambiências remanescentes do período colonial foi mantida. Deve-se atentar para o adensamento do interior dos quarteirões, o que, entretanto, não interfere diretamente na percepção do ambiente tradicional.

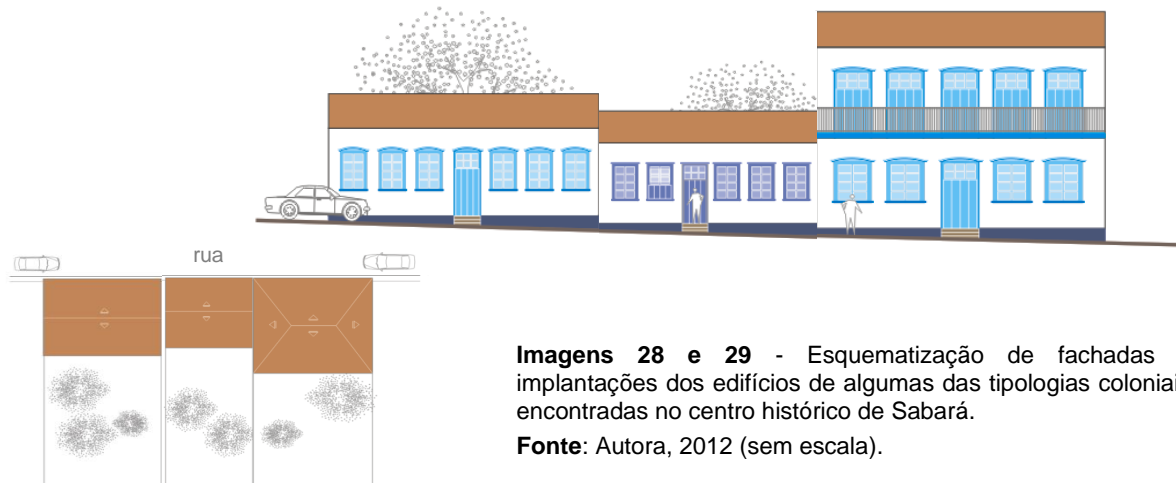
Pode-se identificar que o tecido colonial do centro histórico tende à homogeneidade de seus tipos edifícios residenciais, ainda que apresente algumas inserções ecléticas ou contemporâneas (pontuais). O centro histórico é, assim, composto das tipologias básicas atribuídas à tradição colonial, definidas por Vasconcellos (1951). As cinco tipologias definidas pelo autor (Imagem 27) ocorrem distribuídas ao longo da área, que vai desde a igreja São Francisco até a igreja Nossa Senhora do Ó. Predominam, entretanto, as tipologias 2, 3 e 4, de forma mais disseminada. Há ainda a inserção pontual de elementos ecléticos na área do centro histórico – por exemplo, algumas edificações na praça Santa Rita (Imagens 33 e 34) e as residências à frente do largo da Igreja do Ó, com suas fachadas ecléticas com platibandas e frisos (Imagem 35).



**Imagem 27** - Tipos edifícios identificados nos contextos coloniais tradicionais.

**Fonte:** VASCONCELLOS, 1951.

Assim, o centro histórico expressa-se por uma paisagem marcada pelo casario do período colonial do século XVIII, predominando edificações de um a dois pavimentos (Imagens 28 e 29). Seu alinhamento frontal normalmente coincide com o logradouro público, sendo as fachadas frontais das construções edilícias claras definidoras do espaço urbano, o que constrói uma relação muito próxima entre os âmbitos público e privado. Há algumas edificações com pequenos afastamentos laterais e a maioria apresenta grandes afastamentos de fundos, formando grandes áreas verdes e quintais no centro das quadras. Entretanto, ao longo dos anos, esses interiores de quarteirões (ou os fundos dos lotes) têm sido cada vez mais construídos, conforme já exposto.



**Imagens 28 e 29** - Esquematisação de fachadas e implantações dos edifícios de algumas das tipologias coloniais encontradas no centro histórico de Sabará.

**Fonte:** Autora, 2012 (sem escala).

Os lotes e os quarteirões apresentam tamanhos diferenciados. Há a clara leitura da inserção de igrejas e capelas em pontos focais e articulados, sobretudo localizadas à frente de largos e praças, distribuídas na malha urbana (Imagens 30 a 32), contribuindo para a sua pregnância imagética e memorial.

A cobertura das edificações é em telhas cerâmicas do tipo capa e canal, variando entre duas e quatro águas. Nos exemplares da arquitetura eclética pulverizados na área em

questão, há presença de platibandas que ocultam a leitura mais direta da cobertura (Imagens 33 a 35). As esquadrias, de madeira, aparecem em cores variadas e estabelecem um ritmo entre os cheios e os vazios nas edificações, reforçando a percepção da homogeneidade do conjunto edificado.



**Imagens 30 a 32** - Igreja Nossa Senhora do Carmo, igreja Nossa Senhora do Ó e casario da rua Dom Pedro II, localizados no centro histórico de Sabará.

Fonte: Acervo próprio, 2011.

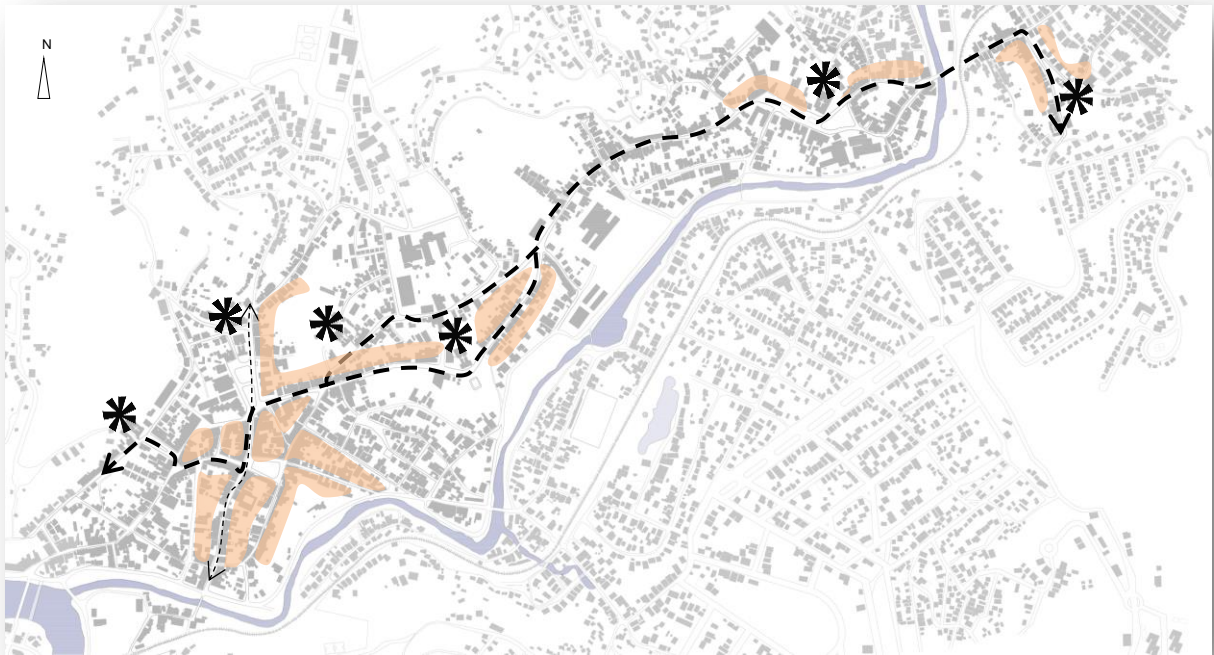


**Imagens 33 a 35** - Arquiteturas de influência eclética (séc. XIX), pontualmente inseridas no centro histórico.

Fonte: Acervo próprio, 2011.

A estrutura urbana tradicional de Sabará, caracterizada pela grande pregnância e identidade, expressa-se através de um todo coeso e homogêneo, contribuindo para o grande referencial imagético da população entrevistada nos bairros analisados ser baseado neste tecido urbano e em seus elementos. Sua homogeneidade, entretanto, não é monótona, uma vez que ora as ruas são conformadas por fachadas contínuas, ora o espaço se abre e revela uma arquitetura dominante.

De modo a explicitar os principais e mais relevantes elementos estruturais e físicos desse centro urbano, segue uma esquematização simbólica (Imagem 36), a qual explicita a ação dos elementos físicos compositores da paisagem local e sua influência na apreensão da lógica do espaço. Ressalta-se a importância estrutural do caminho tronco, que perpassa diversos casarios e elementos religiosos na cidade, que se apresentam como importantes pontos focais. A continuidade das fachadas de diversos quarteirões constitui outro elemento importante na composição física da cidade.



**Imagem 36** – Alguns dos principais elementos físicos construídos que se destacam na paisagem do centro.

**Fonte:** Autora, 2012.

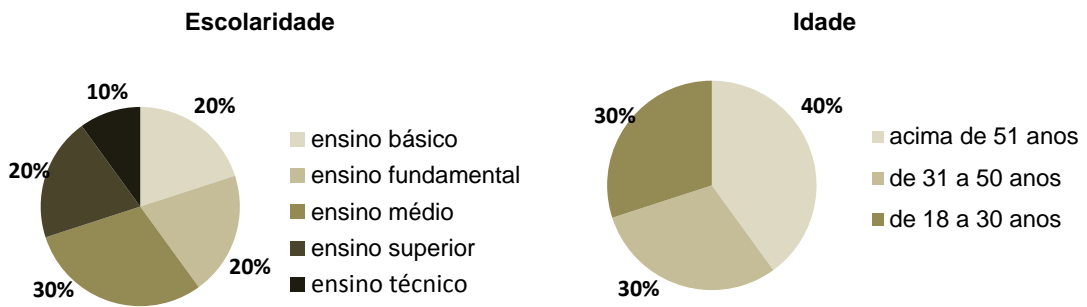
Legenda	
	ponto focal/ interesse - igrejas
	conjunto de fachadas com grande continuidade
	vias locais de maior importância
	vias principais – caminho tronco

### 3.1.5. CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E PERCEPTIVAS

Expostos os condicionantes naturais para implantação e surgimento deste núcleo urbano inicial - que é o atual centro histórico- e os parâmetros físicos e estruturais de sua forma urbana, impera-se apresentar, neste momento, alguns aspectos sociais de sua população e as percepções da mesma acerca do espaço urbano construído.

Dentre um total de 123.014 habitantes no município de Sabará e distritos, a população residente no centro histórico é relativa a 4.156 habitantes, ou seja, menos de 4% da população total de Sabará (Fonte dos dados: Prefeitura Municipal de Sabará, Censo 2005).

Quanto ao perfil dos indivíduos entrevistados no centro histórico, dentre 10 entrevistados, foram abordadas sete mulheres e três homens; desse universo, 30% possuíam escolaridade até o ensino médio, 20% apresentavam ensino fundamental, 20% informaram ter completado apenas o ensino básico, 20% o superior e 10% o nível técnico. Quanto à idade dos entrevistados, 40% estavam na faixa etária acima de 51 anos, 30% apresentavam entre 31 e 50 anos e os outros 30% entre 18 e 30 anos (Gráficos 01 e 02).



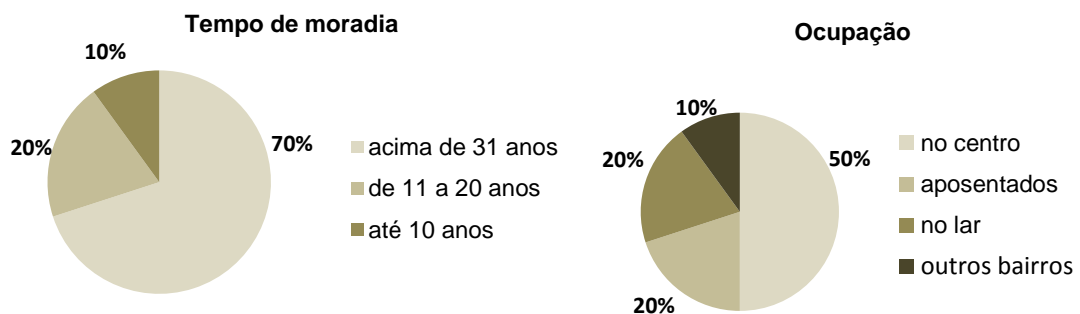
**Gráfico 01** - Escolaridade dos entrevistados no centro histórico.

Fonte: Autora, 2012.

**Gráfico 02** - Idade dos entrevistados no centro histórico.

Fonte: Autora, 2012.

O tempo de moradia no bairro tende a ser longo, pois 70% dos entrevistados moram no local há mais de 31 anos, 20% entre 11 e 20 anos e apenas 10% há menos que 10 anos. Quanto à ocupação dos entrevistados (se ativos ou aposentados, sendo que, quando ativos, pontuou-se o local onde trabalham), o resultado mostrou que o próprio centro histórico é o local de trabalho ou estudo de cerca de 50% dos entrevistados, 20% são donas de casa, 20% são aposentados e apenas 10% trabalham ou estudam em outros bairros de Sabará. Isso reflete a diversidade das atividades do centro histórico, que possibilita o trabalho dos seus moradores às proximidades de suas residências, fato que vai ser bem distinto quando da abordagem aos demais bairros, a ser explicitado nas próximas seções (Gráficos 03 e 04).



**Gráfico 03** - Tempo de moradia dos entrevistados no centro histórico.

Fonte: Autora, 2012.

**Gráfico 04** - Ocupação dos entrevistados no centro histórico.

Fonte: Autora, 2012.

Quanto às lideranças locais observadas, foi quase unânime o apontamento de que não existem representação e associação de moradores no centro histórico, o que é atribuído ao fato de que o lugar já é bem assistido pelas políticas públicas e melhorias urbanas, uma vez que sua historicidade tradicional já reclama conservação e manutenção constantes.

Quando questionados acerca da presença de espaços livres de lazer no centro, as respostas apresentaram-se duais e equilibradas. Por um lado, 50% dos entrevistados disseram haver espaços para o lazer no centro, como a praça do Barão, a praça Getúlio

Vargas (à frente da igreja Matriz) e a praça de Esportes (um centro esportivo entre o centro histórico e o bairro Morro da Cruz); por outro lado, os outros 50% relataram não haver espaços para lazer no centro, não consideraram, assim, as diversas praças existentes e sua centralidade atrativa enquanto lugares de lazer.

Ao descreverem os limites físicos do centro histórico, os entrevistados tenderam a conformar um perímetro semelhante: que vai desde a rotatória (bairro Caieira) até o bairro Vila Siderúrgica. Entretanto, uma das respostas sobressaiu em relação a essa questão de limites, pois ao descrever a abrangência do centro histórico, uma entrevistada pontuou que “onde tem comércio é o centro”, destacando uma das principais características que foram percebidas nas entrevistas tanto nos bairros quanto no centro histórico: o apontamento da grande oferta de serviços e comércios no centro, enquanto este aspecto apresenta-se demasiadamente deficiente nos demais bairros.

O fator de identificação dos moradores entrevistados com o centro histórico foi unanimemente positivo. Diversos foram os fatores para tal construção de identidade para com o lugar e de pertencimento àquele contexto: destacaram-se aspectos sociais, como as amizades construídas e a tranquilidade do lugar; aspectos naturais, como o fato de estar em um terreno menos acidentado do que as periferias; e aspectos físicos estruturais, como a ambiência tradicional e o rápido acesso a serviços e comércios. Assim, os fatores responsáveis por essa sensação de pertencimento são plurais e das mais variadas origens no centro histórico de Sabará.

Quanto às referências simbólicas de Sabará os entrevistados pontuaram elementos arquitetônicos e urbanos presentes no próprio centro histórico, como as igrejas do Carmo, Matriz e do Rosário, e as praças Santa Rita, Getúlio Vargas e Melo Viana. As prospecções de melhoria no centro, segundo os entrevistados, giraram em torno de mais limpeza e manutenção nas ruas e fachadas do centro histórico.

A partir das entrevistas com os moradores do centro histórico, pôde-se perceber sua estreita vivência com esse contexto, favorecida pela diversidade de atividades e atrativos que o permeiam. Destaca-se sua preocupação com a conservação desse contexto, bem como o valor histórico que atribuem e priorizam, como se pôde inferir quando muitos relataram não concordar com as recentes intervenções de novo paisagismo e mobiliário em diversas praças do centro histórico, essas que visavam elevar os valores funcionais e de uso.

A seguir, um mapa esquemático (Imagem 37) com as principais questões apontadas pelos entrevistados frente às relações sociais e às percepções em relação ao espaço urbano do contexto do centro histórico:



Igreja do Rosário (conhecida, também, como Igreja de Pedra), localizada no centro histórico de Sabará, a frente da praça Melo Viana.  
Fonte: Autora, 2011.



Igreja Nossa Senhora do Carmo, localizada no centro histórico de Sabará.  
Fonte: Autora, 2011.



Igreja de Nossa Senhora da Conceição (conhecida, também, como Igreja Matriz) e a paisagem circundante.  
Fonte: Autora, 2011.



Praça Santa Rita e, ao fundo, igreja São Francisco, ambas no centro histórico.  
Fonte: Autora, 2011.



Vista da rua Dom Pedro II e parte de seu casario colonial preservado.  
Fonte: Autora, 2011.



Igreja Nossa Senhora do Ó e a vista panorâmica a partir dela.  
Fonte: Autora, 2011.

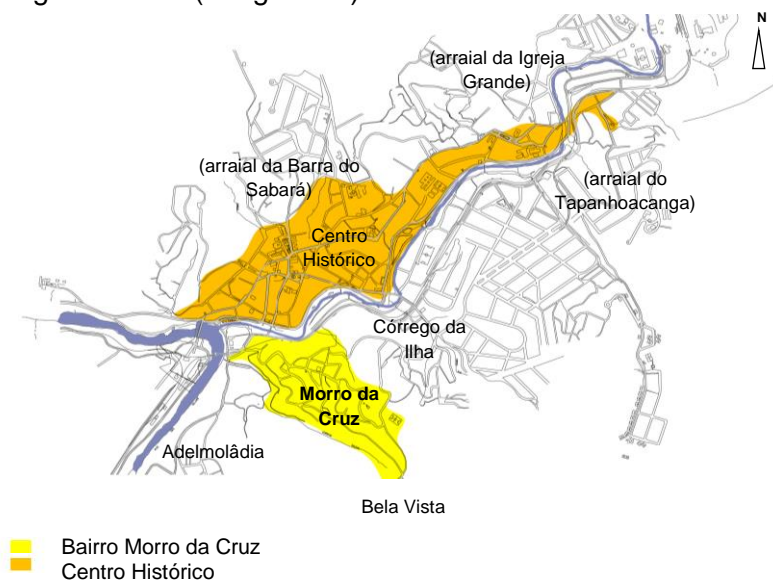
**Legenda**

- ✚ igreja
- ★ vista panorâmica
- ✱ ponto focal/ interesse
- ★ áreas verdes potenciais
- ..... conjuntos/continuidade fachadas
- - - limites do bairro (entrevistados)

**Imagem 37**– Esquema das percepções sociais segundo os moradores entrevistados no centro histórico.  
Fonte: Autora, 2012 (sem escala).

### 3.2. O CONTEXTO DO BAIRRO MORRO DA CRUZ

O incício da ocupação do bairro Morro da Cruz se deu no século XIX e o crescimento foi impulsionado, significativamente, a partir do século XX. O bairro encontra-se localizado nas adjacências do centro histórico da cidade de Sabará, à margem esquerda do rio Sabará, próximo à confluência com o rio das Velhas. Os bairros mais próximos ao Morro da Cruz são, a oeste, o bairro Adelmolândia (ao longo do rio das Velhas) e, a leste, o bairro Córrego da Ilha. Em sua porção sul desenvolve-se o recente bairro Belo Vista, como pode ser observado na figura abaixo (Imagem 38).



**Imagem 38** – Mapa chave de localização do bairro Morro da Cruz.

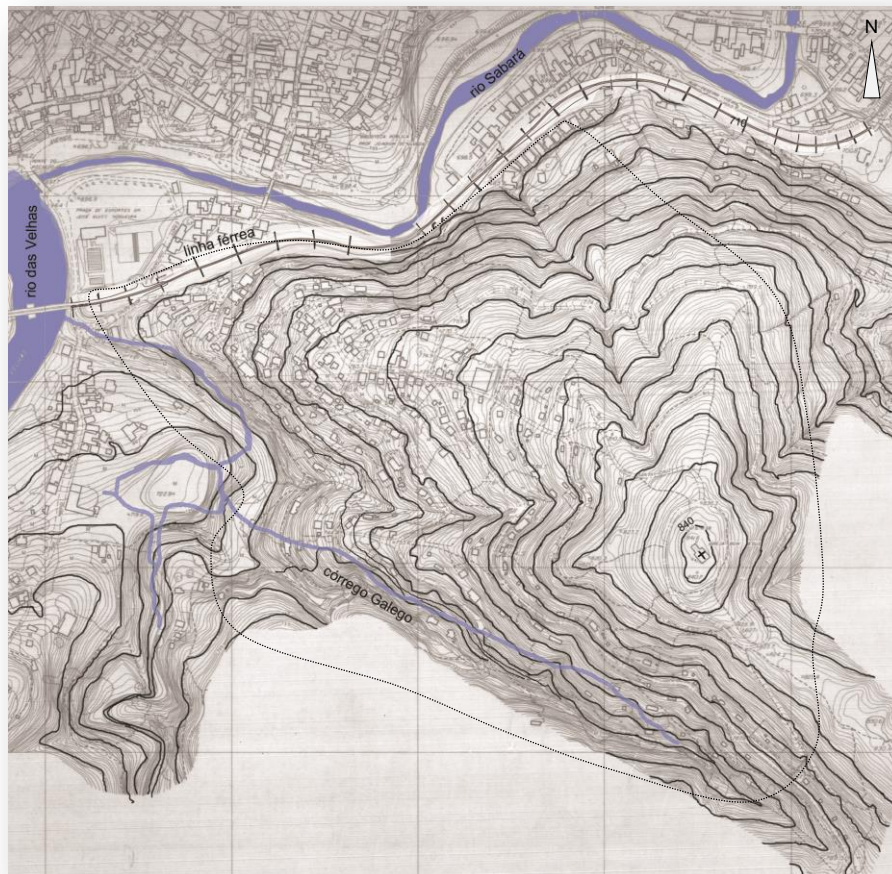
**Fonte mapa base:** Prefeitura Municipal de Sabará, 2005.

#### 3.2.1. APRESENTAÇÃO/HISTÓRICO

Como se pode observar no mapa acima, o bairro Morro da Cruz teve seus primeiros traços resultantes de sua localização neste importante contexto colonial do arraial da Barra do Sabará (Imagem 38). Esse arraial, juntamente com o arraial da Igreja Grande e parte do arraial de Tapanhoacanga, compõem o atual centro histórico da cidade de Sabará (área destacada na cor laranja). A origem do bairro Morro da Cruz é, assim, vinculada ao desenvolvimento inicial dos arraiais, uma vez que o bairro foi fomentado pelo trecho de tecido urbano à margem esquerda do rio Sabará naquele arraial. Ainda no século XVIII, as primeiras construções nessa margem do rio já estavam presentes.

### 3.2.2. CONDICIONANTES FÍSICOS E NATURAIS

O bairro Morro da Cruz se desenvolve ao longo da cota de 710m (onde foi inserida a linha ferroviária, hoje desativada) até a cota de 841.6m (onde se localiza a capela Senhor do Bom Jesus, que já aparece em registros/relatos no ano de 1867<sup>17</sup>). O terreno do bairro Morro da Cruz é um dos mais acidentados e íngremes já urbanizados às proximidades do centro histórico de Sabará, como se pode observar na imagem abaixo (Imagem 39). A acentuada inclinação do seu sítio favorece a composição de visões panorâmicas importantes e relevantes na percepção do espaço, possibilitando visuais em praticamente todas as direções, posto que o terreno no bairro se desenvolve de forma homogênea até encontrar o seu cume na cota 840, onde se encontra a capela. Assim, o formato de “cone” torna possível diversas visadas para os contextos circundantes.



**Imagem 39** - Levantamento topográfico e de ocupações no bairro Morro da Cruz.

**Fonte:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

Quanto às coberturas vegetais, estas permeiam grande parte do bairro Morro da Cruz em diferentes escalas, conforme pode ser visualizado na foto aérea do bairro (Imagem 40).

<sup>17</sup> BURTON, Richard Francis. *Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

Grandes bolsões de vegetação são percebidos, os quais tendem a coincidir com os talvegues (como às margens do córrego Galego – que deságua no rio das Velhas), enquanto as edificações tenderam a se estabelecer nos espigões do terreno. Os médios bolsões (aqui referentes aos grupos vegetais isolados) se configuraram nos vazios urbanos, resultados da irregularidade das quadras ou da congruência de lotes não construídos. Assim, há grandes áreas potenciais para praças ou áreas de lazer que, entretanto, não recebem quaisquer planejamentos formais para se tornarem efetivos espaços de lazer. A maioria dos lotes também conserva a presença das áreas verdes, principalmente localizadas nos fundos de lotes.



**Imagem 40** - Vista aérea do bairro, com destaque para os grupos vegetais existentes.

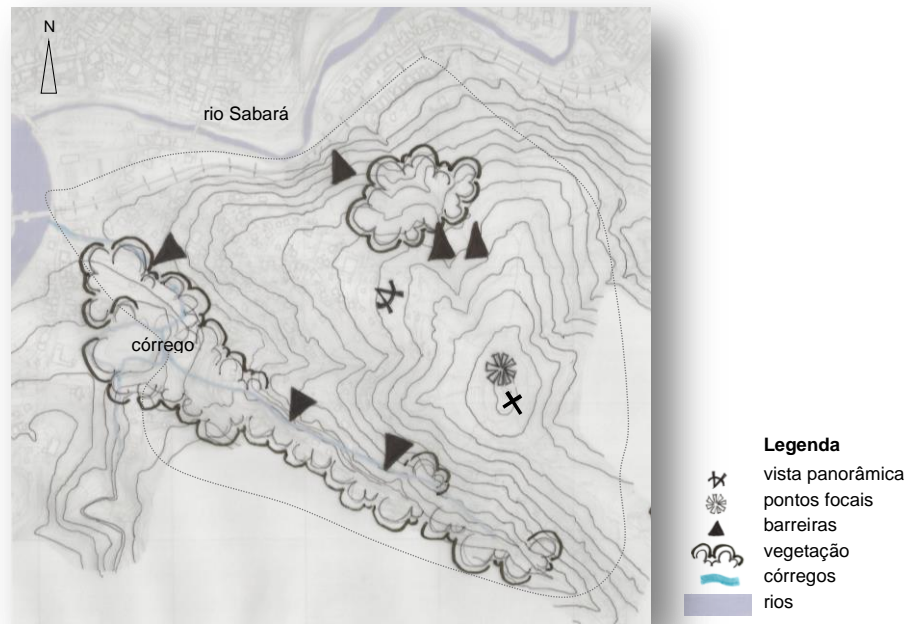
**Fonte:** Google Earth, 2012.

A densidade do bairro é de aproximadamente 150 habitantes/ km<sup>2</sup>, sendo considerada baixa quando comparada à de 378 habitantes/ km<sup>2</sup> de toda a cidade de Sabará – que compreende os seus diversos bairros e distritos (Censo, 2000). Isso se deve às grandes manchas verdes existentes em seu contexto, bem como ao caráter residencial unifamiliar do bairro. Entretanto, é possível verificar um aumento da ocupação do bairro, com uma urbanização que se acentua a partir da década de 1970 até os dias atuais (Imagens 44-45).

Quanto aos seus limites, o bairro é conformado em sua face norte pela linha ferroviária (construída na década de 1920). Apresenta, ainda, como principais barreiras ao crescimento urbano ou ao deslocamento as acentuadas inclinações do terreno, como a nordeste e a sudoeste. O córrego Galego é um elemento natural que conformou e limitou o crescimento do bairro Morro da Cruz na porção sudoeste, reforçado pela presença de sua densa mata ciliar. Soma-se a esses fatores condicionantes a implantação de um elemento religioso no ponto mais alto do terreno, a capela Senhor do Bom Jesus, ainda no século XIX. Essa

influenciou o desenvolvimento do bairro, uma vez que o principal eixo articulador viário, a rua Santa Cruz (que liga a parte mais baixa do bairro até a sua porção mais alta e contorna a capela), deu origem ao surgimento dos demais traçados e ocupações.

O croqui esquemático que segue (Imagem 41) foi delineado sobre o mapa da atual configuração urbana do bairro Morro da Cruz e sobre a topografia local, que explicita a localização e a influência dos diversos elementos naturais na conformação e evolução urbana deste contexto:



**Imagem 41** – Croqui esquemático dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento do bairro Morro da Cruz.

**Fonte** mapa base: PLAMBEL, 1977 (sem escala).

Como se pode observar na diagramação acima, os principais condicionantes (naturais) responsáveis pelo surgimento, ocupação e transformação do bairro Morro da Cruz são sua topografia singular e acidentada, os cursos hídricos presentes na região e os grupos vegetais mais densos. A percepção sobre os aspectos físicos naturais presentes no bairro Morro da Cruz é que esses são os fatores primordiais que deram origem e influenciaram substancialmente o traçado urbano, este último a ser analisado na sequência.

Por sua vez, os condicionantes antrópicos (influenciados pela configuração natural da área) deram origem e definiram as linhas gerais do bairro, sendo constituídos pela linha férrea na cota inferior da área e pela inserção de um importante elemento religioso na cota mais elevada do terreno, condutores do traçado geral do bairro.

### 3.2.3. EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO BAIRRO MORRO DA CRUZ

A sequência de mapas apresentada ao lado evidencia o surgimento e a evolução do espaço urbano do bairro Morro da Cruz. Os recortes temporais estabelecidos compreendem o levantamento urbano realizado em 1937 (Prefeitura Municipal de Sabará), seguido pelas transformações observadas já em 1977 (PLAMBEL), e culminam com a situação atual traçada mediante imagens aéreas do bairro (Google Earth).

Em um primeiro momento, a ocupação inicial do bairro se originou a partir do trecho urbano circulado em vermelho (Imagens 42 e 43), que se caracterizou por uma primeira ocupação à margem esquerda do rio Sabará, na confluência com o rio das Velhas, inserido no antigo arraial da Barra do Sabará, descrito anteriormente no histórico da região. A partir daí se desenvolveu, na topografia em aclave, posteriormente, o bairro Morro da Cruz.

Embora esse trecho da ocupação inicial da área, que ocorre a partir da inserção da linha férrea, seja associado mais ao centro histórico do que propriamente ao bairro Morro da Cruz, esse é a origem do surgimento do bairro em questão que, pela proximidade ao centro histórico, ganha impulso em seu desenvolvimento, principalmente no século XX. O trecho original circulado em vermelho apresenta, ainda, remanescentes históricos relevantes na cidade, como a ruína do Casarão de Melo Viana e o calçamento de pedras, fatores que o aproximam, ainda mais, ao centro histórico. Assim, a linha férrea aparece como um elemento divisor e definidor do espaço urbano do bairro Morro da Cruz.

Como se pode observar no mapa de 1937 (Imagem 43), a instalação da capela Senhor do Bom Jesus (que já aparece nas narrativas datadas de 1867), no ponto mais alto da área (circulado em amarelo), impulsiona e direciona o desenvolvimento urbano, assim como o reservatório de água (grande construção localizada na porção intermediária entre a capela e a ocupação inicial da área – Imagem 42), que condiciona, também, a locação do principal eixo viário local.

O mapa de 1977 (Imagem 44) deixa explícito o adensamento que ocorreu nessa área, dentro de um período de 40 anos. O traçado urbano já apresenta suas principais articulações (mantidas na atual configuração) e os quarteirões tendem a ser ocupados, mas ainda de forma esparsa.

O mapa de 2012 (Imagem 45), produzido com base em imagens aéreas atuais (Google Earth), por sua vez, evidencia o maior e progressivo adensamento e ocupação dos quarteirões e lotes. A atual composição de áreas edificadas e de espaços livres no bairro Morro da Cruz evidencia, ainda, apesar do visível adensamento do bairro, grandes áreas vazias dentro dos quarteirões, sendo ocupados, principalmente, os lotes testeiros/adjacentes às principais vias. Os interiores dos quarteirões, assim, tendem a não ser construídos, o que se deve ao formato irregular e de grandes dimensões dos mesmos e às grandes inclinações do terreno nesses locais.

**Imagem 43** (à esquerda na parte superior) – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.

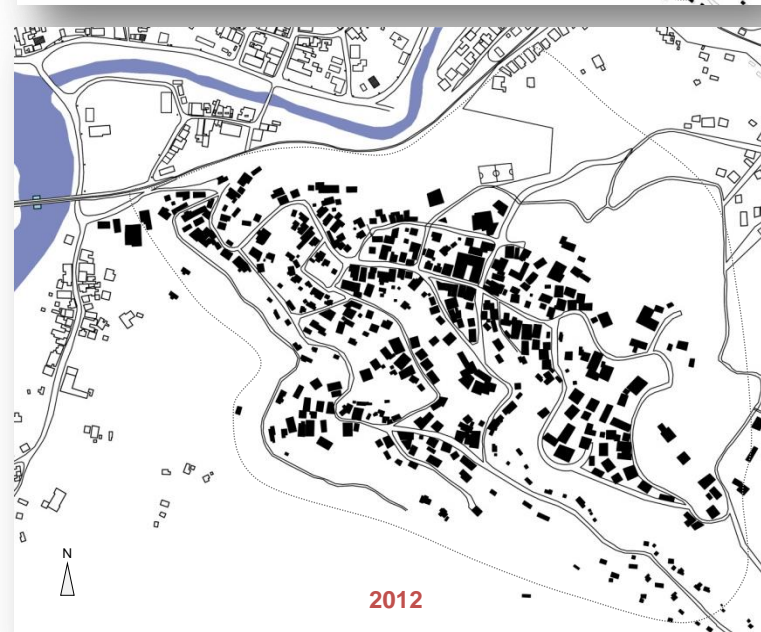
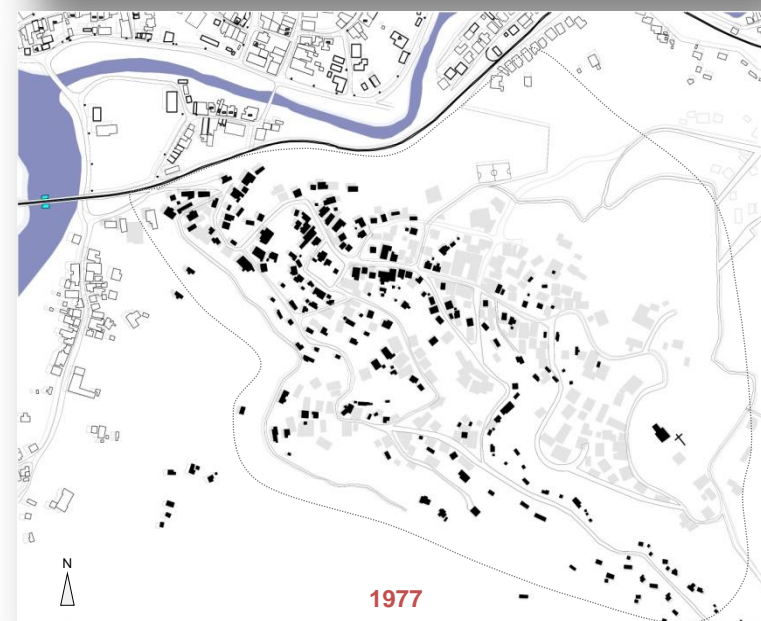
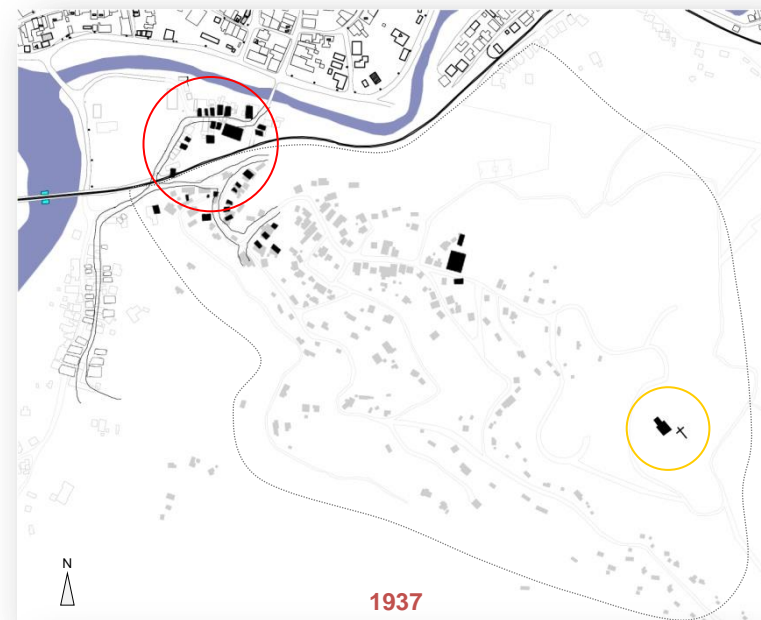
**Fonte:** Prefeitura Municipal de Sabará (PMS), 1937 (sem escala).

**Imagem 44** (à esquerda na parte central) – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.

**Fonte:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

**Imagem 45** (à esquerda) – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – ano de 2012.

**Fonte:** Google Earth, 2012 (sem escala).



**Imagem 42** – Mapa das ocupações no período colonial.

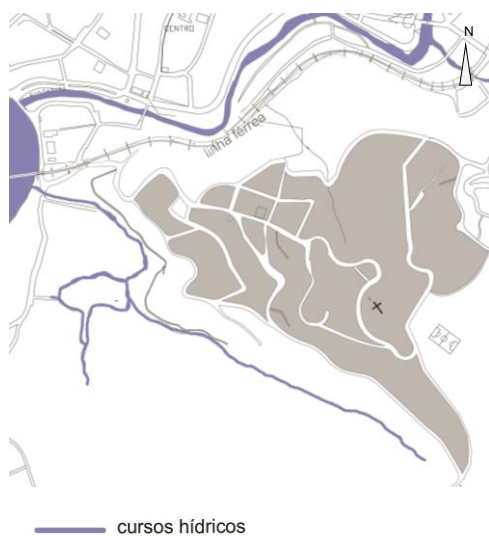
**Fonte:** PMS (Álbum Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes, 1927) (sem escala).

### 3.2.4. CARACTERÍSTICAS URBANAS E MORFOLÓGICAS

As características de implantação do bairro Morro da Cruz apresentam-se em conformação com a topografia. O principal eixo viário (rua Santa Cruz), que se desenvolve desde a parte mais baixa do bairro até o topo (capela), se apresenta perpendicular (ora em ziguezague) às curvas de nível, compondo um eixo íngreme ao longo de todo o percurso, e que a partir desse foram traçadas as demais ruas, essas em maior consonância com a topografia.

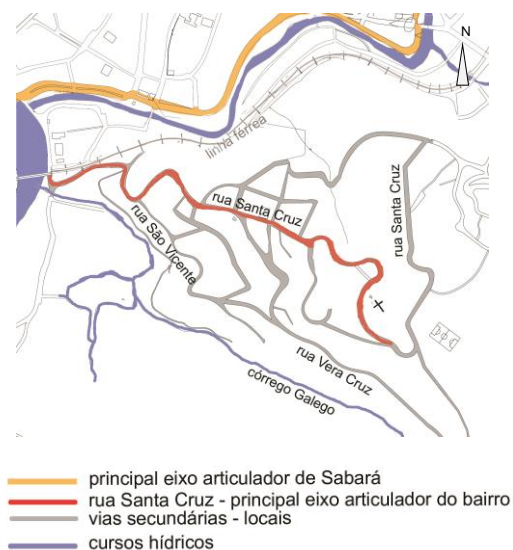
O parcelamento urbano e as quadras apresentam formas variadas, irregulares, que tendem à organicidade e à maior adequação aos acentuados declives. Tendem a formar, assim, grandes terraços frente à tentativa de melhor assentamento na topografia (Imagem 46).

O sistema viário que compõe o bairro não é de imediata compreensão por parte do observador, devido ao seu caráter orgânico e disforme. O eixo principal está em aclave (rua Santa Cruz) e há outro eixo perpendicular ao terreno (rua São Vicente/Vera Cruz), sendo ambos interligados entre si por ruas transversais, adequando-se ao relevo (Imagem 47). Apesar das hierarquias presentes, as larguras de todas as vias são reduzidas.



**Imagem 46** – Conformação de quadras, com parcelamento irregular e adaptado à topografia nas quadras do bairro Morro da Cruz.

**Fonte** mapa base: IPHAN, 2003 (sem escala).



**Imagem 47** – Principais eixos viários existentes no contexto do bairro.

**Fonte** mapa base: IPHAN, 2003 (sem escala).

Quanto ao zoneamento, o Morro da Cruz está compreendido dentro do perímetro urbano de Sabará. A Lei de Uso e Ocupação do Solo a classifica como ZUM - Zona de Uso Misto e APC III – Área de Proteção ao Patrimônio Cultural III (frente à proximidade ao centro histórico). O caráter misto das edificações é facilmente identificado em diversos exemplares, combinando uso residencial ao comercial.

Ao uso predominantemente residencial, crescem-se alguns pequenos comércios locais (bares e lanchonetes), refletindo o caráter de uso misto do local. Há ainda algumas igrejas, sendo a mais representativa e simbólica a capela católica do Senhor do Bom Jesus (alto do morro); equipamentos de maior porte, como uma escola municipal e um posto médico público, ainda compõem a paisagem do bairro.

Entretanto, o caráter misto possibilitado pela legislação ainda é incipiente, o que pôde ser percebido e apreendido a partir da observação e das entrevistas realizadas. O bairro apresenta-se deficiente quanto à oferta de serviços e produtos para a população local, essa última devendo recorrer quase cotidianamente ao centro da cidade para suprir suas necessidades quanto aos serviços mais básicos, como bancos, comércios, produtos, dentre outros.

Quanto aos tipos edifícios, além do adensamento ocorrido nos últimos anos, explicitado na sequência de evolução de ocupações (Imagens 48 a 50), destaca-se a diversidade dos tipos que compõem o bairro. Às habitações térreas, cresceram-se pavimentos e novas linguagens, como as disseminadas construções contemporâneas de dois/três pavimentos, cujo pavimento superior é vazado e coberto por telhado metálico, assemelhando-se a uma grande varanda que, muitas vezes funciona como área de serviço, e principalmente, compõe um espaço a ser usado para fins de socialização (Imagem 50).

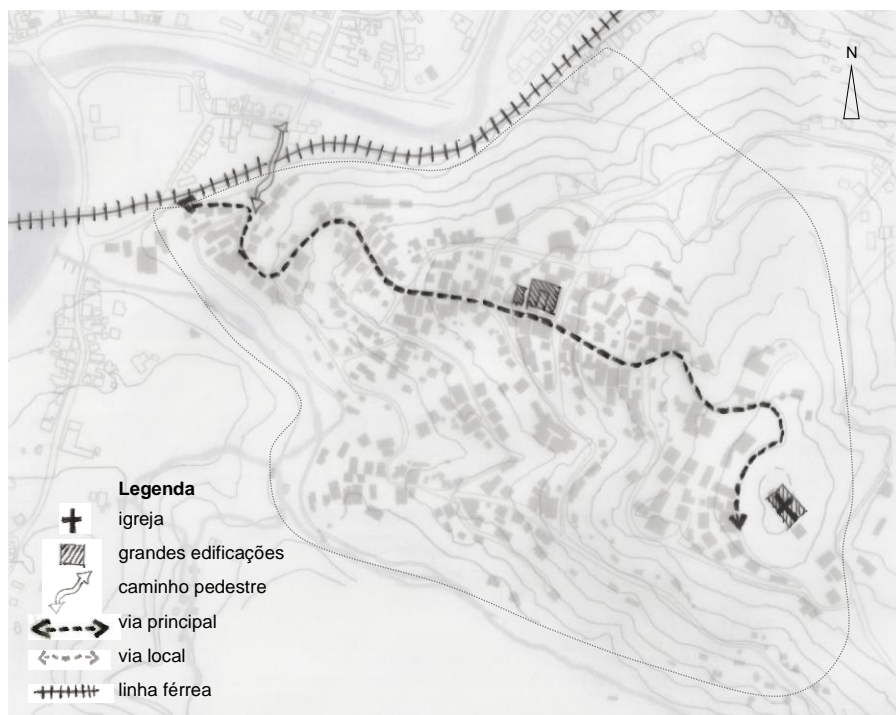
Assim, os tipos edifícios variam de um a três pavimentos. As construções residenciais correspondem às características contemporâneas: de alvenaria e concreto armado, as habitações ora apresentam cobertura de telhas coloniais, ora utilizam seus pavimentos superiores como áreas de lazer abertas cobertas por telhas metálicas, como pode ser observado nas imagens que seguem. Há grande variação quanto aos afastamentos das construções em relação ao lote. Algumas apresentam recuos frontais, laterais e de fundos; outras estão sobre esses limites.



**Imagens 48 a 50** - Alguns tipos edifícios existentes no bairro Morro da Cruz.  
**Fonte:** Autora, 2012.

O mapa esquemático exposto abaixo (Imagem 51) explicita a relevância dos principais elementos físicos na construção do espaço do bairro Morro da Cruz, compositores da paisagem local e que influenciam a apreensão da lógica do espaço. Ressalta-se a importância estrutural, distribuidora e condutora da rua Santa Cruz ao longo de todo o bairro, até o ponto simbolicamente culminante na capela. Os grandes equipamentos

urbanos foram, também, destacados no croqui, como elementos facilmente distinguíveis no homogêneo tecido urbano do bairro.



**Imagem 51** – Alguns dos principais elementos físicos construídos que se destacam na paisagem do bairro.

**Fonte:** Autora, 2012 (sem escala).

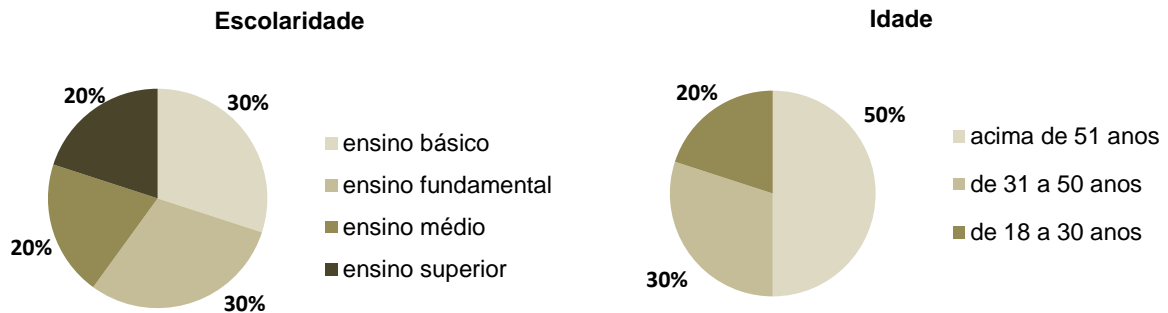
### 3.2.5. CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E PERCEPTIVAS

Uma vez que a percepção do corpo social frente ao espaço e às relações construídas constitui um dos focos da investigação, torna-se imprescindível a apresentação dos parâmetros sociais do presente contexto.

O bairro Morro da Cruz apresenta cerca de 1.861 habitantes, cerca de 1,5% da população do município de Sabará, que apresenta um total de 123.014 (Sabará e distritos); enquanto a população do centro histórico é relativa a 4.156 habitantes (cerca de 3,4% da população). (Prefeitura Municipal de Sabará, Censo 2005).

O universo de entrevistados do bairro Morro da Cruz, buscando a pluralidade das percepções, foi diverso em escolaridade e idades. De um universo de 10 entrevistados, foram abordadas sete mulheres e três homens; desse universo, 30% possuíam escolaridade até o ensino básico, 30% apresentavam ensino fundamental, 20% informaram ter completado o ensino médio e, também, 20% o nível superior (Gráfico 05). Quanto à idade

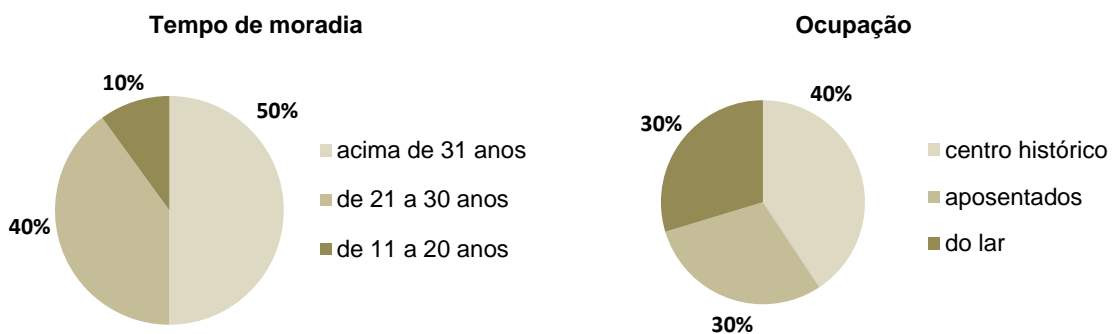
dos entrevistados, 50% estavam na faixa etária acima de 51 anos, 30% apresentavam entre 31 e 50 anos e 20% entre 18 e 30 anos (Gráfico 06).



**Gráfico 05** - Escolaridade dos entrevistados no bairro Morro da Cruz.  
Fonte: Autora, 2012.

**Gráfico 06** - Idade dos entrevistados no bairro Morro da Cruz.  
Fonte: Autora, 2012.

O tempo de moradia no bairro tende a ser de médio a longo, pois os entrevistados apontaram morar no local há pelo menos 10 anos, sendo que 10% estão lá dentre 11 a 20 anos, enquanto que 40% residem no local de 21 a 30 anos e 50% acima de 31 anos (Gráfico 07). Quanto à ocupação dos entrevistados (se ativos ou aposentados, sendo que, quando ativos, pontuou-se o local onde trabalham), o resultado foi equilibrado, pois 40% informaram trabalhar no centro histórico, 30% são aposentados e outros 30% trabalham em casa (do lar) (Gráfico 08).



**Gráfico 07** - Tempo de moradia dos entrevistados no bairro Morro da Cruz.  
Fonte: Autora, 2012.

**Gráfico 08** - Ocupação dos entrevistados no bairro Morro da Cruz.  
Fonte: Autora, 2012.

Quanto às lideranças locais observadas, a associação de moradores do bairro Morro da Cruz é conhecida pelos moradores entrevistados, apesar de somente dois deles participarem efetivamente das reuniões. Os resultados atribuídos à ação da associação, pelos entrevistados, foram diversos: inserção de linha de ônibus no bairro; pavimentação de diversas vias (apesar de muitas ainda serem de terra); implantação de posto médico e de escola no bairro; a escadaria de acesso ao bairro (ao lado da ruína do Casarão Melo Viana). Quando questionados acerca do uso dos espaços livres, foi quase unânime o apontamento da inexistência de espaços de lazer no bairro. Apenas dois entrevistados levantaram que há

alguns espaços livres, mas “não são tratados”, ou seja, espaços potenciais para o lazer (Imagem 52). E apenas um entrevistado levantou a existência de um campo de futebol, mas que não tem manutenção adequada para o uso (esse se localiza atrás da capela). Os espaços livres do centro histórico foram apontados como mais utilizados pela população, como as praças Santa Rita e Melo Viana.

Os limites territoriais do bairro são, em sua maioria, lidos a partir dos elementos topográficos e construídos (como a linha de trem e a capela Senhor do Bom Jesus), e tendem a conformar limites semelhantes ao se sobreporem às descrições dos entrevistados, que giraram em torno de que “o bairro vai desde o começo da subida (linha de trem) até a capela Senhor do Bom Jesus e até o bairro Córrego da Ilha”. As grandes manchas vegetadas e a topografia acidentada contribuem para esta leitura dos limites (uma vez que a mancha urbana do bairro está, quase totalmente, estanque e separada dos demais bairros/ocupações), fazendo com que a percepção social acerca dos limites seja possível e clara.

O fator de identificação dos moradores entrevistados com o bairro Morro da Cruz foi positivo, em sua maioria. Alguns dos aspectos influentes atribuídos à sensação de pertencimento local foram: tranquilidade do bairro; as pessoas e a vizinhança; a proximidade ao centro e a visão panorâmica para toda a cidade. Entretanto, a identificação com a lógica formal, estrutural e de ambiência configurada no bairro não foi apontada pelos entrevistados, podendo-se inferir que as relações sociais construídas são um fator preponderante para a identidade local, uma vez que, quando questionados quais fatores os aproximam do ambiente onde estão inseridos, nenhum dos entrevistados apontou caracteres físicos ou urbanos, mas sim sociais (como amizades construídas e tranquilidade do bairro).

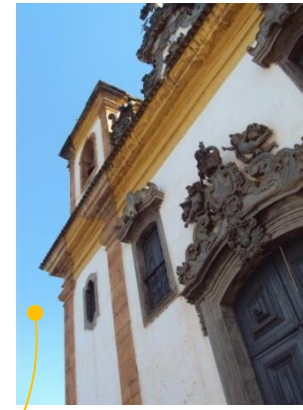
Quanto às referências simbólicas de Sabará, somente um dos entrevistados apontou um elemento próprio do bairro – a capela Senhor do Bom Jesus-; a grande maioria citou ora elementos do centro histórico como lugares representativos em Sabará ora as visuais panorâmicas que o bairro possibilita para a cidade.. A perspectiva de melhora no bairro, para a maioria dos entrevistados, gira em torno da criação de mais espaços de lazer e eventos. Esse foi um dos principais aspectos percebidos quando das entrevistas, visto a inexistência desses espaços atrativos e de lazer no local, a despeito dos diversos espaços livres e bem arborizados existentes, que poderiam potencialmente abrigá-los. Outro aspecto relevante neste bairro é a reduzida disponibilização de serviços e produtos, o que eleva os preços dos mesmos no bairro e aumenta a dependência em relação ao centro da cidade. A seguir, um mapa esquemático com as principais questões apontadas pelos entrevistados frente às relações sociais existentes no bairro com o espaço urbano de Sabará, ressaltando as principais características que permeiam a percepção social (Imagem 52).



Praça Santa Rita, localizada no centro histórico de Sabará, um dos principais pontos referenciais dos entrevistados do Morro da Cruz.  
Fonte: Autora, 2011.



Igreja do Rosário (ou igreja de Pedra), localizada no centro histórico de Sabará, um dos principais pontos referenciais dos entrevistados do Morro da Cruz.  
Fonte: Autora, 2011.



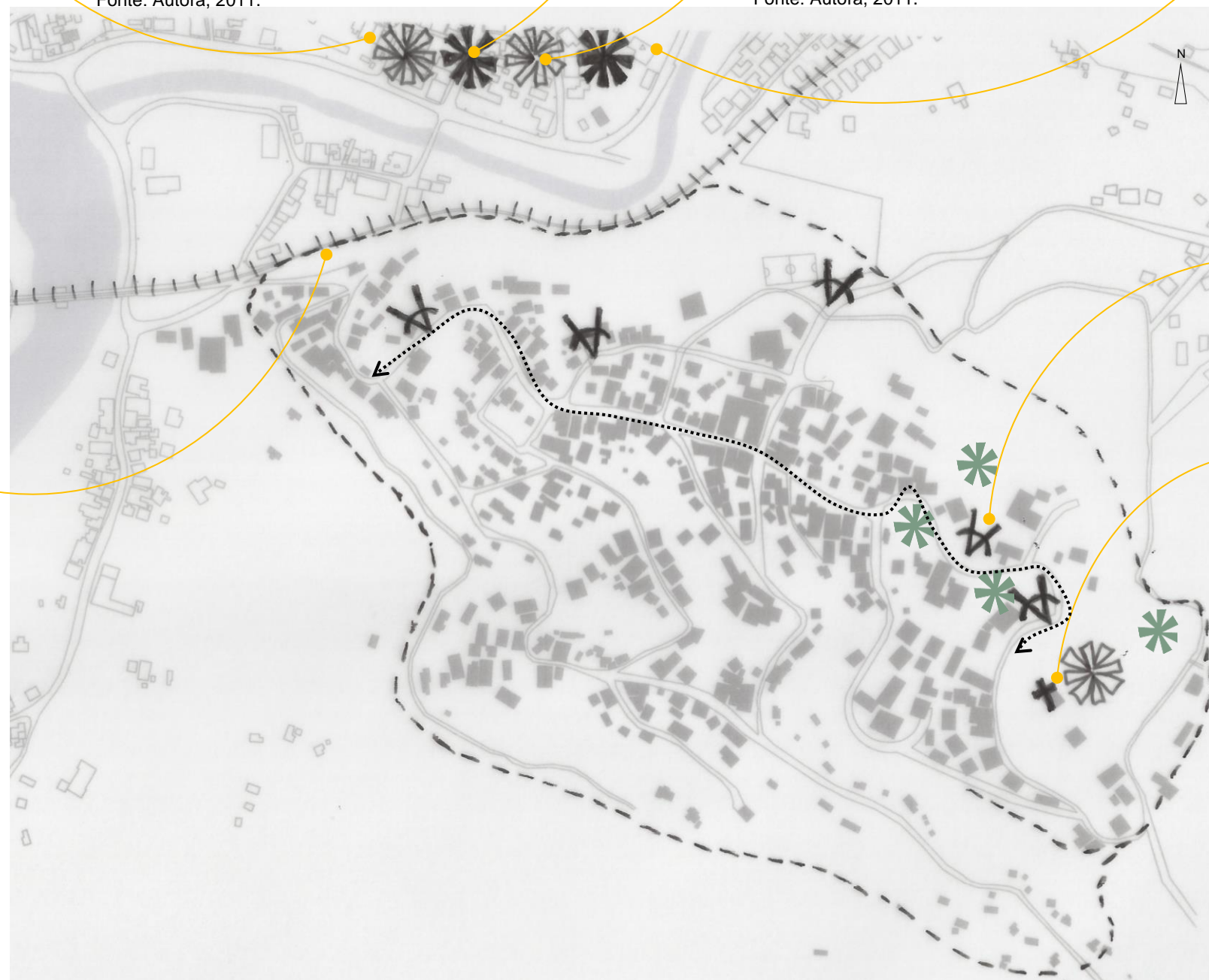
Igreja Nossa Senhora do Carmo, localizada no centro histórico de Sabará, um dos principais pontos referenciais dos entrevistados do Morro da Cruz.  
Fonte: Autora, 2011.



Igreja de Nossa Senhora da Conceição (conhecida também, como Igreja Matriz), localizada no centro histórico de Sabará, um dos principais pontos referenciais dos entrevistados do Morro da Cruz.  
Fonte: Autora, 2011.



Linha férrea entre o bairro Morro da Cruz e a porção do centro histórico à margem esquerda do rio Sabará. A linha é transposta diariamente (tanto por pedestres quanto por veículos) pelos moradores que se encaminham ao centro ou à metrópole de Belo Horizonte.  
Fonte: Autora, 2011.



Uma das diversas vistas panorâmicas de toda a cidade de Sabará, a partir de visadas do bairro Morro da Cruz.



Capela Senhor do Bom Jesus, no alto do bairro Morro da Cruz, apontada somente por um dos entrevistados como elemento referencial na cidade.  
Fonte: Autora, 2011.

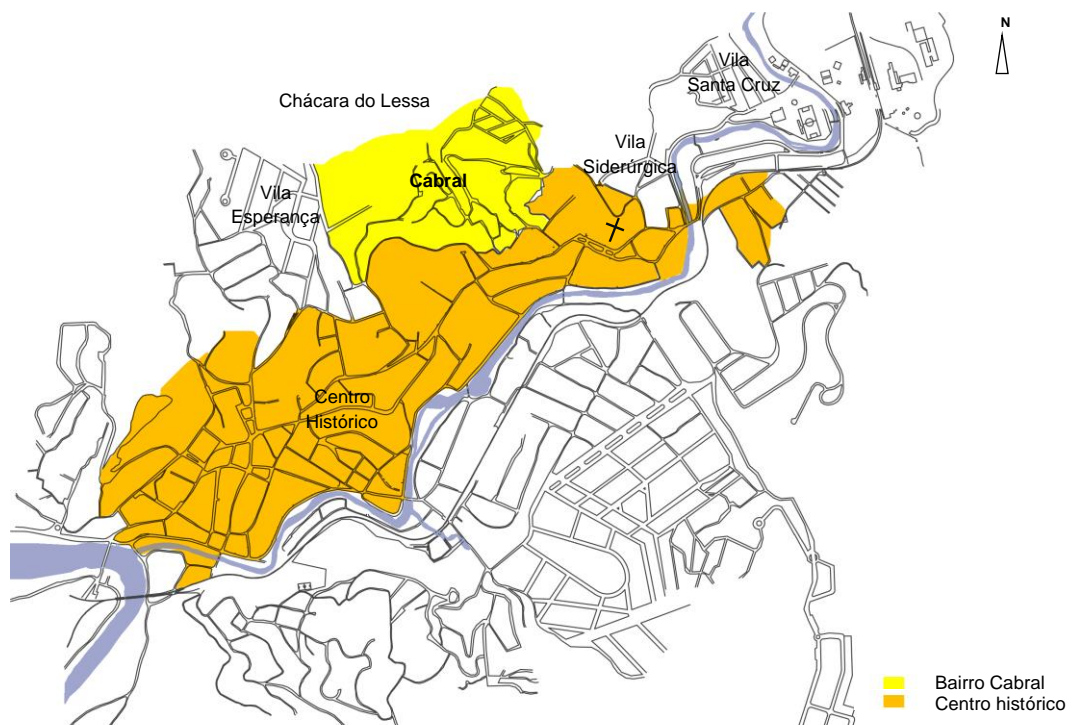
- Legenda**
- ✚ igreja
  - ✚ vista panorâmica
  - - - limites do bairro (segundo os entrevistados)
  - ✚ ponto de interesse
  - ✚ ponto focal
  - ✚ áreas verdes potenciais
  - +++++ linha férrea
  - ⬅⋯⋯⋯➡ eixo estruturador do bairro

Imagem 52 – Esquema das percepções sociais segundo os moradores entrevistados no bairro Morro da Cruz.

Fonte: Autora, 2012 (sem escala).

### 3.3. O CONTEXTO DO BAIRRO CABRAL

A ocupação do bairro Cabral (ou Alto cabral) se deu já no século XX, fomentado pela proximidade ao centro histórico e às vilas siderúrgicas. O bairro se localiza à adjacência de um dos mais relevantes elementos arquitetônicos da cidade, a igreja Nossa Senhora da Conceição, também conhecida como igreja Matriz. Os demais bairros que o circundam são a Vila Esperança a leste, a Vila Santa Cruz e Vila Siderúrgica a oeste e o centro histórico em sua porção sul (Imagem 53). Uma extensa área verde, conhecida como Chácara do Lessa (uma Área de Preservação Permanente - APP), delimita o bairro em seu crescimento na direção norte.



**Imagem 53** – Mapa chave de localização do bairro Cabral.

**Fonte mapa base:** Prefeitura Municipal de Sabará, 2005.

#### 3.3.1. APRESENTAÇÃO/HISTÓRICO

O bairro Cabral teve sua origem no desenvolvimento do contexto do arraial da igreja Grande (arraial assim denominado devido à relevância do elemento religioso ali inserido - a igreja Matriz). Assim, o fato de sua grande área livre se apresentar próxima a essa centralizadora área tradicional fomentou o início da ocupação do bairro. O maior impulso no seu

crescimento se deu por volta do século XX, sendo que na década de 1930 já apontavam ocupações esparsas em direção à subida do morro – principal característica de sua ocupação.

### 3.3.2. CONDICIONANTES FÍSICOS E NATURAIS

O bairro Cabral apresenta uma das condições topográficas mais íngremes e acidentadas dentre os bairros abordados (Imagem 54). Inserido na cadeia montanhosa que delineia a face norte da cidade, a sua ocupação vai desde a cota 710m até a cota 800m.



**Imagem 54** - Levantamento topográfico e de ocupações no bairro Cabral.

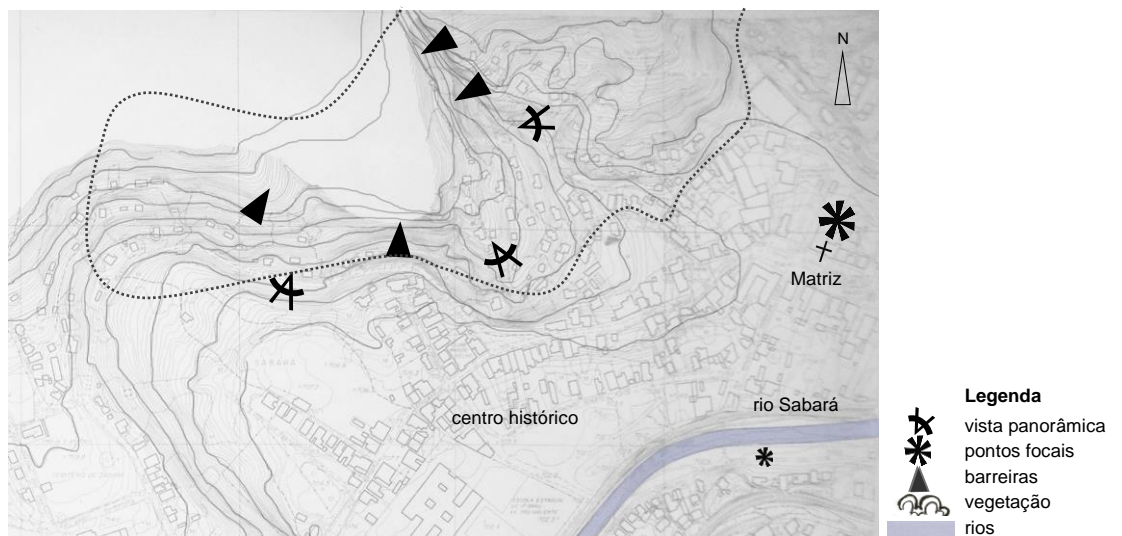
**Fonte:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

O bairro apresenta-se como um espaço vegetado, tanto dentro dos lotes, quanto em relação à existência de grandes bolsões de vegetação dentro da mancha urbanizada. Isso se deve, principalmente, às grandes inclinações do terreno, que limitam a sua ocupação, assim, mantendo suas coberturas verdes existentes. O caráter acidentado do terreno predomina na paisagem do bairro, o que possibilita a composição de inúmeras visuais panorâmicas nas mais diversas direções. A noroeste do bairro apresenta-se, como pode ser verificado na imagem aérea abaixo (Imagem 55), o cume da cadeia montanhosa sobre a qual se derrama o bairro, onde ainda não há ocupações e a mata nativa ainda se mantém preservada (APP, conhecida como Chácara do Lessa).



**Imagem 55** - Vista aérea do bairro Cabral, com destaque para os grupos vegetais existentes.  
**Fonte:** Google Earth, 2012.

Em seus limites, o bairro é conformado em sua face noroeste pelo cume da cadeia montanhosa sobre a qual se estabeleceu, sendo que em suas porções leste e oeste os grandes bolsões de vegetação o separam dos demais bairros, como Vila Santa Cruz, Vila Siderúrgica e Vila Esperança. Já em seu limite inferior, ao sul, a mancha urbana do bairro é delimitada pelo tecido urbano do centro histórico. A seguir, um croqui esquemático (Imagem 56) destaca os principais elementos e características naturais da área que, sobremaneira, nortearam o surgimento e influenciam o crescimento e a evolução urbana, como as inclinações do terreno e as diversas visuais panorâmicas.



**Imagem 56** – Croqui esquemático dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento do bairro Cabral.  
**Fonte** mapa base: PLAMBEL, 1977 (sem escala).

### 3.3.3. EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO BAIRRO CABRAL

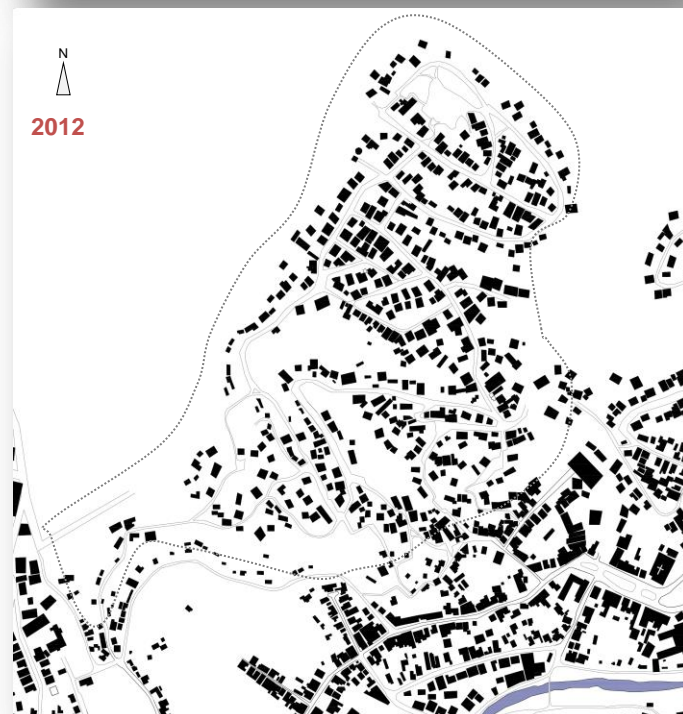
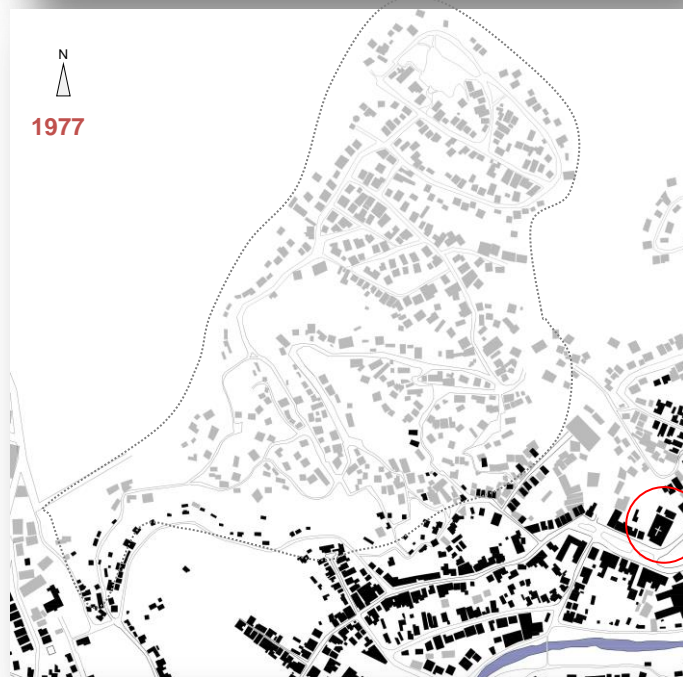
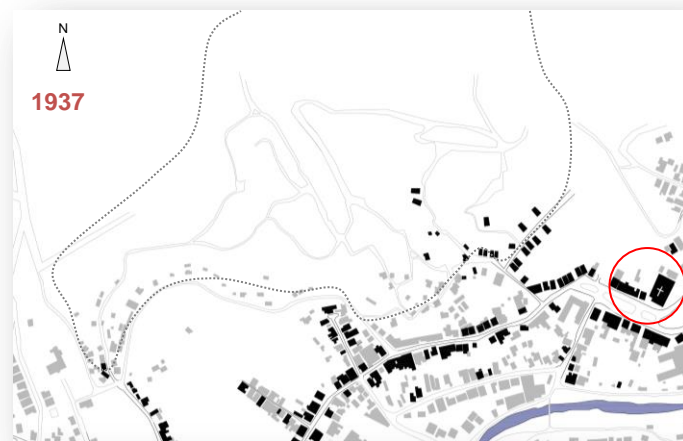
A sequência de mapas apresentada ao lado evidencia o surgimento, a transformação e a evolução do espaço urbano do bairro Cabral (ou Alto Cabral). Os recortes temporais estabelecidos compreendem o levantamento urbano realizado em 1937 (Prefeitura Municipal de Sabará), seguido pelas transformações observadas já em 1977 (PLAMBEL) e culminam com a situação atual traçada mediante imagens aéreas do bairro (Google Earth).

A imagem à direita (Imagem 57) destaca a igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição (circulada na cor vermelha), um dos principais elementos religiosos do tecido tradicional da cidade. Às proximidades do seu contexto, viria a surgir, principalmente a partir do século XX, o bairro Cabral, que cobre a elevação montanhosa Dois Irmãos, a qual é um dos panoramas de fundo da igreja Matriz.

O mapa de 1937 (Imagem 58), que também apresenta circulada, na cor vermelha, a igreja Matriz, mostra alguns remanescentes mais antigos no bairro. Esses se localizaram no início do aclive do terreno, fomentados pelo prolongamento da via Nossa Senhora da Conceição, à frente da igreja de mesmo nome.

O mapa de 1977 (Imagem 59), por sua vez, apresenta pouca modificação nesse contexto, podendo-se identificar apenas algumas inserções edilícias novas, mas ainda na parte mais baixa do terreno. A maior explosão de ocupações e de densidade vai acontecer posteriormente, a partir da década de 1980, quando o bairro terá sua área praticamente toda ocupada, mesmo quando em condições adversas apresentadas pelos acentuados aclives.

O mapa de 2012 (Imagem 60), produzido com base em imagens aéreas atuais (Google Earth), evidencia, então, a grande ocupação da área do bairro Cabral, uma grande extensão em área tomada por ocupações edilícias e por um sistema viário que tenta se adaptar às variações da topografia local. O bairro Cabral, então, é hoje caracterizado pelos difíceis acessos resultantes das acentuadas inclinações do terreno, bem como pela baixa infraestrutura urbana que o assiste, apesar da expressividade física (em termos de extensão do bairro) e social da área.



**Imagem 57** – Mapa das ocupações no período colonial.  
**Fonte:** PMS (Álbum Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes, 1927) (sem escala).

**Imagem 58** (à esquerda na parte superior) – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.  
**Fonte:** Prefeitura Municipal de Sabará (PMS), 1937 (sem escala).

**Imagem 59** (à esquerda na parte central) – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.  
**Fonte:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

**Imagem 60** (à esquerda) – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – ano de 2012.  
**Fonte:** Google Earth, 2012 (sem escala).

### 3.3.4. CARACTERÍSTICAS URBANAS E MORFOLÓGICAS

As características de implantação do bairro Cabral correspondem às adversas condições topográficas do seu sítio. Com grandes declives, ora formando despenhadeiros, as ocupações se deram em locais que buscavam evitar tais situações; assim, diversos vazios urbanos formam manchas vegetais que permeiam o contexto urbanizado do bairro.

Portanto, o parcelamento urbano e as quadras conformadas apresentam formas e tamanhos variados, irregulares e orgânicos, que tendem a se adaptar às curvas da topografia. Já na porção mais recentemente urbanizada, mais ao norte, desenvolveu-se um conjunto de quadras que apresentam formas mais regulares - que tendem à ortogonalidade - e condensadas (Imagem 61).

O sistema viário estabelecido é de difícil leitura e apreensão por quem percorre o bairro. Uma vez adaptado às nuances variadas do terreno, o sistema viário se expressa através da organicidade, exceto na porção mais ao norte, conforme colocado anteriormente, quando as vias já assumem um caráter mais ortogonal entre si (vias ainda sem pavimentação). Quanto às hierarquias das vias de acesso, a maioria delas é adequada apenas para pedestres, devido às grandes inclinações (resolvidas por meio de escadarias) e às reduzidas larguras. A principal via que pode ser percebida dentro do bairro, com um caráter distribuidor, é a rua Embaúba, que se conecta desde a rua de Trás (que faz parte do caminho tronco estruturador do centro histórico de Sabará) e permeia grande parte do bairro Cabral, interligando-se à rua Acácia (Imagem 62).



**Imagem 61** – Conformação de quadras, com parcelamento irregular no bairro Cabral.  
**Fonte** mapa base: IPHAN, 2003.



— principal eixo articulador de Sabará  
 — rua Santa Cruz - principal eixo articulador do bairro  
 — vias secundárias - locais

**Imagem 62** – Principais eixos viários existentes no contexto do bairro.  
**Fonte** mapa base: IPHAN, 2003.

A dificuldade de acessos e a baixa qualidade dos mesmos, muitas vezes sem pavimentação e com larguras variáveis e inconstantes, imprimem à área um caráter de provisoriamente e de carência em relação aos mais diversos aspectos de infraestrutura urbana, apesar de ser um bairro já consolidado. As suas características físicas e urbanas, somadas aos aspectos sociais degradados, influenciam negativamente na percepção e na identificação social.

Quanto ao zoneamento, o bairro Cabral está compreendido dentro do perímetro urbano de Sabará. A Lei de Uso e Ocupação do Solo o classifica como ZUM - Zona de Uso Misto e APC III – Área de Proteção ao Patrimônio Cultural III (frente à proximidade ao centro histórico). O espigão do sítio onde se insere o bairro marca o início de uma zona de preservação, definida como AIA I – Área de interesse ambiental I.

Apesar de o caráter misto ser permitido no bairro, o uso residencial é predominante na área, o que torna o bairro Cabral dependente e impera ser vinculado cotidianamente ao centro da cidade, onde os serviços são disseminados. Quanto à existência de grandes equipamentos na paisagem, apenas uma igreja no alto do morro e uma quadra de esportes se destacam na conformação homogênea dos tipos edifícios.

Os tipos residenciais variam de um a três pavimentos, normalmente com o pavimento superior vazado e coberto por telhado metálico, assemelhando-se a uma grande varanda, para fins de socialização, o que é bastante disseminado no bairro (Imagens 63 a 66).

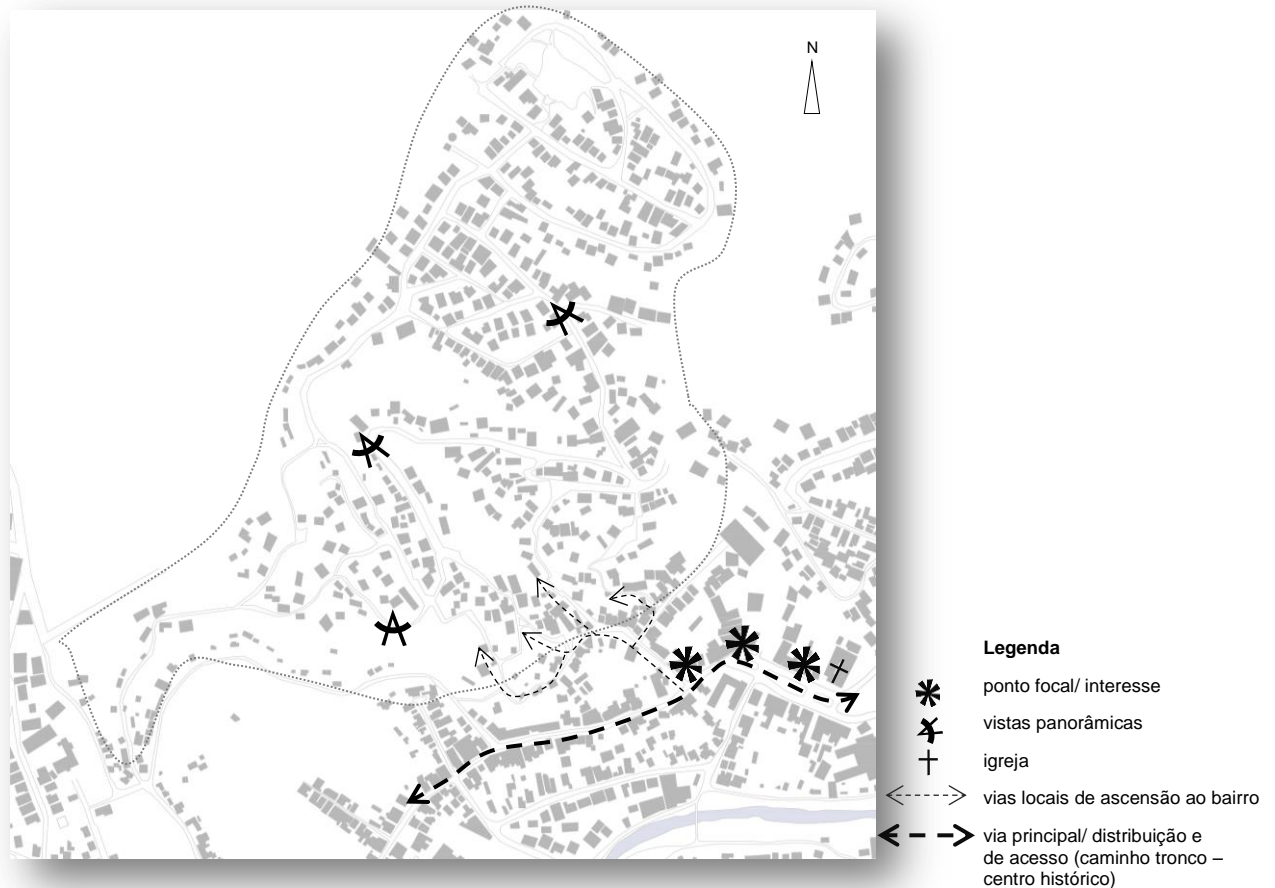
Há grande variação quanto aos afastamentos das construções em relação ao lote, em face da diversidade das características dos lotes, ora em terrenos acidentados, ora em terrenos mais planos (Imagem 63). Alguns tipos apresentam recuos frontais, laterais e de fundos; outros estão sobre esses limites. Em muitos exemplares residenciais do bairro, as fundações são aparentes, visto os acidentados caimentos do terreno (Imagens 64 e 65). As vistas panorâmicas para toda a cidade tendem a ser aproveitadas, com a composição de varandas e platôs que permitem essa apreciação e, também, a socialização (Imagem 66).



**Imagens 63 a 66** - Alguns tipos edifícios existentes no bairro.

**Fonte:** Acervo próprio, 2012.

Uma vez explicitadas as características físicas e estruturais que conformam o bairro Cabral, segue um croqui esquemático que ilustra os principais condicionantes físicos desse espaço, que norteiam a paisagem e influenciam significativamente na apreensão da lógica espacial do bairro (Imagem 67).



**Imagem 67** – Alguns dos principais elementos físicos construídos que se destacam na paisagem do bairro.

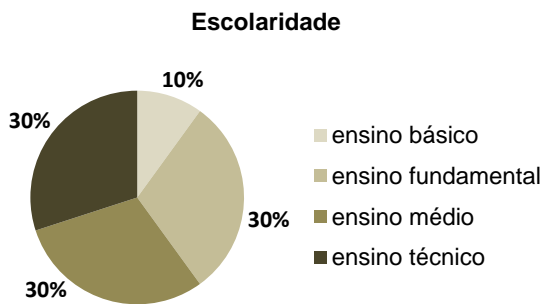
**Fonte:** Autora, 2012 (sem escala).

Percebe-se que o eixo viário mais importante desse contexto não é parte do bairro, mas sim pertencente ao centro histórico - a avenida Nossa Senhora da Conceição. O destaque a esse eixo deve-se ao fato de ser o principal acesso ao bairro, tanto de pedestres quanto de veículos, distribuindo, assim, os percursos secundários dentro do bairro. A relevância desse eixo é acentuada, ainda mais, pela presença dos comércios e serviços, ou seja, um forte e potencial caráter de centralidade, que é percebido e, assim, utilizado pelos moradores do bairro Cabral (representados como pontos focais/interesse no diagrama), no qual essas atividades são deficientes. Somam-se a esses aspectos físicos, a composição das inúmeras visuais panorâmicas a partir da implantação do bairro Cabral.

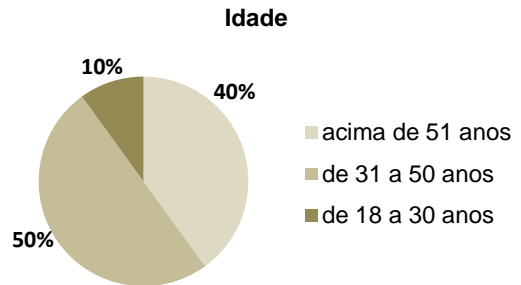
3.3.5. CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E PERCEPTIVAS

A população residente no bairro Cabral é de 1.884 habitantes, cerca de 1,5% dos habitantes de Sabará, que apresenta 123.014 habitantes (Sabará e distritos); enquanto a população do centro histórico é relativa a 4.156 habitantes (Prefeitura Municipal de Sabará, Censo 2005).

O universo de entrevistados do bairro Cabral constou de 10 entrevistados, sendo abordadas sete mulheres e três homens; desse universo, 10% possuíam escolaridade até o ensino básico, 30% apresentavam ensino fundamental, 30% informaram ter completado o ensino médio e, também, 30% o nível superior (Gráfico 09). Quanto à idade dos entrevistados, 50% apresentavam entre 31 e 50 anos, 40% estavam na faixa etária acima de 51 anos e 10% entre 18 e 30 anos (Gráfico 10).

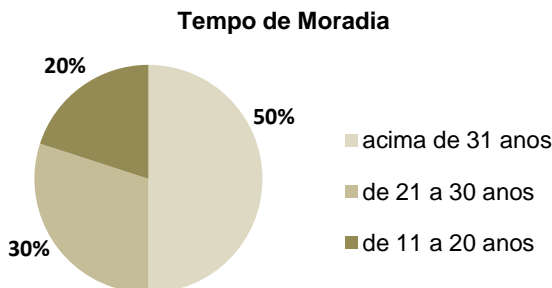


**Gráfico 09** - Escolaridade dos entrevistados no bairro Cabral.  
Fonte: Autora, 2012.

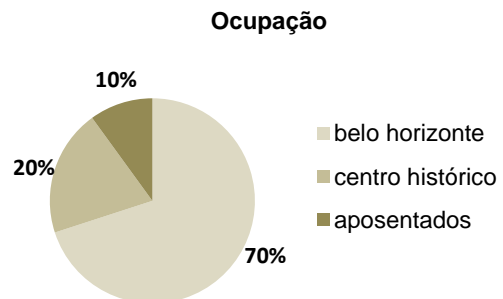


**Gráfico 10** - Idade dos entrevistados no bairro Cabral.  
Fonte: Autora, 2012.

O tempo de moradia no bairro tende a ser de médio a longo, pois 50% relataram morar há mais de 31 anos, 30% de 21 a 30 anos e 20% estão lá dentre 11 a 20 anos (Gráfico 11). Quanto à ocupação dos entrevistados (se ativos ou aposentados, sendo que, quando ativos, pontuou-se o local onde trabalham), o resultado mostrou preponderância em Belo Horizonte, cerca de 70%, sendo que apenas 20% trabalham ou estudam no centro histórico e 10% são aposentados (Gráfico 12).



**Gráfico 11** - Tempo de moradia dos entrevistados no bairro Cabral.  
Fonte: Autora, 2012.



**Gráfico 12** - Ocupação dos entrevistados no bairro Cabral.  
Fonte: Autora, 2012.

O entendimento a partir desse último dado, de que 70% dos entrevistados mantêm atividades de trabalho ou estudo em Belo Horizonte, corresponde a algumas questões que

aparecerão ainda nesta seção, como a construção da identidade com o lugar (que pelas entrevistas foi menor do que a percebida em outros bairros), bem como o fato do bairro ser fruto do surgimento recente e precário em relação à infraestrutura urbana.

Foi unânime a consideração de que não existem espaços de lazer no bairro, explicitando a deficiência dessa estrutura urbana neste contexto, embora haja vários espaços livres de edificação, muitas vezes dotados de arborização, que poderiam compor o espaço urbano enquanto espaços de lazer e socialização. Através da análise dos dados cartográficos, nota-se a existência de uma quadra de esportes, não pavimentada, na parte superior do bairro, que, entretanto, não foi levantada ou apontada como espaço de lazer.

Os limites territoriais do bairro foram descritos de forma semelhante pelos entrevistados, o que explicita a clara leitura dos limites, possibilitada, principalmente, pelas áreas verdes circundantes. Os limites foram caracterizados como da Rua de Trás (ou rua Nossa Senhora da Conceição) até a Santa Casa de Misericórdia, e da praça do Cabral até o morro do “TFP” (grandes inscrições em pedra no morro atrás do bairro vistas de diversas visuais da cidade).

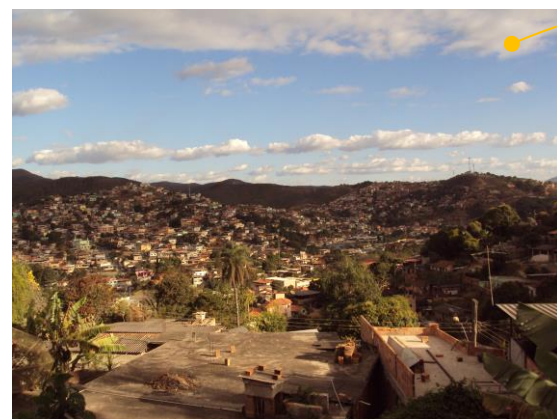
O fator de identificação dos moradores entrevistados com o bairro Cabral foi um dos aspectos mais surpreendentes desse bairro, pois as respostas positivas e negativas foram equilibradas. Se para metade dos entrevistados o lugar em que cresceram e construíram amizades era fator suficiente para gostarem e se identificarem com o lugar, para a outra metade não havia identificação ou sensação de pertencimento àquele contexto, principalmente devido à violência e insegurança existentes.

Quanto às referências simbólicas de Sabará, os moradores que foram entrevistados no bairro Cabral apontaram, principalmente, elementos arquitetônicos religiosos, como a Igreja Matriz (Nossa Senhora da Conceição) e a Igreja do Carmo, sendo que a terceira referência mais citada foram as visuais panorâmicas para toda a cidade, a partir do alto do bairro. Demais objetos referenciais foram citados somente por um entrevistado, como Chafariz do Caquende e a Chácara do Lessa (essa última nas proximidades do bairro Cabral).

Dentre os aspectos que conduziram a uma perspectiva de melhora no bairro, foram citados, em ordem de recorrência nas entrevistas: melhoria da infraestrutura no bairro (como ônibus, coleta de lixo e pavimentação ruas); instalação de equipamentos para lazer, que inexistem ali; inserção de uma escola no bairro; e existência de casas com maior qualidade e menos provisoriade, dentre outros. A seguir, um mapa esquemático (Imagem 68) ressaltando as principais características que permeiam percepção social, como as constantes visuais panorâmicas possibilitadas pela acentuada inclinação da área; bem como a relação com o centro histórico, principalmente o contexto da igreja Matriz, que é utilizado pelos moradores para o comércio, serviços e lazer (no largo a frente da igreja Matriz).



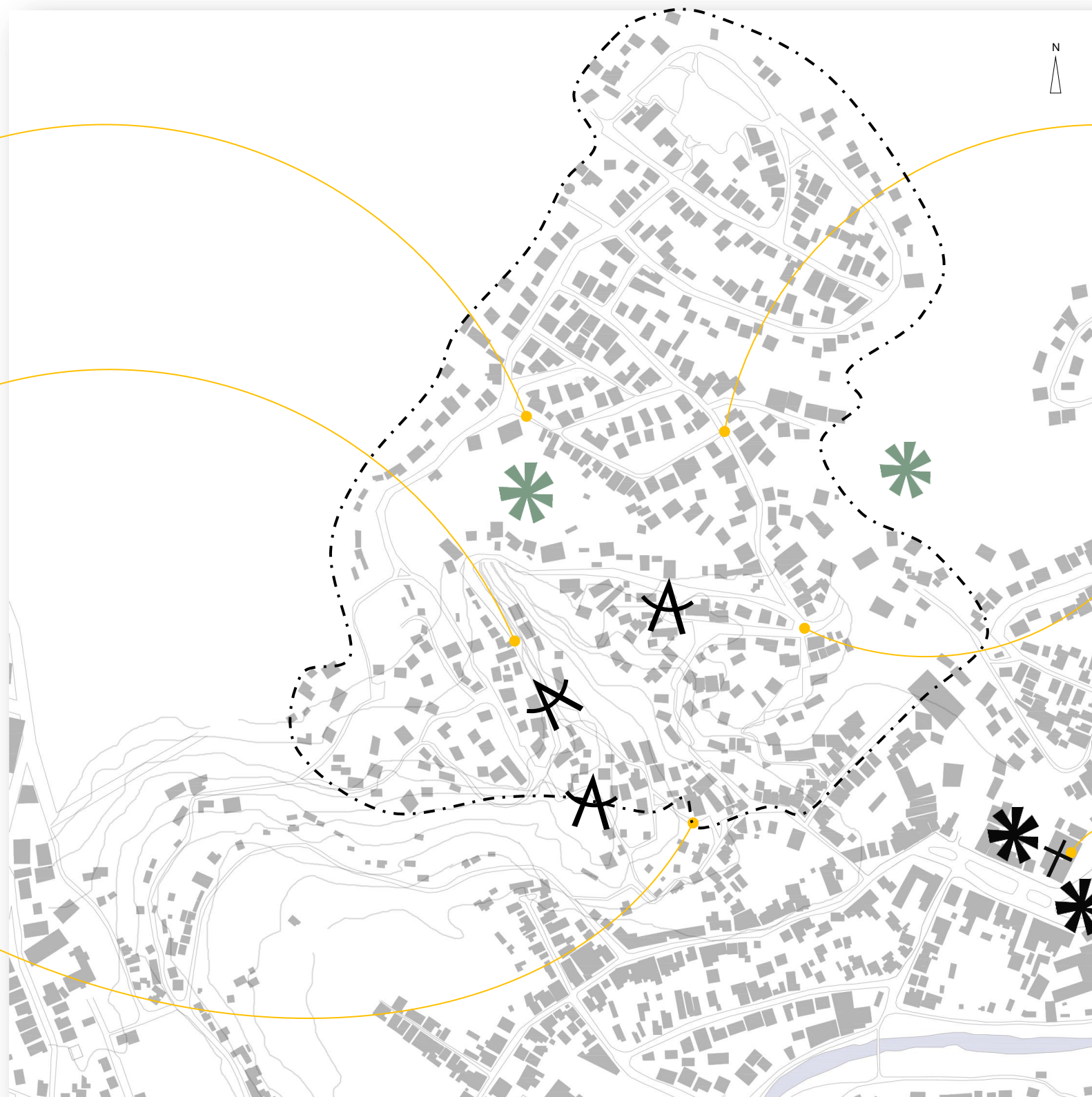
Um dos tipos edifícios recorrentes no bairro Cabral, em concreto armado e formando varandas no pavimento superior para socialização e contemplação da paisagem.  
Fonte: Autora, 2012.



Uma das diversas visuais panorâmicas de Sabará a partir do bairro Cabral.  
Fonte: Autora, 2012.



Beco com escadaria de acesso ao bairro Cabral, resultado da adaptação às acentuadas inclinações ao terreno.  
Fonte: Autora, 2012.



**Imagem 68** – Esquema simbólico das percepções sociais segundo os moradores entrevistados no bairro Cabral.  
Fonte: Autora, 2012 (sem escala).



Uma das diversas visuais panorâmicas de Sabará a partir do bairro Cabral.  
Fonte: Autora, 2012.



Cruzamento de diversas vias no bairro, com destaque às diferentes inclinações que assumem.  
Fonte: Autora, 2012.



Igreja de Nossa Senhora da Conceição (conhecida, também, como igreja Matriz) e comércios e serviços circundantes.  
Fonte: Autora, 2012.

- Legenda**
- +
  - ✱
  - ✱
  - ✱
  - - - -

igreja

vista panorâmica

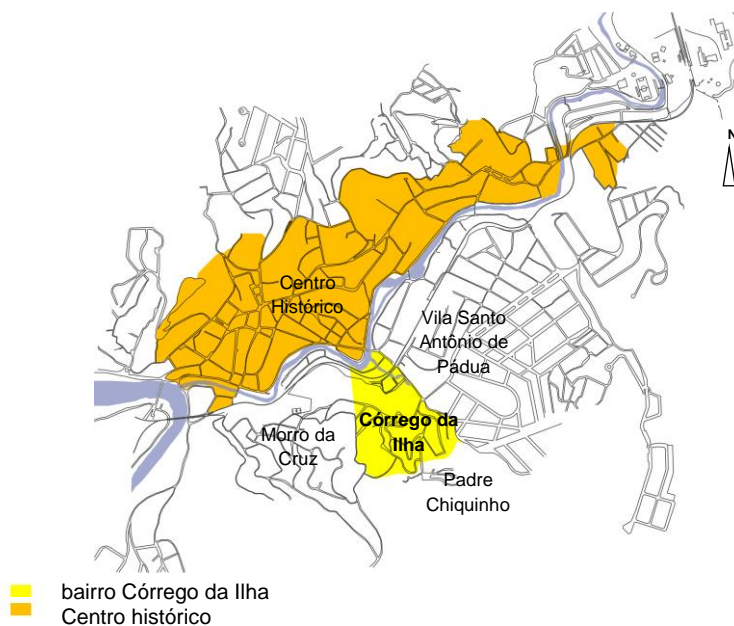
ponto focal/ interesse

áreas verdes potenciais

limites do bairro (entrevistados)

### 3.4. O CONTEXTO DO BAIRRO CÓRREGO DA ILHA

O ocupação do bairro Córrego da Ilha se deu já no século XX, fomentada pela grande proximidade ao centro histórico, apesar do caráter hostil do sítio às ocupações, devido às acentuadas inclinações do terreno. Assim, estabeleceu-se o bairro Córrego da Ilha, que apresenta esse nome uma vez que ladeia o córrego de mesmo nome e, que deságua no rio Sabará. O bairro Córrego da Ilha se limita a oeste com o bairro Morro da Cruz, a leste com o bairro Vila Santo Antônio de Pádua, a sul com o pequeno bairro Padre Chiquinho e, a norte, com o centro histórico de Sabará (Imagem 69).



**Imagem 69** – Mapa chave de localização do bairro Córrego da Ilha.

**Fonte mapa base:** Prefeitura Municipal de Sabará, 2005.

#### 3.4.1. APRESENTAÇÃO/HISTÓRICO

O bairro Córrego da Ilha não possui quaisquer remanescências urbanas ou arquitetônicas do tecido tradicional colonial (que se apresenta no centro histórico da cidade), apesar da proximidade entre ambos. Sua ocupação data, principalmente, do século XX, quando nota-se um maior impulso em seu crescimento e espraiamento do bairro. Localizado às proximidades do antigo arraial da Barra do Sabará, à margem esquerda do rio Sabará, o bairro ocupa a porção leste da mesma elevação montanhosa que o bairro Morro da Cruz (que, por sua vez, ocupa a porção oeste da elevação). Sua área é, ainda, atravessada pela linha férrea, cuja inserção é datada de 1920.

### 3.4.2. CONDICIONANTES FÍSICOS E NATURAIS

O bairro Córrego da Ilha é caracterizado por ser um dos bairros que ocupa um dos terrenos mais acidentados às adjacências do centro histórico. Suas primeiras ocupações tenderam a se estabelecer ao longo do córrego que corta o bairro, assim, estabelecendo-se na parte mais plana da área. Entretanto, o desenvolvimento posterior tomou as elevações montanhosas circundantes, as reentrâncias do terreno e as partes mais íngremes. A grande variação de altitude vai desde a cota 700m até 830m, aproximadamente (Imagem 70).



**Imagem 70** - Levantamento topográfico no bairro Córrego da Ilha, na década de 1970.

**Fonte:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

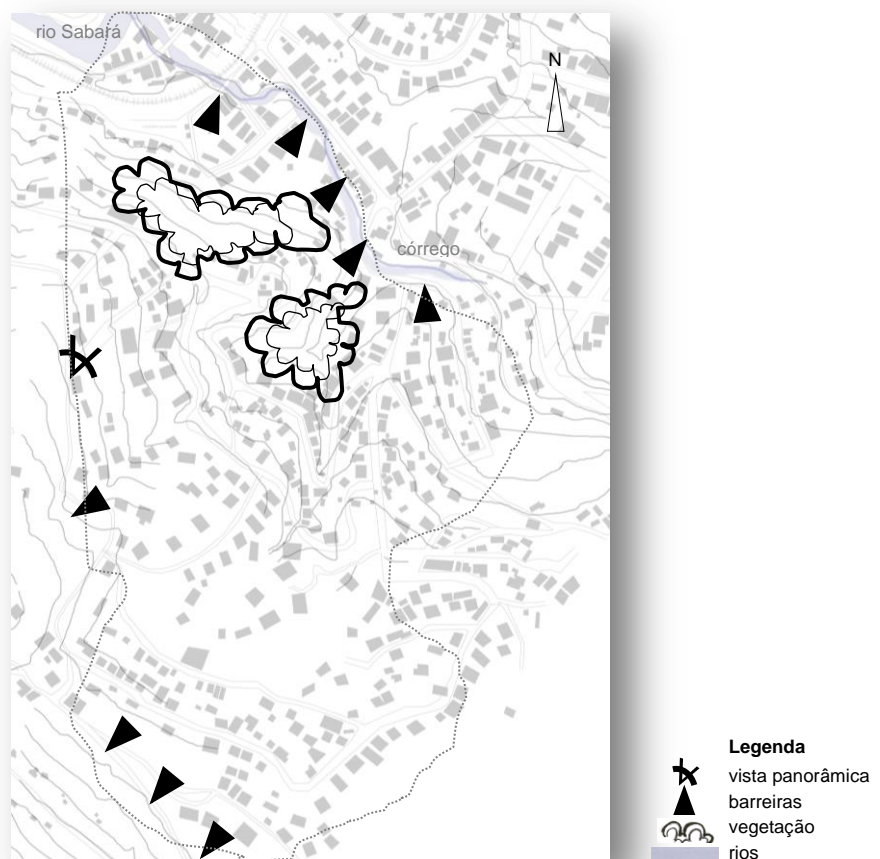
Os principais grupos vegetais que são percebidos no bairro Córrego da Ilha tendem a coincidir com as áreas de mais difícil acesso e, portanto, com menor ocupação. Além da preservação consequente das acentuadas inclinações, o leito do córrego mantém preservada grande parte de sua vegetação ciliar, principalmente na nascente do córrego, mais a sudeste (Imagem 71). Quanto aos seus limites, o bairro é conformado pelo rio Sabará a noroeste, pelo córrego cujo leito define a face leste do bairro, e a oeste e sul o bairro é conformado pelo cume da elevação montanhosa que abriga os bairros Córrego da Ilha e Morro da Cruz.



**Imagem 71** - Vista aérea do bairro, com destaque para os grupos vegetais existentes.

**Fonte:** Google Earth, 2012.

A seguir, um croqui esquemático com os principais condicionantes naturais que conformaram o bairro Córrego da Ilha, com destaque, principalmente, para as grandes inclinações do terreno e para o córrego de mesmo nome, que funcionaram como barreiras para um crescimento ainda mais disseminado por toda a área (Imagem 72).



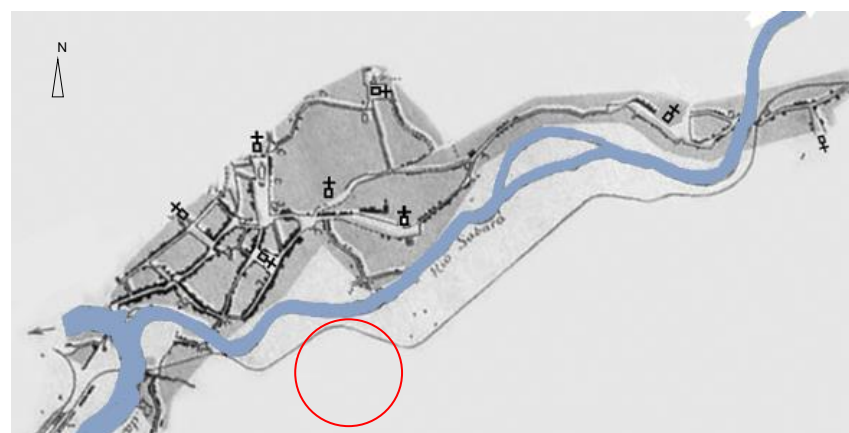
**Imagem 72** – Croqui dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento do Córrego da Ilha.

**Fonte mapa base:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

### 3.4.3. EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO BAIRRO CÓRREGO DA ILHA DA ILHA

A sequência de mapas apresentada ao lado evidencia o surgimento, a transformação e a evolução do espaço urbano do bairro Córrego da Ilha. Os recortes temporais estabelecidos compreendem o levantamento urbano realizado em 1937 (Prefeitura Municipal de Sabará), seguido pelas transformações observadas já em 1977 (PLAMBEL) e culminam com a situação atual traçada por meio de imagens aéreas do bairro (Google Earth).

Primeiramente, cabe ressaltar a localização do bairro Córrego da Ilha em relação às preexistências tradicionais da cidade. O bairro se desenvolveu nas adjacências do tecido colonial, à margem esquerda do rio Sabará, conforme a localização destacada na cor vermelha (Imagem 73).

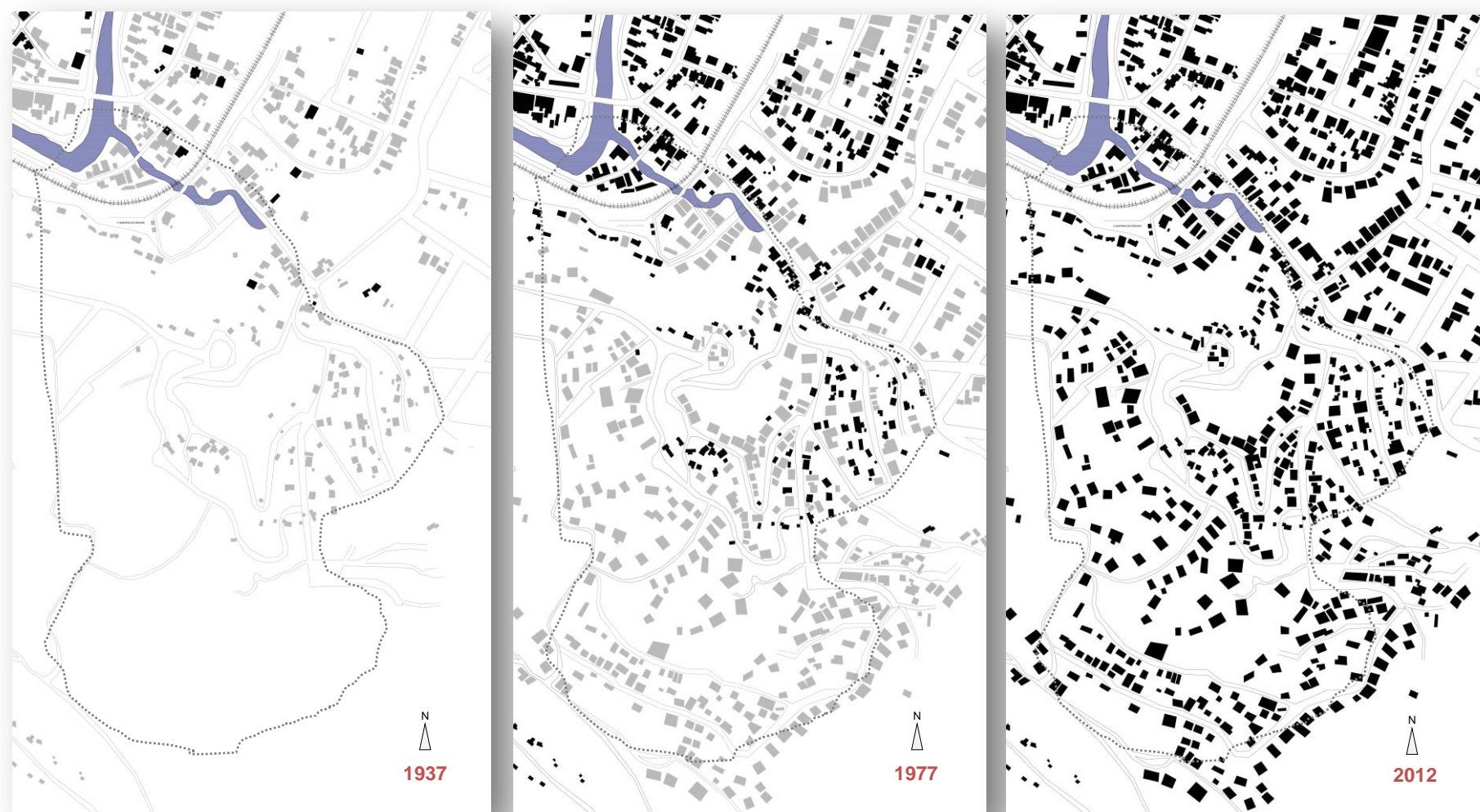


**Imagem 73** – Mapa das ocupações no período colonial.

**Fonte:** PMS (Álbum Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes, 1927) (sem escala).

O mapa de 1937 (Imagem 74) demonstra que o bairro ainda não havia se consolidado nesta época, apresentando apenas algumas construções em seu contexto. Mas, a partir de 1977 (Imagem 75), já se podem observar ocupações mais disseminadas pela área, tomando a paisagem em acentuado auge.

O mapa de 2012 (Imagem 76), por sua vez, expõe a atual situação do bairro, que se desenvolveu em direção às inclinadas encostas da parte leste do bairro Morro da Cruz (esse, localizado na face oeste da mesma elevação montanhosa). As construções tendem a ocupar esparsamente os quarteirões, sem a formação de continuidades urbanas das fachadas. O espraiamento do bairro contribui para a perda da apreensão dos limites entre os bairros, que acabam por compor um aglomerado coeso, sem muitas diferenciações de limites em relação aos bairros vizinhos.



**Imagem 74** (acima, à esquerda) – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.

**Fonte:** Prefeitura Municipal de Sabará (PMS), 1937 (sem escala).

**Imagem 75** (acima, na parte central) – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.

**Fonte:** PLAMBEL, 1977(sem escala).

**Imagem 76** (acima, à direita) – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – ano de 2012.

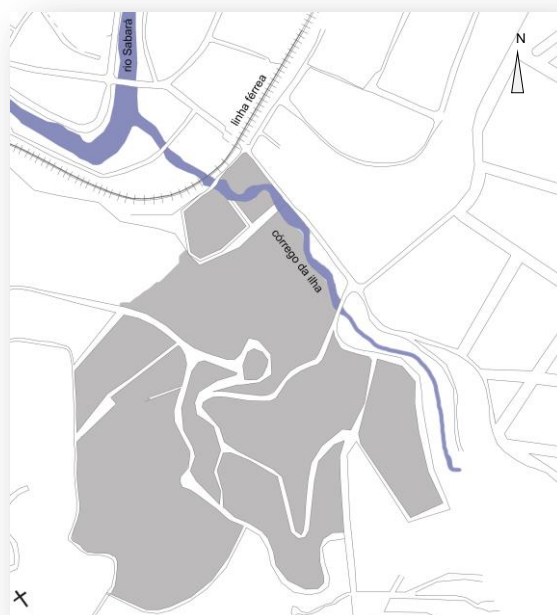
**Fonte:** Google Earth, 2012(sem escala).

### 3.4.4. CARACTERÍSTICAS URBANAS E MORFOLÓGICAS

As características de implantação do bairro Córrego da Ilha refletem a grande instabilidade dos níveis do terreno onde se insere o bairro. Variando entre cotas bem distintas, a implantação do bairro teve que se adequar às reentrâncias, aos diversos talwegues e ao curso hídrico presente. Assim, a implantação assumiu um caráter orgânico e sinuoso, de forma a adaptar-se mais adequadamente à variável topografia.

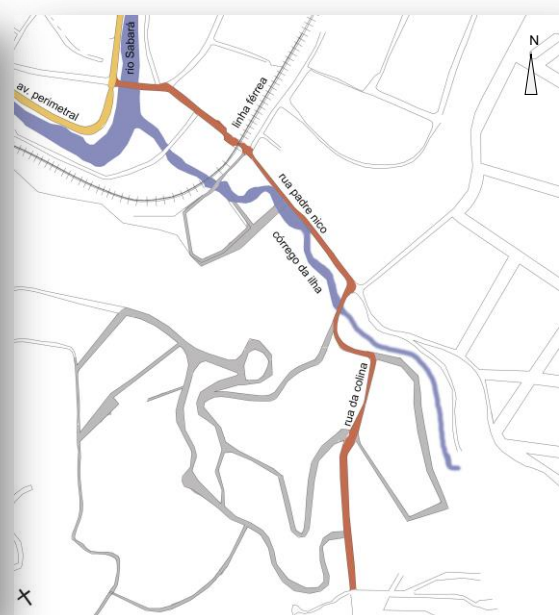
O parcelamento urbano e as quadras resultantes do processo de adequação a essa difícil situação do terreno caracterizam-se pela irregularidade, sem formas definidas e com variáveis dimensões dos quarteirões (Imagem 77). Quanto ao sistema viário, não se pode perceber um eixo viário principal, uma vez que vários caminhos se entrecruzam sem maiores hierarquias viárias entre si. Destaca-se apenas uma via que apresenta um caráter mais movimentado e coletor - rua Padre Nico-, uma vez que passa pelo bairro Córrego da Ilha e conduz ao bairro Padre Chiquinho, na porção sul do terreno (Imagem 78).

Cabe ressaltar a considerável relevância estruturadora e distribuidora de uma das vias do bairro Córrego da Ilha, que é a rua Padre Nico. Essa rua, que se liga desde a ponte de entrada no bairro, é um dos mais movimentados eixos desse contexto urbano, uma vez que é um dos acessos para os bairros Córrego da Ilha, Padre Chiquinho, Vila Santo Antônio de Pádua e Francisco de Moura. Assim, destaca-se o caráter estruturador da rua Padre Nico, que, ainda, separa os bairros Córrego da Ilha e Vila Santo Antônio de Pádua.



— cursos hídricos

**Imagem 77** – Conformação de quadras e parcelamento irregular e adaptado à topografia no bairro Córrego da Ilha.  
Fonte mapa base: IPHAN, 2003.



— principal eixo articulado de Sabará – avenida perimetral  
— principais eixos viários do bairro Córrego da Ilha  
— vias secundárias – caráter local

**Imagem 78** – Principais eixos viários existentes.  
Fonte mapa base: IPHAN, 2003.

Quanto ao zoneamento, o Córrego da Ilha está compreendido dentro do perímetro urbano de Sabará. A Lei de Uso e Ocupação do Solo a classifica como ZUM - Zona de Uso Misto e APC III – Área de Proteção ao Patrimônio Cultural III (frente à proximidade ao centro histórico). Entretanto, o caráter misto pode ser encontrado no bairro de modo mais disseminado apenas ao longo da rua Padre Nico. Nas demais localidades dissemina-se o uso residencial unifamiliar, o que implica uma recorrência quase diária do morador do bairro Córrego da Ilha ao centro histórico, onde serviços e comércios mais diversificados são encontrados – relação que vai se repetir em diversos outros bairros de Sabará.

Quanto às ocupações, houve um claro adensamento ocorrido nos últimos anos, explicitado na sequência de evolução de ocupações (Imagens 74 a 76). Os tipos edilícios existentes no bairro Córrego da Ilha caracterizam-se, em muitos casos, pelas soluções construtivas para se adequar ao terreno íngreme de seu sítio. Assim, em diversas edificações as fundações apresentam-se aparentes, como suporte para um, dois e até três pavimentos (Imagem 79).

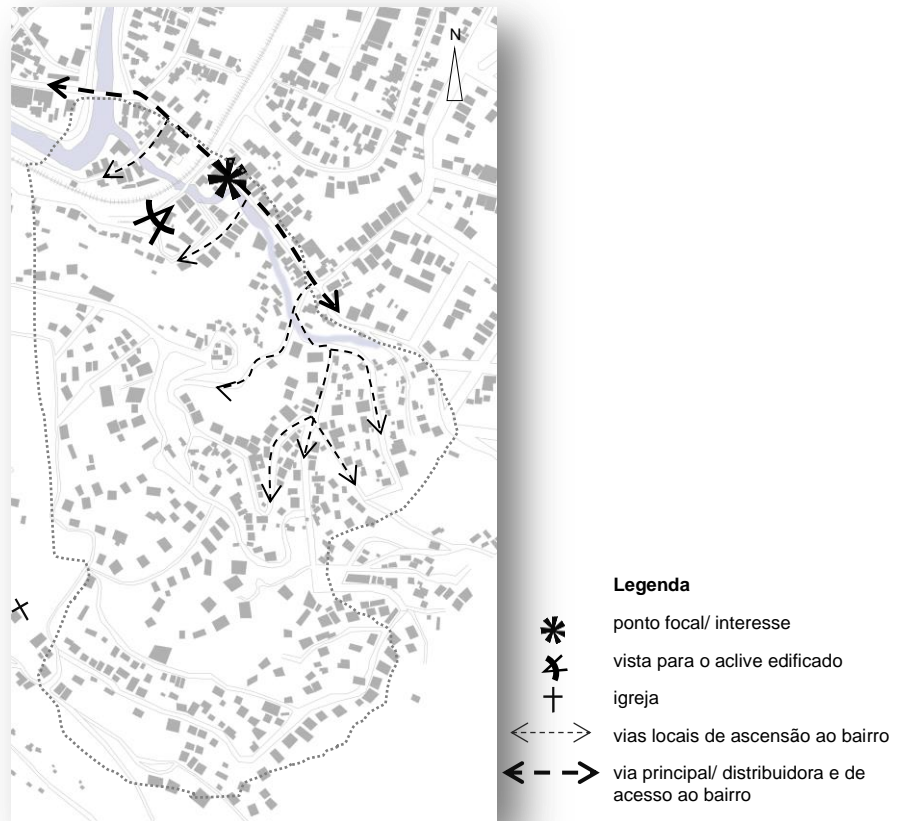
Assim, variando de um a três pavimentos, as construções residenciais correspondem às características contemporâneas: de alvenaria e concreto armado, as habitações ora apresentam cobertura de telhas coloniais, ora utilizam seus pavimentos superiores como áreas de lazer abertas cobertas por telhas metálicas, como pode ser observado nas imagens que seguem (Imagens 79 e 81). Há grande variação quanto aos afastamentos das construções em relação ao lote, uma vez que ora algumas apresentam recuos frontais, laterais e de fundos, ora estão sobre esses limites.



**Imagens 79 a 81** - Alguns tipos edilícios existentes no bairro.

**Fonte:** Autora, 2012.

O esquema exposto abaixo (Imagem 82) explicita a relevância dos principais elementos físicos construídos que influenciam na paisagem do espaço do bairro Córrego da Ilha, sendo as ruas em movimento ascendente o caráter físico mais perceptível.



**Imagem 82** – Alguns dos principais elementos físicos construídos que se destacam na paisagem do bairro.

**Fonte:** Autora, 2012.

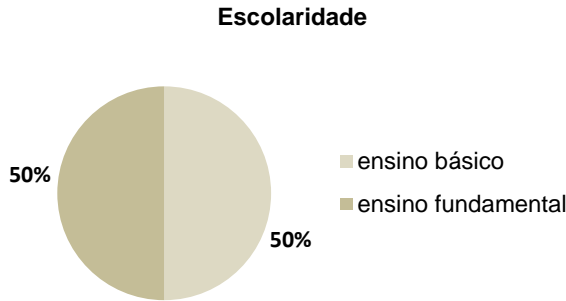
Uma vez que o bairro localiza-se em uma área de topografia íngreme, a percepção de ascensão das elevações montanhosas pelos eixos viários é constante e pregnante. Outro elemento construído que se destaca é a relevância distribuidora, agregadora (serviços e comércios) e principal acesso do bairro – a rua Padre Nico, a qual também é um importante acesso a outros bairros.

#### 3.4.5. CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E PERCEPTIVAS

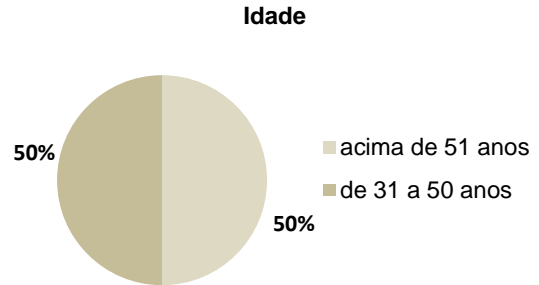
O bairro Córrego da Ilha apresenta cerca de 2.047 habitantes, correspondendo a cerca de 1,6% da população de Sabará, que apresenta um total de 123.014 habitantes (Sabará e distritos), enquanto a população do centro histórico é relativa a 4.156 habitantes (Prefeitura Municipal de Sabará, Censo 2005).

O universo de entrevistados do bairro Córrego da Ilha apresentou-se diverso em escolaridade e idades. De um universo de dez entrevistados, sendo cinco mulheres e cinco homens, as escolaridades observadas foram baixas, sendo que 50% possuíam o ensino

básico e 50% apresentavam ensino fundamental (nenhum entrevistado apresentou ensino superior ou técnico) (Gráfico 13). Quanto à idade, 50% estavam na faixa etária acima de 51 anos e 50% apresentavam entre 31 e 50 anos (Gráfico 14).

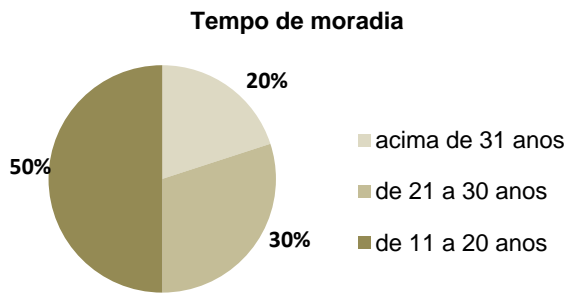


**Gráfico 13** - Escolaridade dos entrevistados no bairro Córrego da Ilha.  
**Fonte:** Autora, 2012.

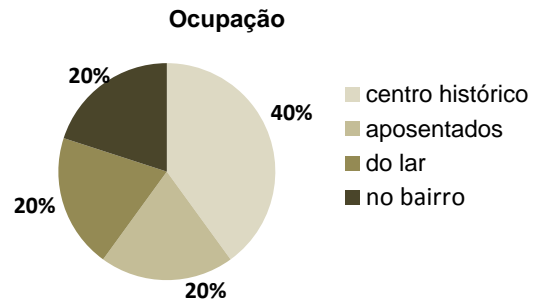


**Gráfico 14** - Idade dos entrevistados no bairro Córrego da Ilha.  
**Fonte:** Autora, 2012.

O tempo de moradia no bairro tende a ser de médio a longo, pois os entrevistados apontaram morar no local há pelo menos 10 anos, sendo que 50% estão lá dentre 11 a 20 anos, 30% residem no local de 21 a 30 anos e 20% acima de 31 anos (Gráfico 15). Quanto à ocupação dos entrevistados (se ativos ou aposentados, sendo que, quando ativos, pontuou-se o local onde trabalham), o resultado foi diverso e equilibrado, pois 40% informaram trabalhar no centro histórico, 20% são aposentados, 20% trabalham em casa (do lar) e 20% trabalham no próprio bairro (Gráfico 16).



**Gráfico 15** - Tempo de moradia dos entrevistados no bairro Córrego da Ilha.  
**Fonte:** Autora, 2012.



**Gráfico 16** - Ocupação dos entrevistados no bairro Córrego da Ilha.  
**Fonte:** Autora, 2012.

Há associação de moradores no bairro Córrego da Ilha e, através das entrevistas, percebeu-se que essa é conhecida, uma vez que sua existência foi apontada por 70% dos entrevistados; entretanto, nenhum dos entrevistados frequenta as reuniões ou participa das decisões.

Quanto aos espaços livres ou espaços de lazer existentes no bairro, os moradores entrevistados no Córrego da Ilha foram unânimes em pontuar que inexistem. A observação do espaço permite inferir que há espaços potenciais para a inserção de espaços de lazer, como praças, parques, etc.. As diversas áreas vegetadas resultantes de áreas residuais de

quadras, ou mesmo os talvegues do terreno, como às proximidades do córrego, poderiam ser melhor aproveitados e conformados para configurarem espaços de uso local para a população.

Os limites territoriais do bairro foram descritos de forma similar pelos entrevistados, apesar da grande proximidade entre esse bairro e o bairro Morro da Cruz e Padre Chiquinho. Por vezes elementos construídos e naturais foram usados para descrever os limites, como a rua Padre Nico (que marca a face leste do bairro) e o alto da elevação montanhosa que divide os bairros Morro da Cruz e Córrego da Ilha. Entretanto, muitos não souberam definir limites e houve confusão dos limites entre os bairros vizinhos, frente à interseção que existe entre diversos deles, pois para 30% dos entrevistados “os bairros já estão muito misturados”.

A identificação com o bairro foi grande, uma vez que 80% dos entrevistados relataram gostar de morar ali e se identificar com o bairro. Ora atribuíram essa identificação ao fator social, uma vez que conhecem muitas pessoas e moram ali há muito tempo; ora ressaltaram que “o bairro é menos violento do que alguns outros bairros” existentes em Sabará. Entretanto, 20% disseram que o bairro apresenta muita insegurança, o que os faz não se identificarem muito com esse. Assim, nenhum caráter físico do local parece contribuir para a construção de identidade ou sensação de pertencimento àquele contexto.

Quanto às referências simbólicas de Sabará, nenhum dos entrevistados pontuou qualquer elemento próprio do bairro. Foram apontados os principais ícones religiosos do centro histórico, como a igreja Nossa Senhora do Ó, a igreja Nossa Senhora da Conceição (Matriz), a igreja do Rosário e a praça Santa Rita, sendo apontados, até mesmo, elementos industriais, como a vista da usina siderúrgica, e elementos não católicos, como a igreja universal existente no centro histórico. A lagoa do bairro vizinho Vila Santo Antônio de Pádua também foi apontada por um dos entrevistados, visto que se encontra próxima ao bairro Córrego da Ilha.

Os entrevistados no bairro Córrego da Ilha expressaram a grande carência do bairro quando questionados acerca dos aspectos que o melhorariam, apontando a necessidade de serviços e comércios mais disseminados e variados na área, como farmácia, etc., pois há muita concentração desses apenas no centro histórico. Outro apontamento de melhora do bairro bastante recorrente foi a necessidade de se criarem espaços de lazer, bem como equipamentos urbanos, como escola e creche na área.

A seguir, um mapa esquemático (Imagem 83) com as principais questões apontadas pelos entrevistados frente às relações sociais existentes no bairro com o espaço urbano de Sabará, ressaltando as principais características que permeiam a percepção social.



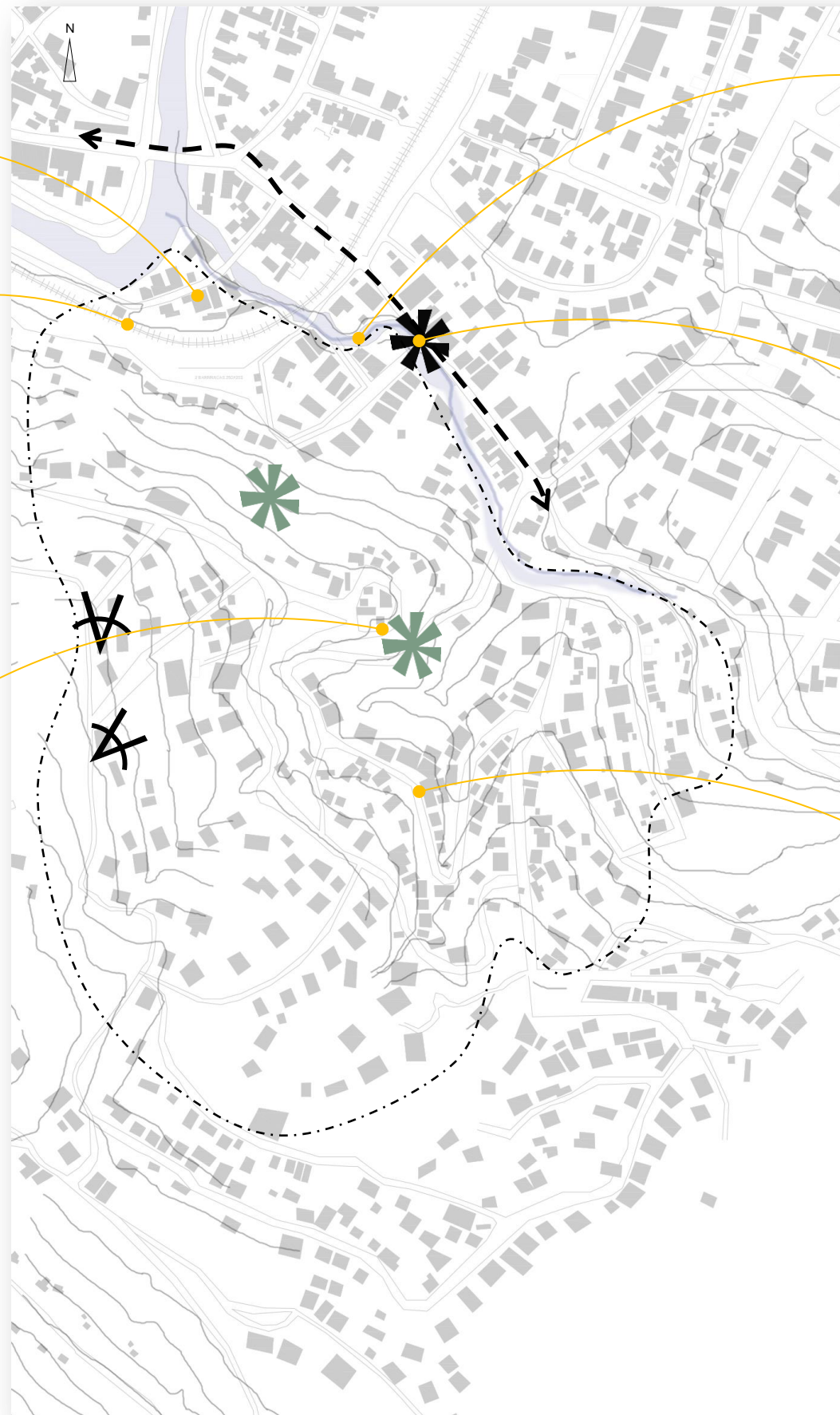
Porção mais plana do bairro, localizada entre a linha férrea e o rio Sabará.  
Fonte: Autora, 2012.



Linha férrea desativada que corta o bairro Córrego da Ilha, dissociando a parte plana do bairro (entre o rio Sabará e a linha férrea) e o início do acentuado acíve.  
Fonte: Autora, 2012.



Vazios urbanos vegetados, resultantes das inclinações mais hostis à ocupação.  
Fonte: Autora, 2012.








Situação atual do córrego da Ilha, cujo pequeno curso de água transpassa os vazios urbanos entre os lotes configurados.  
Fonte: Autora, 2012.



Rua Padre Nico, o principal acesso ao bairro Córrego da Ilha, com seus comércios e serviços combinados ao uso residencial.  
Fonte: Autora, 2012.



Vias de acentuadas inclinações no bairro.  
Fonte: Autora, 2012.

- Legenda**
-  vista panorâmica
  -  ponto focal/ interesse
  -  áreas verdes potenciais para o lazer
  -  limites do bairro (entrevistados)
  -  via principal/ distribuidora e de acesso ao bairro

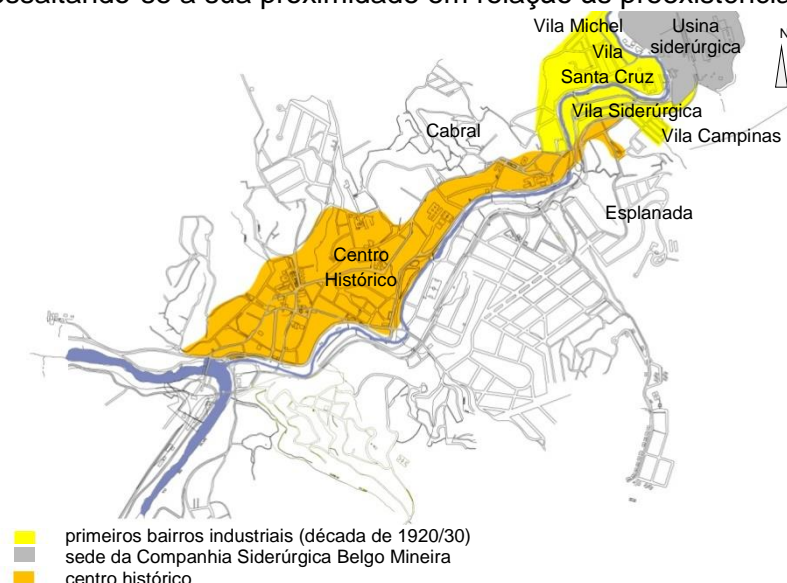
**Imagem 83** – Esquema simbólico das percepções sociais segundo os moradores entrevistados no bairro Córrego da Ilha.  
Fonte: Autora, 2012 (sem escala).

### 3.5. O CONTEXTO DAS ÁREAS INDUSTRIAIS

O contexto das áreas industriais, assim denominado na presente subseção, busca enfatizar as áreas surgidas a partir da inserção de uma indústria da siderurgia na cidade, denominada Companhia siderúrgica Belgo Mineira, ainda na década de 1920. Não serão tratados isoladamente, aqui, os primeiros bairros operários, mas conjuntamente, uma vez que seus surgimentos foram simultâneos e que visa-se manter uniforme a escala de cada recorte – visto que os bairros operários são compactos e possuem reduzidas dimensões.

Assim, este recorte compreenderá, primeiramente, a destacada área da usina siderúrgica, que apresenta grandes equipamentos/construções e extensas áreas verdes. A esta singular mancha urbana somam-se os bairros/vilas criadas para abrigar os funcionários da usina, vilas essas que se localizam em suas adjacências e compõem um conjunto homogêneo, a despeito dos diferentes tipos edilícios inseridos em cada uma delas (cada conjunto era destinado a um grupo específico de trabalhadores da companhia e continha diferentes tipos residenciais). As primeiras vilas industriais foram a Vila Siderúrgica, a Vila Santa Cruz, a Vila Campinas e a Vila Michel. Algumas intervenções pontuais para criar residências para os funcionários da siderúrgica em tecidos urbanos já configurados também existiram, como no próprio tecido colonial (nas proximidades da igreja Nossa Senhora da Conceição e da igreja Nossa Senhora do Ó). Entretanto, este presente recorte aborda apenas os traçados urbanos genuínos delineados a partir da década de 1920, com o fomento do crescimento industrial.

Inseridas ao longo do rio Sabará, as vilas operárias fazem limite, atualmente, com os bairros Cabral (a oeste) e Esplanada (ao sul). Segue um mapa com as primeiras áreas industriais em destaque, ressaltando-se a sua proximidade em relação às preexistências coloniais:



**Imagem 84** – Mapa chave de localização do bairro Esplanada.  
**Fonte mapa base:** Prefeitura Municipal de Sabará, 2005.

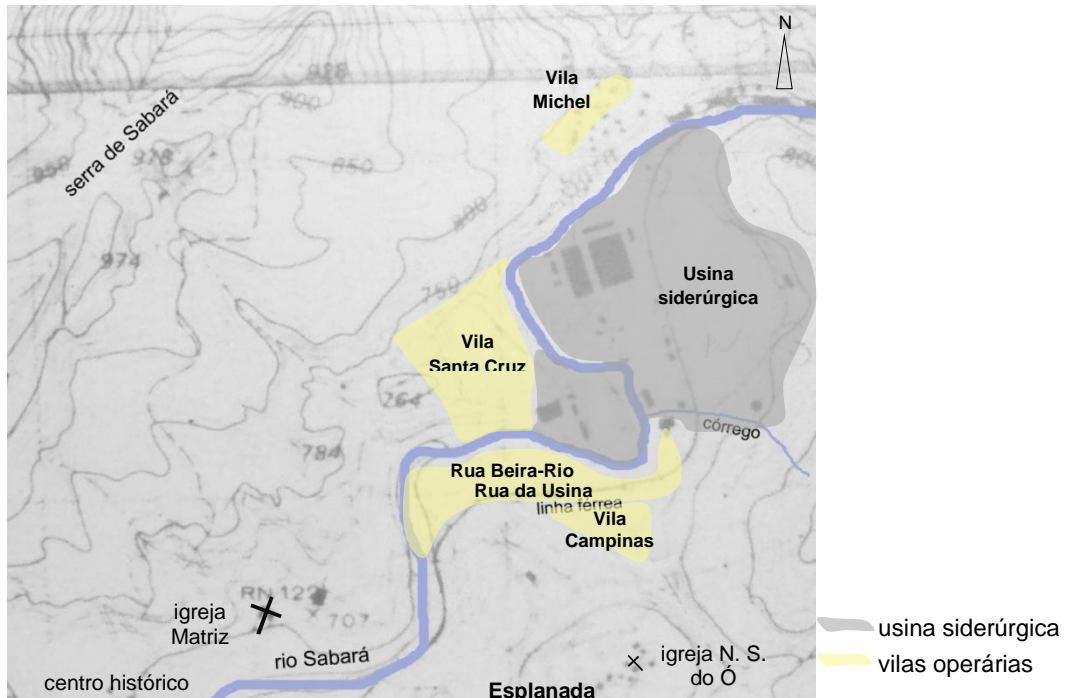
### 3.5.1. APRESENTAÇÃO/HISTÓRICO

A proximidade das áreas industriais ao centro histórico tradicional da cidade é facilmente apreendida a partir do mapa anteriormente apresentado (Imagem 84). As primeiras vilas industriais, a Vila Siderúrgica, a Vila Santa Cruz, a Vila Campinas e a Vila Michel, foram projetadas para receberem as diversas hierarquias profissionais e, para tanto, apresentavam diferentes tipologias de construções, que serão explicitadas em uma próxima seção. A maior proximidade à empresa e maior caráter nobre do local em que estavam assentadas as casas definiam, também, essa hierarquização. Assim, a Vila Siderúrgica compreendia a área destinada aos europeus, aos engenheiros e aos funcionários de cargos de alta e média gerência da organização, além do médico da usina; as Vilas Santa Cruz, Campinas e Michel, por sua vez, abrigavam os operários da indústria.

### 3.5.2. CONDICIONANTES FÍSICOS E NATURAIS

Os primeiros bairros industriais, surgidos a partir da década de 1920, tenderam a se estabelecer em locais menos acidentados, próximos ao leito do rio Sabará. A grande área da usina siderúrgica, propriamente dita, também foi inserida em locais menos íngremes, ficando uma grande parte da área à esquerda do rio Sabará e uma porção menor, contendo grandes equipamentos, como um ginásio de esportes, à direita do rio (Imagem 85).

Os bairros residenciais da indústria também se caracterizavam por serem menos acidentados, quando comparados aos demais bairros da cidade. A Vila Santa Cruz, por exemplo, se apresenta a direita do rio Sabará, originalmente tendo sua porção norte conformada pelo início da subida da serra de Sabará e a oeste tendo sido contida por um pequeno cume na cota 764. Já a Vila Siderúrgica, ou melhor, as ruas da Usina, dos Engenheiros e Beira-Rio, foram assentadas longitudinalmente entre a margem esquerda do rio Sabará e a linha férrea (ou seja, em grande consonância com as curvas de nível), compondo o caráter linear da Vila. A Vila Campinas, por sua vez, foi conformada pela linha férrea a norte, pelo tecido urbano preexistente no contexto da igreja Nossa Senhora do Ó, a oeste, e pelo início de um grande aclave no sentido sul e leste. Assim, a topografia dos bairros industriais apresenta poucas inclinações, embora esses tenham tido seus limites conformados pelas topografias mais acidentadas que os envolvem, além do curso do rio Sabará (Imagem 85).



**Imagem 85** - Levantamento topográfico e primeiras construções industriais, na década de 1920. Na cor cinza escuro, a área da usina siderúrgica e, na cor amarela, as vilas operárias da usina.

**Fonte:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

A vegetação nos bairros industriais, como as Vilas Siderúrgica, Santa Cruz, Michel e Campinas, se restringe àquela que compõe a mata ciliar do rio Sabará e às grandes massas vegetais das matas circundantes. Internamente aos bairros, entretanto, há pouca arborização ou áreas permeáveis, tanto ao longo das vias quanto nos lotes. Apenas na sede da usina siderúrgica percebe-se a existência de alguns grupos vegetais (Imagem 86).

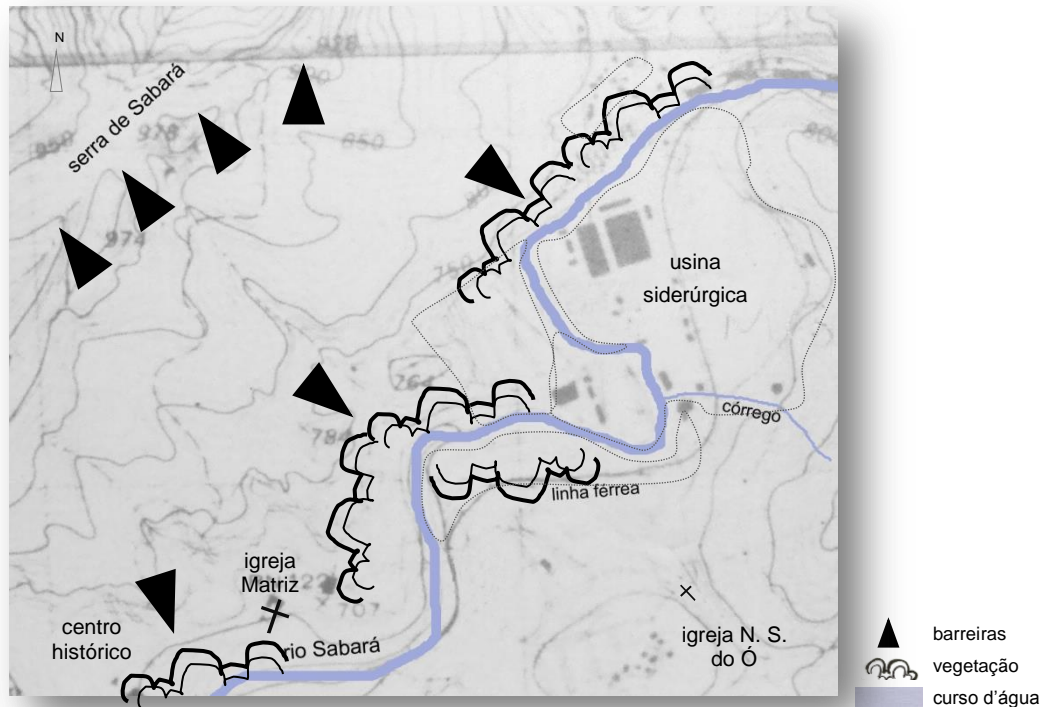


**Imagem 86** - Vista aérea dos primeiros bairros industriais, com pouca vegetação em seu interior.

**Fonte:** Google Earth, 2012.

As densidades dos bairros industriais são distintas entre si, o que é um reflexo dos diferentes tipos edilícios presentes em cada bairro, resultantes da distinta hierarquização atribuída a cada vila quando do planejamento urbano. A Vila Siderúrgica apresenta 476 habitantes, enquanto a Vila Santa Cruz possui 1.157 moradores, a Vila Michel 592 e a Vila Campinas apenas 295 habitantes (Censo 2005).

Quanto aos seus limites, os bairros industriais são cortados pelo curso do rio Sabará e conformam-se aos demais condicionantes naturais, como acíves acentuados e grandes matas, como a norte, leste e sul. Já a oeste o crescimento foi condicionado pela presença dos tecidos urbanos preexistentes, datados do período colonial. A seguir, apresenta-se um croqui que enfatiza a localização e influência dos elementos naturais na conformação da área (Imagem 87).



**Imagem 87** – Croqui esquemático dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento dos primeiros bairros industriais, como os grandes declives e as matas envolventes.

**Fonte** mapa base: PLAMBEL, 1977 (sem escala).

A sede da usina foi inserida em um dos locais menos acidentados da área, objetivando facilidade de mobilidade interna e rápido acesso à linha férrea (hoje desativada), ocupando uma grande área na paisagem, tendo parte de suas construções à direita e a maior parte à esquerda do rio Sabará. O principal fator natural condicionante para a inserção e estabelecimento dos limites da urbanização das áreas industriais foi, sem dúvida, a topografia mais íngreme que os circunda e o caudaloso rio Sabará, que definiu os limites/contornos dos bairros residenciais industriais, o que pode ser percebido nas imagens que seguem (Imagens 89 a 91), as quais evidenciam que esses bairros industriais não se espalharam como os demais bairros sabarenses.

### 3.5.3. EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS BAIROS INDUSTRIAIS

A sequência de mapas apresentada ao lado evidencia o surgimento, a transformação e a evolução do espaço urbano dos primeiros bairros industriais, dentre eles, a Vila Siderúrgica, a Vila Santa Cruz e a Vila Campinas. Os recortes temporais estabelecidos compreendem o levantamento urbano realizado em 1937 (Prefeitura Municipal de Sabará), seguido pelas transformações observadas já em 1977 (PLAMBEL), culminando com a situação atual traçada por meio de imagens aéreas do bairro (Google Earth).

Primeiramente, a imagem à direita (Imagem 88) demarca a área aonde essas primeiras vilas operárias viriam a se instalar, já no século XX, circulado na cor vermelha. Às margens esquerda e direita do rio Sabará seriam implantadas as primeiras vilas, bem como a sede da usina siderúrgica.

Uma vez implantada, a sede da usina demandou abrigos para seus funcionários. Assim, conforme mostra o mapa de 1937 (Imagem 89), a primeira vila a ser construída foi a Vila Siderúrgica, ao longo do eixo viário que conduziria à sede da

usina. Tipos edilícios maiores e isolados no lote foram, então, direcionados a engenheiros e outros altos cargos da usina. Cabe ressaltar nessa imagem de 1937 a própria conformação da sede que, contida apenas a leste da linha férrea no início dos anos 1930, expandiu seus grandes equipamentos urbanos para a porção a oeste da linha férrea na década de 1970. Entretanto, desde sua primeira configuração, a usina já apresentava uma quadra e outras grandes construções à margem direita do rio, separadas dos demais equipamentos da sede.

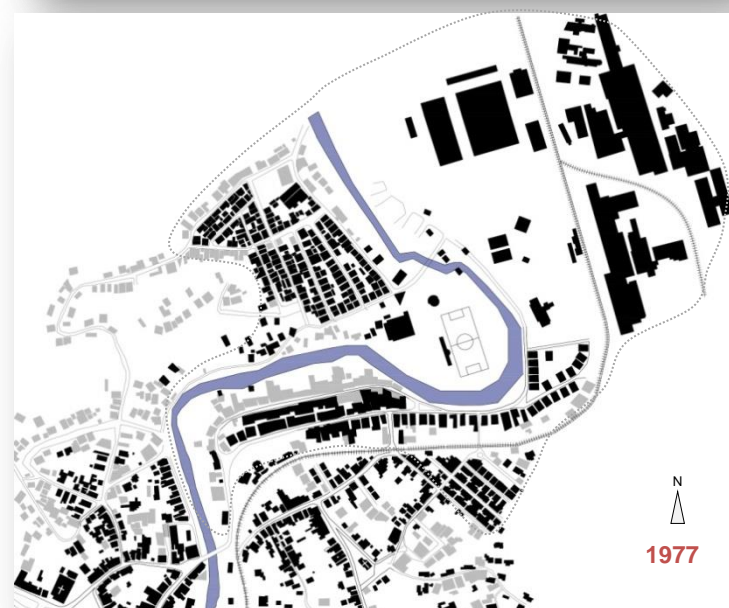
Seguindo a transformação dos espaços industriais, as demais vilas foram configuradas, conforme mostra o mapa de 1977 (Imagem 90). A Vila Santa Cruz e a Vila Campinas já apresentavam, na década de 1970, os contornos que hoje as caracterizam, como as construções geminadas em lotes menores e quadras condensadas, com poucos vazios internos.

O mapa de 2012 (Imagem 91) explicita como o traçado urbano das primeiras vilas se manteve íntegro, apenas sendo acrescido de algumas vias para além dos contornos originais, bem como construções ladeando importantes vias já existentes, como edificações nas proximidades do rio Sabará que conformaram a face norte da rua Beira-Rio.



**Imagem 88** – Mapa das ocupações no período colonial.

**Fonte:** PMS (Álbum Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes, 1927) (sem escala).



**Imagem 89** (à esquerda na parte superior) – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.

**Fonte:** Prefeitura Municipal de Sabará (PMS), 1937 (sem escala).

**Imagem 90** (à esquerda na parte central) – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.

**Fonte:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

**Imagem 91** (à esquerda) – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – ano de 2012.

**Fonte:** Google Earth, 2012 (sem escala).

### 3.5.4. CARACTERÍSTICAS URBANAS E MORFOLÓGICAS

A implantação das vilas industriais sob análise é caracterizada pela inserção das vilas em áreas menos acidentadas, às proximidades da grande área reservada para a sede da usina e ao longo do rio Sabará, às suas margens esquerda e direita. O início de aclives mais acentuados, como já exposto, conformou os limites destes diversos bairros operários.

O parcelamento das quadras apresenta formas que tendem à regularidade, enquanto diferem em tamanho, desde as menores quadras na Vila Campinas, às de tamanho médio na Vila Siderúrgica e à grande gleba da sede da usina, compondo conjuntos urbanos de fácil leitura/percepção (Imagem 92).

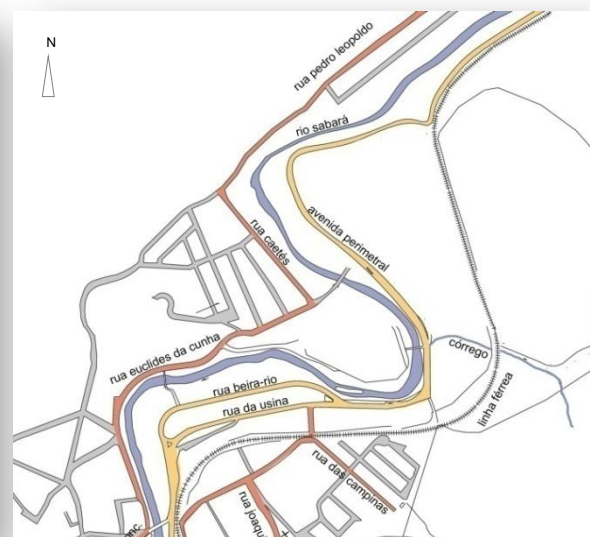
O sistema viário que compõe os bairros industriais (Imagem 93) se caracteriza por vias retas, por vezes ortogonais, que tendem à regularidade formal, o que conforma os bairros e seus limites. Os principais eixos viários de acesso dentro dos bairros tendem a coincidir com aqueles que conduzem a outros bairros, como a rua Euclides da Cunha (Vila Siderúrgica) ligada à rua Caetés (Vila Santa Cruz), que por sua vez se conecta à rua Pedro Leopoldo (Vila Michel). Na Vila Campinas, o principal eixo viário de acesso do bairro é a rua da origem do nome do bairro, rua das Campinas. Na Vila Siderúrgica sobressaem os eixos viários rua Beira-Rio e rua da Usina, que são as principais vias articuladoras do bairro e se conectam à avenida perimetral, que cruza toda a cidade ao longo do rio Sabará e rio das Velhas (compondo o principal caminho viário da cidade). O trânsito de veículos nas ruas Beira-Rio e da Usina é constante e, por vezes, pesado (caminhões e ônibus).



— cursos hídricos

**Imagem 92** – Conformação de quadras em terrenos planos, com essas tendendo à regularidade formal.

Fonte mapa base: IPHAN, 2003.



— vias arteriais  
— vias principais dentro dos bairros industriais  
— vias locais dos bairros industriais

**Imagem 93** – Principais eixos viários existentes.

Fonte mapa base: IPHAN, 2003.

Quanto ao zoneamento, os primeiros bairros industriais, como a Vila Siderúrgica, a Vila Santa Cruz, a Vila Michel e a Vila Campinas, estão compreendidos dentro do perímetro urbano de Sabará, enquanto ZUM - Zona de Uso Misto. O uso é predominantemente residencial, ao qual se acrescentam restritos comércios locais (como lojas e padarias). Na Vila Santa Cruz, o espaço é composto, ainda, por uma escola e uma quadra (que é também utilizada para eventos). A área da sede da companhia siderúrgica Belgo Mineira, por sua vez, é bem diversificada, uma vez que, além dos galpões e grandes chaminés que despontam na paisagem, há ainda um ginásio, um antigo cassino, uma casa de memória e edificações administrativas dispersas pela área, dentre outras edificações que dinamizam a grande gleba ocupada pela usina.

Os tipos edilícios das primeiras áreas industriais variam de um a dois pavimentos (poucos exemplares de três pavimentos). Entretanto, quando projetados, os tipos eram térreos e apresentavam variações de tamanho/forma/material de acordo com a hierarquia ocupada pelo funcionário na usina siderúrgica. Entretanto, já há muitas descaracterizações desses tipos edilícios dos primeiros bairros industriais, mas ainda se pode observar as características mais básicas constituintes dos tipos. Assim, geralmente havia tipos diferenciados de residências em termos de planta baixa estrutural:

- as casas chamadas 'populares', que serviam aos empregados especializados e de escalão médio e inferior. De acordo com a função exercida por eles, também tinha diferenciação, segundo Silva (2004):

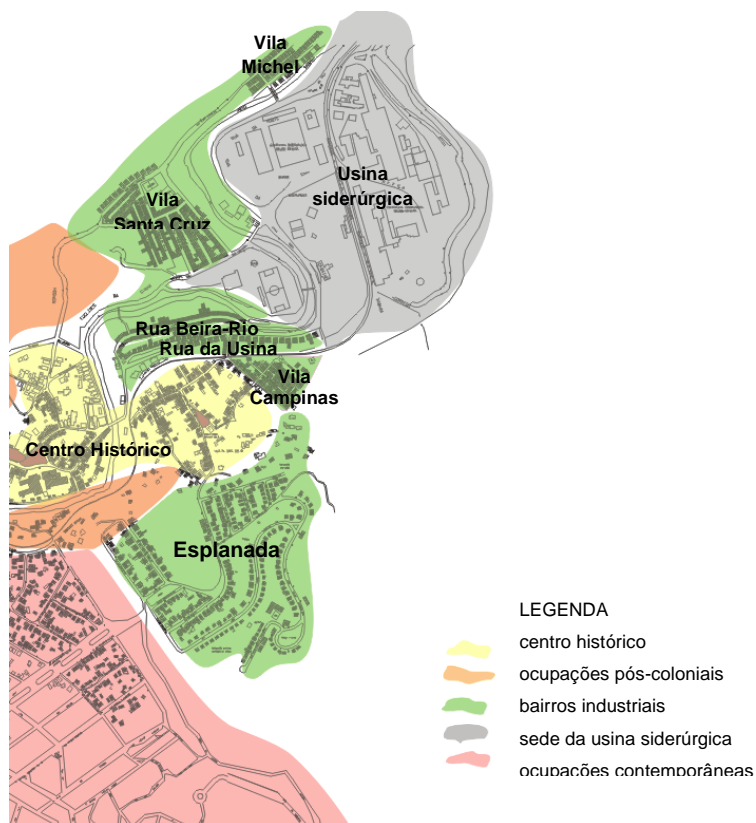
- casas geminadas: com três quartos, sala, cozinha, banheiro e área de tanque;
- casa econômica: com dois quartos, sala, cozinha, banheiro e área de tanque;
- casa econômica tipo 1: com três quartos, sala, cozinha, banheiro e área de tanque (idêntica às geminadas);
- casa econômica tipo 2: com quatro quartos, sala, cozinha, banheiro e área de tanque;
- casa econômica tipo 3: idêntica divisão da casa econômica tipo 1 sem área de tanque;
- casa econômica conjugada tipo 4: com dois quartos, sala, cozinha, banheiro e área de tanque (de alvenaria ou madeira), idêntica à tipo econômica.

- as casas referentes ao grupo de funcionários e engenheiros que compunham os cargos de alta e média gerência da organização, que apresentavam uma estrutura modelar a seguir:

- casas para engenheiros: com sala, sala de jantar e sala de visitas, três quartos, cozinha, banheiro e varanda;
- casas-padrão: com sala, três quartos, cozinha, copa, banheiro e varanda;
- casas-padrão: com dois quartos, sala, copa, cozinha, banheiro e tanque que eram geminadas e de alvenaria.

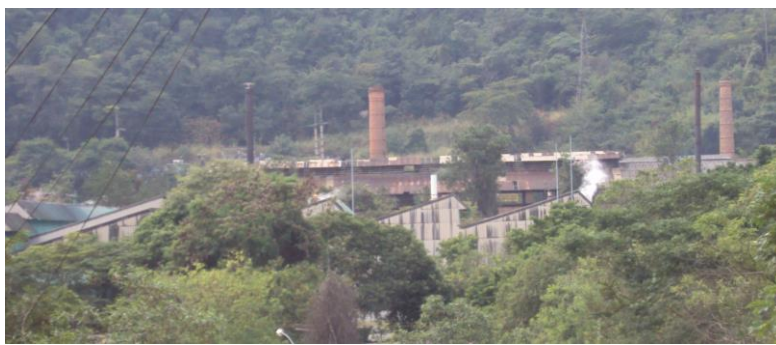
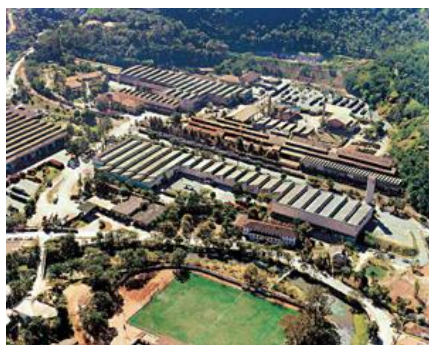
Alguns desses tipos serão ilustrados e descritos, uma vez que ainda se mantêm presentes nos espaços urbanos industriais em questão e podem ser observados em suas características genuínas enquanto tipos padronizados e hierarquizados. Esses tipos estão presentes na Vila Siderúrgica (rua Beira-Rio e rua da Usina), Vila Santa Cruz, Vila Michel e Vila Campinas (Imagem 94).

Entretanto, antes se faz necessário pontuar a grande área da usina siderúrgica, que deu origem às demais áreas industriais. Caracteriza-se por um amplo espaço com grandes construções/galpões, bem como chaminés industriais e campo de futebol (Imagem 94). A vegetação é um dos aspectos mais presentes nesse espaço, uma vez que entremeia as edificações e envolve todo o lote da sede da indústria, compondo matas densas e preservadas a sua volta (Imagens 95 e 96).



**Imagem 94** – Área da sede da usina siderúrgica e localização dos primeiros bairros operários (construídos a partir da década de 1920). O bairro Esplanada, apesar de ser um bairro operário, foi construído posteriormente, na década de 1970, e será analisado na próxima seção.

**Fonte** mapa base: IPHAN, 2005.



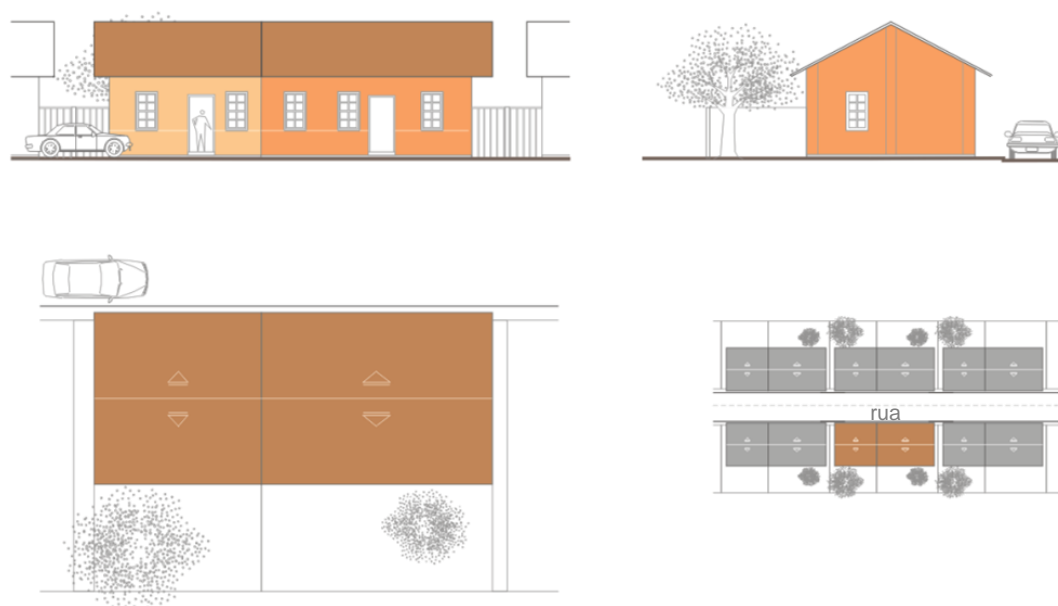
**Imagens 95 e 96** - Grandes equipamentos inseridos na sede da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira.

**Fonte:** Arcellor Mittal, sem data; Autora, 2011.

Os próximos tipos edifícios a serem pontuados estão presentes nas áreas nas proximidades da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, conhecidas como vilas dos operários, que compreendem os atuais Vila Santa Cruz, o casario na rua Beira-Rio e na rua da Usina (Vila Siderúrgica), a Vila Michel e a Vila Campinas.

Os quarteirões, que tendem a formas regulares, apresentam lotes pequenos, nos quais o uso residencial é predominante. Há certa variedade em relação às características arquitetônicas das edificações, entretanto, não há perda de força enquanto conjunto bem definido. A seguir seguem alguns tipos pulverizados nestes contextos dos operários:

- Rua Beira-Rio e Vila Campinas: apresentam, quase que exclusivamente, casas geminadas, duas a duas, com as fachadas frontais no alinhamento da rua, estando suas portas de entrada também no alinhamento do logradouro público. Há um pequeno afastamento em uma das laterais, que leva para o fundo do lote. As casas geminadas possuem cobertura em telhas cerâmicas do tipo capa e canal, com duas águas e pequenos beirais. Estreitas calçadas separam as habitações do leito das vias. Duas a duas, uma casa apresenta uma porta e três janelas em sua fachada frontal, enquanto a outra apresenta apenas uma porta e duas janelas como aberturas, compondo um ritmo bem marcado. Os lotes da Rua Beira-Rio são bem profundos, pois são limitados pelo rio Sabará em sua porção posterior; enquanto os lotes na Vila Campinas são mais rasos, pois são delimitados em quarteirões pequenos e ortogonais entre si. Há caixilharias e esquadrias em moldes metálicos e em madeira, e as empenas foram construídas em alvenarias rebocadas (Imagens 97 a 100).



**Imagem 97** - Esquematização fachadas, implantação nos lotes e situação de alguns tipos geminados encontrados nos bairros operários (sem escala).

**Fonte:** Autora, 2012.



**Imagens 98 a 100** - Rua da Usina (ou Rua Beira-Rio), em duas visadas, e uma rua típica do Bairro Campinas (à direita).

**Fonte:** Autora, 2012

- Vila Santa Cruz e Vila Michel: Ambas de cunho residencial, ressaltando-se apenas a existência de uma escola e alguns comércios na Vila Santa Cruz. Apresentam quatro tipologias edilícias disseminadas em sua área:

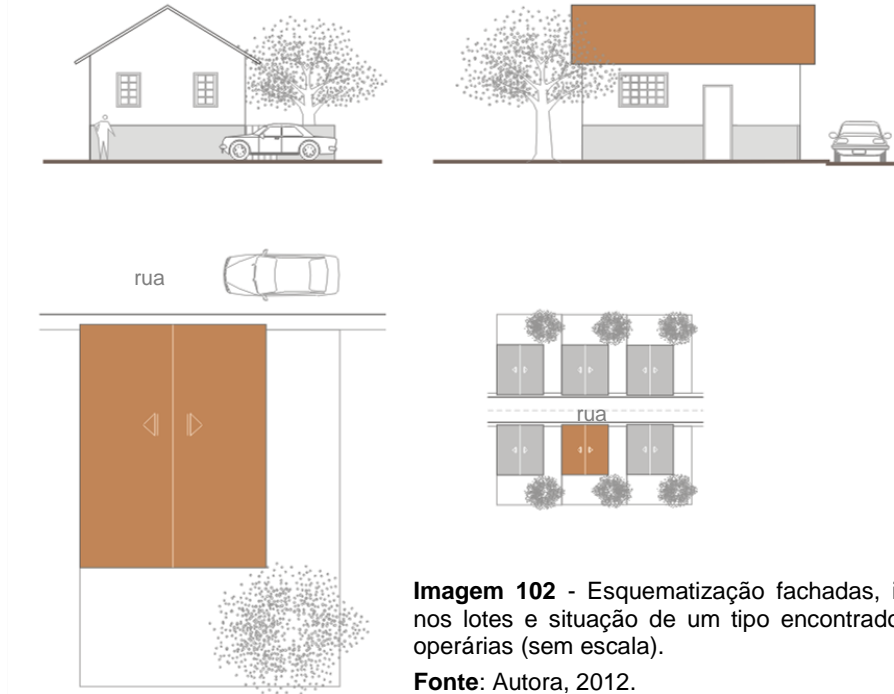
O 1º tipo é característico de habitações localizadas, quase sempre, em esquinas, aparecendo, esporadicamente, dentro dos quarteirões; com suas fachadas frontais no alinhamento da rua, possuem sua cobertura em quatro águas com telhas cerâmicas do tipo capa e canal, afastamento de fundos e uma varanda na qual se localiza a porta de entrada da casa, reservando-a um pouco mais do logradouro público (Imagem 101);



**Imagem 101** - Esquematização fachadas, implantação nos lotes e situação de um tipo encontrado nas áreas operárias (sem escala).

**Fonte:** Autora, 2012.

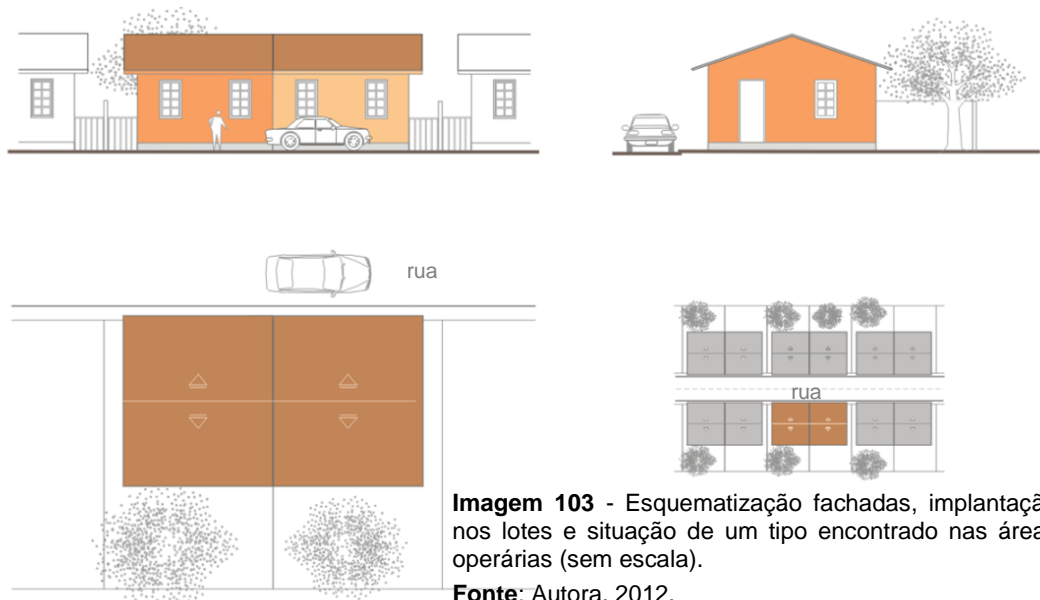
O 2º tipo identificado é construído em alvenaria, com cobertura em duas águas, afastamento lateral e posterior e fachada frontal também no alinhamento da rua, apresentando apenas duas janelas em tal fachada e estando a porta de entrada localizada na lateral da casa, com acesso pelo corredor lateral (Imagem 102);



**Imagem 102** - Esquemática fachadas, implantação nos lotes e situação de um tipo encontrado nas áreas operárias (sem escala).

**Fonte:** Autora, 2012.

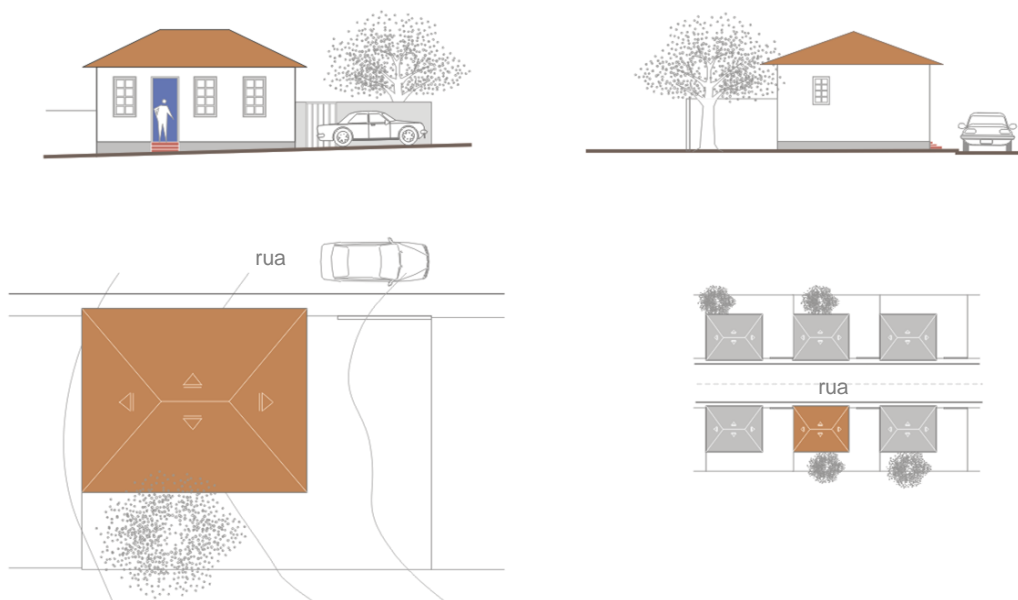
O 3º tipo são casas geminadas, duas a duas, com as fachadas frontais no alinhamento da rua, estando sua porta de entrada na fachada lateral, com acesso pelo corredor lateral das casas, que também leva para o fundo do lote. Possuem cobertura em telhas cerâmicas do tipo capa e canal, com duas águas e pequenos beirais; estreitas calçadas separam as habitações do leito das vias; as esquadrias são em madeira e, sua característica principal – suas empenas são em madeira (algumas ainda bem conservadas), num sistema que Vasconcellos (1979) denomina tabique (vedações de tábua de grande simplicidade) (Imagem 103);



**Imagem 103** - Esquemática fachadas, implantação nos lotes e situação de um tipo encontrado nas áreas operárias (sem escala).

**Fonte:** Autora, 2012.

E, por fim, um último tipo pode ser encontrado neste contexto de vilas operárias, um quarto tipo caracterizado por casas de alvenaria com cobertura de quatro águas em telhas cerâmicas do tipo capa e canal, com fachada frontal alinhada com a rua, na qual três janelas e uma porta (de madeira) fazem a comunicação com o exterior, e com um afastamento lateral e afastamento de fundos (Imagem 104).



**Imagem 104** - Esquemática fachadas, implantação nos lotes e situação de um tipo encontrado nas áreas operárias (sem escala).

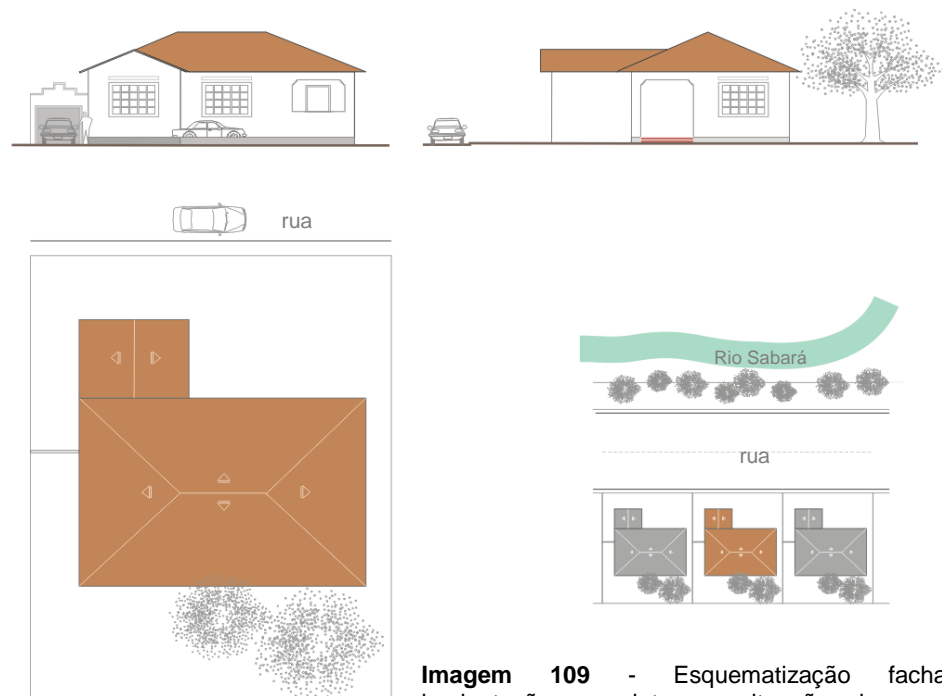
**Fonte:** Autora, 2012.



**Imagens 105 a 108** - Imagens dos tipos residenciais 1, 2 3 e 4 identificados nas vilas onde residiam os operários.

**Fonte:** Autora, 2012.

- Vila dos engenheiros: localiza-se ao longo da Rua Presidente Juscelino Kubitschek (conhecida também como Rua da Usina), local de fácil e rápido acesso à Siderúrgica. O referido tecido compreende duas fileiras de casas, que delimitam a Rua J.K., sendo composto por grandes lotes no quais as residências apresentam afastamentos em todas as laterais e o alinhamento frontal é definido por grades e muros baixos, deixando à mostra as casas ao fundo. As tipologias residenciais se mantêm em sua maioria, apresentando uma cobertura de quatro águas em telhas cerâmicas do tipo capa e canal, combinada a uma parte com cobertura em duas águas. Apesar das fachadas das casas não estarem no alinhamento da rua, as portas de entrada da casa localizam-se em varandas com amplas aberturas, equilibrando-se com as grandes dimensões das janelas. Algumas residências apresentam uma garagem ao fundo do terreno, que parece ter características ecléticas em sua fachada, pelas platibandas e frisos apresentados (Imagens 109 a 111).



**Imagem 109** - Esquemática fachadas, implantação nos lotes e situação de um tipo encontrado nas áreas operárias (sem escala).

**Fonte:** autora, 2012.

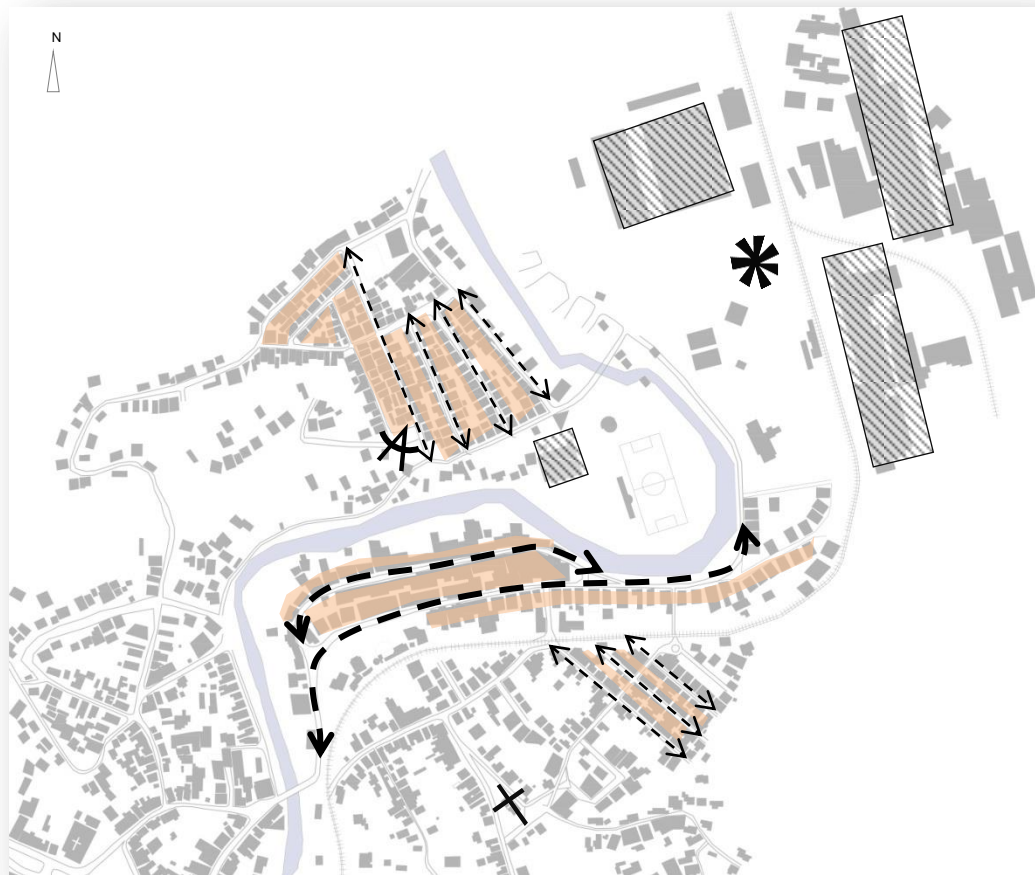


**Imagens 110 e 111** - Imagens do tipo residencial encontrado na Vila Siderúrgica, destinada aos engenheiros da usina.

**Fonte:** Autora, 2012.

A seguir, uma esquematização dos principais aspectos físicos/estruturais do bairro (Imagem 112). Os principais aspectos físicos influentes na paisagem são a unidade dentro das vilas, ora frente ao paralelismo e lógica estrutural do traçado urbano, ora frente à unidade estabelecida devido aos muitos tipos padronizados que ainda se mantêm nas áreas industriais, elevando a noção de conjunto dentro das vilas.

Outro fator preponderante na percepção espacial é a presença da grande gleba destinada à companhia siderúrgica, apresentando grandes equipamentos/ construções e chaminés, inserindo a sua escala peculiar e genuína na cidade de Sabará.



**Imagem 112** – Alguns dos principais elementos físicos construídos que influenciam a paisagem dos primeiros bairros industriais – sede da usina, Vila Siderúrgica, Vila Santa Cruz, Vila Michel e Vila Campinas.

**Fonte:** Autora, 2012.

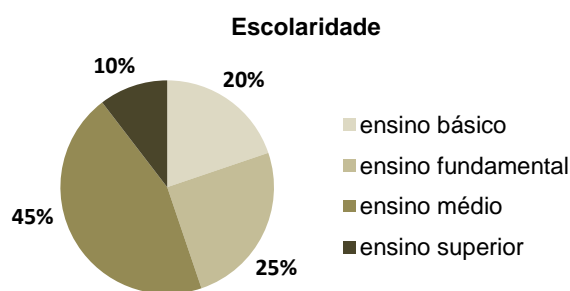
**Legenda**

- grandes/relevantes edificações
- ponto focal/ interesse
- vilas operárias – legibilidade urbana
- vias locais
- vias principais
- linha férrea
- igreja

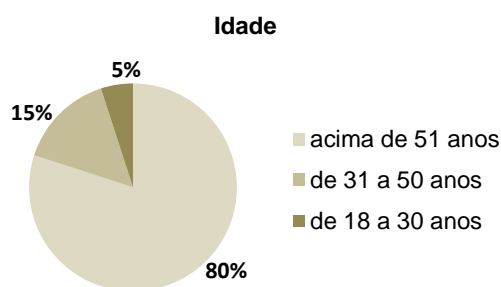
### 3.5.5. CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E PERCEPTIVAS

O número de pessoas residentes nos bairros industriais é um reflexo dos diferentes tipos edilícios presentes em cada bairro. A Vila Siderúrgica, com seus tipos residenciais maiores e mais esparsos, apresenta 476 habitantes, enquanto que a Vila Santa Cruz apresenta 1.157 moradores em suas casas geminadas ou com poucos recuos laterais; a Vila Michel, com 592 pessoas, evidencia como o crescimento em sua porção norte aumentou a demografia local e a área do bairro que, enquanto espaço projetado, apresentava, inicialmente, apenas duas ruas; e, por fim, a Vila Campinas possui 295 habitantes em suas casas geminadas, localizadas na menor área dentre as vilas industriais. Assim, em um comparativo entre a população das vilas industriais e da área central da cidade, a população residente nas áreas industriais alcança 2.520 habitantes, enquanto o centro histórico soma 4.156 habitantes, de um total de 123.014 habitantes em todo o município de Sabará. (Prefeitura Municipal de Sabará, Censo 2005). Isso evidencia a relevância socioespacial das áreas industriais.

O universo de entrevistados dos primeiros bairros industriais sob análise foi composto de 16 entrevistados, sendo 10 mulheres e seis homens; desse universo, 20% possuíam escolaridade até o ensino básico, 25% apresentavam ensino fundamental, 45% disseram ter completado o ensino médio e 10% possuíam nível superior (Gráfico 17). O perfil dos entrevistados era de pessoas mais velhas, uma vez que cerca de 80% estavam na faixa acima de 51 anos, 15% entre 31 e 50 anos e apenas 5% entre 18 e 30 anos (Gráfico 18).

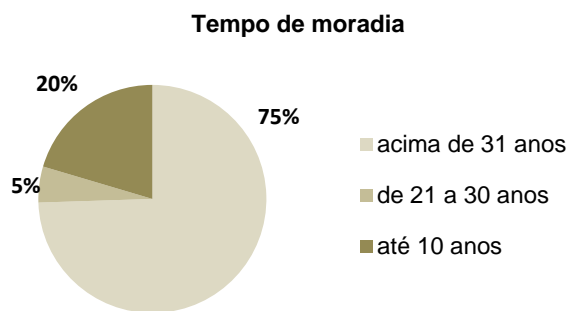


**Gráfico 17** - Escolaridade dos entrevistados nos bairros industriais.  
Fonte: Autora, 2012.

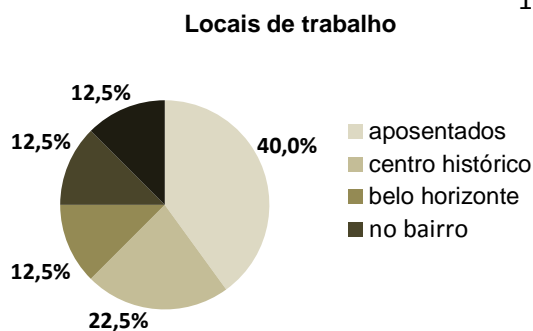


**Gráfico 18** - Idade dos entrevistados nos bairros industriais.  
Fonte: Autora, 2012.

O tempo de moradia nos bairros industriais tende a ser longo, pois 75% dos entrevistados apontaram morar no local há mais de 31 anos, 5% estão lá de 21 a 30 anos e 20% há apenas 10 anos (Gráfico 19). Quanto à ocupação dos entrevistados (se ativos ou aposentados, sendo que, quando ativos, pontuou-se o local onde trabalham), o resultado foi diverso, pois 40% são aposentados, 22,5% trabalham no centro de Sabará, 12,5% em Belo Horizonte, 12,5% no comércio estabelecido na própria residência e 12,5% são donas de casa (Gráfico 20).



**Gráfico 19** - Tempo de moradia dos entrevistados nos bairros industriais.  
Fonte: Autora, 2012.



**Gráfico 20** - Locais de trabalho dos entrevistados nos bairros industriais.  
Fonte: Autora, 2012.

Quanto às lideranças locais observadas, foi praticamente unânime entre os entrevistados o desconhecimento quanto às associações comunitárias existentes nos bairros industriais, pois a maioria afirma que “não tem associação aqui” ou que não sabe. Quando questionados acerca da existência e do uso dos espaços livres, o resultado das entrevistas apontou grande dualidade, uma vez que metade dos entrevistados relatou não haver qualquer área para o lazer ou espaço livre nos bairros industriais, enquanto a outra metade dos entrevistados apontou a quadra da Escola Municipal Tina Costa e a quadra da Escola de Samba Unidos da Vila como espaços livres de lazer na Vila Santa Cruz. Nas demais vilas, como Campinas, Michel e Siderúrgica, não foi apontado qualquer espaço de lazer.

Os limites territoriais dos bairros industriais, ou vilas operárias, são de fácil leitura e apreensão pelos entrevistados/moradores. Muitos apontaram elementos naturais como limites, como, por exemplo, o início de acentuados aclives; outros apontaram elementos construídos como limites, exemplificado pelo início do lote da usina da Belgo Mineira. Essa legível apreensão dos limites se deve ao caráter de unidade impresso em cada vila, seja pela força do paralelismo do conjunto de vias, entremeados a contextos de traçados orgânicos, o que facilita a dissociação; seja pelos tipos edifícios padronizados e disseminados pelos bairros, o que também confere grande unidade às vilas residenciais; ou seja pelo caráter linear, e ao mesmo tempo sinuoso que algumas delas apresentam, como a Vila Siderúrgica. Assim, a leitura dos espaços urbanos de cada vila é de fácil apreensão.

Entretanto, a inserção de algumas edificações no tecido urbano preexistente, como no tecido colonial às proximidades da igreja matriz Nossa Senhora da Conceição (a noroeste da mesma) e no tecido urbano que envolve a igreja Nossa Senhora do Ó, traz algumas dualidades de nomenclaturas e limites, uma vez que a esses espaços preexistentes foram acrescentadas novas edificações e outras vias para suprir a demanda de habitações para os trabalhadores da siderúrgica, fazendo com que a percepção social incluía esses espaços mais antigos como parte integrante da chamada Vila Siderúrgica (a qual, neste estudo, inclui apenas os trechos urbanos da rua Beira-Rio e rua da Usina, que foram projetados à época da siderurgia). Assim, esses espaços antigos, datados do período colonial, mas com

inserções pontuais do período industrial são, aqui, considerados como integrantes do centro histórico, visto seus surgimentos e contextos originais/iniciais.

O fator de identificação dos moradores entrevistados para com os bairros industriais onde residem foi unanimemente positivo. Todos os entrevistados se identificam com o bairro onde moram e se sentem pertencentes àquele contexto, atribuindo esse 'gostar' ao fato de conhecerem a vizinhança, ou mesmo à tranquilidade e sossego em seus bairros.

Por outro lado, alguns levantaram questões que denotam aspectos negativos dos bairros, como o excessivo movimento na Vila Siderúrgica (rua Beira-Rio e rua da Usina - as quais foram descritas como vias de trânsito e barulho, uma vez que são as principais vias de ligação - cada uma de sentido único - que transpassa os bairros); não obstante, esse movimento, por outro lado, facilita o acesso aos ônibus, à mobilidade urbana e à conexão ao centro da cidade. Ou seja, um mesmo aspecto que apresenta uma face positiva e outra negativa, ambiguidade e conflito esses existentes nos mais diversos núcleos urbanos.

Quanto às referências simbólicas de Sabará, essas foram diversas. Foram levantados patrimônios arquitetônicos presentes no centro histórico, como a igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição (apontada por 15% dos entrevistados), a igreja Nossa Senhora do Ó (lembrada por 15% dos entrevistados), a igreja do Rosário (pontuada por 10% dos entrevistados), a praça da Matriz (apontada por 10% dos entrevistados) e a praça Melo Viana (à frente da igreja do Rosário, apontada por 5% dos entrevistados). Outros elementos ainda, como a igreja São Francisco, o Museu do Ouro, a igreja Nossa Senhora das Mercês, o bairro Arraial Velho, a Serra da Piedade e o chafariz do Caquende, foram apontados por 20% dos entrevistados. Destaca-se, também, o apontamento por parte de 10% dos entrevistados das visuais panorâmicas dos morros da cidade.

Cabe ressaltar, no bairro Vila da Cruz, uma referência simbólica no próprio bairro maior do que a verificada em outros bairros, esses que raramente citaram elementos de seu próprio lugar enquanto representativos na cidade. Na Vila Santa Cruz foram apontados elementos como o espaço urbano da Vila Santa Cruz (10% dos entrevistados), o cruzeiro da Vila (2,5% dos entrevistados) e o presépio da Vila (2,5% dos entrevistados). Observa-se, assim, uma potencial elevação da memória e das próprias referências locais daquele contexto, ainda que incipiente.

A seguir, um mapa esquemático com os principais apontamentos dos entrevistados frente às relações sociais existentes nas primeiras vilas industriais, que inclui a memória da usina siderúrgica, as visuais panorâmicas dentro das vilas, bem como os conjuntos operários existentes (Imagem 113).



Alguns dos tipos edifícios industriais remanescentes na Vila Santa Cruz, constituintes dos conjuntos residenciais existentes.

Fonte: Autora, 2012.



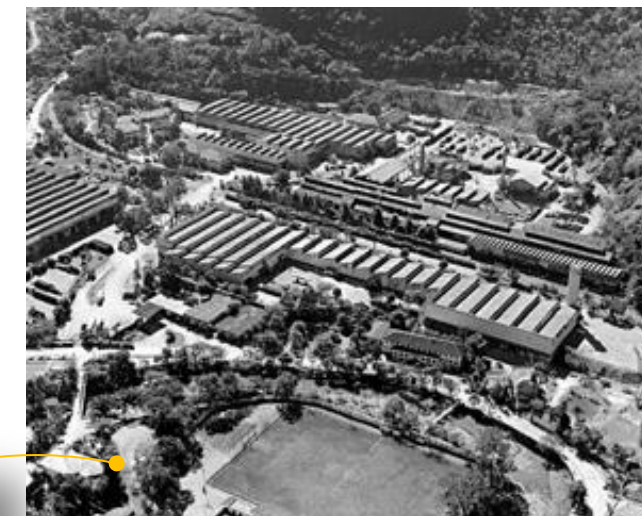
Tipo edifício residencial existente na Vila da Cruz, caracterizado pelos fechamentos em madeira – tabique.

Fonte: Autora, 2012.



Ambiência configurada pelos tipos construídos no alinhamento frontal dos lotes, na rua Beira-Rio, Vila Siderúrgica – composição de interessante vista panorâmica.

Fonte: Autora, 2012.



Respectivamente, área da sede da usina siderúrgica Belgo Mineira, com seus galpões e quadra de esportes.

Fonte: Arcelor Mittal, sem data.



Rua da Usina, na Vila Siderúrgica, onde residiam os engenheiros da usina.

Fonte: Autora, 2012.



Vila Campinas, bairro de operários de menor hierarquia.

Fonte: Autora, 2012.

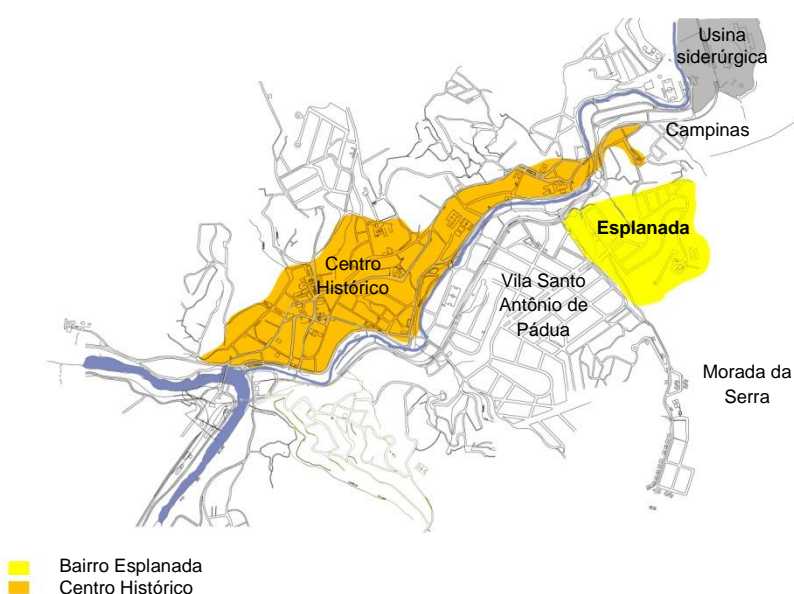
- Legenda**
- + igreja
  - ✕ vista panorâmica
  - \* ponto de interesse
  - ★ área verde potencial para o lazer
  - bairros operários – legibilidade urbana
  - área da sede da usina siderúrgica
  - - - - limites dos bairros industriais (entrevistados)
  - +++++ linha férrea

**Imagem 113** – Esquema das percepções sociais segundo os moradores entrevistados nos primeiros bairros industriais.

Fonte: Autora, 2012.

### 3.6. O CONTEXTO DO BAIRRO ESPLANADA

O bairro Esplanada tem surgimento datado do século XX, mais especificamente da década de 1970, impulsionado pelo crescimento econômico da usina siderúrgica Belgo Mineira na cidade de Sabará. O bairro encontra-se localizado nas proximidades da indústria, sendo envolto pelos demais bairros industriais, como Vila Campinas, Vila Nossa Senhora do Ó (que coincide com o centro histórico), Vila Santo Antônio de Pádua e, de surgimento mais recente, o bairro Morada da Serra, mais ao sul, como observa-se abaixo (Imagem 114).



**Imagem 114** – Mapa chave de localização do bairro Esplanada.

**Fonte mapa base:** Prefeitura Municipal de Sabará, 2005.

#### 3.6.1. APRESENTAÇÃO/HISTÓRICO

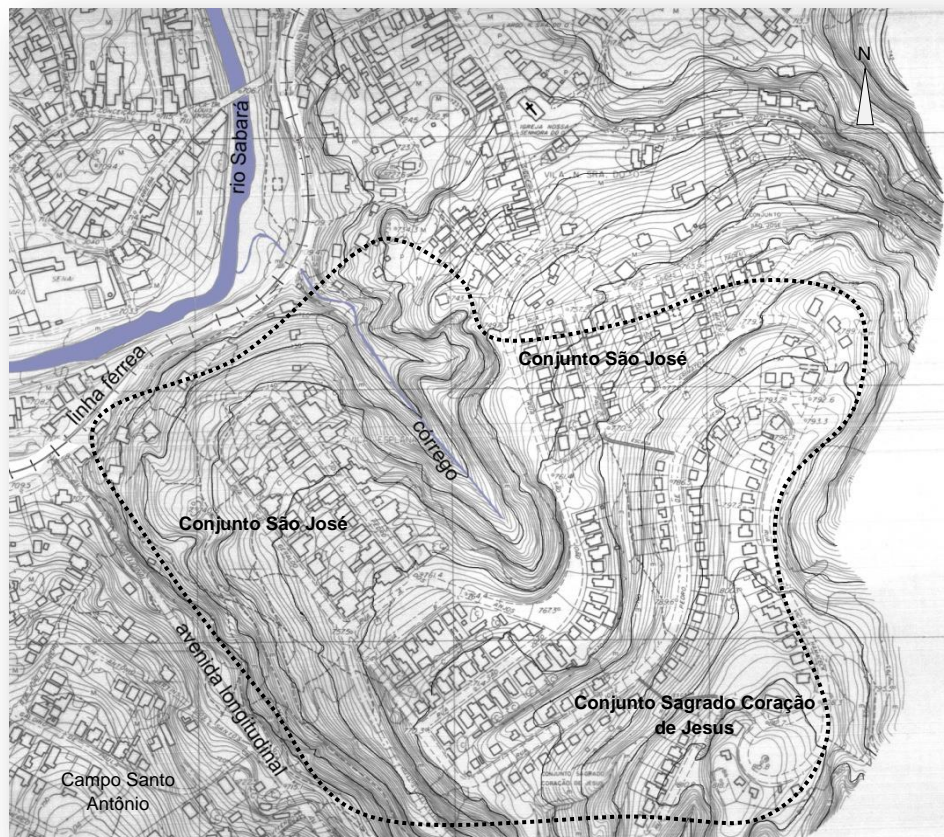
O bairro Esplanada foi configurado e estabelecido para abrigar trabalhadores da companhia siderúrgica Belgo Mineira. No final da década de 70 o conjunto residencial, conhecido também como conjunto Dr. Valério Teixeira de Rezende, foi financiado pelo BNH (Banco Nacional da Habitação), sendo construído em um terreno cedido pela siderúrgica. Nesse bairro, primeiramente, moravam quase em sua maioria funcionários da companhia Belgo Mineira que foram transferidos da cidade de João Monlevade.

Apesar de surgimento relativamente recente, datado da década de 1970, o bairro Esplanada já se apresenta bastante consolidado. A estrutura urbana do bairro reflete a ideia de conjunto residencial, que vai além das nomenclaturas de suas quadras (como conjunto São

José e conjunto Sagrado Coração de Jesus), mas que tem arraigado em sua estrutura física, bem como no imaginário social - como será mostrado posteriormente-, o caráter de conjunto e unidade.

### 3.6.2. CONDICIONANTES FÍSICOS E NATURAIS

O bairro Esplanada se desenvolve ao longo da cota de 710m (onde foi inserida a linha ferroviária, hoje desativada) até a cota de 810m (onde se localiza o conjunto residencial Sagrado Coração de Jesus). A topografia do bairro é acidentada e influenciou sobremaneira o projeto de urbanização do bairro, uma vez que as quadras se estabeleceram, muitas vezes, na tentativa de melhor consonância com o terreno. Isso pode ser observado, principalmente, no conjunto Sagrado Coração de Jesus, com grande adaptação às curvas de nível existentes na área (Imagem 115).



**Imagem 115** - Levantamento topográfico e ocupações no bairro Esplanada.

**Fonte:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

Quanto à vegetação existente, essa permeia grande parte do bairro Esplanada, em diferentes escalas, conforme pode ser visualizado na imagem aérea do bairro (Imagem 116). Há grandes áreas de vegetação, as quais tendem a coincidir com os vales (como às

margens do córrego existente – que deságua no rio Sabará). O referido córrego tem resguardada sua mata ciliar (apesar de existirem algumas construções em suas proximidades), o que possibilita a existência desse grande bolsão verde dentro da área urbanizada. As áreas residuais (como os afunilamentos de quadras) são, também, vegetadas, compondo espaços que potencialmente poderiam servir enquanto espaços de lazer. A maioria dos lotes, por sua vez, também conserva a presença das áreas verdes, principalmente localizadas nos fundos dos lotes. E, em sua porção leste e sudeste, o bairro Esplanada é envolto por uma mata intensamente arborizada e vegetada.



**Imagem 116** - Vista aérea do bairro Esplanada, com destaque para os grupos vegetais existentes.

**Fonte:** Google Earth, 2012.

A densidade do bairro é de aproximadamente 295 habitantes/ km<sup>2</sup>, sendo que é de 378 habitantes/ km<sup>2</sup> a densidade de toda a cidade de Sabará – que compreende os seus diversos bairros e distritos (Censo, 2000). Entretanto, a tendência a um adensamento populacional pode ser observada no bairro, devido à maior ocupação e construção de áreas residuais resultantes do projeto urbano (Imagens 119 a 121). Nota-se, por exemplo, maior ocupação das áreas adjacentes à avenida longitudinal, a noroeste do bairro.

Quanto aos seus limites, o bairro é conformado em sua face norte pela linha ferroviária (construída ainda na década de 1920), a oeste pela avenida Longitudinal e a leste e sudeste pela grande área de mata preservada. O bairro Esplanada apresenta, ainda, como principais barreiras ao crescimento urbano, o córrego existente e a sua mata envolvente, que definiram os seus limites e os contornos internos de urbanização.

A seguir, apresenta-se um croqui esquemático delineado sobre o mapa da atual configuração urbana e sobre as condições topográficas locais do bairro Esplanada, de modo a explicitar a localização e a influência dos diversos elementos naturais na conformação e evolução urbana deste contexto (Imagem 117).



**Imagem 117** – Croqui dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento do bairro Esplanada.

**Fonte mapa base:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

Observa-se que os dois principais condicionantes naturais responsáveis pelo surgimento, ocupação e transformação do bairro Esplanada são seu terreno acidentado e o curso hídrico ali presente. O córrego que deságua no rio Sabará e que se apresenta envolto por uma mata ciliar, definiu os limites físicos internos do bairro, uma vez que foi criada uma via que contorna essa mancha verde, de modo a preservar e resguardar o curso hídrico e a mata.

Ainda, as características do terreno da área condicionaram a ocupação urbana e sua forma, criando espaços diferenciados no tecido urbano, como a presença de traçados regulares e ortogonais combinados a um traçado urbano sinuoso no ponto mais elevado do bairro – onde foram inseridos equipamentos urbanos relevantes, como uma grande praça circundada pelo casario. Assim, a topografia influenciou significativamente a urbanização inicial, visto que o projeto de urbanização, muitas vezes, evitou intervir em áreas de declive mais acentuado, como nas áreas destacadas no croqui acima como barreiras (ocupação essa que posteriormente, entretanto, passou a ocorrer de forma gradual nesses declives mais intensos – como ao longo da avenida longitudinal, que separa o bairro Esplanada da Vila Santo Antônio de Pádua).

### 3.6.3. EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO BAIRRO ESPLANADA

O surgimento, ocupação e transformação do bairro Esplanada, sob enfoque nesta seção, serão explicitados através da sequência de mapas da evolução do seu espaço urbano. Os recortes temporais estabelecidos compreendem o levantamento urbano realizado em 1937 (Prefeitura Municipal de Sabará), seguido pelas transformações observadas já em 1977 (PLAMBEL), culminando com a situação atual traçada através de imagens aéreas do bairro (Google Earth).

Entretanto, antes se faz necessário localizar a área onde posteriormente surgiria o bairro Esplanada em um mapa das ocupações ainda no séc. XVIII (Imagem 118). A ocupação inicial do bairro se originou a partir do prolongamento de uma das vias que circundavam a igreja Nossa Senhora do Ó, (que formam o largo triangular na parte superior do círculo destacado em vermelho nas Imagens 118 e 119). A partir desta ligação, o bairro foi configurado, fomentado pela necessidade de habitações para os operários da siderúrgica, já na década de 1970.

A sequência de imagens à esquerda evidencia a transformação física dos espaços e suas ocupações, em recortes temporais fulcrados respectivamente em 1937, 1977 e 2012. No mapa de 1937 (Imagem 119) o bairro ainda não havia sido configurado, o que só veio a ocorrer na década de 1970. Entretanto, construções esparsas e uma das principais vias de ligação do bairro já estavam presentes (rua Joaquim Siqueira, à esquerda da igreja do Nossa Senhora do Ó, cujo prolongamento conformaria a rua São João no bairro Esplanada).

O mapa de 1977 (Imagem 120) explicita o caráter planejado do bairro de conjuntos residenciais, com ênfase nos quarteirões regulares, nas ruas paralelas entre si, na via de contorno inserida para resguardar a grande área verde com curso d'água, bem como nos momentos em que o planejamento urbano é adaptado à sinuosidade das curvas de nível, na porção mais ao sul do bairro.

A representação das ocupações em 2012 (Imagem 121), por sua vez, evidencia as poucas transformações ocorridas nesse contexto planejado, que giram em torno da ocupação/criação de novas quadras nas áreas mais íngremes e nos vazios urbanos que estavam presentes no projeto original dos conjuntos residenciais (principalmente ao lado da avenida longitudinal, que separa o bairro Esplanada da Vila Santo Antônio de Pádua, a sua esquerda), além do pouco adensamento do interior dos quarteirões, que também pode ser verificado. O traçado geral do bairro ainda se mantém, possibilitando a clara leitura dos conjuntos residenciais e de suas articulações urbanas.



**Imagem 118** – Mapa das ocupações no período colonial.

**Fonte:** PMS (Álbum Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes, 1927) (sem escala).

**Imagem 119** (à esquerda na parte superior) – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.

**Fonte:** Prefeitura Municipal de Sabará - PMS, 1937.

**Imagem 120** (à esquerda na parte central) – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.

**Fonte:** PLAMBEL, 1977.

**Imagem 121** (à esquerda) – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – ano de 2012.

**Fonte:** Google Earth, 2012.

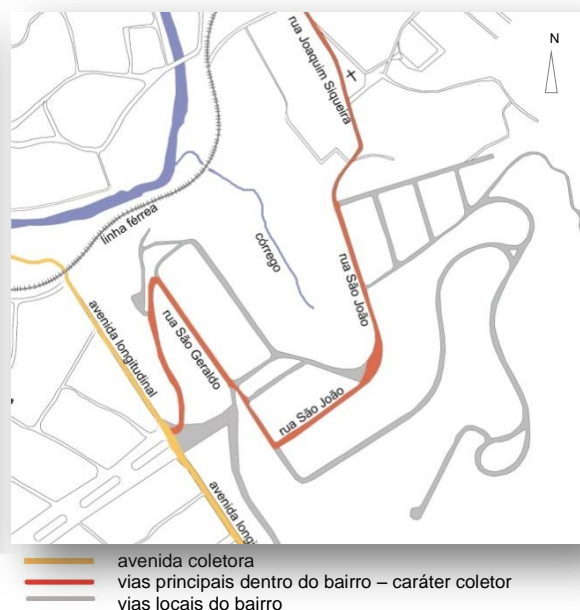
### 3.6.4. CARACTERÍSTICAS URBANAS E MORFOLÓGICAS

A característica de implantação do bairro Esplanada se apresenta de forma geralmente adaptada à sua condição topográfica, que é acidentada e íngreme, sendo cortada, ainda, pelo curso de uma nascente de um córrego e seu vale. Os conjuntos residenciais projetados na década de 1970, antes da ocupação mais disseminada dos vazios urbanos do bairro, respondem de maneira consonante à inclinação do terreno, uma vez que ora apresentam suas ruas principais no sentido de caimento menos acentuado da área (como a quadra do conjunto São José à esquerda do córrego), ora seus eixos viários assumem a organicidade das curvas de nível do lugar, configurando ruas mais adaptadas aos grandes desníveis existentes (como o conjunto Sagrado Coração de Jesus). Entretanto, as áreas de mais recente urbanização/ocupação, por serem em locais mais íngremes, apresentam acessos de grande inclinação viária e de maior dificuldade quanto à mobilidade.

O parcelamento urbano e as quadras apresentam formas e tamanhos variados (algumas quadras com excessivos comprimentos), que ora tendem à regularidade, ora à organicidade e à maior adequação aos acentuados declives (Imagem 122). O sistema viário que compõe o bairro é de legível compreensão, caracterizado pelas generosas larguras. Por vezes as ruas são ortogonais e paralelas entre si e, na parte mais elevada do terreno, assumem um caráter orgânico que, através de articulações viárias e urbanas, alcançam uma unidade dentro do bairro. Os principais eixos viários de acesso ao bairro são a avenida Longitudinal, a oeste, e a rua Joaquim Siqueira a norte do bairro (Imagem 123). Dentro do bairro, as vias mais movimentadas/distribuidoras são a rua São João e a rua São Geraldo, sendo as demais expressas sob um caráter mais local.



**Imagem 122** – Conformação do parcelamento e quadras.  
Fonte mapa base: IPHAN, 2003.



**Imagem 123** – Principais eixos viários existentes.  
Fonte mapa base: IPHAN, 2003.

Quanto ao zoneamento, o bairro Esplanada está compreendido dentro do perímetro urbano de Sabará. A Lei de Uso e Ocupação do Solo define seu caráter: toda a área é classificada como ZUM - Zona de Uso Misto e APC III – Área de Proteção ao Patrimônio Cultural III (frente à proximidade ao centro histórico). O uso é predominantemente residencial, ao qual se acrescentam pequenos comércios locais (bares e padarias), se entremeando nesse contexto. Há ainda algumas igrejas, a sede da associação comunitária, além de um grande equipamento que é a escola estadual Cristiano Guimarães.

Entretanto, assim como observado em outras áreas, o bairro Esplanada reflete a demasiada dependência em relação ao centro histórico para serviços e produtos mais variados, uma vez que esse caráter misto é pontual e pouco disseminado na área.

Os tipos edifícios variam de um a dois pavimentos (poucos exemplares de três pavimentos). Suas principais características, enquanto casas de conjuntos residenciais, podem ser encontradas, ainda, em algumas edificações (principalmente nas ruas São Geraldo e José Pedro): casas unifamiliares de alvenaria, apresentando telhado colonial de barro em duas águas e afastamentos frontais, laterais e de fundos (Imagens 124 a 126). Entretanto, já há muitas descaracterizações desses tipos industriais do bairro Esplanada, visto que muitas construções são acrescentadas de mais pavimentos e de novos materiais.



**Imagens 124 a 126** – Alguns dos tipos edifícios industriais remanescentes no bairro Esplanada.

**Fonte:** Autora, 2012.

A despeito das descaracterizações dos tipos edifícios industriais, datados da década de 1970, a ideia de conjunto ainda permanece relevante e se mostra presente nas narrativas e descrições físicas do local, pelos moradores entrevistados. A lógica e legibilidade do plano urbano, reforçadas frente às semelhanças entre os tipos das habitações ali inseridos, ainda são percebidas e elevadas enquanto noção de identidade e pertencimento àquele contexto.

Na sequência, uma esquematização dos principais aspectos físicos e estruturais do bairro, que influenciam na paisagem local (Imagem 127).



**Imagem 127** – Alguns dos principais elementos físicos construídos que influenciam na paisagem do bairro Esplanada.

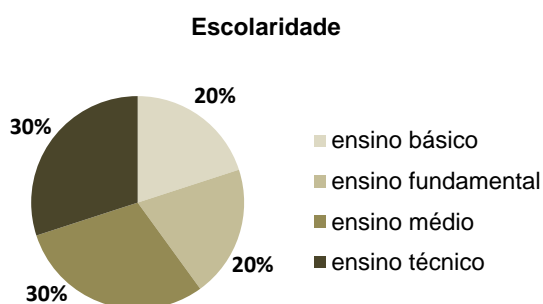
**Fonte:** Autora, 2012 (sem escala).

O diagrama acima ressaltou alguns dos elementos mais influentes na paisagem do espaço urbano do bairro Esplanada. Dentre eles, a forte noção/apreensão dos conjuntos residenciais; bem como o traçado urbano legível e associado aos conjuntos, somado à identificação de alguns equipamentos urbanos que se destacam.

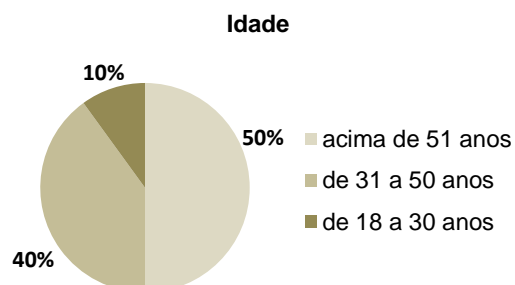
### 3.6.5. CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E PERCEPTIVAS

O bairro Esplanada apresenta cerca de 2.495 habitantes (2% da população de Sabará), sendo que há 123.014 habitantes no município de Sabará e distritos; enquanto que a população do centro histórico é relativa a 4.156 habitantes (Prefeitura Municipal de Sabará, Censo 2005). O universo de entrevistados do bairro Esplanada foi composto de 10 entrevistados, sendo sete mulheres e três homens; desse universo, 20% possuíam escolaridade até o ensino básico, 20% apresentavam ensino fundamental, 30% informaram ter completado o ensino médio e 30% o nível técnico (Gráfico 21). Quanto à idade dos

entrevistados, 50% estavam na faixa etária acima de 51 anos, 40% apresentavam entre 31 e 50 anos e 10% entre 18 e 30 anos (Gráfico 22).

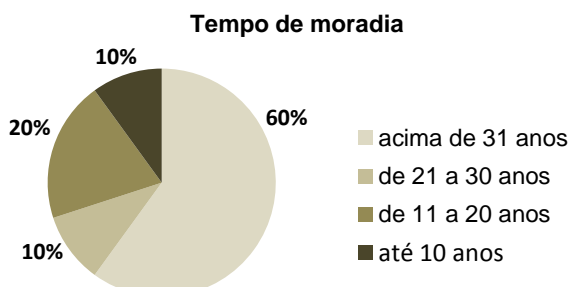


**Gráfico 21** - Escolaridade dos entrevistados no bairro Esplanada.  
Fonte: Autora, 2012.

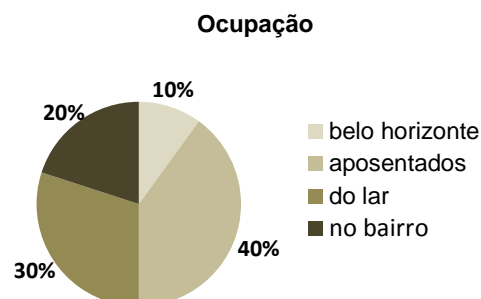


**Gráfico 22** - Idade dos entrevistados no bairro Esplanada.  
Fonte: Autora, 2012.

O tempo de moradia no bairro tende a ser longo, pois 60% dos entrevistados apontaram morar no local há mais de 31 anos, 10% encontram-se lá de 21 a 30 anos, 20% residem no local de 11 a 20 anos e 10% há apenas 10 anos (Gráfico 23). Quanto à ocupação dos entrevistados (se ativos ou aposentados, sendo que, quando ativos, pontuou-se o local onde trabalham), o resultado foi diverso, pois 40% são aposentados, 30% trabalham em casa (no lar), 20% no bairro e 10% em Belo Horizonte (Gráfico 24).



**Gráfico 23** - Tempo de moradia dos entrevistados no bairro Esplanada.  
Fonte: Autora, 2012.



**Gráfico 24** - Ocupação dos entrevistados no bairro Esplanada.  
Fonte: Autora, 2012.

Quanto às lideranças locais observadas, a associação de moradores do bairro Esplanada é conhecida pelos moradores entrevistados, sendo que 30% dos entrevistados participam ativamente das reuniões. Os resultados conseguidos pela associação comunitária apontados pelos entrevistados giram em torno de bem feitorias no bairro, como a requalificação da quadra de esportes local e a construção da própria sede da associação, que é um espaço, também, de inclusão social (oficinas, cursos, etc.).

Quando questionados acerca do uso dos espaços livres, apenas 20% disseram não haver qualquer espaço para o lazer no bairro; por outro lado, os outros 80% apontaram as quadras esportivas existentes no bairro, a própria associação de bairro (que tem equipamentos de

atividades físicas ao ar livre) e o “parque” ali existente (a mata ciliar que envolve o córrego, que, entretanto, não recebe qualquer qualificação formal para se configurar enquanto parque). Os espaços livres do centro foram, recorrentemente, apontados como lugares utilizados pela população local, como as praças Santa Rita e praça da igreja Matriz, ambas no centro histórico.

Os limites territoriais do bairro foram claramente definidos e descritos pelos entrevistados, uma vez que os conjuntos residenciais do bairro possibilitam esse fácil entendimento/leitura. O bairro Esplanada, para os moradores, inclui os conjuntos residenciais São José e Sagrado Coração de Jesus, localizados entre os bairros Santo Antônio e Nossa Senhora do Ó.

O fator de identificação dos moradores entrevistados com o bairro Esplanada foi positivo, em sua maioria. Os aspectos mais levantados para a construção dessa identificação com o lugar onde habitam foram: as pessoas e a vizinhança; a tranquilidade do bairro. Somente um dos entrevistados disse não gostar do bairro, por ser “distante de tudo” (contrariando a grande parte dos entrevistados que apontaram para a proximidade ao centro histórico, principalmente em relação ao contexto da igreja Matriz (descrita por muitos entrevistados como Vila Siderúrgica, devido às inserções pontuais de construções para a usina siderúrgica no tecido urbano preexistente, apesar de compor o centro histórico tradicional da cidade).

Pode-se inferir a identificação/entendimento para com a lógica formal e de ambiência apresentadas no bairro, uma vez que, nos relatos e descrições das vivências urbanas dos entrevistados, a lógica dos conjuntos residenciais bem definidos sempre esteve presente e valorizada nas entrevistas.

Quanto às referências simbólicas de Sabará, essas foram diversas. Foram levantados patrimônios arquitetônicos presentes no centro histórico, como a igreja Matriz (como apontaram 20% dos entrevistados), o teatro (20%), a igreja de pedra (igreja do Rosário) (20%) e sua praça, e a igreja Nossa Senhora do Ó (20%) - essa última se localiza nas proximidades do bairro Esplanada. Outros elementos arquitetônicos tradicionais foram apontados, como o Museu do Ouro, a Chácara do Lessa, o coreto da praça Santa Rita, a ruína do Solar Melo Viana, o chafariz do Caquende e a “praia do Piolho” (essa última, uma área relativa a um assentamento residencial da siderúrgica que ainda permeia o imaginário de uma entrevistada que a colocou como um dos mais representativos lugares na cidade).

A seguir, um mapa esquemático com os principais apontamentos dos entrevistados frente às relações sociais existentes no bairro e com a cidade de Sabará, ressaltando as principais características que permeiam a percepção social (Imagem 128).



Alguns dos tipos edilícios industriais remanescentes nos conjuntos residenciais do bairro Esplanada.  
Fonte: Autora, 2012.



Vista panorâmica a partir de visada do bairro Esplanada - inclinações do terreno.  
Fonte: Autora, 2012.



Igreja Nossa Senhora do Ó, um dos principais exemplares da arquitetura tradicional da cidade de Sabará, nas proximidades do bairro Esplanada.  
Fonte: Autora, 2012.



Aula de pintura na sede da associação comunitária do bairro Esplanada.  
Fonte: Autora, 2012.



Vista da avenida longitudinal que separa os bairros Esplanada (à esquerda) e Campo Santo Antônio (à direita), conduzindo, ao fundo, ao bairro Morada da Serra.  
Fonte: Autora, 2012.



Praça 1º de Maio, com destaque para o uso constante da quadra de esportes e dos espaços de estar.  
Fonte: Autora, 2012.

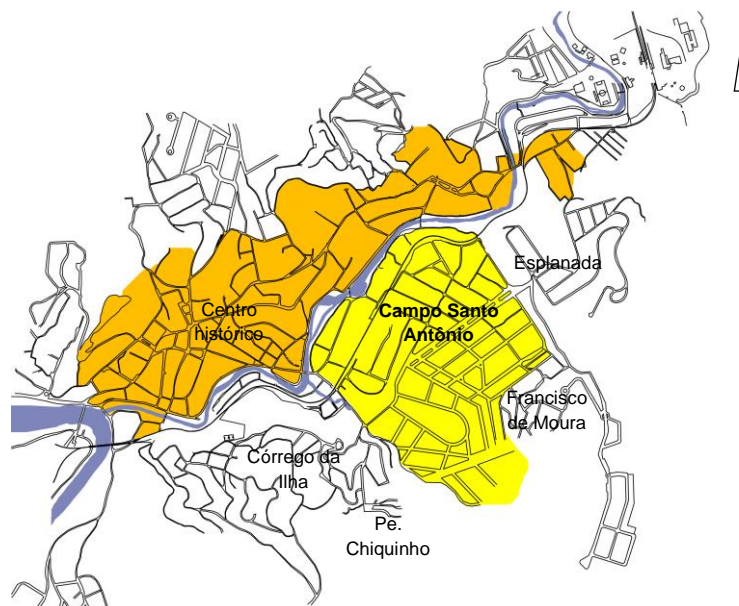
**Legenda**

- ✚ igreja
- ✱ vista panorâmica
- ✱ ponto focal/ interesse
- ✱ áreas verdes potenciais
- ..... conjuntos residenciais – legibilidade estrutura urbana
- - - - limites do bairro (segundo os entrevistados)
- +++++ linha férrea

**Imagem 128** – Esquema das percepções sociais segundo os moradores entrevistados no bairro Esplanada.  
Fonte: Autora, 2012.

### 3.7. O CONTEXTO DO BAIRRO CAMPO SANTO ANTÔNIO

O bairro Vila Santo Antônio de Pádua, conhecido popularmente como Campo Santo Antônio, está diretamente ligado ao bairro Córrego da Ilha, a oeste, à Vila Esplanada, a leste (da qual é separado apenas pela avenida longitudinal) e, na parte mais alta do terreno, ao sul, interliga-se ao bairro de mais recente conformação, Francisco de Moura (Imagem 129).



**Imagem 129** – Mapa chave de localização do bairro Campo Santo Antônio.

**Fonte mapa base:** Prefeitura Municipal de Sabará, 2005.

#### 3.7.1. APRESENTAÇÃO/HISTÓRICO

O surgimento do bairro Campo Santo Antônio é vinculado à demanda de mais habitações e abrigo para os trabalhadores da usina siderúrgica Belgo Mineira, um dos motivos de ser nomeado Vila de Santo Antônio de Pádua, complementando as demais vilas já existentes datadas das décadas de 1930 em diante. Assim, o bairro Campo Santo Antônio foi delineado e estabelecido nas décadas de 50 e 60, sendo que no levantamento das ocupações da Plambel, do ano de 1977, já é possível verificar suas principais vias e ocupações atuais. Dentre os bairros abordados nesse estudo, o Campo Santo Antônio é o segundo maior bairro em tamanho, sendo maior que esse somente a área do centro histórico da cidade de Sabará. Sua grande área e a pregnância de sua ordenação urbana o tornam um dos mais representativos bairros ao redor do centro histórico, ao qual apresenta-se adjacente, separado do mesmo apenas pelo rio Sabará (Imagem 129).

### 3.7.2. CONDICIONANTES FÍSICOS E NATURAIS

Quanto às condições físicas naturais que o bairro Campo Santo Antônio apresenta, cabe primeiramente ressaltar a grande variação de níveis do terreno. A área do bairro se estabelece desde o vale do rio Sabará, a partir do nível 700m, abrangendo uma área com inclinação mais branda, até o nível de 710m e, a partir daí, desenvolve-se em acentuado até encontrar o nível 780m, aproximadamente (Imagem 130).



**Imagem 130** - Levantamento topográfico e de ocupações no bairro Campo Santo Antônio de Sabará.

**Fonte:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

A partir da imagem acima, pode-se observar que as coberturas vegetais acontecem em diversas escalas e em pontos disseminados pelo bairro, ressaltando-se a presença e constância de vegetação nos fundos de lotes. Ademais, alguns bolsões de vegetação entremeiam os quarteirões edificadas, como na parte leste da lagoa existente no bairro (conhecida por Poço da Bomba), bem como na porção sul do terreno, com uma área intensamente arborizada e livre de edificações. Somam-se a essas áreas verdes uma quadra esportiva gramada (chamada Campo da Liga) à frente da lagoa e os balões nos largos eixos viários (como ao longo da avenida João Pinheiro), que acrescentam mais vegetação e permeabilidade à área (Imagem 131).

Assim, em termos de limites que os condicionantes naturais impuseram para o livre crescimento do bairro, cabe ressaltar o leito do rio Sabará que conforma toda a face noroeste do bairro; bem como as grandes altitudes e inclinações quanto mais a sudeste da área.



**Imagem 131** - Vista aérea com destaque para os grupos vegetais existentes.

**Fonte:** Google Earth, 2012.

No trecho posterior do bairro - a parte mais alta da área - posteriormente foi inserido o bairro Francisco de Moura, caracterizado por uma maior organicidade do traçado, bem como por infraestrutura urbana mais deficiente – ruas mais estreitas e muitas vezes sem pavimentação, somadas à menor qualidade das construções. Na sequência, um croqui explicita a localização e a influência dos condicionantes naturais (Imagem 132).



**Imagem 132** – Croqui dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento do bairro.

**Fonte mapa base:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

Os principais fatores naturais que condicionaram a ocupação do bairro foram as características topográficas de seu sítio, que apresenta variações acentuadas de altitude, além das reentrâncias no terreno, conformando talwegues expressivos. Esses últimos tenderam a ser mantidos como vazios urbanos vegetados, configurando grandes bolsões de vegetação. A composição de diversas visuais panorâmicas para toda a cidade é possibilitada e reforçada ainda mais pelo traçado urbano ortogonal.

### 3.7.3. EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO BAIRRO CAMPO SANTO ANTÔNIO

A sequência de mapas apresentada ao lado evidencia o surgimento e a evolução do espaço urbano do bairro Campo Santo Antônio. Os recortes temporais estabelecidos compreendem o levantamento urbano realizado em 1937 (Prefeitura Municipal de Sabará), seguido pelas transformações observadas já em 1977 (PLAMBEL), e culminam com a situação atual traçada mediante imagens aéreas do bairro (Google Earth).

Primeiramente, deve-se atentar à localização do bairro Campo Santo Antônio. Conforme é destacado na imagem à direita, na cor vermelha (Imagem 133), o bairro surgiu em uma área à adjacência do rio Sabará, próximo tanto do centro histórico da cidade, quanto da sede da usina e das demais vilas operárias (circulado em verde), visto que seu imperativo inicial era de atender à crescente demanda de habitações para os trabalhadores da usina. Assim, a sua implantação em relação a esses dois momentos distintos na cidade impulsionou e fomentou sobremaneira seu crescimento, sendo esse o maior bairro em extensão e população nas proximidades do centro histórico.

Conforme se pode observar no mapa de 1937 (Imagem 134), as primeiras ocupações do bairro, para os funcionários da usina siderúrgica, localizaram-se principalmente abaixo da linha férrea, entre essa e o rio Sabará. O mapa de 1937 revela essas poucas e esparsas edificações, sendo que algumas ainda hoje mantêm as características originais enquanto tipos industriais. A área onde se encontram inseridas essas primeiras edificações no bairro Campo Santo Antônio é também conhecida por Praia dos Bandeirantes.

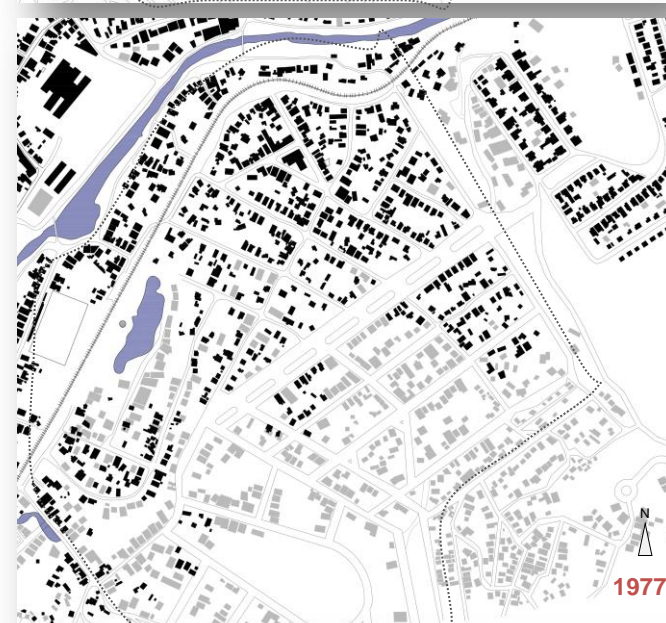
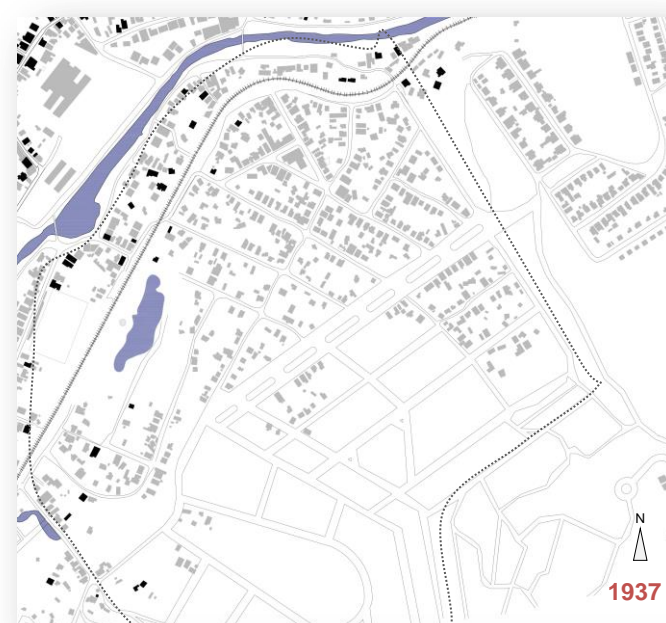
Já o mapa de 1977 (Imagem 135) evidencia a explosão de ocupações que o bairro sofreu entre as décadas de 1940 e 1980. Os quarteirões já apresentavam os contornos atuais, a lagoa Poço da Bomba já aparecia parcialmente envolta pelas construções edilícias. Entretanto, a parte mais alta do terreno do bairro ainda não havia sido ocupada.

Essa ocupação disseminada só pode ser percebida através da configuração da presente década, conforme mostra o mapa de 2012 (Imagem 136). Os quarteirões acima da larga avenida passam a ser também ocupados, ainda que de forma esparsa. As variações de afastamentos são claramente percebidas nessa parte mais ao sul do bairro, a partir do mapa de 2012. Assim, o bairro Campo Santo Antônio apresenta-se enquanto um dos mais espreados e representativos bairros dentro do recorte abordado, portador de um desenho urbano que, por vezes, entra em conflito com o acentuado caimento do terreno, gerando inclinações viárias excessivas.



**Imagem 133** – Mapa das ocupações no período colonial.

**Fonte:** PMS (Álbum Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes, 1927) (sem escala).



**Imagem 134** (à esquerda na parte superior) – Mapa das ocupações e espaços livres registrados em 1937.

**Fonte:** Arquivos da Prefeitura Municipal de Sabará - PMS, 1937 (sem escala).

**Imagem 135** (à esquerda na parte central) – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.

**Fonte:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

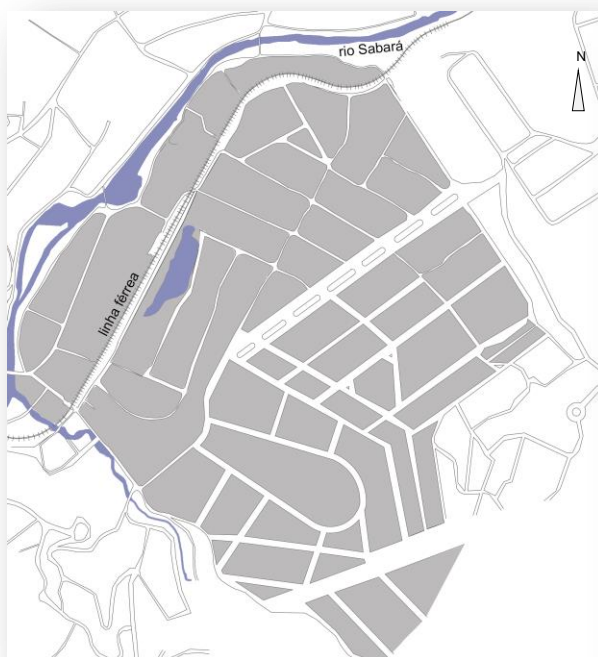
**Imagem 136** (à esquerda) – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – ano de 2012.

**Fonte:** Google Earth, 2012 (sem escala).

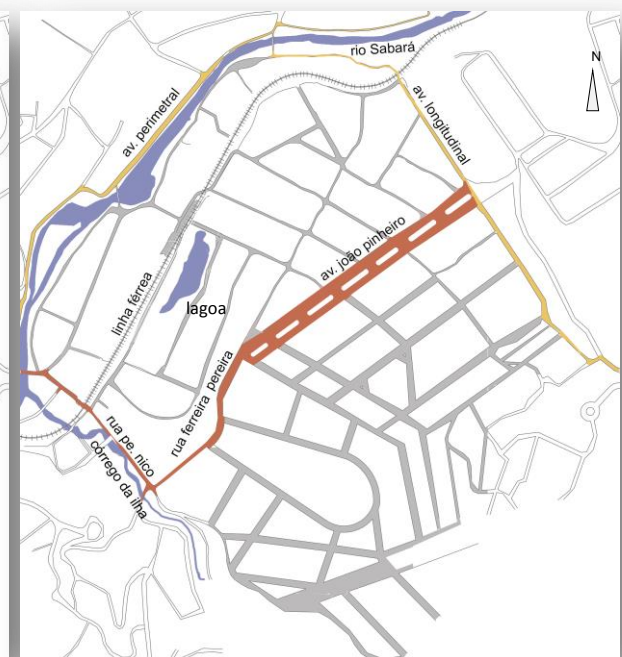
### 3.7.4. CARACTERÍSTICAS URBANAS E MORFOLÓGICAS

As características de implantação adotadas no bairro Campo Santo Antônio tendem à ortogonalidade e regularidade de seu traçado. Situado em um terreno cujas inclinações acentuadas se destacam na paisagem, muitas vezes o bairro apresenta dificuldades de mobilidades frente aos íngremes acessos conformados. Na implantação foi adotado, primeiramente, um paralelismo entre seu traçado e a via férrea em sua porção noroeste; grandes canteiros centrais vegetados foram, ainda, inseridos no contexto do bairro.

O parcelamento das quadras é de grande legibilidade, frente ao seu caráter ortogonal, regular e de dimensões equivalentes entre as diversas quadras do contexto do bairro Campo Santo Antônio (Imagem 137). O sistema viário corresponde à lógica da ortogonalidade entre suas vias. Dois acessos principais permeiam o bairro: a rua Padre Nico, que separa os bairros Córrego da Ilha e Campo Santo Antônio, e a avenida longitudinal. Ambos eixos viários dão acesso à principal via de circulação interna dentro do bairro - a avenida João Pinheiro -, a qual claramente conduz a hierarquia viária dentre as demais existentes no bairro, uma vez que seus leitos são largos e separados por um canteiro central de amplas dimensões (Imagem 138). As vias secundárias tendem a estabelecer-se no sentido do caimento do terreno, o que causa desconfortos de acessos e dificuldades de mobilidade e infraestrutura urbana (como aceleração da velocidade das águas pluviais, etc.).



— cursos hídricos



— avenida coletora  
 — vias principais dentro do bairro – caráter coletor  
 — vias locais do bairro  
 — cursos hídricos

**Imagem 137** – Conformação de quadras no bairro Campo Santo Antônio.  
 Fonte mapa base: IPHAN, 2003.

**Imagem 138** – Principais eixos viários existentes no contexto do bairro Campo Santo Antônio.  
 Fonte mapa base: IPHAN, 2003.

O bairro Campo Santo Antônio está compreendido dentro do perímetro urbano de Sabará. A Lei de Uso e Ocupação do Solo o classifica como ZUM - Zona de Uso Misto e APC I – Área de Proteção ao Patrimônio Cultural I (enquanto uma Área de Interesse Especial).

A diversidade das atividades existentes no bairro Campo Santo Antônio é, entretanto, suprimida pela grande preponderância do uso residencial. Apesar da extensa área que ocupa, o bairro é deficiente quanto aos serviços locais e à variedade de comércios e de eventos culturais e de lazer, o que foi recorrentemente apontado pelos moradores. Uma escola e algumas igrejas se entremeiam ao predomínio residencial da área, sendo que as construções variam de um a três pavimentos (sendo que no bairro Campo Santo Antônio as construções de três pavimentos são as mais disseminadas dentre os bairros abordados).

Quanto aos tipos edifícios, apesar de ter sido urbanizado e projetado para ser outra opção residencial de absorção dos funcionários da usina siderúrgica, o bairro Campo Santo Antônio se difere dos demais bairros industriais e operários, uma vez que não apresenta em completude as casas padronizadas e construídas pela siderúrgica, como remanescem na Vila Santa Cruz e Vila Campinas, por exemplo. Permanecem somente, como arquiteturas originais do período industrial em que foram construídas, as residências ao longo da linha férrea, área conhecida como Praia dos Bandeirantes (Imagem 139).

A maioria das construções edilícias ali presentes correspondem às características contemporâneas disseminadas pelas cidades, cujas construções são em alvenaria e estrutura em concreto armado, com esquadrias metálicas e coberturas de telha cerâmica ou telhas metálicas (Imagens 140 e 141).



**Imagens 139 a 141** – Respectivamente, residência industrial localizada na Praia dos Bandeirantes, na parte mais baixa do bairro Campo Santo Antônio, tipos edifícios de três pavimentos em concreto armado e conjunto de edificações em acentuado aclive no bairro Campo Santo Antônio.

**Fonte:** Autora, 2012.

A seguir, um mapa esquemático destaca os principais elementos construídos que estruturam o bairro e ressaltam na paisagem do mesmo. Cabe destacar o sistema viário enquanto o principal elemento construído do bairro, estruturando esta grande área de ocupações homogêneas, sem edificações que se destaquem na paisagem (Imagem 142).



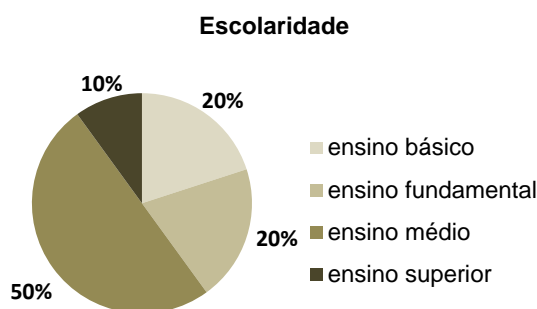
**Imagem 142** – Alguns dos principais elementos físicos construídos que influenciam na paisagem do bairro.

**Fonte:** Autora, 2012.

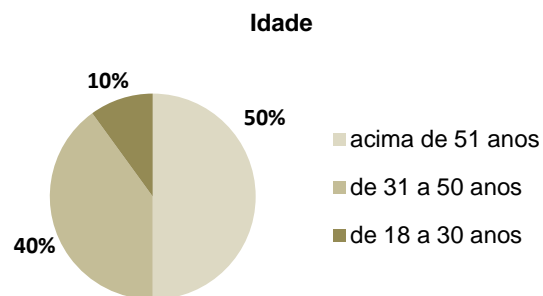
### 3.7.5. CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E PERCEPTIVAS

O bairro Campo Santo Antônio é representativo no contexto urbano de Sabará, isso devido à extensão física do bairro (área que se aproxima à do centro histórico, diferenciando-se por ser menos linear do que o centro, com um caráter mais centralizado), bem como ao número de pessoas residentes no bairro. Dentre um total de 123.014 habitantes no município de Sabará e distritos, a população residente no bairro Campo Santo Antônio é relativa a 4.421 habitantes (cerca de 4% da população), enquanto a população residente no centro histórico é de 4.156 habitantes (Prefeitura Municipal de Sabará, Censo 2005).

Quanto ao perfil dos indivíduos entrevistados no bairro Campo Santo Antônio, dentre dez entrevistados, foram abordadas seis mulheres e quatro homens; desse universo, 50% possuíam escolaridade até o ensino médio, 20% apresentavam o ensino fundamental, 20% informaram ter completado apenas o ensino básico e 10% o superior (Gráfico 25). Quanto à idade dos entrevistados, 50% estavam na faixa etária acima de 51 anos, 40% apresentavam entre 31 e 50 anos e os outros 10% entre 18 e 30 anos (Gráfico 26).

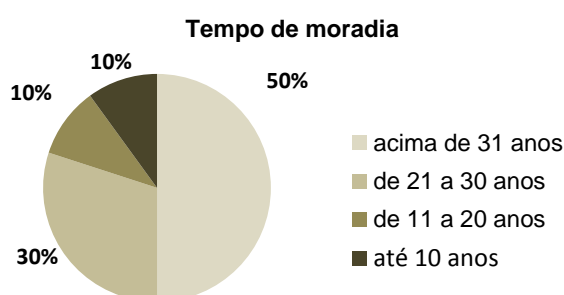


**Gráfico 25** - Escolaridade dos entrevistados no bairro Campo Santo Antônio.  
Fonte: Autora, 2012.

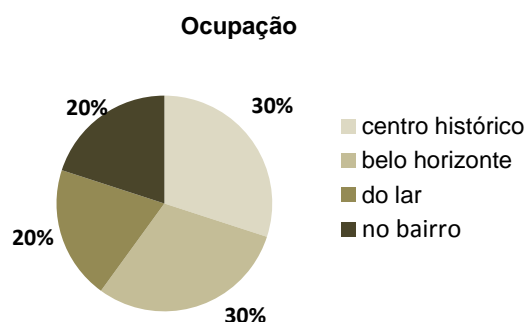


**Gráfico 26** - Idade dos entrevistados no bairro Campo Santo Antônio.  
Fonte: Autora, 2012.

O tempo de moradia no bairro tende a ser longo, pois 50% dos entrevistados moram no local há mais de 31 anos, 30% entre 21 e 30 anos, 10% entre 11 e 20 anos e 10% há menos que 10 anos (Gráfico 27). Quanto à ocupação dos entrevistados (se ativos ou aposentados, sendo que, quando ativos, pontuou-se o local onde trabalham), houve equilíbrio, uma vez que 20% dos entrevistados trabalham no bairro, 20% em casa (do lar), 30% se direcionam ao centro histórico para trabalhar, 30% trabalham em Belo Horizonte (Gráfico 28).



**Gráfico 27** - Tempo de moradia dos entrevistados do bairro Campo Santo Antônio.  
Fonte: Autora, 2012.



**Gráfico 28** - Ocupação dos entrevistados do bairro Campo Santo Antônio.  
Fonte: Autora, 2012.

Quanto às lideranças locais observadas, 40% dos entrevistados afirmaram não haver associação de moradores ali, 30% não souberam responder e outros 30% pontuaram que existe, mas que não frequentam nem mesmo sabem os resultados alcançados. Nenhum membro da associação foi entrevistado, o que distancia a pesquisa das possíveis discussões e reivindicações da associação.

Quando questionados acerca da presença de espaços livres de lazer no bairro Campo Santo Antônio, houve grande desequilíbrio entre as respostas. Cerca de 70% dos entrevistados pontuaram que não há espaços de lazer no bairro, enquanto 30% citaram a Praça do Barão (no centro histórico, próximo à entrada no bairro), quadra de esporte (em outros bairros), a quadra de esportes do Campo da Liga (no bairro) e a academia ao ar livre que ladeia a lagoa Poço da Bomba; ou seja, a maioria apontou que não há espaços livres para o lazer. Entretanto, esse é um dos bairros onde há maior potencial aproveitado para o

lazer, quando comparado aos demais bairros abordados, visto a lagoa e sua orla que podem ser utilizadas para exercícios e passeios (exuberante paisagem), além da academia ao ar livre às adjacências da lagoa, dentre outros.

Essa dubiedade deve-se, possivelmente, ao nível de insegurança e violência nesses referidos espaços presentes no bairro. A maioria dos entrevistados não os considera enquanto lugares para o lazer, pois não os usufrui como tal, frente às inseguranças locais resultantes de mendicância e uso de drogas ao longo da linha férrea no trecho do bairro Campo Santo Antônio (principalmente à frente da lagoa). Esta situação reclama intervenções físicas e sociais na área, necessitando de um trabalho social (tratamento e redirecionamento social) conjuntamente a uma possível revitalização da linha férrea para fins recreativos, qualificando-a e diminuindo a incidência dessas divergências sociais.

Ao descreverem os limites físicos do bairro Campo Santo Antônio, houve muitas dualidades entre os entrevistados. Enquanto alguns afirmaram que “já está tudo muito misturado, todos os bairros” (cerca de 30% dos entrevistados), os demais utilizaram elementos como a linha férrea para demarcar o início do bairro (excluindo o trecho entre a linha férrea e o rio Sabará da área do bairro) e o “alto do morro” como o término do bairro, utilizando, assim, características naturais topográficas para delimitar a abrangência do bairro Campo Santo Antônio. Destaca-se que houve dificuldade da pesquisadora para entender tais limites, uma vez que os registros oficiais da Prefeitura Municipal não coincidem com as descrições dos entrevistados em relação aos limites e à localização do bairro. E, para fins da pesquisa (abrangência dos bairros), utilizaram-se os limites dos arquivos da Prefeitura de Sabará.

O fator de identificação dos moradores entrevistados com o bairro Campo Santo Antônio foi alto, uma vez que todos relataram gostar e se identificar com aquele contexto. Os argumentos utilizados para explicar essa construção de proximidade e identidade com o lugar foram a tranquilidade e a segurança do bairro (segundo 70% dos entrevistados) e as amizades construídas naquele contexto (como pontuaram 30% dos entrevistados).

Quanto às referências simbólicas de Sabará, os entrevistados pontuaram elementos arquitetônicos e urbanos presentes no centro histórico de Sabará, como o chafariz do Caquende, a rua do Carmo, a praça Santa Rita, a praça Melo Viana, a igreja Nossa Senhora do Ó, a igreja Nossa Senhora do Rosário e a vista para toda a cidade, sendo esses elementos os mais recorrentes enquanto referenciais da cidade para os moradores do Campo Santo Antônio. A seguir, um mapa esquemático com as principais questões apontadas pelos entrevistados frente às relações sociais existentes no bairro e com o espaço urbano de Sabará, ressaltando as principais características que permeiam a percepção social (Imagem 143).



Inclinação viária típica no bairro Campo Santo Antônio.  
Fonte: Autora, 2012.



Alguns dos tipos edifícios existentes no bairro Campo Santo Antônio.  
Fonte: Autora, 2012.








Lagoa Poço da Bomba, no bairro.  
Fonte: Autora, 2012.



Edificações de três pavimentos que têm se disseminado pelo bairro.  
Fonte: Autora, 2012.



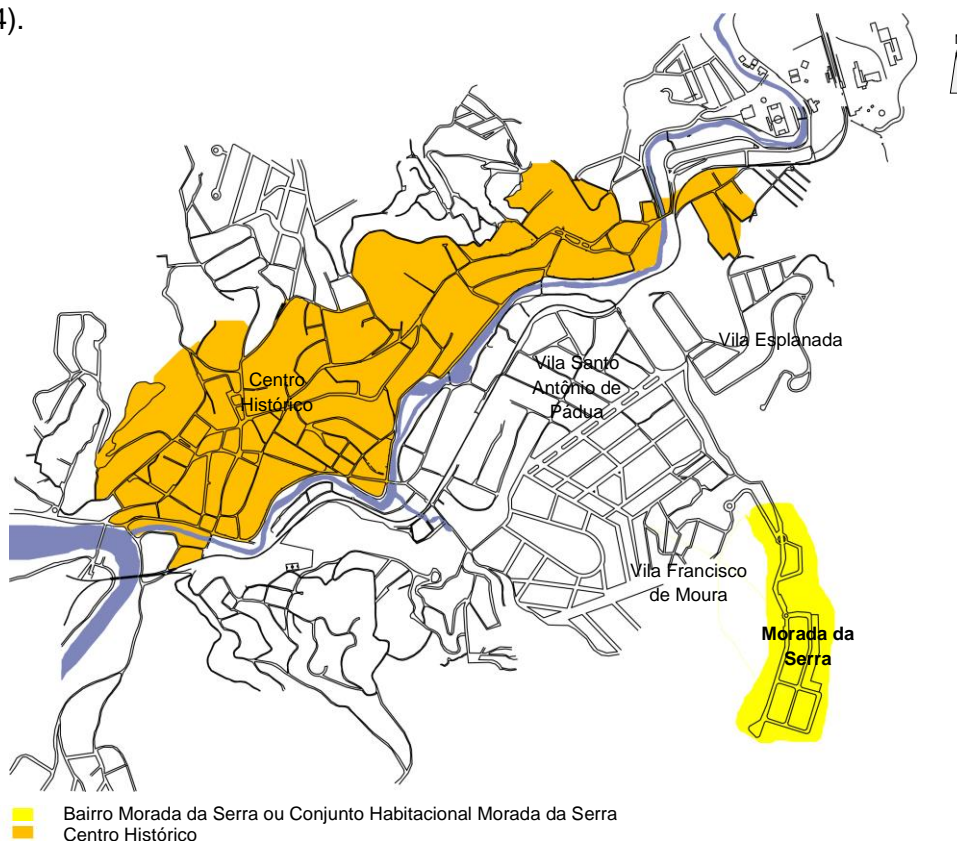
Um dos declives mais acentuados no bairro.  
Fonte: Autora, 2012.

- Legenda**
-  vista panorâmica
  -  áreas verdes potenciais
  -  principais eixos viários
  -  limites do bairro (segundo os entrevistados)
  -  linha férrea

**Imagem 143** – Esquema das percepções sociais segundo os moradores entrevistados no bairro Campo Santo Antônio.  
Fonte: Autora, 2012.

### 3.8. O CONTEXTO DO BAIRRO MORADA DA SERRA

Um dos bairros mais recentemente urbanizados às proximidades do centro histórico de Sabará, o bairro Morada da Serra, também conhecido como Conjunto Habitacional Morada da Serra, encontra-se circundado por matas e elevações montanhosas em quase todo o seu perímetro. Assim, comunica-se, diretamente, apenas com outros dois bairros, a Vila Esplanada e a Vila Francisco de Moura, por meio de vias prolongadas que os interligam (Imagem 144).



**Imagem 144** – Mapa chave de localização do bairro Morada da Serra.

**Fonte mapa base:** Prefeitura Municipal de Sabará, 2005.

#### 3.8.1. APRESENTAÇÃO/HISTÓRICO

O surgimento do bairro Morada da Serra é atribuído ao crescimento da usina siderúrgica Belgo Mineira, que causou a necessidade de ampliar ainda mais o número de bairros para abrigar os funcionários. Assim, foi urbanizado o bairro Morada da Serra, um pouco mais afastado dos demais bairros operários, interligado diretamente à Vila Esplanada e à via que

conecta o bairro à avenida perimetral (principal eixo viário de Sabará), por volta da década de 1980. Em relação às preexistências coloniais, o bairro localiza-se fora desse eixo histórico, sendo inserido em um vale a sudeste da malha urbana existente.

### 3.8.2. CONDICIONANTES FÍSICOS E NATURAIS

O bairro Morada da Serra caracteriza-se por ser bairro envolto por diversas cadeias montanhosas que conformam sua paisagem, proximidade a esse contexto natural que se torna ainda mais acentuada devido ao fato de que praticamente todo o seu perímetro é construído por esse envolvimento, uma vez que o bairro se liga aos demais apenas por uma avenida principal (Imagem 145).

Inserido em um vale, o caráter natural da área se completa com a intensa arborização que se desenvolve nessa topografia acidentada que o cerca e o limita em todas as direções. As matas preservadas que ascendem as elevações montanhosas reforçam a relação e a proximidade entre a natureza e o bairro (Imagens 145 a 147). Ao longo das vias, entretanto, há pouca vegetação, bem como dentro dos lotes, uma vez que esses têm se tornado mais edificados e com menos espaços livres.



**Imagem 145** - Vista aérea do bairro Morada da Serra.

**Fonte:** Google Earth, 2012.



**Imagem 146** - Quadras residenciais unifamiliares e igreja circundadas por vegetação.

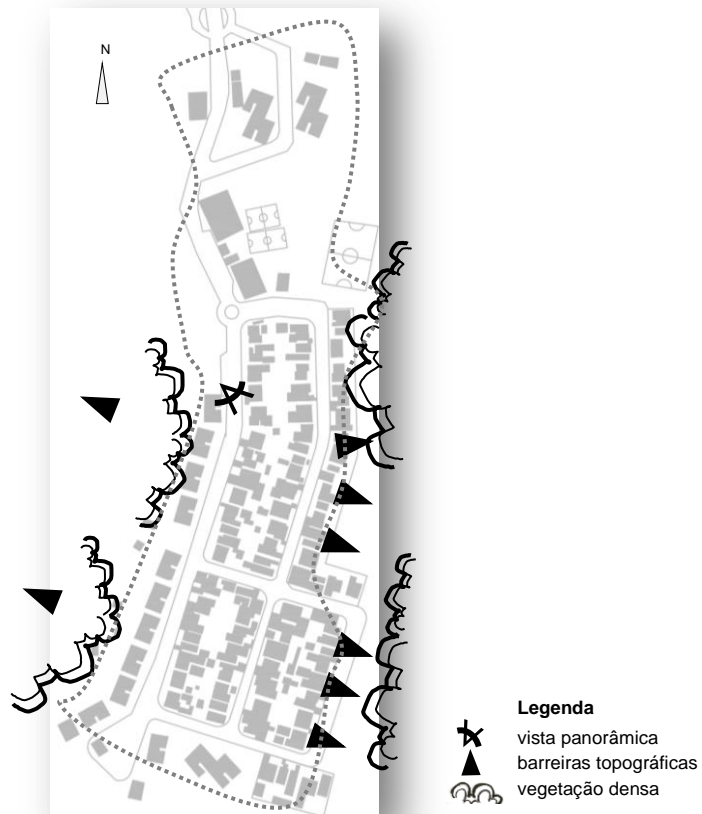
**Fonte:** Autora, 2012.



**Imagem 147** - Quadras de edifícios residenciais multifamiliares no bairro Morada da Serra.

**Fonte:** Autora, 2012.

O croqui esquemático que segue foi delineado sobre o mapa da atual configuração urbana do bairro Morada da Serra e sobre a topografia local, explicitando, assim, a localização e a influência dos diversos elementos naturais na sua conformação urbana (Imagem 148).



**Imagem 148** – Croqui dos elementos naturais condicionantes do desenvolvimento do bairro.

**Fonte** mapa base: PLAMBEL, 1977 (sem escala).

Como se pode observar, as inclinações e a arborização disseminada sobre essas foram decisivas para moldar e conformar o bairro Morada da Serra em toda a sua extensão, o qual passou a traçar, com essa natureza, a forte relação de proteção e isolamento que caracteriza o bairro em relação ao restante da cidade. O eixo longitudinal principal que corta o bairro foi traçado onde a condição topográfica era mais estável, se desenvolvendo ao longo de um alicive mais suave.

### 3.8.3. EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO BAIRRO MORADA DA SERRA

O último bairro a ser abordado isoladamente no presente estudo é o bairro Morada da Serra, que nesta seção será analisado quanto ao seu surgimento e transformação. Os recortes temporais estabelecidos compreendem o levantamento urbano realizado em 1977 (PLAMBEL), e culminam com a situação atual traçada mediante imagens aéreas do bairro (Google Earth).

O bairro Morada da Serra, localizado a sudeste do centro histórico, surgiu enquanto demanda para atender à necessidade de abrigo para os funcionários da usina siderúrgica. Para tanto, como as demais vilas, se situou às proximidades da sede da usina, ao sul do bairro Esplanada. A imagem acima mostra o sentido adotado na criação deste novo lócus habitacional (Imagem 149),



**Imagem 149** – Mapa das ocupações no período colonial.

**Fonte:** PMS (Álbum Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes, 1927) (sem escala).

deslocado do trecho dos elementos tradicionais remanescentes (centro histórico), frente à nova linguagem que insere na cidade – a de edificações em altura combinadas a residências unifamiliares.

Conforme já pontuado anteriormente, o surgimento do bairro data da década de 1980. Assim, o levantamento realizado em 1977 (Imagem 150) aponta apenas até a parte média que o

bairro Santo Antônio alcançaria mais tarde, a noroeste da área do bairro Morada da Serra. Ambos os bairros

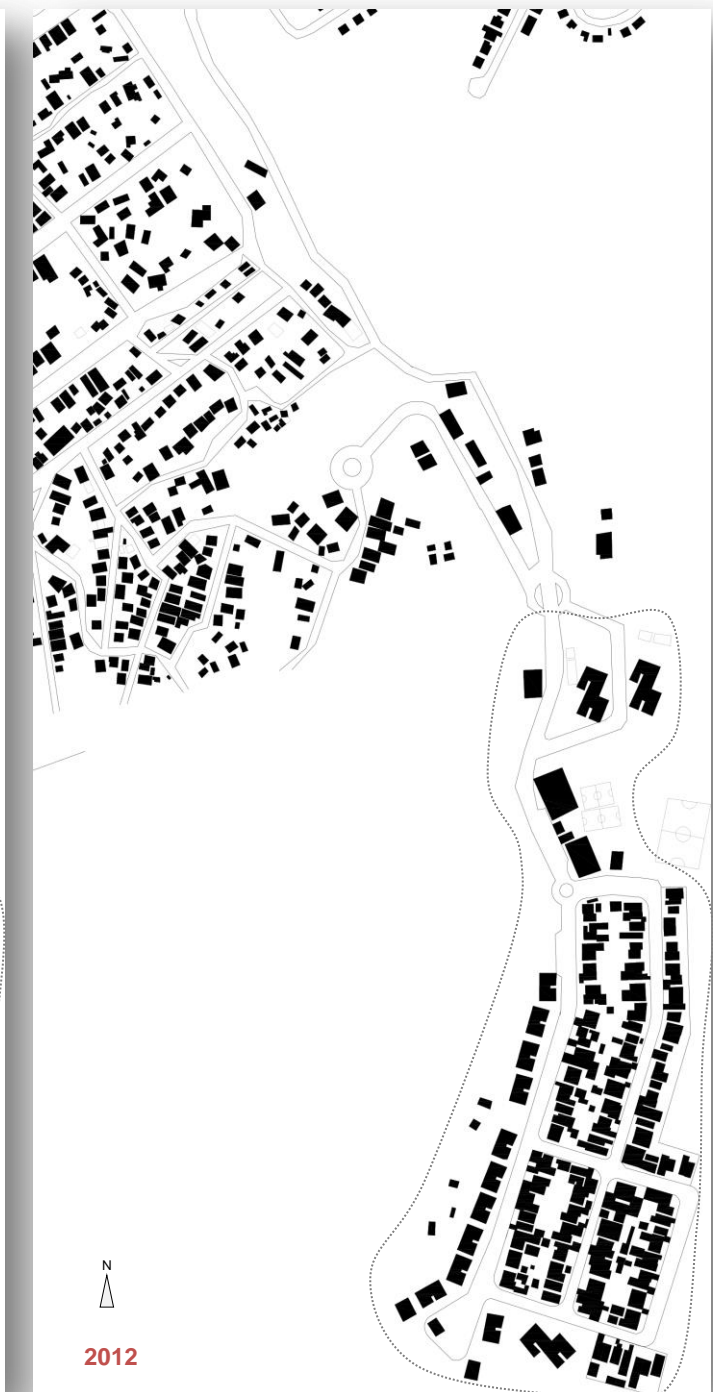
são interligados por uma única avenida, que é a mesma de acesso e saída do bairro Morada da Serra.

O mapa de 2012 (Imagem 151) apresenta a abrangência atual do bairro Morada da Serra, que se expressa como um apêndice do tecido urbano, deslocado de um contexto mais condensado, resultante da adequação à conformação física que seu terreno apresenta. Uma linha de edifícios de quatro pavimentos (a oeste) ladeia a avenida principal, que os separa das quadras de residências unifamiliares. Nota-se, ainda, a presença de espaços livres nos fundos de lotes e interiores de quarteirões.



**Imagem 150** – Mapa das ocupações e espaços livres em 1977.

**Fonte:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).



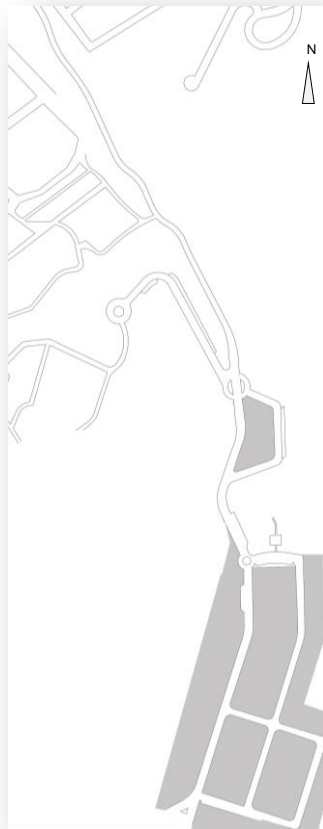
**Imagem 151** – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual – ano de 2012.

**Fonte:** Google Earth, 2012 (sem escala).

### 3.8.4. CARACTERÍSTICAS URBANAS E MORFOLÓGICAS

As características de implantação do bairro Morada da Serra tenderam a se adequar às condições topográficas de acentuadas inclinações, conformando uma urbanização linear que se desenvolve ao longo de níveis mais suaves. O eixo principal de acesso e mobilidade dentro do bairro acontece na direção norte e sul, ao longo do qual se distribuem alguns importantes equipamentos do bairro e as residências, unifamiliares e multifamiliares.

O parcelamento urbano e as quadras conformadas tendem à linearidade e à regularidade de suas formas, havendo certo equilíbrio quanto às dimensões das quadras e lotes (Imagem 152). O sistema viário é ortogonal e de fácil legibilidade, uma vez que há um único caminho principal distribuidor - a avenida Serra da Piedade, ao qual foram acrescentadas vias transversais que conduzem às demais quadras. Uma outra via longitudinal complementa a circulação dentro do bairro, paralela à avenida Serra da Piedade – a rua Serra do Caraça. Todas as vias receberam nomes de relevantes cenários naturais de Minas Gerais; além dessas já citadas, pode-se citar ainda a rua Serra da Canastra, a rua Serra de Santa Helena, a rua Serra Grande, a rua Serra da Mantiqueira e a rua Serra do Caparaó, tamanha a influência do contexto natural no bairro em questão (Imagem 153).



**Imagem 152** – Conformação de quadras e parcelamento.

Fonte mapa base: IPHAN, 2003.



— avenida longitudinal – caráter coletor  
 — via principal dentro do bairro – caráter estruturador  
 — vias secundárias – caráter local

**Imagem 153** – Principais eixos viários existentes.

Fonte mapa base: IPHAN, 2003.

Quanto ao zoneamento, o Morada da Serra está compreendido dentro do perímetro urbano de Sabará. A Lei de Uso e Ocupação do Solo a classifica como ZUM - Zona de Uso Misto. Entretanto, a diversidade de atividades dentro do bairro ainda é pouco expressiva; alguns pequenos comércios locais se entremeiam à disseminada presença de habitações unifamiliares e multifamiliares, o que vai ser um recorrente aspecto levantado pelos entrevistados.

Cabe ressaltar a inserção de um grande equipamento urbano, o Centro de Desenvolvimento Social do bairro. Diversas atividades podem ser encontradas neste amplo espaço, como uma biblioteca, um ginásio e quadras de esportes descobertas, que compõem um espaço de larga utilização da população, de apoio social e de dinamização das atividades locais. Esse local configura uma estrutura urbana diferenciada no tecido urbano do bairro Morada da Serra, uma vez que os grandes equipamentos e construções compõem seu terreno, logo na entrada do bairro. Uma igreja complementa, ainda, o conjunto dos grandes equipamentos no bairro. Ao final da via principal – a avenida Serra da Piedade-, apresenta-se a entrada da Fazenda do Capão, uma extensa área de intensa arborização e preservação.

Quanto aos tipos edifícios, dois distintos momentos se apresentam no tecido urbano do bairro Morada da Serra:

- Habitações unifamiliares: sem tipos padronizados, essas compõem diversos quarteirões, variando de um a dois pavimentos (Imagem 154). Os afastamentos das residências são variáveis, podendo-se observar apenas a tendência ao aumento de construção nos fundos de lotes, ampliando a área edificada desses.
- Habitações multifamiliares: edifícios de quatro pavimentos conformam o caráter dos demais quarteirões, apresentando aberturas quadrangulares ritmadas e coberturas inclinadas de telhas cerâmicas; a identidade visual dos edifícios multifamiliares se assemelha, o que aumenta a percepção de conjunto e unidade dentro do bairro (Imagem 155).



**Imagem 154** – Conjunto dos tipos edifícios unifamiliares existentes no bairro Morada da Serra.

**Fonte:** Autora, 2012.



**Imagem 155** – Tipos edifícios multifamiliares existentes no bairro Morada da Serra.

**Fonte:** Autora, 2012.

O esquema exposto abaixo (Imagem 156) explicita a relevância dos principais elementos físicos na construção do espaço do bairro Morada da Serra. Primeiramente, o caráter estruturador e definidor da avenida Serra da Piedade norteia a linearidade do bairro. Soma-se a esse eixo viário a composição dos conjuntos habitacionais facilmente percebidos e identificados nesse contexto urbano, resultantes da composição em paralelismo das vias secundárias. Os grandes equipamentos completam a esquematização, uma vez que apontam na estrutura urbana e complementam o caráter do bairro.



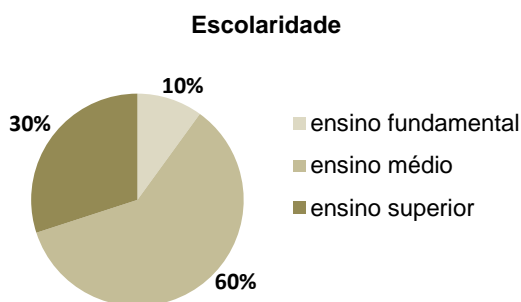
**Imagem 156** – Alguns dos principais elementos físicos construídos que se destacam na paisagem do bairro Morada da Serra.

**Fonte:** Autora, 2012.

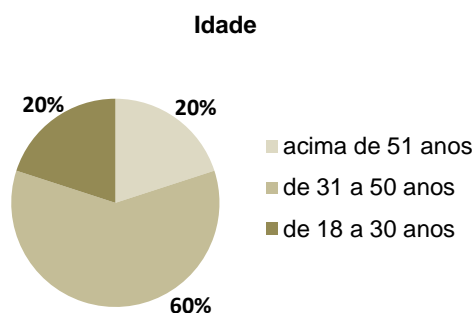
### 3.8.5. CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E PERCEPTIVAS

O bairro Morada da Serra apresenta cerca de 1.272 habitantes (pouco mais de 1% da população), dentre um total de 123.014 habitantes no município de Sabará e distritos, enquanto a população do centro histórico é relativa a 4.156 habitantes (Prefeitura Municipal de Sabará, Censo 2005).

De um universo de dez entrevistados, foram abordadas cinco mulheres e cinco homens; desse universo, 10% apresentavam ensino fundamental, 60% informaram ter completado o ensino médio e 30% o nível superior (Gráfico 29). Quanto à idade dos entrevistados, apenas 20% estavam na faixa etária acima de 51 anos, 60% apresentavam entre 31 e 50 anos e 20% entre 18 e 30 anos (Gráfico 30).

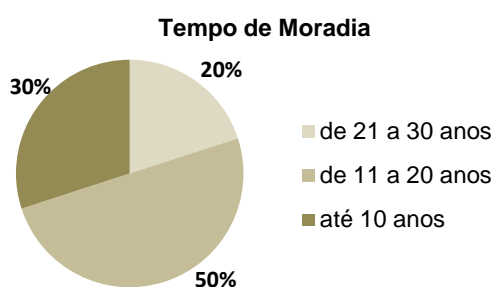


**Gráfico 29** - Escolaridade dos entrevistados no bairro Morada da Serra.  
Fonte: Autora, 2012.

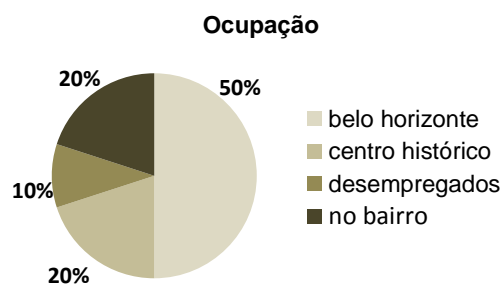


**Gráfico 30** - Idade dos entrevistados no bairro Morada da Serra.  
Fonte: Autora, 2012.

O tempo de moradia no bairro tende a ser de curto a médio, pois 30% dos entrevistados apontaram morar no local há apenas 10 anos, 50% estão lá dentre 11 a 20 anos e apenas 20% residem no local de 21 a 30 anos (Gráfico 31). Quanto à ocupação dos entrevistados (se ativos ou aposentados, sendo que, quando ativos, pontuou-se o local onde trabalham), o resultado apontou para a intensa relação traçada com Belo Horizonte, pois 50% dos entrevistados trabalham na capital, 20% dentro do próprio bairro, outros 20% no centro histórico e 10% encontram-se desempregados (Gráfico 32).



**Gráfico 31** - Tempo de moradia dos entrevistados no bairro Morada da Serra.  
Fonte: Autora, 2012.



**Gráfico 32** - Ocupação dos entrevistados no bairro Morada da Serra.  
Fonte: Autora, 2012.

Quanto às lideranças locais observadas, todos os entrevistados apontaram para a existência da associação de bairro e sua efetividade, embora apenas 30% dos entrevistados tenham relatado presenciar as reuniões e outros 10% não mais frequentarem. Nesse contexto, a ação de tal organização é conhecida e a ela são atribuídas bem feitorias, como o ginásio ali presente, a horta comunitária, os aparelhos de ginástica ao ar livre, dentre outras.

Uma das propostas atuais da associação é de transformar o bairro Morada da Serra em um condomínio fechado, com acesso restrito, uma vez que já é isolado dos demais. O que parece ser um reflexo da atual tendência da criação de grupos urbanos fechados e estanques em seus limites, com acessos e mobilidade reduzida.

Os espaços livres e de lazer no bairro são por vezes considerados existentes e suficientes, sendo assim apontados por 50% dos entrevistados, que citaram o ginásio, as quadras de esporte e a academia ao ar livre. Entretanto, os outros 50% dos entrevistados apontaram esse aspecto como deficiente no bairro, frente à reduzida quantidade, qualidade e diversidade desse lazer, que poderia ser ampliado com eventos no bairro, mais praças, etc.. Os limites territoriais do bairro foram os mais claramente definidos dentre as entrevistas nos demais bairros abordados em Sabará, o que se deve à grande legibilidade urbana devido à relativa estanqueidade do bairro em relação aos demais, uma vez que é circundado por paisagem natural acidentada e intensamente arborizada, sendo interligado ao restante da cidade apenas por uma via de acesso principal.

Questionados sobre a identificação com o lugar, da sensação de pertencimento construída, os entrevistados revelaram satisfação e identidade com o lugar, apontando, principalmente, o fator tranquilidade do bairro (70% das respostas), por estar mais afastado da movimentação do centro e dos demais bairros, além de não ser um bairro de passagem, pois a via de acesso é a mesma de saída do bairro; além de pontuarem, também, o fator relativo às pessoas e às amizades construídas (apontado por 30% dos entrevistados).

Quanto às referências simbólicas de Sabará, foram apontados quase unanimemente elementos arquitetônicos do centro histórico, como as igrejas Nossa Senhora do Ó (20% dos entrevistados), Nossa Senhora do Rosário, São Francisco, Nossa Senhora da Conceição, dentre outros (com 10% dos apontamentos cada). Somente um dos entrevistados pontuou o próprio bairro como uma referência na cidade – o Morada da Serra.

A prospecção de melhora para o bairro Morada da Serra, segundo os entrevistados, giraria em torno da diversificação das atividades ali inseridas, com inserção de mais comércios locais (padarias, farmácias, dentre outros), da melhora de infraestrutura das vias urbanas (calçamentos), do aumento da mobilidade entre o bairro e o resto da cidade (por meio do aumento de ônibus) e, por fim, do aumento da existência de espaços de lazer e atrativos.

A seguir, um mapa esquemático com as principais questões apontadas pelos entrevistados frente às percepções espaciais do bairro Morada da Serra (Imagem 157).



#### 4. AS IMPLICAÇÕES FÍSICAS E SOCIAIS DOS HIBRIDISMOS RESULTANTES DAS DIFERENTES HISTORICIDADES

O presente capítulo buscará tratar das relações do recorte sócio-espaco-temporal como um todo, após as abordagens isoladas de cada bairro/área realizadas no capítulo anterior. Serão explicitadas as transformações físicas, os singulares tecidos urbanos e regiões morfológicas conformadas (resultado de suas distintas historicidades) e as percepções e relações sociais construídas na totalidade do recorte sócio-espaco-temporal abordado.

Intenciona-se uma aproximação e entendimento de como as hibridações que permeiam a área (encontradas nos diferentes tecidos físicos e expressões urbanas) construíram as identidades e referências culturais naquele contexto em Sabará. Isto, de modo a responder às questões previamente levantadas: as justaposições de diferentes historicidades contribuem para a construção de novas identidades e referenciais? Ou as expressões mais tradicionais (antigas) continuam a compor o quadro referencial e identitário das novas populações?

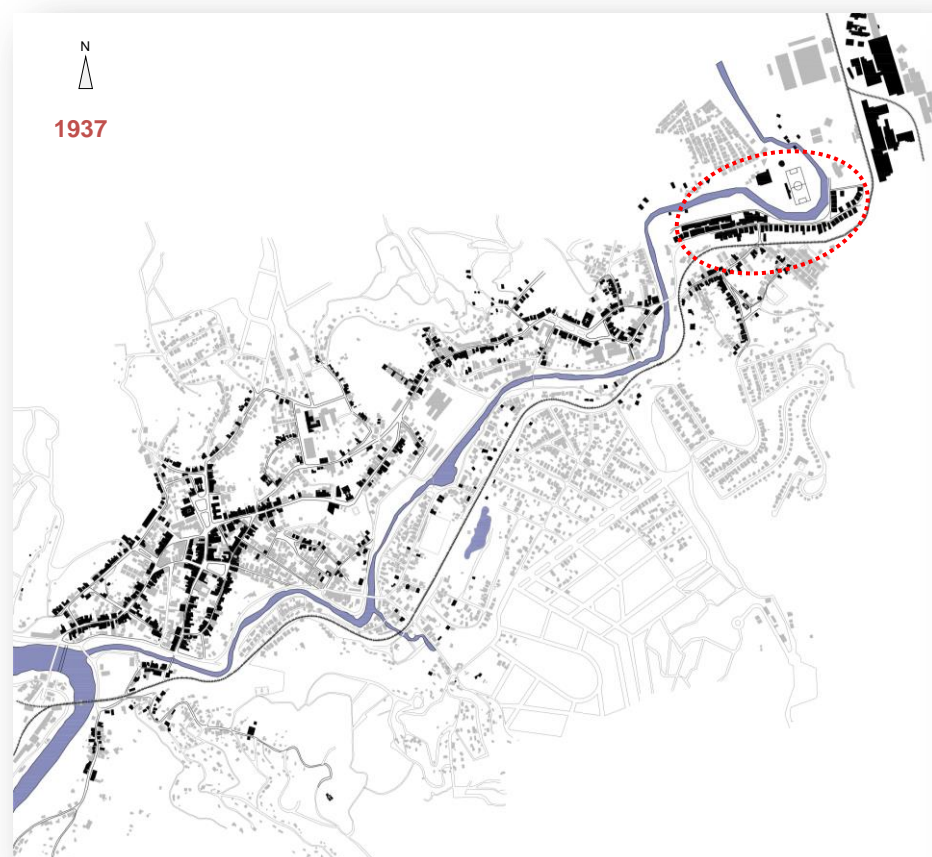
Diversos autores abordam esse hibridismo atual das cidades, que, cada vez mais, tendem a compor-se enquanto espaços plurais e diversificados, frente à mobilidade de informações, pessoas e tecnologias, bem como ao espraiamento das áreas urbanas a partir de núcleos centrais. Palenzuela (2005) discorre sobre a noção de identidade própria, ao investigar como se comportam as identidades frente às multiculturalidades cada vez mais crescentes:

As identidades se revigoram ao se contrastarem com outras identidades, especialmente se esse contraste se dá em contextos marcadamente definidos por relações desiguais de poder. (...) O multicultural não se identifica com a simples constatação da pluralidade cultural, senão pela configuração de espaços e discursos de referência para os diferentes coletivos presentes, através dos quais formulam sua presença na sociedade. (PALENZUELA, 2005, p. 275).

Duas questões se tornam aplicáveis ao objeto sob análise: primeiramente, o fato da cidade de Sabará apresentar, claramente, justaposição/defrontamento de alguns momentos urbanos distintos e contrastantes entre si - contraste esse, aqui abordado, no sentido da distinguibilidade, não de algum tipo de confronto; e a construção da noção social de poder e status na cidade de Sabará, que está atrelada ao tradicional, uma vez que no centro histórico residem as pessoas de maior renda, enquanto nos bairros que o cercam o nível de renda decresce (Censo, 2000), o que pode constituir um fator influente para a eleição dos símbolos e referenciais do corpo social. Entretanto, antes de tecer as conclusões sobre as construções física e valorativa observadas na cidade, impera-se, primeiramente, expor as transformações e as relações dos bairros abordados frente ao centro histórico tradicional.

#### 4.1. EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE SABARÁ

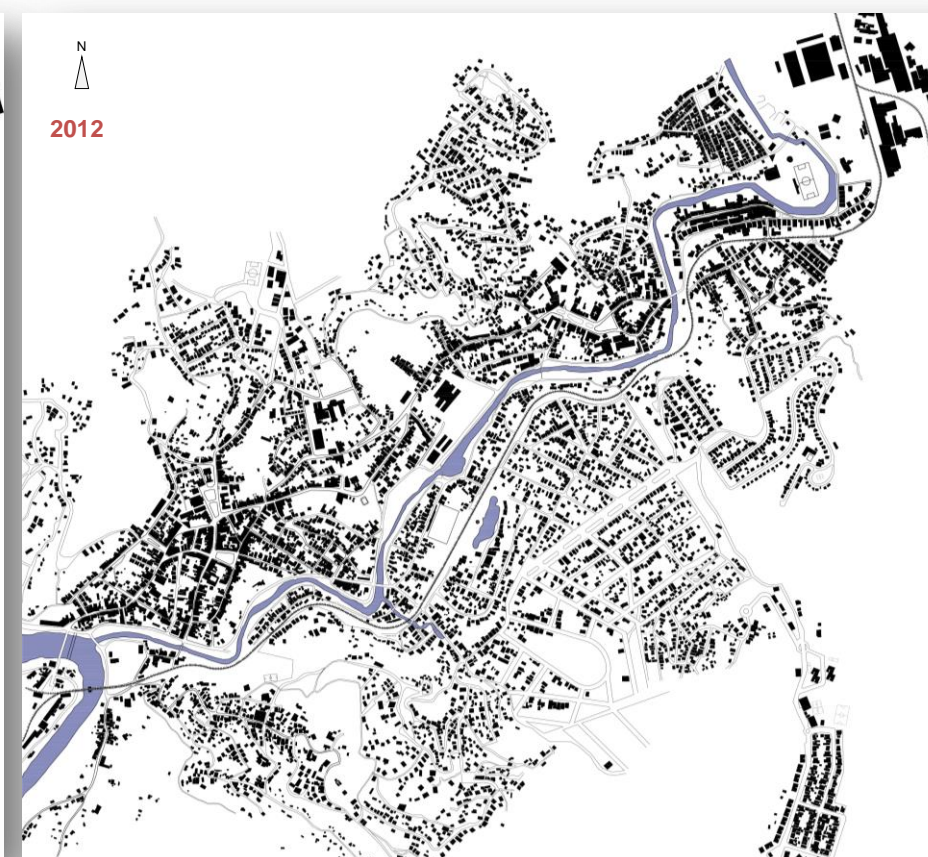
A sequência de mapas apresentada abaixo, que evidencia a transformação e a evolução do recorte sócio-espaço-temporal de Sabará estabelecido para estudo, explicita como a área se desenvolveu e teve seu espaço urbano transformado. A diagramação abaixo destaca os espaços edificadas (elementos na cor preta) e os espaços livres, em recortes temporais que compreendem o levantamento urbano realizado em 1937 (Prefeitura Municipal de Sabará), seguido pelas transformações observadas já em 1977 (PLAMBEL), culminando com a situação atual traçada mediante imagens aéreas do contexto sob análise (Google Earth).



O mapa acima, datado de 1937 (Imagem 158), explicita o caráter ainda incipiente e contido da cidade de Sabará. O principal eixo correspondia ao tecido colonial conformado, com seus interiores de quarteirões livres e construções na testeira dos lotes. Insinuavam-se, através de prolongamentos de vias, algumas ocupações que viriam a acontecer anos mais tarde, irradiando-se a partir deste centro linear. Na porção nordeste do recorte, as ocupações industriais já despontavam na paisagem, com os grandes equipamentos/construções da sede da usina siderúrgica e, em suas proximidades, apresentam-se as primeiras vilas operárias (pode ser observar a Vila Siderúrgica conformada em sua totalidade, destacada em vermelho).



O mapa exposto acima, datado de 1977 (Imagem 159), por sua vez, evidencia o claro adensamento sofrido neste intervalo de quatro décadas, destacando-se a conformação dos demais bairros operários, bem como o desenvolvimento dos bairros às proximidades do centro histórico (como os bairros Morro da Cruz e Córrego da Ilha). Nesse mapa a linearidade da cidade ainda podia ser claramente percebida, uma vez que os tecidos urbanos tendiam a desenvolver-se ao longo do rio Sabará e avançavam, normalmente, apenas até o início dos acíves.



O mapa de 2012 (Imagem 160), delineado acima, denuncia a explosão do crescimento urbano na cidade, quando comparado ao mapa do final da década de 1970. Ao adensamento dos quarteirões já existentes somam-se o visível espraiamento de alguns bairros (como os bairros Morro da Cruz, Córrego da Ilha e Campo Santo Antônio) e a criação de novos bairros (como os bairros Cabral e Morada da Serra). O bairro Morada da Serra (a sudeste) se destaca nessa imagem, pelo descolamento em relação à aglomeração urbana. Assim, os acíves mais acentuados tenderam a ser ocupados e urbanizados, diminuindo o caráter linear da cidade e intensificando seu espraiamento.

**Imagem 158** (à esquerda) – Mapa das ocupações e espaços livres do recorte socioespacial em 1937.

**Fonte:** Arquivos da Prefeitura Municipal de Sabará - PMS, 1937 (sem escala).

**Imagem 159** (na parte central) – Mapa das ocupações e espaços livres do recorte socioespacial em 1977.

**Fonte:** PLAMBEL, 1977 (sem escala).

**Imagem 160** (à direita) – Mapa das ocupações e espaços livres a partir da configuração atual do recorte socioespacial, em 2012.

**Fonte:** Google Earth, 2012 (sem escala).

#### 4.2. AS REGIÕES MORFOLÓGICAS IDENTIFICADAS

A partir da abordagem física de cada área/bairro dentro do recorte espacial estabelecido, pôde-se identificar a existência de algumas áreas com clara unidade entre si, conceituadas enquanto regiões morfológicas pelos estudiosos da morfologia urbana, resultantes do desenvolvimento do espaço urbano.

O teórico Conzen (1969) classifica-as como resultantes dos processos formativos, ou seja, dos desenvolvimentos econômicos e sociais, sendo que as mudanças na intensidade desses processos, bem como em suas formas materiais ou imateriais, permitem reconhecer os diferentes períodos culturais. O autor pontua ainda que as regiões morfológicas variam, assim, na “sequência e no conteúdo dos períodos culturais que as afetam, o que beneficia as cidades, (...) cada período deixa seus resíduos materiais distintos na paisagem, podendo ser considerado como período morfológico” (CONZEN, 1969, p. 07). Na paisagem urbana qualquer período específico se expressa no plano urbano (ruas, lotes e quarteirões), assim como no tecido urbano (tridimensionalidade das edificações) e em seus usos e atividades.

Ainda segundo Conzen (1969), a força da unicidade que cada cidade ou paisagem urbana apresenta está associada à maior variedade dos parâmetros morfológicos. Por exemplo, cidades históricas de grande porte que apresentem planos urbanos bem característicos, ou seja, com grande unidade, e apresentem mais de um período histórico de desenvolvimento, têm a tendência a apresentar maior unicidade e singularidade na sua historicidade.

Assim, uma região morfológica é uma área que apresenta uma unidade em respeito à sua forma que a distingue das áreas que a cercam, embora haja variação de força entre os limites das regiões, quando, por exemplo, se podem identificar diversas camadas de hierarquia nos limites da região morfológica (WHITEHAND, 2001).

É sob esta ótica da construção e evolução das historicidades urbanas que é exposta a esquematização abaixo (Imagem 161), onde delimitam-se e destacam-se as diversas regiões identificadas, morfológica e historicamente distintas. O estudo possibilitou a identificação de seis regiões morfológicas distintas entre si, não necessariamente congruentes ou contínuas, sendo que a unidade do caráter físico dentro de cada uma dessas áreas promoveu tal identificação.

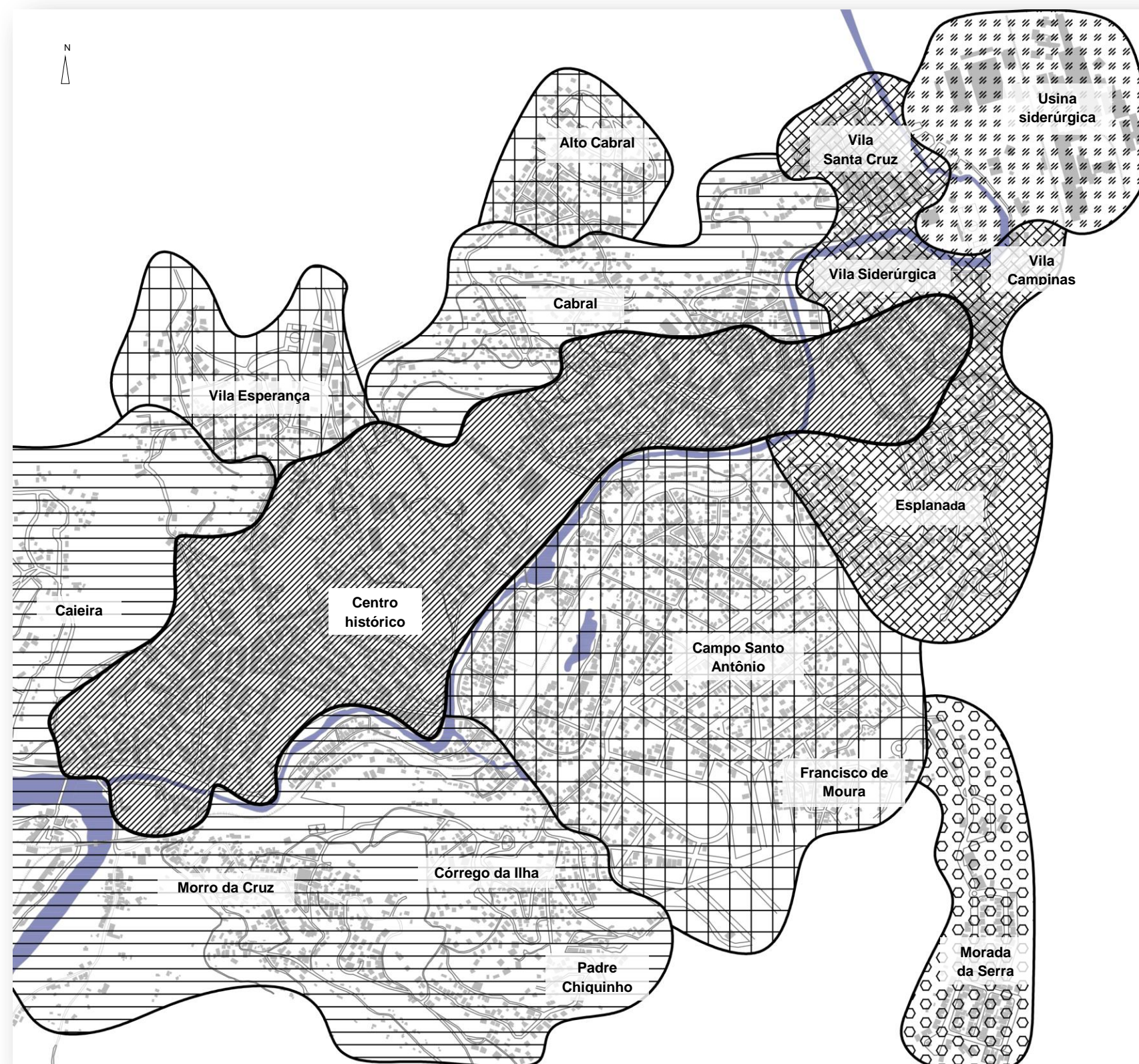
Primeiramente, destaca-se o núcleo original da cidade de Sabará, identificado como a região tradicional e datado do período colonial, localizando-se ao longo do rio Sabará. A perceptível unidade entre seus elementos coloniais, relativos aos característicos plano urbano e tipos arquitetônicos, bem como ao seu uso variado e diverso, entretanto, não exclui a existência de pontualidades pós-coloniais, como algumas inserções arquitetônicas ecléticas, ou mesmo industriais (às proximidades das igrejas Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Ó). Entretanto, essas variações internas não criaram contrastes ou quebras na paisagem, o que Vasconcellos (2004) explica:

Acompanhando o progresso, a arquitetura vai se desenvolvendo aqui e ali. Os períodos devem ser longos e estão entre si entrosados. A transição não deixa criar limites fortes; há apenas uma tendência que se vai moldando com o correr dos anos, e às necessidades locais. (VASCONCELLOS, 2004, p. 29)

O segundo momento relevante na cidade, uma vez que inseriu novas linguagens urbanas e transformou os parâmetros urbanísticos, é relativo ao período industrial. Identificou-se a região industrial portadora de grandes construções e equipamentos, compondo a segunda mancha morfológica identificada. Nessa, predominam na paisagem a integração entre grandes manchas vegetais (dentro e fora de seu perímetro) e os grandes galpões/chaminés da usina siderúrgica.

A região das vilas operárias aparece, nesta esquematização, destacada enquanto a terceira região morfológica. Seu caráter residencial, sua lógica urbana racional (paralelismo no sistema viário, tratado normalmente em malha reticulada) e suas tipologias padronizadas compõem essa mancha, sendo de fácil legibilidade frente ao contexto em que se insere. A otimização do espaço para inserção das habitações é uma das principais características da área; para tanto, era largamente disseminado o caráter geminado das residências e a configuração de pequenos e estreitos lotes.

O mapa de 1937 (Imagem 158) já apresenta essas três primeiras regiões morfológicas identificadas, ainda que as vilas operárias estivessem em seu desenvolvimento inicial. A inserção industrial na cidade diversificou o espaço urbano, através da composição de novas linguagem, estrutura e vivência urbanas. Esses contextos singulares diferiam da área tradicional, principalmente, pela otimização dos espaços residenciais das vilas (ruas estreitas, lotes pequenos e casas geminadas), bem como pela excessiva homogeneidade de



**Imagem 161** – Esquematização das regiões morfológicas identificadas no recorte espacial sob análise em Sabará, sobre traçado urbano e ocupações atuais.

**Fonte:** Autora, 2012 (sem escala).

região tradicional (colonial)	
região industrial (grandes equipamentos)	
região das vilas operárias	
região de influência tradicional	
região de influência progressista	
região de urbanização dispersa	

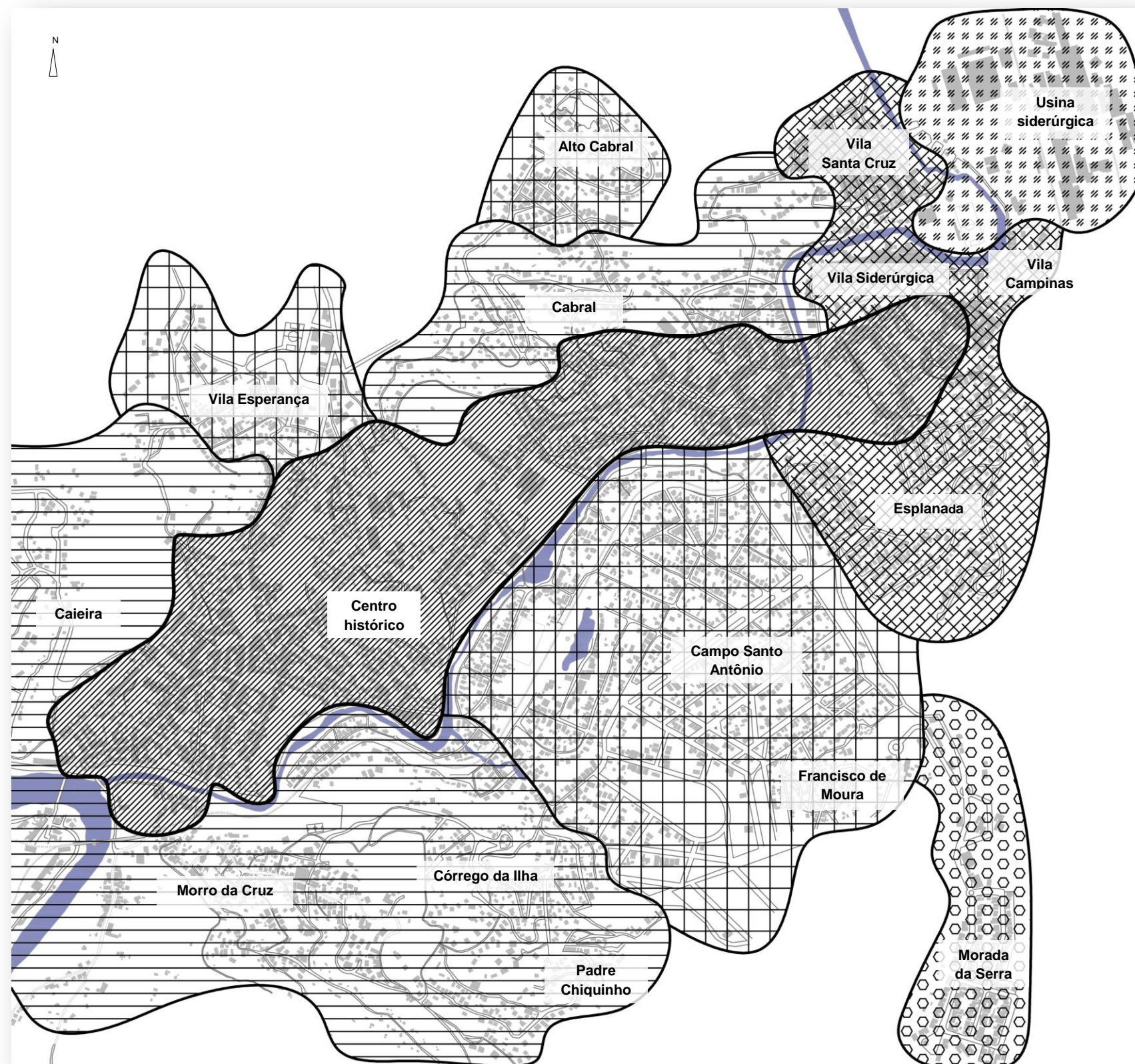
seu tecido urbano, sem elementos (arquiteturas) dominantes na paisagem ou espaços mais desafogados (como praças, largos, etc.).

A influência do tecido tradicional é observada na quarta região morfológica. Os bairros que a compõem, os bairros Morro da Cruz, Córrego da Ilha, Caieira e Cabral, foram assim identificados frente às características de seus planos urbanos (ruas, lotes e quarteirões), que são similares ao do tecido tradicional colonial, no qual a adaptação à topografia local e às nuances de seu terreno é predominante na paisagem e na lógica da ocupação. Entretanto, esses bairros diferem do contexto tradicional pelos tipos arquitetônicos contemporâneos que os constituem, bem como pelos usos e atividades predominantemente residenciais. Pode-se fazer uma analogia entre essa região morfológica e o pensamento culturalista, caracterizado pela tentativa dar continuidade a elementos tradicionais, como a unidade orgânica da cidade tradicional.

A quinta região morfológica, nomeada como região de influência progressista, é caracterizada pela ortogonalidade e objetividade do sistema viário e do parcelamento e, principalmente, pelo caráter mais amplo e aberto das vias, entremeadado por vazios e verdes urbanos. Expressa sob forma de malhas ortogonais, essa região se diferencia da região industrial das vilas operárias pelos largos eixos viários e por uma menor homogeneidade do traçado urbano. Há uma clara dinamização do tecido urbano e hierarquização viária. Essa região inclui, principalmente, o extenso bairro Campo Santo Antônio que, com seus largos e hierarquizados eixos viários e ordenada geometria, expressa alguns dos princípios progressistas na cidade.

A última região morfológica identificada nesse recorte espacial estabelecido corresponde à região de urbanização dispersa, assim classificada frente ao maior isolamento urbano em relação aos demais tecidos urbanos de Sabará. A região delimitada compreende o bairro Morada da Serra que, com a linguagem da construção em altura combinada a quadras residenciais unifamiliares, apresenta-se na paisagem enquanto um apêndice urbano. Seu descolamento e mínima conexão às preexistências urbanas o constitui como um objeto estanque, em um movimento de ocupação do solo de forma dispersa e fragmentada.

Assim, essas foram as diversas regiões morfológicas que puderam ser identificadas, que se constituíram frente à unidade de seus espaços e caracteres, corroborando a pluralidade das historicidades presentes.



**Imagem 161** – Esquematização das regiões morfológicas identificadas no recorte espacial sob análise em Sabará.

**Fonte:** Autora, 2012 (sem escala).

- |  |  |
|--|--|
| região tradicional (colonial)            |  |
| região industrial (grandes equipamentos) |  |
| região das vilas operárias               |  |
| região de influência tradicional         |  |
| região de influência progressista        |  |
| região de urbanização dispersa           |  |

#### 4.3. AS RELAÇÕES CONSTRUÍDAS NO RECORTE SÓCIO-ESPAÇO-TEMPORAL DE SABARÁ

As diversas regiões morfológicas identificadas, que coincidem com as diferentes historicidades presentes na cidade de Sabará - mais especificamente, no recorte sócio-espaço-temporal estabelecido-, são resultantes do desenvolvimento da cidade em seus processos de hibridação, principalmente decorrentes a partir da mudança do aporte econômico da cidade, esse que passa, no início do século XX, a se direcionar à siderurgia e à indústria (ALMEIDA, 1956). Com isso, os parâmetros urbanísticos e de desenho urbano vêm-se transformados, uma vez que encontravam-se, até então, restritos às características coloniais e tradicionais de Sabará. Assim, pôde-se observar a conformação de singulares momentos urbanos quanto aos seus tecidos físicos nesse recorte sócio-espaço-temporal.

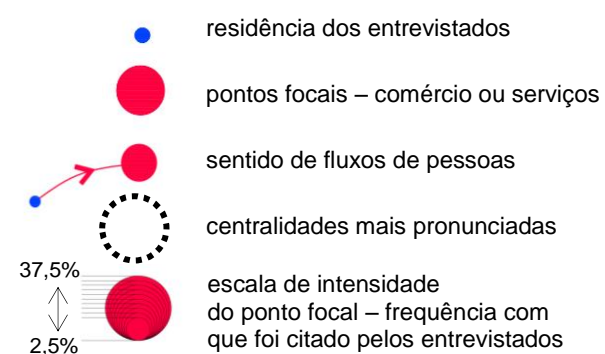
Na próxima seção, serão ressaltados como se apresentam as feições subjetivas dessas transformações e como se construíram as relações sociais e as referências do imaginário social em meio a tais hibridações descritas. Para tanto, serão apresentadas, inicialmente, algumas esquematizações sobre o mapa do recorte sócio-espaço-temporal sob análise, de modo a focar como se comportam e se manifestam as relações sociais construídas neste contexto urbano. Serão destacados dois dos mais relevantes parâmetros de aglomeração e referência social: as relações de comércio/serviços e as relações de lazer/ espaços livres (Imagens 162 e 163); sendo que, na próxima seção, esses dois parâmetros sociais servirão, então, de base para se poder entender a construção identitária e valorativa na cidade.

Quando das entrevistas realizadas nos bairros pertencentes ao recorte espacial definido para análise, pôde-se perceber a grande dependência e interação dos mesmos em relação à parte central da cidade de Sabará – o centro histórico. A esquematização a seguir materializa como esse movimento unilateral (bairros – centro) é pregnante e disseminado nesse recorte espacial quando se trata da oferta de serviços, comércio e lazer.

O mapa ao lado ilustra as relações comerciais e de serviços mais importantes neste contexto, sendo que os pequenos pontos azuis representam a localização das residências dos entrevistados, enquanto os pontos vermelhos maiores expressam as centralidades mais constantemente recorridas quando destas necessidades sociais. A repetida convergência das linhas vermelhas (movimentos em busca de tais serviços urbanos) denota a predominância desta unidirecionalidade (sentido bairros-centro histórico), bem como a deficiência (muitas vezes, inexistência) desses aportes econômicos nos bairros.

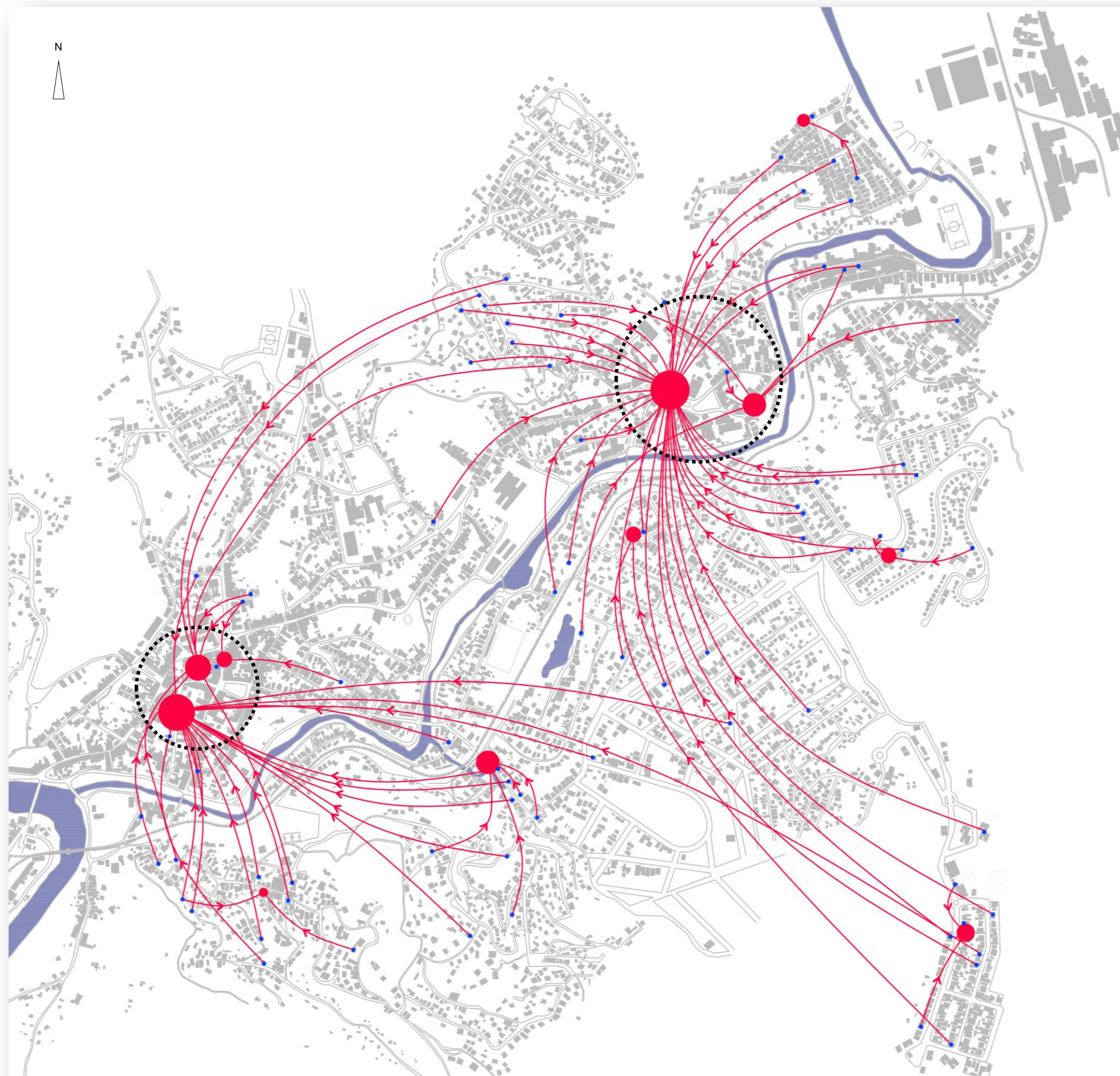
Pode-se observar a existência de dois núcleos principais, ambos localizados no centro histórico da cidade. A primeira centralidade, a oeste do centro, se conforma no contexto urbano às proximidades das igrejas Nossa Senhora do Rosário e São Francisco e do conjunto urbano da rua D. Pedro II. A segunda centralidade observada, também localizada no centro histórico, se localiza na parte leste desse, às adjacências da igreja Matriz (Nossa Senhora da Conceição). Assim, esses dois núcleos urbanos se configuram enquanto referências de serviços e comércios principais e mais utilizados pelos entrevistados nos mais variados bairros abordados.

Destacam-se as poucas relações comerciais dentro dos próprios bairros, ou mesmo entre os bairros, que não o centro histórico (Imagem 162).



**Imagem 162** - Esquemática das principais relações de comércio e serviços descritas pelos entrevistados.

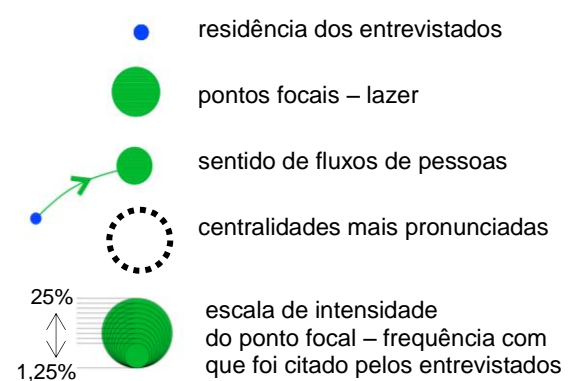
**Fonte:** Autora, 2013 (sem escala).



Na esquematização ao lado (Imagem 163), o segundo parâmetro de aglomeração e atração urbana é o fator que diz respeito aos atrativos de lazer. Esse inclui tanto atividades de lazer urbano quanto de aporte religioso, ambos relativos às culturas e aos modos de vida locais.

O mapa ilustrado ao lado expressa a descrição dos entrevistados em relação aos seus movimentos de lazer e distração, apreendidos quando do questionamento sobre onde costumam passear, se frequentam praças ou espaços livres para o lazer, dentre outras questões que possibilitaram tal entendimento e possibilitaram a construção e espacialização do presente diagrama.

O esquema explicita a predominância do movimento, cujo sentido bairros-centro histórico constitui-se enquanto o principal aporte do referido enfoque social. Ainda mais centralizado no contexto tradicional do que o fator de serviços e comércios (esses que podiam ser observados dentro do próprio bairro, mesmo que em reduzida quantidade), o aporte de lazer é primordialmente arraigado nas duas centralidades anteriormente descritas – ambas localizadas no tecido urbano do centro histórico de Sabará.



**Imagem 163** - Esquematização das relações de lazer (espaços fechados, áreas livres ou templos religiosos) descritas pelos entrevistados.

**Fonte:** Autora, 2013 (sem escala).



#### 4.4. AS CONSTRUÇÕES VALORATIVAS E DE IDENTIDADE EM RELAÇÃO AOS HIBRIDISMOS E ÀS PREEXISTÊNCIAS

Essa última seção traz os entendimentos e as interpretações de como a diversidade existente no recorte sócio-espço-temporal estudado em Sabará (a qual que vai desde a variação do caráter físico das estruturas urbanas, até o tipo de percepção, vivência e de relação com o espaço que as mais variadas regiões permitem) se manifesta e influencia na construção identitária e referencial das suas populações.

Como exposto anteriormente, dois parâmetros sociais se destacaram quanto às relações existentes no recorte sócio-espço-temporal estudado: as relações comerciais e de serviços, bem como as sociais, de lazer ou práticas religiosas. Ambas as vivências urbanas, cujas informações foram obtidas mediante as entrevistas, denotaram a grande concentração das referidas atividades no centro histórico da cidade de Sabará. A unilateralidade dos movimentos, dos bairros em direção ao centro histórico, a escassez dessas relações dentro do próprio bairro, bem como a inexistência do movimento entre os diferentes bairros para tais atividades, pontuaram uma característica sintomática da construção identitária e referencial da cidade.

Para a apreensão dos elementos identitários das comunidade estudadas, solicitou-se aos entrevistados que citassem os lugares mais representativos da cidade para eles, ao responderem a questão: *se você fosse tirar uma foto de Sabará, de onde tiraria?* O questionamento possibilitou o conhecimento dos símbolos que permeiam o imaginário destes grupos sociais.

Revelou-se, assim, a predominância do referencial imagético e da eleição de símbolos arraigada no perímetro espacial do centro histórico tradicional da cidade. Elementos como as arquiteturas religiosas do período colonial (cujo apontamento mostrou independência da crença religiosa dos entrevistados), bem como as praças existentes nos largos do tecido urbano desse contexto colonial foram os elementos referenciais mais levantados pelas populações dos diversos bairros entrevistados. As visuais panorâmicas para a cidade, possibilitadas pelas inclinações de seu terreno e pelo espraiamento das ocupações nas topografias mais íngremes, também foram citadas com recorrência pelos entrevistados. Segue um esquema gráfico (Gráfico 33) que ilustra as porcentagens dessa construção referencial e identitária:

**Gráfico 33** – Referenciais imagéticos e identitários mais recorrentes.

Fonte: Autora, 2012.

As referências imagéticas e as identidades dos entrevistados revelaram a preponderante construção de símbolos baseada no contexto tradicional da cidade, com cerca de 83% de expressividade dentre os entrevistados. O segundo fator apontado, por pouco mais de 10% das entrevistas, foi o caráter pictórico que a derramada e acidentada paisagem de Sabará promove, enquanto visuais panorâmicas da cidade. E, por fim, em apenas 3% das respostas cada, foram eleitos elementos ou espaços do seu próprio bairro ou inseridos em outro bairro. O que deixou evidente a força da eleição de símbolos e referências culturais que o centro histórico da cidade de Sabará promove.

Assim, indo de encontro ao pensamento inicial, aportado no fato que as singularidades físicas e de vivências urbanas podem contribuir para a formação de referências de identidade próprias de cada localidade abordada, percebe-se a preponderância da incorporação de elementos do contexto tradicional enquanto referências imagéticas e identitárias daquelas populações, mesmo estando inseridas em contextos de diferentes historicidades e singularidades.

Ao serem questionados sobre semelhanças de seus bairros com o centro histórico, os entrevistados, de forma quase unânime, disseram não haver quaisquer semelhanças entre eles e o centro histórico, nem mesmo naqueles cujo traçado urbano e implantação são claramente influenciados pela prática urbana tradicional, como traçados orgânicos, de modo a adequá-los, ao máximo, às variáveis condições topográficas.

A questão seguinte abordava, então, as diferenças entre seus bairros e o centro histórico. As respostas foram, de certa forma, surpreendentes, uma vez que os tipos arquitetônicos tradicionais ou o traçado irregular e sinuoso do período colonial foram pouco apontados quando desse questionamento. Ou seja, o caráter tradicional do plano urbano e das tipologias, intrínseco à historicidade daquele contexto central colonial da cidade, não foi o principal elemento destacado para diferenciar os bairros do contexto tradicional. O fator predominante para a referida diferenciação baseou-se na concentração e oferta de comércios, serviços e lazer, uma vez que as respostas giraram em torno de “aqui no bairro não tem comércio, como no centro”; ou “o centro é onde tem comércio, bancos, etc”. O que

conduz à ideia de como, por vezes, o valor de uso se sobrepõe à memória e aos valores históricos; e de que, muitas vezes, esse valor é determinante para a percepção espacial.

A questão presente na entrevista, sobre o *que mais mudou em Sabará nos últimos tempos? É positivo ou negativo?*, revelou algumas percepções distintas e, por vezes, contraditórias. Muitos dos entrevistados evidenciaram a percepção do significativo crescimento urbano e espraiamento das ocupações, principalmente em direção às áreas mais montanhosas, classificando-as como modificações negativas. Outros reconheceram, enquanto transformações importantes em Sabará, as “reformas das praças do centro histórico”.

Diversas intervenções nos espaços abertos do centro histórico foram realizadas nos últimos anos, através da inserção de nova pavimentação, de troca de mobiliário e de novos projetos de paisagismo. Para os entrevistados dos bairros adjacentes ao centro histórico, que citaram essa transformação, foi uma modificação positiva. Já para os moradores entrevistados no centro histórico, essas foram transformações negativas que, “ao invés de melhorarem as praças, elas ficaram piores”, pois “antes eram melhores”, conforme descreveram esses entrevistados.

Há claramente leituras e percepções distintas desses entrevistados: para os residentes no centro tradicional, onde essas mudanças foram realizadas, o fator histórico deveria ter sido mantido e preservado; já para os moradores dos demais bairros, a funcionalidade atribuída ao espaços nos quais se interveio contribuiu para sua qualidade. Esse é um reflexo da dualidade de valores que existe na própria teoria da preservação, uma vez que os valores históricos, muitas vezes, entram em conflito com os valores de novidade e de uso, já levantados por Riegl (1858)<sup>19</sup>.

Como visto, apesar da perceptível pregnância e relevância da historicidade de alguns dos bairros estudados, (como os bairros industriais ou mesmo os bairros com algumas características progressistas, nos quais verificou-se, também, um sensível entendimento, legibilidade urbana e relatos dos entrevistados que diziam gostar e se identificar com o bairro onde moram), as referências imagéticas e os elementos identitários apresentam-se extremamente arraigados no contexto tradicional colonial e em seus elementos urbano-arquitetônicos.

As preexistências ainda se mantêm enquanto referências culturais principais do recorte sócio-espaço-temporal estudado, a despeito de todas as hibridações (resultantes ora do processo de modernização e industrialização da cidade, ora dos processos que objetivaram

---

<sup>19</sup> A análise de Riegl (1858) revela as exigências simultâneas e contraditórias dos valores de que os monumentos históricos foram cumulados ao longo dos séculos. O valor de anciandade exclui o de novidade e ameaça também os de uso e de histórico. O de uso, por sua vez, contraria frequentemente o valor artístico relativo e o histórico (RIEGL *apud* CHOAY, 2006).

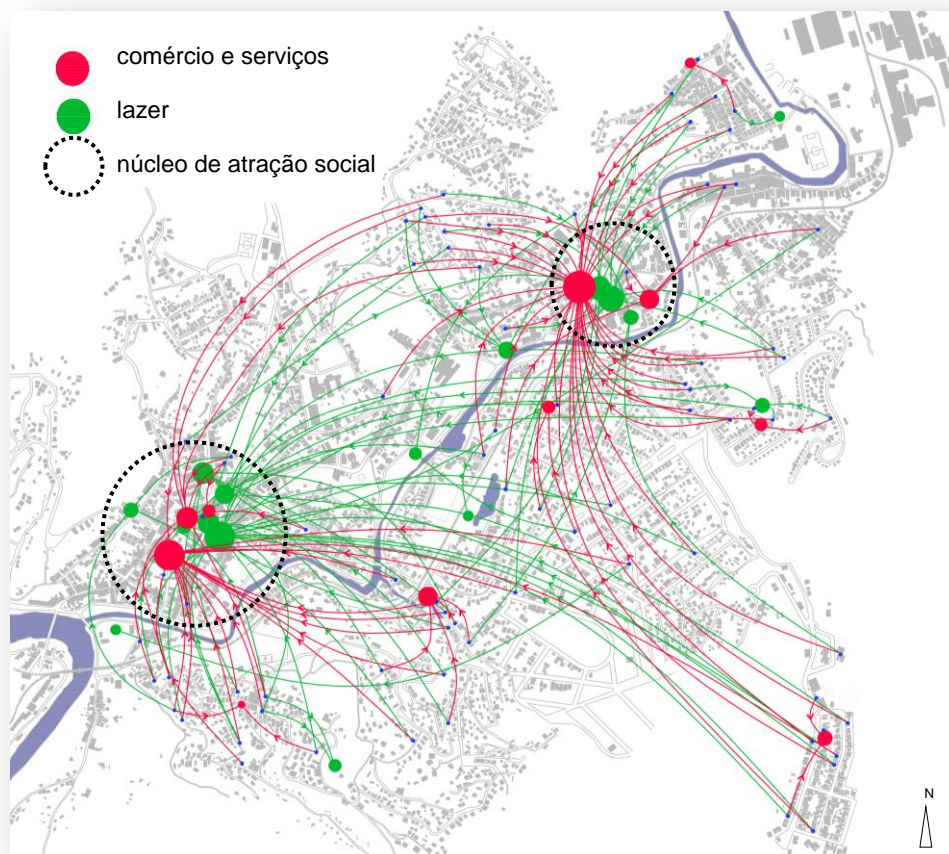
criar espaços urbanos mais amplos e desafogados, ora dos processos mais recentes de urbanização, caracterizados por urbanizações dispersas e desconectadas do contexto urbano como um todo). Híbridas essas que, mesmo através das genuínas linguagens urbanas inseridas de forma justaposta ao tradicional contexto colonial, não pluralizaram as referências ou as identidades existentes, que continuam fortemente embasadas no contexto preexistente.

A premissa construída para averiguação no presente contexto urbano baseou-se na possibilidade da renovação e diversificação identitária que poderiam ser geradas frente às novas e pregnantes historicidades que se materializaram nos bairros estudados; ou seja, se o hibridismo e a diversidade de historicidades ali verificados poderiam contribuir para a criação de novos referenciais sociais e imagéticos das populações. Entretanto, verificou-se que, nesse recorte sócio-espaço-temporal, predominam a memória histórica e afetiva do contexto tradicional na construção identitária.

Acredita-se que os parâmetros anteriormente destacados contribuem, sobremaneira, na incorporação de referenciais arraigados no contexto tradicional colonial. Esses parâmetros, relativos à menor diversidade de usos e atividades, bem como à homogeneidade dos tecidos urbanos conformados nos diversos bairros, dificultam e diminuem a potencial relação dos moradores para com seu próprio bairro, buscando no centro histórico a pluralidade dessas características.

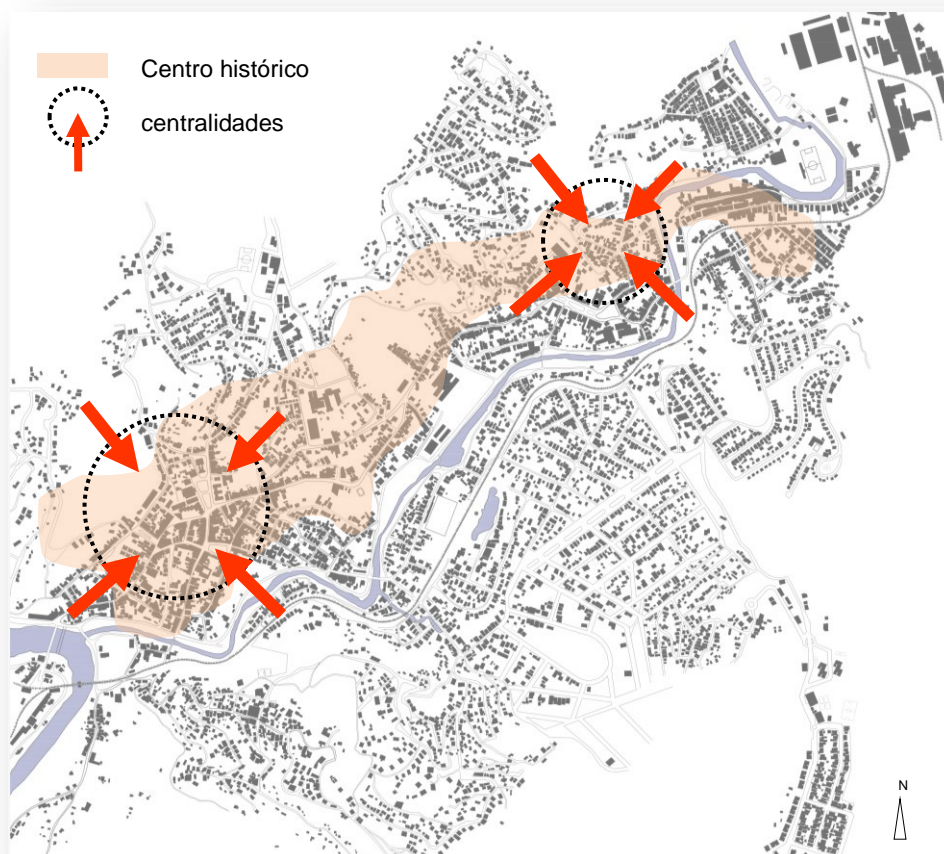
Observou-se que, além das reduzidas ofertas de comércio e, principalmente, de serviços dentro dos bairros estudados (que fazem com que os moradores tenham que recorrer demasiadamente ao centro histórico para suprir tal necessidade), a excessiva homogeneidade de seus bairros e de sua paisagem, também, não contribui para a atração e permanência das pessoas nos mesmos. A escassez e, por vezes, até a inexistência de qualquer atrativo cultural ou de lazer, devido à homogeneidade monótona das quadras exclusivamente residenciais (destinadas à habitação), contribuem para que o centro histórico seja o principal aporte socioatrativo desse contexto estudado, reforçando sua centralidade, e colaborando, assim, para a sua preponderância enquanto referencial imagético e identitário dessas populações.

Na sequência (Imagens 164 e 165), apresenta-se a esquematização com a sobreposição dessas leituras sobre as relações ali traçadas, elucidando ainda mais o entendimento do centro histórico enquanto núcleo centralizador e polarizador das atividades:



**Imagem 164** – Sobreposição dos movimentos de comércio/serviços e de lazer.

**Fonte:** Autora. 2013 (sem escala).



**Imagem 165** - Esquemática das centralidades mais pronunciadas, no contexto tradicional.

**Fonte:** Autora, 2013 (sem escala).

Observou-se que a promoção de eventos e acontecimentos é restrita ao centro histórico, em suas praças, largos e arquiteturas históricas. Assim, há grande deficiência quanto ao uso, ou mesmo à existência/qualidade desses eventos de aglomeração ou atração popular no tecido urbano da maioria dos bairros. A partir do capítulo 3, quando a análise foi direcionada a cada bairro isoladamente, observaram-se poucos espaços de convergência ou de atrativo popular dentro do próprio bairro.

Quanto aos espaços abertos, a maioria dos bairros apresentou diversos espaços livres de edificação, muitas vezes dotados de vegetação, com potencialidade de serem convertidos em espaços abertos para o lazer. Entretanto, o que se observou é que a falta de iniciativa pública e o abandono dessas áreas potenciais revelam o descaso com importância da dinamização do espaço urbano dos bairros, bem como com a qualificação formal dos espaços abertos dos mesmos, através de tratamentos paisagísticos ou arquitetônicos, o que poderia contribuir conformá-los enquanto espaços referenciais e de vivências urbanas.

A leitura que se pode fazer, deste modo, a partir de teorias sociais e suas relações com o lugar - atreladas a esta situação real e prática do recorte sócio-espaço-temporal estudado em Sabará-, recai na construção da noção de identidade aliada à apreensão e vivência da forma da cidade. Kohlsdorf (2005) pontua que os traços identificadores dos lugares funcionam como símbolos atuantes na construção da memória social através de sua associação a eventos expressivos da história coletiva. É neste sentido que a forma urbana interfere diretamente na identidade – em sua apreensão e posterior identificação -, de modo a possibilitar a eleição de símbolos e de significados para os grupos sociais. Quanto à legibilidade da forma urbana, Kohlsdorf (2005) destaca ainda que a identificação de certo lugar depende de que ele se apresente de maneira clara e indiscutível às pessoas. Se isso ocorrer no cotidiano, tem-se a transmissão mais ampla e irrestrita de informações espaciais necessárias à construção da memória coletiva.

Assim, a centralidade predominante e acentuada que o centro histórico expressa, quando comparada aos movimentos inter ou intrabairros tratados no recorte espacial, contribui decisivamente, por atuação no cotidiano e na vivência daquelas populações, na construção identitária e a eleição dos símbolos pelo corpo social. Conforme apontaram as entrevistas, ao se questionar sobre lugares significativos ou representativos na cidade de Sabará, foi predominante a eleição de igrejas e largos presentes no contexto colonial como símbolos daquela cidade.

Esse referencial imagético e simbólico arraigado no contexto tradicional se deve, portanto: à força e pregnância da historicidade colonial, com suas ambientações articuladas e não homogêneas ou monótonas; ao intenso vivenciamento que os moradores dos bairros

estudados traçam com o centro histórico, visto a deficiência de aportes comerciais, de serviços e de lazer em seus próprios bairros; e à sensibilidade que o referido contexto tradicional evoca.

Estes sentimentos referem-se à sensibilidade urbana, construída graças às diversas manifestações culturais, religiosas e festivas, muitas delas que vêm sendo realizadas há séculos, permeando o espaço tradicional e o imaginário da população. Seguem algumas ilustrações (Imagens 166 a 169) que explicitam o caráter evocativo, de aglomeração e de atrativo social que o contexto tradicional desempenha, com destaque para as manifestações sociais em suas ruas e nos largos a frente de importantes arquiteturas.



**Imagem 166 e 167** – Registros de manifestações religiosas e populares no centro histórico de Sabará.

**Fonte:** Museu do Ouro, sem data.



**Imagem 168 e 169** – Registros de manifestações e eventos culturais no centro histórico de Sabará.

**Fonte:** Bruno Mendes, 2010; Zarley Starling, 2010.

A percepção e identificação espacial da cidade são influenciadas, sobremaneira, pela sua forma física, que pode ser analisada por três princípios, conforme pontua Pereira Costa (2003): a forma, a resolução e o tempo. A forma é definida pelos elementos físicos urbanos, como edificações e os espaços livres; a resolução possui diferentes formas, que vão desde a edificação, o lote, a quadra, a cidade, até a região, em uma leitura mais ampliada; e o

tempo se aplica devido ao fato que os elementos urbanos estão sempre em processos de transformação e substituição, plasticidade que acontece juntamente ao transcorrer histórico.

Possivelmente, seja através desse entendimento e pregnância do tecido físico, bem como da vivência cotidiana do espaço urbano que o contexto antigo tradicional (colonial) é colocado em primeiro plano na memória coletiva dos grupos sociais investigados. Apesar da multiplicidade de expressões físicas, urbanas e sociais existentes em diversos bairros do recorte sócio-espaço-temporal, o espaço que realmente constitui a principal referência identitária daquelas populações é aquele que as populações mais pluralmente vivenciam, com a diversidade de atividades e atrativos que a mesma oferece – como o centro histórico da cidade de Sabará.

Os processos de identificação e construção de uma identidade particular, conforme evidenciado na abordagem teórica no capítulo 2, parecem decorrer de escolhas individuais e de referências coletivas, sendo corroborados por reconhecimentos oficiais e consequentes preservações.

A postura do “isto ou aquilo” da modernidade do século XX, já levantada por Berman (1986), vai ao encontro dos pensamentos e ações seguidas e defendidas nos órgãos nacionais responsáveis pela identificação/preservação do patrimônio cultural do início do século XX. Enquanto a memória coletiva tem a capacidade de reservar aos lugares ou coisas a lembrança ou deixá-los no esquecimento, órgãos como o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) também optaram por selecionar o que classificavam enquanto patrimônio, e, nesse movimento, “formaram um conjunto de bens móveis e imóveis tombados que têm lugares e tempos privilegiados” (RUBINO, 1996, p. 97), no estabelecimento da política patrimonial a partir de 1937.

Rubino (1996) discorre sobre esta atuação, pontuando que “o século XVIII parece ter sido eleito o século por excelência” (RUBINO, 1996, p. 102), sendo que a profundidade histórica pretendida pelo SPHAN era desse século para trás, enfatizando que:

Ao ganhar um número de inscrição o bem adquire uma segunda existência: passa a fazer parte do modelo reduzido de um país imaginado. (...) Nessa hierarquia interna visível entre os bens tombados, é evidente a predominância do imóvel religioso católico, seguido do urbano. (RUBINO, 1996, p. 98).

Lynch (1985) condiciona a apreensão dos sentidos do lugar “à forma e à qualidade do espaço, mas, também, à cultura, ao temperamento, ao status, à experiência e ao objetivo do observador.” (LYNCH, 1985, p. 100). Ou seja, várias são as forças atuantes na percepção e na consequente construção identitária local, sendo que o reconhecimento e a proteção oficiais a determinados bens e contextos destacam esses bens e inserem-no no imaginário

social que Rubino descreve como “modelo reduzido de um país imaginado” (RUBINO, 1996, p. 98).

Nesse recorte temporal das políticas de preservação, que levaram ao enaltecimento de objetos e contextos do século XVIII para trás (excluindo diversos elementos dos séculos XIX e até do século XX), pode-se entender a força e a predileção ainda preponderantes por tais exemplares, conforme pôde ser percebido na presente pesquisa em Sabará, como repercussão e reverberação de um “discurso autorizado” construído, que se mantém influente ainda nos dias de hoje. Assim, vê-se que o resultado da pesquisa vai ao encontro da postura dos próprios órgãos de preservação, que por vezes deferiram especial atenção e destaque aos remanescentes setecentistas ou anteriores, principalmente elementos religiosos (também soberanos na pesquisa realizada em Sabará).

Assim, os demais bairros investigados, apesar de sua singularidade urbana, por muitas vezes claramente identificada nos discursos dos entrevistados (que transpareciam grande percepção de sua forma e lógica urbana, com destaque para o entendimento dos grupos e conjuntos de linguagens semelhantes conformados, como nas vilas operárias, por exemplo), não apresentam preponderantes seus próprios símbolos.

O espaço urbano comum e coletivo, nos diversos bairros, parece ceder lugar para os espaços privados de socialização, resultantes da inserção e disseminação de um tipo residencial surgido na contemporaneidade – no qual o último pavimento apresenta planta livre, cobertura e aberturas em todas as laterais, proporcionando diversas visuais panorâmicas e compondo um espaço reservado e utilizado enquanto espaço de socialização. A maioria dos entrevistados, ao serem questionados onde encontram os amigos e parentes, se em algum espaço público aberto, responderam “nos encontramos em casa mesmo”, evidenciando o uso do ambiente residencial para socialização e confraternização.

Assim, a hibridação sociocultural, econômica e urbana influente na composição dos distintos espaços urbanos abordados, ou regiões morfológicas, culmina com a construção, também híbrida, da identidade daquelas populações. Ainda que inseridas nos mais singulares e distintos contextos urbanos, apreendendo seus espaços e lógicas urbanas, construindo uma sensação de pertencimento em relação ao seu bairro, essas populações assumem como sua a identidade preexistente, arraigada na tradição. O que se deve à força e à pregnância do contexto colonial tradicional, enquanto contenedor de símbolos e referências antigas e evocativas. Os questionamentos de Palenzuela (2005) são, nesse recorte sócio-espaço-temporal de Sabará, aplicáveis, quando coloca que

Se falar de patrimônio é falar de nossa singularidade, de nossa própria identidade, há sentido em nos perguntarmos de que maneira se incorporam a esse patrimônio as aportações culturais das novas populações imigradas? Ou é pertinente para ver de que maneira se redefinem nossas identidades em contextos de crescente multiculturalidade? (PALENZUELA, 2005, p.274)

Verificou-se que a redefinição das identidades em Sabará, frente às justaposições de diversos contextos multiculturais, se deu no sentido de reforçar, ainda mais, a identidade local atrelada ao tradicionalismo colonial. A hibridação cultural pôde ser observada quando as novas populações (mesmo as advindas de outras cidades, inseridas num aporte econômico distinto, como o industrial, e envoltas por um ambiente físico e urbano distinto e singular) assumiram e incorporaram, como suas, as identidades das remanescências tradicionais.

Observa-se, assim, no diverso contexto da cidade de Sabará, uma faceta dos processos de hibridação que, se por vezes não se deixam hibridar, nessa cidade encontra na hibridação o processo para reforçar as identidades preexistentes e incorporá-las enquanto suas.

## 5. CONCLUSÃO

O intuito da presente pesquisa se deu a partir da dialética traçada entre contextos tradicionais, aqui relativos ao período colonial mineiro, e os espaços desenvolvidos *a posteriori*, principalmente a partir do crescimento da indústria e da siderurgia, no caso específico da cidade de Sabará. Intuiu-se, então, investigar como se constrói esta relação, invertendo, entretanto, o recorrente ponto de vista quando das considerações sobre as cidades históricas e suas novas urbanizações. Essas novas áreas foram, aqui, o ponto focal da investigação, pois tiveram analisadas as suas características e qualidades formais e valorativas, bem como as suas relações com o contexto tradicional. Ou seja, uma mudança do olhar: de fora (novas áreas) para dentro (contexto tradicional). Isto, a fim de investigar como a hibridação sociocultural e urbana constrói e direciona as identidade e referências culturais.

A premissa inicialmente lançada foi, frente ao maior entendimento da problemática e das conceituações que a envolvem, transformada e enriquecida ao longo da pesquisa. Uma breve e primeira aproximação às características formais dos espaços estudados em Sabará deu ensejo para a premissa inicial: os novos tecidos urbanos, adjacentes a contextos antigos das cidades, podem apresentar um caráter mais singular do que as ditas zonas disformes e genéricas da modernidade? O contexto tradicional ao qual os novos tecidos urbanos estão justapostos pode ter contribuído substancialmente para a formação de uma linguagem e expressão singulares, distintas das genéricas zonas de crescimento urbano contemporâneo, como as presentes nas metrópoles? Pensamento este que se deve ao fato de que a paisagem urbana é uma inestimável fonte de experiência, resgatando das experiências passadas as referências para as ações presentes e futuras.

As leituras e investigações possibilitaram uma ampliação e enriquecimento da premissa, que fora complementada com uma postura mais valorativa e subjetiva, de modo a investigar como as hibridações ocorridas em Sabará - que se expressam tanto no teor sociocultural quanto urbano - influenciaram a construção da identidade e das referências culturais de suas populações. Isto, uma vez que as identidades podem assumir uma plasticidade concomitante às transformações das culturas, ao incorporar outros referenciais genuínos.

Assim, os primeiros resultados apontaram para a singularidade dos diversos tecidos urbanos e regiões morfológicas identificadas no recorte sócio-espaco-temporal. A possibilidade de identificar as referidas regiões denota a multiplicidade das diferentes

historicidades ali presentes, diversificando e singularizando ainda mais o contexto como um todo.

Exposta a diversidade inerente ao teor urbano de cada bairro presente do recorte sócio-espaço-temporal analisado, foi surpreendente a comprovação da transformação e expansão física e urbana pelas quais o contexto urbano estudado em Sabará passou. As sequências de mapas produzidos, com base em três recortes temporais específicos – 1937, 1977 e 2012 – explicitam a explosão da ocupação urbana naquele recorte espacial, impulsionada principalmente a partir do século XX.

Esse crescimento foi fomentado pelo novo aporte econômico da cidade, a siderurgia, a partir do início da década de 1920, que requisitou a criação de abrigos para seus trabalhadores. Criaram-se, com isso, diversas vilas operárias hierarquicamente distintas e separadas. E, a partir da década de 1970, outra explosão demográfica foi observada, em direção às encostas e aos conjuntos montanhosos, fomentada tanto pela proximidade ao centro histórico de Sabará, quanto pela relação que a cidade passou a traçar com a metrópole de Belo Horizonte, frente aos diversos postos de trabalho que ali se mostraram mais atrativos e múltiplos.

Assim, o início de uma transformação mais efetiva da cidade se deu a partir do seu período de industrialização, com o estabelecimento da siderurgia, transformando significativamente os padrões urbanísticos até então apresentados na cidade. O espaço tradicional que articulava vias bem conformadas pelas fachadas das edificações aos largos e praças a frente de arquiteturas dominantes e destacadas na paisagem foi, então, justaposto a novas lógicas de ordenação urbana. A otimização espacial industrial se expandiu nos bairros operários (como nos bairros Vila Santa Cruz, Vila Campinas, Vila Siderúrgica e Vila Esplanada), caracterizada por conjuntos urbanos hierarquicamente distintos (com tipos edilícios diferentes para cada cargo ocupado na produção siderúrgica), mas dentro de cada vila a homogeneidade do traçado é evidente: tipos residenciais unifamiliares de um pavimento, geralmente geminados, também alinhados sobre a testeira dos pequenos lotes.

Em um período posterior, observou-se a criação de outros bairros semelhantes à lógica progressista, nos quais vias mais largas e áreas mais desafogadas eram adotadas (como no bairro Campo Santo Antônio), indo de encontro à lógica urbana do ambiente industrial até então implementada.

Observou-se ainda, no recorte espacial analisado, outra lógica urbana, que mais se assemelhava aos pensamentos contemporâneos de dispersão no território e de maior isolamento de áreas residenciais em relação aos aglomerados urbanos (como no bairro

Morada da Serra). Ainda nesse bairro, a inserção das edificações em altura traz uma genuína expressão arquitetônica a cidade.

Cada uma dessas distintas expressões urbanas culminam com uma vivência e práticas sociais próprias, que puderam, a partir das entrevistas realizadas, ser observadas em suas qualidades e deficiências. As implicações da forma urbana são determinantes para a percepção dos contextos urbanos, para suas vivências cotidianas e, assim, para a construção de sua identidade e referenciais culturais.

As entrevistas possibilitaram diversos entendimentos dessas vivências e da percepção das pessoas sobre o espaço urbano. Intencionando-se entender a sua leitura e apreensão sobre contexto tradicional da cidade, foi perguntado a cada entrevistado quais as semelhanças e as diferenças do centro histórico com o seu bairro. Supreendentemente, as ruas sinuosas e orgânicas ou os tipos das casas e construções não foram os principais apontamentos dos entrevistados. Para eles, o centro histórico é “onde tem comércio e serviços”, o que possibilitou um entendimento das sintomáticas relações sociais em direção às construções valorativas.

As transformações pelas quais a cidade passou foram descritas em relação a diversos aspectos: alguns negativos, como o aumento da violência e o espraiamento das ocupações; outros positivos, como diversos entrevistados que citaram as intervenções realizadas em praças e espaços abertos do centro histórico. Entretanto, não foi unânime a caracterização dessas intervenções enquanto positivas. Revelou-se um conflito entre alguns valores: o histórico (defendido pelos residentes no centro tradicional, que preferiam as praças como estavam) e os de uso e de novidade (apreendidos da consideração elogiosa dessas intervenções a partir dos moradores de outros bairros). Dualidade de valores que nas teorias da preservação está presente desde o século XIX.

Quanto às características urbanas, foi verificado que a homogeneidade física dominante em diversos bairros estudados (conjuntos residenciais congruentes, sem destaques ou hierarquizações na paisagem), bem como a carência de espaços de atração popular (como praças, largos, parques), além da quase exclusiva destinação residencial (com poucas interpolações de outros usos, como comercial, serviços e cultural) elevam a habitualidade e a imperiosidade da relação desses bairros com o centro histórico. Nesse contexto tradicional, os atrativos são plurais, conduzidos e trabalhados pelas políticas públicas.

As diversas manifestações culturais existentes no recorte sócio-espaço-temporal são, quase integralmente, vinculadas e estabelecidas no centro histórico tradicional da cidade, tanto as de teor religioso quanto recreativo. Assim, as relações coletivas tendem a não ser traçadas

em seus próprios bairros, o que, caso contrário, poderia elevar as referências culturais dentro de cada bairro, contribuindo para o imaginário coletivo local.

Assim, percebeu-se que as referências culturais e as identidades estão arraigadas preponderantemente nos remanescentes coloniais tradicionais, presentes no centro histórico de Sabará. Apesar de toda a singularidade e historicidade que cada um dos bairros analisados apresenta, a força imagética e identitária da tradição colonial é predominante em todo o recorte sócio-espço-temporal sob análise. Isto pode ser inferido a partir do questionamento aos entrevistados de um lugar representativo na cidade, do qual eles “tirariam uma foto”. Predominaram as eleições de elementos arquitetônicos coloniais, como igrejas e chafarizes, seguidos da escolha de praças e largos do mesmo contexto.

Houve, assim, uma incorporação dos referenciais culturais e das identidades existentes no contexto tradicional da cidade por parte dos diversos bairros analisados. A hibridação cultural em Sabará ocorre neste sentido: de reforço e elevação das identidades preexistentes.

O que não significa, todavia, que os entrevistados não gostem dos bairros ou vilas onde morem, ou mesmo que as memórias locais de surgimento e de transformação tenham se perdido; mas que as escolhas identitárias direcionam-se para o contexto mais antigo e contenedor de experiências coletivas, possibilitadas e fomentadas pelo espaço urbano existente.

Uma das consequências dessa seleção identitária dos grupos sociais investigados é o entendimento da necessidade de proteção e valorização daquele contexto tradicional; em contrapartida, faz com que não identifiquem nos seus próprios bairros as qualidades formais e históricas. Assim, tornam-se comuns as modificações e substituições de tipos arquitetônicos relevantes àqueles contextos pós-coloniais, ignorando a preservação e valorização que esses também imperam, visto suas historicidades e singularidades.

A partir dessa forte relação identitária das populações dos diversos bairros estudados com o patrimônio e o centro histórico, entende-se um dos porquês das políticas públicas serem prioritariamente direcionadas à proteção/melhoria desse contexto urbano. Fato este que diversas vezes foi mencionado pelos entrevistados dos demais bairros como um aspecto negativo, visto a ação que se mostra mais deficiente nos demais contextos urbanos.

Essas políticas públicas cerceadoras de determinados contextos têm antecedentes claros na política preservacionista brasileira. Como foi exposto no capítulo anterior, a atuação do SPHAN, a partir de meados da década de 1930, plantou as raízes do olhar que sem tem hoje sobre o que é patrimônio, ao valorizar, predominantemente, elementos originados do século XVIII para trás, não valorizando exemplares do século XIX e XX, por exemplo.

Além da observância dessas raízes históricas da atuação da política da preservação, destacou-se uma extensiva dependência comercial e de serviços em relação ao centro histórico de Sabará, uma vez que os demais bairros e vilas analisados se caracterizam por serem, preponderantemente, espaços residenciais com deficiência desses serviços. Somase a essa dependência a também elevada dependência dos bairros analisados em relação ao centro histórico quanto ao lazer, aos espaços livres e aos seus equipamentos de aglomeração popular.

Essa sintomática concentração de usos diversos no centro histórico e uso preponderantemente residencial nos demais bairros estudados, pode, por ventura, estar arraigada na herança conceitual da lógica que se observa nas vila industriais, destinadas quase que exclusivamente à habitação, uma vez que o centro histórico poderia suprir suas demandas. Entretanto, com o espraiamento cada vez maior da urbanização no contexto sabarense, a diversificação das atividades e dos usos torna-se um fator essencial para a qualidade de vida, para o fomento econômico daquele contexto específico, bem como para uma relação mais próxima e cotidiana com seu próprio bairro.

Assim, um dos resultados da presente pesquisa, em termos de propostas potenciais, aponta para a necessidade de dinamização e diversificação das atividades nos bairros estudados. Parece incoerente um bairro como, por exemplo, o extenso bairro Campo Santo Antônio, não apresentar uma diversidade de usos suficiente e de qualidade que garanta a permanência ali, o que poderia contribuir para a construção relacional mais forte com o próprio bairro.

A investigação dos bairros do recorte sócio-espaço-temporal demonstrou, também, a deficiência ou carência de diversos bairros em relação a espaços abertos de lazer. Entretanto, verificou-se, em muitos deles, a potencialidade de apresentar tais equipamentos de uso coletivo, uma vez que vazios urbanos, por vezes bastante vegetados, possam ser configurados enquanto praças bem arborizadas, ou mesmo parques urbanos. A existência de praças ou espaços de lazer foi uma das respostas mais recorrentes quando do questionamento sobre “o que pode ser melhorado no bairro”, revelando a potencialidade e o intenso uso que seria feito quando de propostas de qualificação desses espaços para tanto.

A continuação e ampliação da pesquisa poderia se dar através da maior abrangência do recorte sócio-espaço-temporal. Esta ampliação da análise e do recorte possibilitaria novos entendimentos da construção física e valorativa, principalmente nos bairros mais distantes do centro histórico tradicional de Sabará, ou mesmo junto à área conurbada à cidade de Belo Horizonte, de modo a apreender como se manifestam as construções valorativas e

simbólicas quando localizadas no entremeio de uma metrópole contemporânea e de um contexto colonial tradicional – com historicidades tão diferentes e desafiadoras entre si.

Deste modo, o entendimento das transformações urbanas e das implicações no campo subjetivo e simbólico possibilitam ampliar o conhecimento das qualidades/deficiências urbanas, bem como da identidade e das referências culturais das comunidades locais em Sabará.

As multiculturalidades se mostraram, assim, culturalmente híbridas ao se perceber a incorporação de valores e referenciais identitários arraigados nas preexistências. A grande maioria das comunidades inseridas nos contextos pós coloniais do recorte sócio-espacio-temporal somam à sensação de pertencimento àqueles novos contextos, a identidade compartilhada e incorporada em relação aos contextos mais antigos. Para esse corpo social, como um todo, a força imagética, a pregnância física e a evocação sensível do contexto colonial tradicional significam uma referência comum, de modo que seus valores e identidades são elevados e reforçados ainda mais.

Assim, os eixos de análise que oscilaram ora entre as diferentes historicidades, ora entre as construções identitárias, mostraram-se imperativamente correlacionados. As historicidades presentes revelam seu caráter singular e conformador de distintas regiões morfológicas, com elevado grau de unidade dentro das mesmas. As construções da identidade, por sua vez, encontram na distinção das historicidades, nas diferenças e nas alteridades, um meio para unificar valores e a reforçar as identidades preexistentes.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Sabará*. São Paulo: Martins Editora, 1956.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da USP, 2011.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Urbanização brasileira: redescobertas*. Belo Horizonte: C/Arte, 2003.
- CASTRIOTA, Leonardo; SANTOS, Jaqueline. A historic city in a metropolitan area: permanence and transformation in Sabará, Brazil. *Urban Morphology in Portuguese Speaking Countries – PNUM*. Lisboa: 2012.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- CONZEN, M.R.G. *As paisagens urbanas históricas da Inglaterra*. Inglaterra: House, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Thinking about urban form: papers on urban morphology, 1932-1998*. Bern: 2004.
- CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1983.
- FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. – 4ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- FREITAS, Edson. *A importância do Grupo Belgo-Mineira na construção do espaço urbano de Sabará*. 1997. Dissertação de mestrado, UNIP, 2007.
- GIOVANNONI, Gustavo. *Vecchie città ed edilizia nuova*. Turim: Unione Tipografico Editrice, 1931.
- GOLDENBERG, Miriam. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GUEDES, Patrick. *Cidades em evolução*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, Vol. 3, Nº1, 1997.
- HARVEY, David. *A justiça social e a cidade*. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Condição Pós Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. Patrimônio cultural e preservação da identidade dos lugares. *Arquitetura Revista*, 2005. v. 1 nº 2, jul-dez 2005
- LAPLANTINE, Françoise. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- LYNCH, Kevin. *La buena forma de la ciudad*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A. 1985.
- MACHADO, Maria de Lourdes Guerra. *Nas ruas de Sabará*. Belo Horizonte: Editora Consórcio Mineiro de Comunicação, 1999.
- MALTEZ, José Adelino. *Historicismo*. Disponível em: <<http://maltez.info/respublica/topicos/aaetraah/historicismo.htm>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2013.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. - 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MOUDON, Anne Vernez. Urban Morphology as an emerging interdisciplinary field, *Urban Morphology*, 1997, n. 1, p. 3– 10.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, 812 p.
- PASSOS, Zoroastro Viana. *Em torno da História do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1942.
- PEREIRA COSTA, S. A. *Transformações, conflitos, perdas e permanências na paisagem sul metropolitana de Belo Horizonte*. 2004. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- RAPOPORT, Amos. *Human aspects of urban form*. Oxford: Pergamon Press, 1980.
- REIS, Nestor Goulart. *Evolução urbana do Brasil 1500/ 1720*. São Paulo: Pini, 2ª ed. rev. e ampl., 2000.
- \_\_\_\_\_. *Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano*. São Paulo: Via das Artes, 2006.
- RUBINO, Silvana. O mapa do Brasil passado a limpo. *Revista do Patrimônio*, Rio de Janeiro, n. 24, 1996,
- SANTOS, Milton. *Manual de geografia urbana*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- SERRA, Geraldo. *Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação*. São Paulo: Edusp, Mandarim, 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes. *O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos*. Belo Horizonte: Edições Escola de Arquitetura, 1958.

VASCONCELLOS, Sylvio de; LEFÈVRE, Renée. *Minas: cidades barrocas*. SP: Cia. Editora Nacional, 1968.

VASCONCELLOS, Sylvio de. (2004) *Textos reunidos: Arquitetura, Arte e Cidade*/ Organização Celina Borges Lemos, Editora BDMG Cultural, Belo Horizonte, 384p.

VIRILIO, Paul. *A cidade superexposta*. In: Espaço & Debates, nº 33, 1992, p. 10-17.

\_\_\_\_\_. *The aesthetics of disappearance*. USA: Semiotext(e), 1991, 120 p.

WHITEHAND, J. W. R., Urban morphology and historical urban landscapes. *Regional Workshop on Historic Urban Landscapes organized by UNESCO in St Petersburg, Russia*, 2007.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Ficha da entrevista estruturada aplicada ao universo pré-selecionado dos moradores dos bairros sob análise.

		ENTREVISTA PILOTO	LOCALIDADE: MORRO DA CRUZ
CATEGORIAS	ESTRUTURA	Questões	Respostas dos entrevistados
<b>SUJEITO</b>	<b>Sexo</b>	Nome: _____	( ) Feminino ( ) Masculino
	<b>Idade</b>	Quantos anos você tem??	( ) 18 a 30 ( ) 31 a 50 ( ) acima de 51
	<b>Escolaridade</b>	Até que ano você estudou?	( ) Básico ( ) Fundamental ( ) Médio ( ) Superior
	<b>Composição familiar</b>	Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você?	( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) Acima de 3
	<b>Renda familiar</b>	Qual é a renda da sua família?	( ) 1 ( ) 2 ( ) 4 ( ) Acima de 5 salários mínimos
	<b>Tempo de moradia</b>	Há quanto tempo mora no bairro?	( ) 1-10 ( ) 11-20 ( ) 21-30 ( ) Acima de 31 anos
	<b>Onde mora</b>	Em que rua reside?	
	<b>Onde trabalha</b>	Em que bairro trabalha?	
	<b>Lideranças</b>	Você frequenta as reuniões da associação de moradores do seu bairro?	
			O que vocês discutem?
		Vocês levam para a Câmara?	
		Já teve algum resultado?	
<b>LUGAR:</b>  VALORAÇÃO, SENTIDOS, SIGNIFICADOS	<b>Sentidos/ Conceitos do lugar</b>	Quais são as semelhanças do seu bairro com o centro histórico?	
		E quais são as diferenças do seu bairro para o centro?	
	<b>Pontos referenciais</b>	Se você fosse tirar duas fotos de Sabará, de onde tiraria?	
	<b>Relevância social que o centro histórico exerce sobre a área</b>	Aonde você faz compras grandes?	
		Aonde você faz compras menores?	
		Aonde você passeia?	
	<b>Relações sócio-culturais</b>	Quais outros bairros de Sabará você mais frequenta?	
		Aonde você encontra os amigos?	
	<b>Espaços livres</b>	Você vai a algum evento cultural? Onde, normalmente?	
		Tem espaços de lazer no seu bairro?	
		Você vai a alguma praça? Onde?	
	<b>Territorialidade</b>	O que você faz lá?	
		Quais elementos você considera como os limites do seu bairro?	
Você se sente parte do seu bairro? Identifica-se com ele?			
<b>Transformação/ Valoração</b>	Cuida dele? Vigia o espaço?		
	O que mais mudou em Sabará nos últimos tempos? É positivo ou negativo?		
<b>PROSPECÇÃO</b>	<b>Perspectivas</b>	O que pode ser melhorado na paisagem urbana de Sabará? Onde? Como?	
		O que pode ser melhorado na paisagem urbana de seu bairro? Onde? Como?	
		Como você imagina que será o futuro da paisagem urbana de Sabará?	

## ANEXOS

## ANEXO A – Dados da população de Sabará segundo o Censo 2000.

Fonte: Prefeitura Municipal de Sabará, 2012.

POPULAÇÃO DE SABARÁ			
BAIRROS	POPULAÇÃO		
		TIPO	TOTAL
Adelmolândia I		Urbana	1.169
Adelmolândia II		Urbana	1076
Alto Bonito		Expansão	3.522
<b>Alto Cabral</b>		Urbana	1.884
Alvorada		Urbana	5.333
Novo Alvorada		Urbana	6.152
Alvorada Velho		Urbana	4.791
Amélia Moreira		Urbana	834
Ana Lucia		Urbana	3.787
André Gomes		Urbana	36
Arraial Velho		Rural	303
Bandeirantes		Urbana	1209
Bom Retiro		Urbana	1.492
Borba Gato		Urbana	1.272
Caieira		Urbana	823
<b>Campo Santo Antonio</b>		Urbana	4.421
Casa Branca		Urbana	315
<b>Centro</b>		Urbana	4.156
Cond. Albert Sharle		Expansão	246
<b>Córrego da Ilha</b>		Urbana	2.047
<b>Esplanada</b>		Urbana	2.495
Fátima		Urbana	10.916
Fogo Apagou		Urbana	1.226
G aia		Urbana	500
Galego		Urbana	361
General Carneiro Parte Alta		Expansão	10.073
General Carneiro Parte Baixa		Urbana	4.641
Ipê Amarelo		Urbana	396
Jardim dos Borges		Expansão	1.099
Mangabeiras		Urbana	465
Mangueira		Urbana	776
Marzagão		Urbana	280
Mestre Caetano		Urbana	218
<b>Morada da Serra</b>		Urbana	1.272
<b>Morro da Cruz</b>		Urbana	1.861
Nações Unidas		Urbana	5.540
Nova Vista		Urbana	9.635
Olaria dos Carneiros		Expansão	212
Paciência		Urbana	1.930
Pompéu		Urbana	811
Ravena		Rural	1.549
Ravenópolis		Rural	1.215
Rio Negro		Urbana	1.676
Roça Grande		Urbana	4.790
Rosário I		Urbana	2.437
RosárioII		Urbana	1.261
RosárioIII		Expansão	349
<b>São Francisco</b>		Urbana	1.076
<b>Siderúrgica</b>		Urbana	476
Sobradinho		Urbana	395
Triângulo		Rural	219
Vila dos Coqueiros		Urbana	523
<b>Vila Esperança</b>		Urbana	1.295
Vila Michel		Urbana	592
Vila Rica		Urbana	5.921
<b>Vila Santa Cruz</b>		Urbana	1.157
<b>TOTAL SABARÁ</b>			<b>123.014</b>